



Um thriller da série Inspetor Fawley

CARA HUNTER

Ninguém sabe quem
se esconde na porta
ao lado

No escuro

Da autora bestseller do Sunday Times





Cara Hunter é uma escritora que vive em Oxford, numa rua não muito diferente das que são descritas nos seus thrillers. O seu primeiro livro, *Perto de Casa*, foi *bestseller* do *Sunday Times* e destaque do Richard and Judy Book Club. Este é o segundo livro da série com o detetive Adam Fawley.

No escuro

Cara Hunter

Publicado em Portugal por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:

In the Dark

Copyright © Cara Hunter, 2018

Tradução: Cláudia Ramos

Imagem da frente da capa: © Margie Hurwich/Arcangel Images

Foto da autora: © Justine Stoddart

1.^a edição em papel: setembro de 2019

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67874-4

Prólogo

Abre os olhos para uma escuridão tão profunda quanto a de uma venda. Para a densidade húmida de um ar que há muito não é respirado.

Sente a agitação gerada pelo despertar dos outros sentidos. O silêncio gotejante, o frio, o cheiro. A mofo e outra coisa que ainda não consegue identificar, algo fétido, animalesco. Mexe os dedos, sente areia molhada dentro dos jeans. A noção começa lentamente a surgir-lhe – de como veio aqui parar, porque é que isto aconteceu.

Como é que pode ter sido tão estúpida?

Reprime uma onda cáustica de pânico e tenta soerguer-se, mas o simples movimento derrota-a. Enche os pulmões e grita, lançando ecos sinistros contra as paredes. Grita e grita e grita, até a garganta lhe arder.

Mas ninguém vem. Porque ninguém a consegue ouvir.

Volta a fechar os olhos, sentindo lágrimas quentes e furiosas a rolar pelo seu rosto. Tem o corpo rígido de revolta e indignação e recriminação, e consciência de pouco mais... até que, aterrorizada, sente pequenos pés frios e afiados percorrerem-lhe a pele.

Alguém disse que abril é o mês mais cruel. Enfim, quem quer que o tenha dito não era, certamente, inspetor da polícia.

A crueldade acontece a qualquer momento – eu sei, já o testemunhei. Mas, de certa forma, o frio e o escuro suavizam-lhe os contornos. O sol, o canto dos pássaros e o céu azul conseguem revelar-se brutais nesta profissão. Talvez seja pelo contraste. A morte e a esperança.

Esta história começa com esperança. Dia 1 de maio, o primeiro dia da primavera – da verdadeira primavera. E se já estiveram em Oxford, então sabem: aqui, é tudo ou nada. Quando chove, as fachadas são da cor da urina, mas à luz do sol, quando as universidades parecem ter sido cravadas nas nuvens, não há sítio mais bonito no mundo. Digo eu, que não passo de um chui velho e cínico.

Quanto às festividades da *May Morning*, bom, espelham a cidade na sua mais pura e desafiante individualidade. Pagã e cristã e meio louca, tudo misturado – e, frequentemente, difícil de distinguir. Meninos de coro a cantar no cimo de uma torre ao amanhecer. Tocadores de sanfona a apresentar as rulotes de hambúrgueres. abertas a noite inteira. Os bares abrem às 6h00 e metade da população estudantil ainda revela os excessos da noite anterior. E até mesmo os mais sóbrios cidadãos de North Oxford assomam *em massa*, com flores no cabelo (acreditem, não estou a gozar). No ano passado, estiveram aqui presentes mais de 25 mil pessoas. Uma delas era um tipo mascarado de árvore. Estão a ver o que eu quero dizer.

Por isso, de uma maneira ou de outra, é de facto um dia muito marcante no calendário da polícia. Mas não se pense que é um trabalho desagradável, ou sequer aborrecido, para as brigadas de agentes destacados. A preparação antecipada pode revelar-se dura, mas é muito raro haver problemas, e, além disso, somos sempre muito mimados com cafés e sanduíches de *bacon*. Pelo menos, eu fui, da última vez que integrei a equipa. Mas isso passou-se ainda eu era um agente fardado. Antes de me tornar inspetor; antes de chegar a

Inspetor-Chefe.

Mas este ano é diferente. Este ano, não será apenas a preparação antecipada a revelar-se muito dura.

* * *

Quando Mark Sexton chega finalmente à porta de casa, já está quase uma hora atrasado. Àquela hora da manhã teria sido um tirinho, mas o trânsito na M40 revelou-se caótico, sempre em pára-arranca. E o raio da fila descia praticamente toda a Banbury Road. Quando, finalmente, consegue entrar na Frampton Road, depara-se com um camião de obras a bloquear-lhe a entrada de casa. Sexton pragueja, mete a marcha-atrás no Cayenne e recua com um guinchar de pneus. Estaciona, sai do carro e quase enfia um pé numa poça de vomitado. Verifica os sapatos com ar enojado. Mas que raio se passa hoje na porra desta cidade? Tranca o carro, sobe os degraus da entrada e leva a mão aos bolsos, à procura da chave. Pelo menos, já tiraram a porcaria do andaime. O negócio da compra da casa prolongou-se muito mais tempo do que ele esperava, mas, com sorte, ficará tudo tratado até ao Natal. Perdeu uma bela oportunidade num leilão, uma casa excelente do lado de lá da Woodstock Road, e teve de subir a oferta para licitar esta – mas sabe que assim que terminarem as obras, vai valer uma pipa de massa. O restante mercado imobiliário pode até estar com a corda na garganta, mas nesta cidade, com os chineses e os russos envolvidos, os preços das casas parecem nunca baixar. A casa fica a menos de uma hora de carro de Londres, e há um colégio privado de grande qualidade a apenas três quarteirões. Na altura, a mulher não gostou muito da ideia de uma casa geminada, mas quando ele lhe disse «Olha bem para ela, é *gigante!*», a coisa pareceu funcionar. De arquitetura vitoriana genuína, quatro andares *e ainda* uma cave, que ele tenciona transformar numa moderna adega e numa sala de cinema de última geração (mas disto a mulher

ainda não sabe). E com apenas um velhote como vizinho do lado, não terão de se preocupar com festas loucas até altas horas, não é verdade? Sim, o jardim está um pouco caótico, mas nada que uma bonita vedação de treliça não resolva. O arquiteto paisagista mencionou qualquer coisa sobre cobri-la com uns arbustos que crescem num instante. Se bem que isso não resolve o problema na parte da frente. Olha de relance para o velho e ferrugento Cortina estacionado – provavelmente há séculos – à entrada do número 33, e para as três bicicletas amarradas com correntes a uma árvore próxima; a pilha de paletes de madeira deixadas a apodrecer e os sacos de lixo pretos a transbordar de latas vazias que já se espalham pelo passeio. Já cá estavam da última vez que ele aqui veio, há precisamente duas semanas. Na altura, rabiscou um bilhete ao velhote, pedindo-lhe que tratasse do assunto. Pelos vistos, não tratou.

É Tim Knight quem lhe abre a porta. O arquiteto tem uma série de rolos de plantas nas mãos, e dirige-lhe um amplo sorriso, deixando-o entrar:

– Viva, Mr. Sexton, prazer em vê-lo de novo! Creio que ficará muito agradado com os progressos que fizemos nestes 15 dias.

– Espero bem que sim – diz Sexton, em tom claramente irónico. – O dia não podia estar a correr pior.

– Começemos lá por cima.

Os dois homens sobem as escadas, deixando pegadas de pó nas velhas tábuas de madeira do soalho. Lá em cima, o rádio está ligado no máximo, e veem-se homens das obras em praticamente todas as divisões. Dois estucadores no andar de cima, um canalizador na casa de banho da suite e um técnico especializado em janelas de guilhotina. Um ou dois operários olham de relance para Sexton, mas ele nem repara. De *tablet* em riste, dedica-se a anotar todos os pormenores, questionando a maior parte dos trabalhos em curso.

Acabam no anexo das traseiras, onde o velho alpendre de tijolo foi

demolido para dar lugar a um enorme edifício de dois pisos, com pé-direito duplo, todo em vidro e metal. Ao fundo do jardim, através das árvores levemente inclinadas, vislumbra-se a elegância georgiana do condomínio de Crescent Square. Um dos sonhos da vida de Sexton era ter dinheiro para comprar uma casa daquelas – mas o mercado já subiu 5% desde que compraram esta, por isso não se pode queixar. Pede ao arquiteto que lhe descreva minuciosamente as plantas da cozinha («Credo, hoje em dia um orçamento de 60 mil não dá para nada, pois não? Nem sequer inclui a porcaria de uma máquina de lavar louça!») e, por fim, olha em redor, à procura da porta de acesso à cave.

Knight mostra-se algo apreensivo:

– Ah, sim, era disso que lhe ia falar a seguir... Tivemos um ligeiro contratempo na cave.

Sexton semicerra os olhos, desconfiado:

– Como assim, um *contratempo*?

– O Trevor ligou-me ontem. Parece que se confrontaram com um problema na parede comum. E vamos ter de chegar a um acordo legal antes de lhe podermos mexer. Qualquer coisa que se faça vai afetar a casa ao lado.

Sexton esboça uma careta de enfado:

– Oh, por amor de Deus, não tenho dinheiro para andar a pagar à porcaria dos advogados! De que tipo de problema estamos a falar?

– Eles começaram a demolir o estuque, para poderem tratar da instalação dos cabos elétricos, mas perceberam que o tijolo por baixo estava em muito mau estado. Só Deus sabe há quanto tempo é que a velhota, a Sra. Pardew, já não ia lá abaixo.

– Velha estúpida... – diz Sexton, entre dentes, algo que Knight decide ignorar. Esta obra é demasiado lucrativa.

– Seja como for – prossegue o arquiteto –, um dos pedreiros mais jovens não foi suficientemente rápido a aperceber-se da situação. Mas não se

preocupe, amanhã o engenheiro vem cá logo pela manhã e...

Mas Sexton já nem o ouve, e quase que o empurra ao dirigir-se para as escadas:

– Quero ver com os meus próprios olhos!

A lâmpada das escadas catrapisca frouxamente, enquanto os dois descem à cave. O cheiro a mofo é quase insuportável.

– Atenção a onde põe os pés – avisa Knight. – Há degraus podres e arrisca-se a partir o pescoço nesta escuridão.

– Não tem uma lanterna? – grita Sexton, uns degraus à frente dele. – Não vejo nada!

Knight desce um degrau para lhe passar uma lanterna e Sexton sobe outro para a receber. Percebe imediatamente qual é o problema. O que resta do estuque amarelado das paredes deixa antever que, por baixo, os tijolos estão todos a desfazerem-se, cobertos de um bolor cinzento, espesso e seco. Há uma fissura que vai do chão ao teto, da grossura de um dedo, que não estava lá anteriormente.

– Credo, vai ser preciso escorar a porra da casa toda, não é? Como é que os engenheiros não viram isto?

– A Sra. Pardew tinha móveis encrustados em toda a extensão da parede. Era impossível alguém conseguir ver como estavam as paredes.

– Mais uma razão! Como é que ninguém controlou a estúpida da velha, que se entreteve estes anos todos a destruir a porra da minha parede...

Pega numa ferramenta e começa a esburacar os tijolos. O arquiteto recua um passo:

– A sério, se fosse a si, não fazia isso...

Um dos tijolos cai, depois outro e, de seguida, um pedaço enorme de alvenaria desfaz-se em pó aos pés deles. Desta vez, os sapatos de Sexton não são poupados, mas ele nem repara. Está embasbacado a olhar para a parede.

Há um buraco de cerca de cinco centímetros de diâmetro. E na penumbra,

do lado de lá, um rosto.

* * *

Na esquadra de St. Aldate, o Inspetor-Coordenador Garreth Quinn já vai no segundo café e na terceira torrada, com a gravata de marca atirada por cima do ombro para não apanhar migalhas. A gravata de marca que combina com o fato de marca e com toda uma imagem própria de quem sabe que é bom demais para ser um polícia vulgar. E demasiado elegante, também. O gabinete do Departamento de Investigação Criminal (DIC) ainda está praticamente às moscas; só Chris Gislingham e Verity Everett já chegaram. A brigada não tem nenhum caso importante em mãos, e o Inspetor-Chefe Adam Fawley vai estar fora o dia todo, numa conferência. Por isso, o ambiente vive a rara indulgência de um início de dia tardio, perante a aliciante perspectiva de terem de pôr a papelada em ordem.

Passa-se um momento, que flutua pelo meio das partículas de pó visíveis sob luz inclinada do sol que entra pelos estores, o folhear do jornal de Quinn, o cheiro a café. Até que toca o telefone. São 9h17.

Quinn chega-se à frente na secretária e atende:

– Departamento de Investigação Criminal... – E depois: – Porra. Tens a certeza?

Gislingham e Everett olham para ele. Gislingham, eternamente descrito como «forte» e «sólido», e não apenas por estar a ficar gorducho. Gislingham, que – ao contrário de Quinn – ainda não chegou a Inspetor-Coordenador e, dada a sua idade, provavelmente já não chegará. Mas não o julguem por isso. Qualquer departamento de investigação criminal precisa de um Gislingham, e se estiverem a afogar-se, não há melhor pessoa para puxar a corda. Quanto a Everett, também é um erro crasso julgá-la pela aparência: pode até parecer a Miss Marple quando tinha 35 anos, mas é tão ou mais

implacável. Ou, como Gislingham costuma dizer: «A Ev só pode ter sido um cão de caça noutra encarnação.»

Quinn continua ao telefone:

– E de certeza que não está ninguém na casa ao lado? Não respondem... OK, vamos já para aí. Convoquem uma brigada de agentes fardados e certifiquem-se de que levam pelo menos uma agente feminina.

Gislingham já está a pegar no casaco. Quinn desliga e levanta-se, dando uma última dentada na torrada:

– Era da central. Alguém ligou de Frampton Road a dizer que está uma criança presa na cave da casa ao lado.

– Numa cave? – pergunta Everett, de olhos muito abertos.

– Parece que alguém bateu acidentalmente na parede da casa ao lado. É um velho qualquer que vive lá e, pelos vistos, não o conseguem acordar.

– Que grande porra!

– Podes crer. Gislingham, vamos embora.

Assim que lá chegam, já se vê uma pequena multidão de curiosos à entrada da casa. Muitos são os homens das obras do número 31, certamente satisfeitos por terem uma desculpa para uma pausa nos trabalhos sem terem Sexton a chateá-los; outros serão provavelmente vizinhos, e há também um grupinho de foliões, com flores no cabelo e latas de cerveja na mão, cujo aspeto deixa muito a desejar. Há também uma vaca gigante de plástico, deixada na berma da estrada, embrulhada numa toalha de mesa às flores e com narcisos presos nos cornos – o que, claramente, não ajuda em nada o ambiente ligeiramente surreal daquela rua. Dois jovens em trajes de folclore dão início a uma dança improvisada no passeio.

– *C'úm* caneco – murmura Gislingham, enquanto Quinn desliga o carro. – Achas que podemos multar alguém por estacionamento indevido de uma vaca?

Saem e atravessam a rua, no momento em que dois carros-patrolha estão a chegar. Uma mulher do pequeno grupo de foliões lança um assobio apreciativo a Quinn quando o inspetor passa por ela, e solta uma gargalhada quando ele se vira para a encarar. Três agentes fardados saem dos carros-patrolha, um deles empunhando um cassetete; a agente feminina é Erica Sommer. Gislingham não deixa de reparar no olhar que ela dirige a Quinn – e no conseqüente embaraço do colega. *Com que então temos caso?*, pensa ele. Na verdade, Gislingham já desconfiava que algo se passava entre estes dois.

Chegou mesmo a comentar com a mulher, Janet, que os tinha encontrado juntos demasiadas vezes na máquina do café para ser apenas uma coincidência. Não que culpe Quinn por isso – a mulher é um colosso, mesmo fardada e com calçado prático. Só espera é que ela não fique demasiado iludida – se o Quinn fosse um cão, ninguém lhe chamaria *Fiel*.

– Sabemos o nome do velhote que aqui vive? – pergunta Quinn.

É Somer quem responde:

– É o Sr. William Harper, inspetor. Já chamámos os paramédicos, para o caso de se verificar efetivamente a existência de uma criança.

– Eu sei muito bem o que vi!

Quinn volta-se para o homem – vestido com um fato que ele próprio adoraria vestir, se tivesse dinheiro para isso. De corte impecável, em seda natural e forrado a cetim *bordeaux* que condiz de forma elegante com uma camisa lilás de xadrez e gravata cor-de-rosa claro. Todo ele transpira *City*. E neste momento tem *Furioso* escrito na testa.

– Oiçam lá – prossegue o homem –, quanto tempo é que isto vai levar? Tenho uma reunião com o meu advogado às 15h00, e se o trânsito estiver tão caótico como estava quando...

– Desculpe, o senhor é...

– Mark Sexton, proprietário da casa ao lado.

– Então, foi o senhor que nos ligou?

– Sim, fui eu. Estava na cave com o meu arquiteto quando parte da parede cedeu. Está uma miúda lá dentro. Sei muito bem o que vi e, ao contrário desta gentalha, estou perfeitamente sóbrio. Perguntem ao Knight, se quiserem, ele também viu.

– Certo – soltou Quinn, fazendo um gesto ao agente do cassetete. – Vamos a isto.

E controlem-me esta malta toda aqui da rua. Isto parece um filme barato dos anos 60, por amor de Deus!

Quinn começa a afastar-se, mas Sexton interpela-o:

– Ei! Então e a porra dos operários? Quando podem voltar ao trabalho?

Quinn ignora-o, mas quando Gislingham passa por ele, Sexton bate-lhe no ombro.

– Peço desculpa, amigo – diz-lhe Gislingham, num tom falsamente amigável –, mas esta renovação chique vai ter de esperar.

Quinn bate à porta com força:

– Sr. Harper? Polícia de Thames Valley, abra por favor, ou teremos de arrombar a porta.

Silêncio.

– Muito bem – diz ele, olhando para o agente fardado. – Avança.

A porta é mais resistente do que parece, tendo em conta o estado da casa, mas as dobradiças acabam por saltar ao terceiro golpe. Alguém no meio da multidão aplaude e assobia; outros avançam e acotovelam-se, curiosos para verem o que se passa.

Quinn e Gislingham entram e fecham a porta atrás deles.

No interior, tudo está calmo e silencioso, permitindo que se oiça a algazarra do exterior e as moscas a esvoaçar pela sala. A casa não é remodelada há décadas; o papel de parede está todo a descascar, os tetos cheios de manchas amarelas de humidade. Há uma série de jornais espalhados pelo chão.

Quinn avança cautelosamente pelo *hall*, fazendo ranger o soalho e pisando as folhas dos jornais.

– Está cá alguém? Sr. Harper, somos da polícia.

E é então que um barulho lhe desperta a atenção. Como que um gemido. Fica momentaneamente parado, a tentar perceber de onde vem, até que se precipita para uma porta debaixo das escadas e abre-a.

Está um velhote sentado na sanita, completamente nu, à exceção de um colete. Tem penachos de cabelos pretos no alto da cabeça e sobre os ombros, as cuecas em volta dos tornozelos, o pénis e os testículos pendurados flacidamente entre as pernas. Reage ao ver o inspetor, tentando cobrir-se e murmurando impropérios, com os dedos ossudos agarrados à sanita. Está imundo e há fezes no chão.

A agente Somer chama-o da porta de entrada:

– Inspetor Quinn? Os paramédicos já chegaram, se precisar.

– Graças a Deus! Eles que entrem, sim?

Somer afasta-se para deixar passar os dois homens com fatos de macaco verdes. Um deles agacha-se em frente ao velhote:

– Sr. Harper? Peço-lhe que não fique nervoso, deixe-me apenas observá-lo, pode ser?

Quinn faz sinal a Gislingham e dirigem-se ambos para a cozinha. Ao abrir a porta. Gislingham solta um assobio de espanto:

– Credo, isto parece um museu!

Um velhíssimo fogão a gás, azulejos castanhos e cor de laranja – muito anos 70 –, um lava-louça de inox. Uma mesa de fórmica com quatro cadeiras desirmanadas. E cada centímetro de cada bancada ocupado com louça suja, garrafas de cerveja vazias e latas de conservas com restos nojentos e peçadas de moscas. As janelas estão todas fechadas e o linóleo do chão pega-se às solas dos sapatos dos inspetores.

Há uma porta de vidro com uma cortina de contas que dá acesso a uma

pequena estufa, e outra porta que, presumivelmente, dará para a cave. Está fechada, mas está um molho de chaves pendurado num prego na parede. Gislingham pega-lhe com as mãos trémulas e, após três tentativas, consegue dar com a chave certa que, apesar de bastante ferrugenta, abre a porta sem dificuldade. Pisca os olhos na penumbra e afasta-se para dar passagem a Quinn. Descem as escadas lentamente, degrau a degrau, a luz de néon a incidir sobre as suas cabeças.

– Está alguém aí em baixo?

A luz é fraca, mas suficiente para ambos verem que a cave está vazia, à exceção de uma série de caixotes de cartão, sacos de lixo pretos, um velho candelabro e uma pequena banheira antiga, cheia de tralha. E nada mais.

Ficam ali parados e olham um para o outro, com os corações a baterem tão alto que quase se conseguem ouvir. Até que...

– O que foi isto? – diz Gislingham, num sussurro. – Parece qualquer coisa a arranhar. Serão ratazanas?

Quinn dá um salto involuntário, perscrutando o chão em seu redor; se há coisa que ele não suporta são o raio das ratazanas.

Gislingham volta a olhar em redor, ajustando os olhos penumbra, desejando ter trazido a lanterna do carro.

– O que é aquilo?

Abre caminho pelo meio dos caixotes e apercebe-se de que a cave é bastante maior do que parecia.

– Quinn, isto tem outra porta, dá-me aqui uma ajuda.

Tenta abrir a porta, mas sem sucesso. Quinn vê um trinco na parte de cima e destranca-o, mas o raio da porta continua sem se mover um centímetro.

– Deve estar fechada à chave – observa Gislingham. – Ainda tens as chaves contigo?

Na penumbra, torna-se ainda mais difícil descobrir a chave certa, mas lá

conseguem. Depois, com um empurrão de ombros abrem a porta, que cede lentamente, e são desde logo atingidos por uma baforada sinistra a mofo que os faz levar as mãos à boca para se protegerem do fedor.

Logo à entrada, está uma jovem deitada no chão de cimento, de calças de ganga rasgadas nos joelhos e um casaco de malha todo esburacado que em tempos terá sido amarelo. Tem a boca aberta e os olhos fechados, a pele pálida de morte à ténue luz amarelada.

Mas há outra coisa. Algo para o qual nenhum deles estava preparado.

Sentada ao lado dela, a puxar-lhe o cabelo.

Uma criança.

* * *

E onde estava eu quando tudo isto aconteceu? Adorava poder dar uma resposta pomposa e impressionante, como Brigada Antiterrorismo ou Unidade de Operações Especiais, mas a verdade é que estava em Warwick, num entediante curso de formação – *Policimento Comunitário no século XXI*. Para Inspetores e seus superiores – somos ou não uns sortudos? Depois de termos madrugado e levado com uma maçadora apresentação de PowerPoint eu já começava a achar que os agentes fardados de serviço na May Morning estariam, sem dúvida, muito melhor do que eu. Mas depois recebi a chamada.

Imediatamente seguida de um exasperado franzir de sobrolho por parte da formadora, que insistiu que desligássemos os telemóveis, e de um audível suspiro quando me esquivei para ir falar para o corredor. Deve ter pensado que eu não voltava.

– Já levaram a jovem para o John Rad¹ para observação – informa-me o Quinn. – Está em muito mau estado. Não deve comer há imenso tempo e está gravemente desidratada. Havia uma garrafa de água na cave, mas calculo que

a tenha dado quase toda ao filho. Só depois dos exames é que vamos saber mais pormenores.

– E o rapazinho?

– Ainda não disse uma palavra. Mas, caramba, não deve ter mais do que 2 anos, o que é que nos vai poder dizer? O coitadinho nem sequer deixou que eu ou o Chris nos aproximássemos, por isso, a Somer foi com ele na ambulância. Detivemos o Harper no local, mas assim que tentámos tirá-lo de casa desatou aos pontapés e aos palavrões. Terá Alzheimer, creio.

– Ouve, sei que não preciso de te dizer isto, mas se o homem for considerado *adulto incapaz*, vamos ter de seguir os procedimentos adequados.

– Eu sei, temos tudo controlado. Já liguei aos Serviços Sociais. E não só por ele, a criança também vai precisar de apoio.

Faz-se silêncio, e desconfio que estamos ambos a pensar no mesmo.

É muito provável que estejamos a lidar com uma criança que nunca conheceu outra realidade – que nasceu ali. No escuro.

– OK – digo. – Vou sair agora, devo estar aí por volta do meio-dia.

* * *

BBC Midlands Today

Segunda-feira, 1 de maio de 2017 | Última atualização às 11h21

Última hora: Jovem mãe e bebé encontrados numa cave de North Oxford

Chegou à nossa redação a notícia da descoberta de uma jovem e uma criança pequena, provavelmente seu filho, na cave de uma casa na Frampton Road, em North Oxford. As obras que decorrem na casa ao lado levaram, esta manhã, à estranha descoberta desta jovem mulher, aparentemente sequestrada naquela cave. Desconhece-se a identidade da rapariga e a Polícia de Thames Valley ainda

não fez qualquer declaração.

Notícia em atualização

* * *

São 11h27. Gislingham está na sala contígua à Sala de Entrevista de Kidlington, a observar Harper através do sistema de vídeo. Já vestido com calças e camisa, o homem está agora sentado todo encovado no sofá. Numa cadeira à sua frente encontra-se um assistente social, que fala pausadamente com ele, e a alguns metros, uma técnica de Saúde Mental assiste à cena em silêncio. Harper está visivelmente inquieto – levanta e baixa as pernas –, mas dá para perceber, mesmo sem som, que apresenta um diálogo coerente. Pelo menos, para já.

Olha nervosamente para o assistente social, acompanhando-lhe o discurso com gestos bruscos da mão.

A porta abre-se e Gislingham volta-se, encarando Quinn, que acaba de chegar, pousa uns papéis na secretária e encosta-se a ela:

– A Everett foi direta para o hospital, por isso, assim que a deixarem, vai inquirir a rapariga. A Erica... – Cora visivelmente e corrige-se: – A agente Somer voltou a Frampton Road para coordenar o porta a porta. E o Challow já lá está dentro com a equipa forense.

Rabisca qualquer coisa nos papéis e põe a caneta atrás da orelha. Como sempre faz. Depois, aponta com um gesto de cabeça em direção ao ecrã:

– Novidades?

Gislingham abana a cabeça:

– O assistente social já cá está há meia hora. Chama-se Ross, Derek Ross, e tenho a certeza de que já me cruzei com ele noutras ocasiões. Já se sabe quando é que o Fawley chega?

Quinn consulta o relógio:

– Por volta do meio-dia, mas acho que devemos começar sem ele, se a psicóloga e o assistente social concordarem. Também já mandaram vir uma advogada. O assistente social está a tentar proteger o velho... creio que não podemos condená-lo.

– A jogar pelo seguro, pelos vistos – observa Gislingham, num tom seco.

– Mas já têm a certeza de que ele está em estado de ser interrogado?

– Pelos vistos, tem intervalos de lucidez, durante os quais poderemos tentar sacar-lhe alguma coisa, mas, se ele se passar dos carretos, não devemos insistir.

Gislingham olha para o ecrã durante uns momentos. O velhote tem um fio de saliva no queixo; já ali está há pelo menos dez minutos, e ele ainda não o tentou limpar.

– Achas que foi ele? Que teve sequer alguma coisa que ver com o caso?

Quinn assume uma expressão sombria:

– Se a criança, nasceu, de facto, lá dentro, então acho que sim, sem sombra de dúvida. Sei que o velhote tem agora um ar patético, mas quem sabe como estaria há dois ou três anos? Podia ser um homem completamente diferente. E foi *esse homem* que cometeu o crime, não este velho gagá que estamos a ver.

Gislingham sente um arrepio, não obstante o calor na sala, e Quinn olha-o de relance, estranhando:

– O que foi? Alguém pisou a tua campã?

– Estava aqui a pensar que ele não terá ficado assim do dia para a noite, não achas? Isto já deve durar há meses, anos, talvez. E ela não tinha como saber que ele estava a perder o juízo. Trancada lá em baixo, longe da vista... Aposto que ele até se esqueceu que a tinha ali. Deixou de haver comida, depois água, ela tinha o filho com ela... e mesmo que gritasse, o velho podia não a ouvir e...

Quinn abana a cabeça:

– Deus do céu! Chegámos mesmo a tempo.

No ecrã, Derek Ross levanta-se e sai da imagem. Segundos depois, entra na sala. Gislingham levanta-se:

– É o assistente social dele?

– Sim, pelo menos nos últimos dois anos.

– Então, já sabia da demência?

– Ele só foi formalmente diagnosticado há dois ou três meses, mas eu desconfio que a coisa já vem de há alguns anos. Mas os senhores sabem tão bem quanto eu como esta doença é imprevisível, certo?

Vai chegando e instala-se aos poucos. O que me preocupa é que ultimamente tem vindo a acelerar. Ele já sofreu algumas quedas, e há cerca de um ano queimou-se gravemente no fogão.

– E também tem um problema de bebida, não é verdade? Quer dizer, cheira-se a léguas.

Ross solta um suspiro profundo:

– Sim. Ultimamente, isso tem-se revelado um problema sério. Mas nunca pensei que ele fosse capaz de uma coisa destas, algo tão horrível...

Quinn não está convencido:

– Nunca ninguém sabe realmente daquilo que é capaz.

– Mas no estado em que ele está...

– Ouça – interrompe-o Quinn, com uma certa dureza na voz. – A psicóloga disse que ele está em condições de ser interrogado, e ela lá saberá. Quanto a eventuais acusações, bom, isso é outro assunto, e a procuradoria dirá de sua justiça se e quando chegarmos a esse ponto. Mas a verdade é que havia uma jovem e um bebé trancados naquela cave, e nós *temos* de saber como é que foram lá parar. Espero que entenda isso, Sr. Ross.

Ross hesita, mas depois assente:

– Posso assistir? Ele conhece-me, e creio que poderei ajudar. Por vezes, pode revelar-se um tanto... difícil. Como vão certamente perceber.

– Certo – concorda Quinn, reunindo os seus papéis.

Os três homens dirigem-se à porta, mas Ross para subitamente e leva a mão ao braço de Quinn:

– Vão com calma, está bem?

O inspetor olha para ele de sobrolho erguido:

– Tal como ele fez com aquela miúda?

* * *

Entrevista com Isabel Fielding, realizada em

Frampton Road, 17, Oxford

1 de maio de 2017, às 11h15

Conduzida pela agente E. Somer

ES: Há quanto tempo vive aqui, Sra. Fielding?

ES: Há quanto tempo vive aqui, Sra. Fielding?

IF: Há apenas dois anos. É uma casa cedida pela universidade. O meu marido é professor residente na Wadham.

ES: Então, conhece o Sr. Harper, o senhor que vive no número 33?

IF: Bom, só de vista. Falámos uma vez. Pouco depois de nos mudarmos para cá, ele bateu-nos à porta, muito alterado, a perguntar se tínhamos visto a cobertura do carro dele. Aparentemente, tinha desaparecido. Achámos estranho, porque o carro dele nunca sai do mesmo sítio, mas pensámos que ele era apenas um tanto... excêntrico, percebe? É coisa que não falta aqui pelo bairro, gente... enfim, "personagens", se é que me

entende. Alguns deles professores universitários que já cá vivem há séculos. Creio que muitos deles já estão com aquela postura de não quererem saber e fazem o que lhes dá na gana. Vestem-se de roxo, como no poema, sabe?

ES: O poema?

IF: Sim, um que diz "quando for velha só vou vestir-me de roxo"², ou coisa assim. É quando se chega a uma idade em que simplesmente já não nos importamos.

ES: Estou a ver. E acha que o Sr. Harper já não se importava?

IF: Bom, vemo-lo sempre a vaguear por aí, a falar sozinho, todo mal vestido, de luvas em pleno verão, de pijama no meio da rua, esse tipo de coisas. Mas ele é basicamente inofensivo...

(pausa)

Desculpe, não era isto que eu queria dizer. Eu...

ES: Tudo bem, Sra. Fielding. Eu entendi o que a senhora quis dizer.

* * *

– Boa tarde, Sr. Harper. Sou o Inspetor-Coordenador Gareth Quinn, e este é o meu colega, o Inspetor Chris Gislingham. Já conhece o Sr. Derek Ross, e esta senhora é a advogada que o vai representar.

A mulher no extremo da mesa ergue brevemente o olhar para Harper, mas ele não reage. Parece nem ter dado pela presença dela.

– Muito bem, Sr. Harper, o senhor foi detido às 10h15 desta manhã por suspeita de sequestro e cárcere privado. Foram-lhe explicados os seus direitos, que o senhor afirmou ter entendido. Vamos agora fazer-lhe um interrogatório formal, que está a ser gravado.

– Quer dizer que estão a filmar isto, Bill – esclarece Ross. – Compreende?
O velhote semicerra os olhos ao responder:

– É claro que compreendo, não sou um imbecil – E, olhando para Quinn:
– E para si, é *Dr. Harper*, seu rapazola.

Quinn olha para Ross, que assente:

– O Dr. Harper foi professor de Sociologia na Universidade de Birmingham até 1998.

Gislingham apercebe-se de que Quinn corou ligeiramente; três vezes numa manhã deve ser recorde.

O inspetor-Coordenador abre uma pasta e clareia a garganta:

– Creio que o senhor já vive na sua morada atual desde 1976, correto?
Mesmo enquanto trabalhava em Birmingham?

Harper olha para ele como se fosse estúpido:

– Birmingham é uma pocilga.

– E mudou-se para cá em 1976?

– Disparate... 11 de dezembro de 1975 – responde o velhote. – No dia de aniversário da minha mulher.

– A primeira mulher do Dr. Harper faleceu em 1999 – informa rapidamente Ross. – Voltou a casar em 2001, mas, infelizmente, a segunda Sra. Harper morreu num acidente de automóvel, em 2010.

– Vaca estúpida – solta Harper, elevando a voz. – Sempre bêbeda. Bêbeda que nem um cacho.

Ross olha de relance para a advogada, claramente constrangido.

– A autópsia revelou que a Sra. Harper tinha níveis elevados de álcool no sangue na altura do acidente.

– O Dr. Harper tem filhos?

Harper chega-se para a frente e bate com a mão na mesa em frente a Quinn:

– Fala comigo, rapaz. Fala *comigo*. Não com esse idiota.

Quinn volta-se para ele:

– E então? Tem?

– A Annie – responde o velhote com uma careta. – Uma vaca gorda.

Quinn pega na caneta:

– Annie é o nome da sua filha?

– Não – interrompe Ross. – O Bill fica por vezes confuso. A Annie era vizinha dele, do número 48. Uma senhora adorável, aparentemente. Costumava aparecer lá em casa para ver se o Bill estava bem, mas mudou-se para o Canadá em 2014, para ficar perto do filho.

– A velha tonta queria falar comigo de longe. Disse-lhe que não queria essas porcarias lá em casa. *Aipo*, ou lá o que é.

Quinn olha para Ross.

– Ele refere-se ao Skype. Mas como se recusa a mexer num computador, ficou fora de questão.

– Mais nenhum familiar?

– Não. Pelo menos, que eu saiba – retorquiu o assistente social.

* * *

– Existe um filho, isso de certeza. Mas não me lembro do nome.

Somer encontra-se à porta do número 7, onde tem estado há mais de 15 minutos. Como gostaria, agora, de ter aceitado a chávena de chá, mas o mais provável era ficar por lá o dia todo. A Sra. Gibson ainda não se calou por um segundo.

– Um filho? Tem a certeza? – interrogou Somer, folheando para trás o bloco de notas. – Mais ninguém o referiu.

– Pois, mas isso não me espanta nada. As pessoas daqui não gostam de «se meter». Não é como antigamente, quando os vizinhos cuidavam uns dos outros e toda a gente se conhecia. Hoje em dia, nem faço ideia de quem sejam

esses *yuppies* que se mudaram para cá.

– Mas tem mesmo a certeza de que ele tem um filho?

– John... É isso! Eu sabia que ia acabar por me lembrar. Mas já não o vejo por cá há algum tempo. Um tipo de meia-idade, cabelo grisalho.

Somer anota a informação.

– E recorda-se da última vez que o viu?

Ouve-se um ruído por detrás da Mrs. Gibson, que se volta, solta um *shhhht* e fecha um pouco mais a porta:

– Desculpe, querida. O raio do gato tenta sempre escapulir-se pela frente. Tem um quintal enorme nas traseiras, mas já se sabe como são os gatos... Querem sempre fazer o que não devem. E os siameses ainda são piores porque...

– O filho do Sr. Harper... – interrompe Somer.

– Ah, sim, claro. Bom, agora que fala nisso, creio que já não o vejo há um bom par de anos.

– Certo. E sabe se o Sr. Harper costuma ter mais alguém que o visite?

A Sra. Gibson faz uma careta:

– Bom, há aquele assistente social, claro. Mas, cá para mim, é um inútil. Vir ou não vir é a mesma coisa.

* * *

Quinn respira fundo e o velhote olha para ele com má cara:

– O que é, rapazola? Fala de uma vez. Estás aí sentado com cara de quem está a tentar cagar...

Agora, até a advogada parece envergonhada.

– Dr. Harper, sabe porque é que a polícia foi à sua casa esta manhã?

– Não faço a porra de uma ideia – diz ele, recostando-se para trás. – Se calhar, foi o sacana do vizinho do lado que se queixou dos caixotes do lixo.

Filho da mãe.

– Bom, de facto o Sr. Sexton ligou-nos, mas não foi por causa dos caixotes. Esta manhã, ele estava lá em baixo na cave quando parte da parede ruiu.

Harper olha de Quinn para Gislingham, depois novamente para Quinn:

– E então? Que porra tenho eu que ver com isso?

Quinn e Gislingham entreolham-se. Já fazem este tipo de interrogatórios há anos suficientes para saberem que muito poucos culpados – mesmo os melhores e mais experientes mentirosos – conseguem controlar as expressões corporais ao ponto de não transmitirem qualquer sinal. Quer seja um tremor de olhos, um súbito contorcer de mãos, há sempre qualquer coisa. Mas este não é o caso. O rosto de Harper está absolutamente impávido – sem o menor vestígio de nervosismo ou apreensão. Nada.

– E nem sequer tenho televisão, porra.

Quinn olha-o fixamente:

– Perdão?

– Imbecil... – insulta o velhote, num murmúrio quase inaudível. E, chegando-se à frente: – *Não tenho* televisão.

Ross intervém rapidamente, lançando um olhar nervoso a Quinn:

– Creio que o Dr. Harper está a tentar dizer que não precisa de pagar a taxa de audiovisual. Pensa que é por isso que o chamaram cá.

Harper volta-se para o assistente social:

– Não me digas o que eu quero dizer, idiota. Ainda mal largaste as fraldas...

– Dr. Harper – interrompe Gislingham, denotando já alguma falta de paciência –, encontrámos uma *jovem* na sua cave. É por isso que o senhor aqui está. Não tem nada que ver com a taxa de audiovisual.

O velhote espeta-se para a frente, apontando a Gislingham um dedo ameaçador:

– *Eu não tenho televisão, porra.*

Quinn apercebe-se do alarme estampado no rosto de Ross; as coisas estão a começar a ficar fora de controlo. Aclara a garganta e diz:

– Oiça, Dr. Harper, encontrámos uma rapariga na cave da sua casa. *O que estava lá a fazer?*

Harper recosta-se na cadeira, olhando de um inspetor para o outro. Pela primeira vez, assume uma expressão dúbia. Gislingham abre uma pasta e retira a fotografia que tirou à rapariga. Coloca-a na mesa, voltada para o velhote:

– É esta a rapariga. Quem é ela?

O velhote lança-lhe um olhar malicioso:

– A Annie. Vaca gorda.

Ross abana a cabeça:

– Não, Bill. Esta não é a Annie. Sabe bem que não é ela.

Harper nem sequer está a olhar para a foto. Gislingham insiste:

– Dr. Harper, precisamos que olhe para a fotografia.

– É a Priscilla – responde o velhote, cuspiendo-se e deixando um fio de saliva a escorrer-lhe pelo queixo. – Metediça... Vaca maldosa, sempre a cirandar pela casa com as mamas de fora.

Ross está à beira do desespero:

– Também não é a Priscilla. O Bill sabe que não é.

Subitamente, e sem tirar os olhos do inspetor, Harper leva a mão à fotografia, varrendo-a da mesa juntamente com o telemóvel de Gislingham – que cai no chão, desconjuntando-se.

– Por que raio fez isso?! – grita Gislingham, saltando da cadeira.

– Dr. Harper. – Quinn decide intervir, já de dentes cerrados e cara de poucos amigos. – Esta jovem está neste momento no Hospital John Radcliffe, sujeita a minuciosos exames médicos. Assim que estiver em condições de falar, saberemos quem é e, sobretudo, como é que apareceu trancada na cave

da *sua* casa. O senhor tem neste momento a oportunidade de nos contar o que aconteceu. Está a perceber? Tem noção da *gravidade* de tudo isto?

Harper chega-se à frente e cospe-lhe na cara:

– Vai-te foder. Ouviste bem? *Vai-te foder!*

Gera-se um momento de horror. Gislingham nem se atreve a olhar para o colega. Apercebe-se de que ele leva a mão ao bolso e vê-o limpar a cara com a um lenço.

A advogada quebra finalmente o silêncio:

– Creio que é melhor ficarmos por aqui, inspetores. Não concordam?

– Interrogatório terminado às 11h37 – diz Quinn, num tom gelidamente calmo. – O Dr. Harper será de seguida conduzido para uma cela das nossas instalações e...

– Oh, por amor de Deus! – exclama Ross. – Será que não entendem que ele não está em condições para isso?

– O Sr. Harper – prossegue Quinn, recolhendo calmamente os papéis e empilhando-os com exagerado esmero – pode muito bem representar uma ameaça para a ordem pública, bem como para ele próprio. Além disso, a casa dele é, neste momento, considerada uma cena de crime, razão pela qual não poderá voltar para lá.

O inspetor levanta-se e sai porta fora, mas Ross precipita-se a interpelá-lo já no corredor:

– Eu arranjo-lhe um lugar para ficar, uma casa de apoio, um sítio onde o teremos sob estrita vigilância e...

Quinn volta-se abruptamente para o assistente social, com os rostos de ambos a ficarem separados por escassos centímetros:

– Sob estrita vigilância? – solta ele num silvo quase feroz. – É isso que têm vindo a fazer ao longo destes meses todos, mantê-lo sob estrita vigilância?

Ross dá um passo atrás, branco como um fantasma:

– Ouça...

Mas Quinn não está para graças:

– Não, ouça-me o senhor: tem ideia de há quanto tempo é que ela ali está trancada? Ela e a criança? Dois anos, três? E durante esse tempo todo, o senhor tem ido àquela casa todas as semanas, mantendo-o sob estrita vigilância?! O senhor foi a única pessoa a lá entrar! Está a querer dizer-me que não sabia? – Espeta um dedo no peito do assistente social: – Se quer a minha opinião, não devia ser apenas o Harper a ser detido. O senhor também vai ter de responder por isto, Sr. Ross. Isto ultrapassa largamente a negligência profissional e...

Ross tem as mãos erguidas, protegendo-se de Quinn:

– E o senhor faz alguma ideia de quantas pessoas acompanho? Da quantidade de papelada que tenho de lidar diariamente? Com tudo isso e o trânsito caótico desta cidade, tenho sorte se conseguir 15 minutos por visita. Neste caso, o suficiente para verificar se ele tem comida e se não está sentado na própria merda. Se acha que tenho tempo de fazer inspeções à casa, está redondamente enganado!

– Nunca ouviu nada, nunca viu nada?

– Quinn – interrompe Gislingham, já de pé, na soleira da porta.

– Nunca pus um pé no raio daquela cave! – insiste Ross. – Nunca me passou pela cabeça que ele tinha...

– Quer mesmo que eu acredite nisso? – indaga Quinn, agora vermelho de raiva.

– Quinn! – O tom de Gislingham é agora mais urgente. E quando o colega o ignora, leva-lhe a mão ao ombro e força-o a voltar-se. Há alguém a caminhar no corredor na direção deles.

Fawley.

* * *

Em Frampton Road, Alan Challow percorre o passeio de acesso à porta de casa e detém-se momentaneamente para deixar que o agente fardado levante a fita da cena de crime para ele passar. É o dia mais quente do ano até agora, e o homem transpira profusamente sob o fato branco descartável. A multidão de curiosos duplicou, ocupando agora grande parte da rua, ainda que composta por pessoas diferentes. Os foliões da May Morning já se foram, e os homens das obras também já deram por terminado o dia.

Ainda se veem dois ou três vizinhos, mas a maioria dos presentes está neste momento sedenta de um desfecho mórbido – ou de uma boa manchete. Ou ambas: mais de metade destas pessoas são jornalistas.

Na cozinha, dois elementos da equipa de polícia científica do Challow pincelam todos os centímetros em busca de impressões digitais. Um deles cumprimenta-o com um breve aceno e baixa a máscara para falar com ele. É uma mulher, e tem uma linha de suor sobre o lábio superior:

– Este é um daqueles momentos em que dou graças por estar a usar um fato destes. Só Deus sabe há quanto tempo é que esta espelunca não é limpa.

– Onde fica a cave?

Ela aponta para as costas dele:

– Por ali. Não se via um palmo, por isso pendurámos uma lâmpada. O que só piora o cenário. – Encolhe os ombros. – Mas isso o chefe já sabe.

Challow reage com uma careta; há 25 anos que anda nestas lides. Baixa-se para evitar a lâmpada pendurada sobre o topo das escadas e trata de descer, projetando gigantescas sombras sinuosas sobre as cruas paredes de tijolo. Lá em baixo, aguardam-no outros dois peritos forenses, que olham em volta para a tralha acumulada.

– Muito bem, malta – começa Challow –, eu sei que é uma grande chatice, mas vamos ter de levar esta tralha toda para a base. Onde estava a rapariga?

– Ali.

Challow avança até uma divisão mais pequena. Está iluminada por uma lâmpada de arco voltaico, que lança um impiedoso feixe de luz sobre o chão coberto de pó e sujidade, a roupa de cama imunda, a sanita rodeada por uma poça nauseabunda. E mais caixotes de tralha. Encostada à parede está uma palete de cartão que em tempos terá contido uma série de garrafas de água, mas que agora tem apenas uma, e um saco de lixo preto a transbordar com latas de conserva vazias. De comida, nem sinal. E num canto mais afastado, uma velha cama de bebé com um colchão todo enrolado como um ninho de ratos.

Challow quebra finalmente o silêncio:

– Certo... Também vamos ter de carregar isto tudo.

Um dos agentes, outra mulher, dirige-se para uma fenda na parede divisória. Alguns dos tijolos estão partidos e o estuque foi arrancado.

– Alan – chama ela, apontando a área em questão –, veja...

Challow aproxima-se e baixa-se levemente para ver melhor. O estuque húmido tem manchas vermelhas.

– Meu Deus – murmura ele, chocado. – A miúda esgravatou a parede com as unhas para tentar fugir!

* * *

Já não via o Derek Ross desde o caso Daisy Mason. Na altura, ele acompanhou todas as inquirições ao irmão dela, razão pela qual o vi inúmeras vezes. Passou menos de um ano, mas ao olhar agora para ele, dir-se-ia que tinham sido pelo menos cinco. Perdeu mais cabelo, engordou bastante e tem um tique sob o olho direito que o faz tremelicar constantemente. Mas desconfio que isso, de alguma forma, seja responsabilidade do Quinn.

– Inspetor-Coordenador Quinn – digo, voltando-me para ele. – Que tal se nos fosse buscar cafés? E não me refiro aos da máquina lá de baixo.

Quinn olha para mim, abre a boca, mas fecha-a de novo.

– Inspetor-Chefe, eu... – acaba por dizer, mas o Gislingham dá-lhe um toque no cotovelo.

– Anda daí, eu dou-te uma ajuda.

Talvez seja o melhor esboço destes dois: o Gis, sempre foi exímio em saber quando se retirar, e o Quinn, sempre tão discreto quanto um elefante numa loja de louça.

Levo o Ross para o gabinete mais próximo. O ecrã está agora sem som, mas exhibe ainda a imagem da Sala de Entrevista. A advogada está de pé, a preparar-se para sair, e o Harper está sentado de lado na cadeira, com os joelhos encostados ao peito. Parece muito pequeno, muito velho e muito assustado.

Pouso um copo de água na mesa, em frente ao Ross. Sento-me à frente dele e arrasto ligeiramente a cadeira para trás. O assistente social tem manchas de transpiração debaixo dos braços e o cheiro não é dos mais agradáveis. Acreditem, não iam querer estar assim tão próximos.

– Como tem passado?

Ele ergue os olhos para mim:

– Mais ou menos – replica, num tom cauteloso.

Recosto-me na cadeira:

– Então... fale-me lá do Harper.

Ele parece ligeiramente tenso:

– Eu sou de alguma forma suspeito?

– O Ross é uma testemunha importante. Deve saber isso.

– Sim, sim... creio que sim – diz ele com um suspiro. – O que quer saber?

– Disse aos meus inspetores que só lá ia a casa uma vez por semana. Há quanto tempo acontece isso?

– Dois anos. Um pouco mais, talvez. Teria de consultar o processo dele.

– E ficava lá pouco tempo?

O Ross bebe um gole de água antes de responder; caem-lhe umas gotas nas calças, mas parece nem reparar.

– Eu... a sério, tenho sempre muito pouco tempo.

Acredite que nada me agradaria mais do que poder ficar por lá durante uma hora e conversar sobre o tempo, mas com os cortes de orçamento que temos tido...

– Não estou a acusá-lo de nada.

– Mas aquele seu inspetor... acusou.

– E eu lamento por isso. Mas tem de perceber que... Enfim, ele viu o estado da rapariga. Já para não falar na criança. E, francamente, ninguém o pode culpar por lhe custar a acreditar que o Ross não viu nem ouviu nada durante o tempo todo que lá foi de visita. Para ser honesto, a mim também me custa muito a perceber.

Porque, e não obstante o que acabei de dizer, estou a um passo muito curto de o interrogar como suspeito. E enquanto não tiver a certeza absoluta de que ele não o é, o Harper vai precisar de outra pessoa que olhe por ele. Já vai ser suficientemente difícil conseguir uma condenação; a última coisa de que necessito é de uma investigação atamancada.

Ross passa a mão pelo cabelo. Ou melhor, pelo que lhe resta dele.

– Ouça, não me espanta que eu não tenha ouvido nada. Aquelas paredes são extremamente grossas.

– Nunca chegou a ir lá abaixo?

Ele olha-me diretamente nos olhos:

– Tal como já disse, nem fazia ideia de que existia uma cave. Sempre pensei que aquela porta não passava de um armário.

– E lá acima, chegou a ir?

Ele abana a cabeça:

– Desde que o conheço, o Bill sempre viveu apenas no andar de baixo.

– Mas ele ainda consegue subir e descer escadas, certo?

– Se tiver de ser, sim, mas não é o caso. Antes de se ir embora, a Annie montou-lhe uma cama na sala, e há uma casa de banho num barracão das traseiras da casa. É muito básica, mas existe. Confesso que nem imagino em que condições estará agora o andar de cima, pois há muitos anos que ninguém lá vai. Provavelmente, desde que a Priscilla morreu.

– Nem para fazer limpezas? Os serviços sociais não mandam lá ninguém?

– Tentámos. Mandámos uma funcionária, mas o Bill fartava-se de lhe berrar e era muito agressivo. Ela recusou-se a lá voltar. Eu passava um pano pelos móveis e deitava lixívia na sanita, mas com o tempo limitado que tinha não podia fazer muito mais.

– E quanto à comida? As compras? Também tratava disso?

– Quando lhe tiraram definitivamente a carta, consegui que uma associação de caridade local lhe providenciasse entregas regulares de supermercado. Isso foi há coisa de... um ano e meio, talvez. Existe uma autorização de débito direto da conta dele para esse fim. Ele tem imenso dinheiro... Enfim, *imenso* não direi, mas mais do que suficiente.

– Mas porque é que ele não se muda dali? Aquela casa deve valer uma fortuna, mesmo no estado em que está.

Ross reage com um esgar de concordância:

– Sim, eu sei. O tipo que se mudou agora para a casa ao lado pagou mais de 3 milhões por ela. Mas o Bill recusa-se a ir para um lar. Apesar de ter piorado imenso da artrite no último mês e de o médico ter começado a medicá-lo para a doença de Alzheimer e de ser absolutamente essencial que ele tome a medicação todos os dias. Se ele insistir em ficar ali a viver sozinho, é só uma questão de tempo até acontecer algum tipo de acidente. Como eu contei, ele já se queimou gravemente uma vez.

– Já lhe disse que era essencial que ele se mudasse?

– Mais de uma vez – confirmou Ross, com um suspiro. – Ainda há coisa de cinco, seis semanas, sentei-me calmamente com ele e tentei explicar-lhe a

situação. Mas ele não reagiu nada bem. Ficou violento, desatou aos gritos e a atirar-me com coisas. Por isso, não insisti. Tencionava voltar a abordar o assunto esta semana. Soube que abriu uma vaga na Newstead House, em Witney. É um dos melhores lares da região. Mas agora... sabe Deus o que se vai passar.

Faz uma pausa. Acaba a água, e eu sirvo-lhe mais.

– Por acaso já lhe ocorreu – recomeço, cautelosamente – que um dos motivos por que o Sr. Harper não queria sair daquela casa era *precisamente* por causa da rapariga?

O rosto do Ross empalidece e pousa o copo de água:

– Ele não podia deixar aquela casa com a rapariga lá, porque seria encontrada – prossigo. – E também não a podia deixar sair, precisamente pela mesma razão.

– Qual seria a ideia dele, então?

– Não sei – respondo, encolhendo os ombros. – Estava à espera que me pudesse...

Ouve-se uma algazarra súbita no corredor, e Gislingham abre a porta com violência:

– Chefe, acho que é melhor... – diz.

Mas eu já estou a passar por ele.

Na sala ao lado, dois agentes tentam conter Harper. É difícil de acreditar que se trata do mesmo homem de há poucos minutos – tenta esgatanhar-lhes os rostos, dá pontapés e berra que nem um possuído na cara da agente.

– Cabra!

A mulher está visivelmente abalada. E eu conheço-a, não é uma novata. Tem um arranhão feio na face e a parte da frente da farda ensopada.

– Só lhe dei uma chávena de chá – balbucia ela. – Ele disse que estava muito quente, que eu estava a querer queimá-lo. Mas eu não... A sério que eu não...

– Eu sei. Sente-se por um momento, sim? E alguém que lhe trate desse arranhão.

Ela leva a mão ao rosto:

– Nem sequer me apercebi...

– É só um arranhão, mas convém ser visto.

Ela assente, e quando eu a acompanho à porta, o Harper precipita-se de novo para ela:

– Cabra! É a ela que deviam prender, seus idiotas! Tentou esgaldar-me, a vaca maldita!

Quando entro na sala ao lado, o Ross está estupefacto a olhar para o ecrã. Deixo-me ficar por uns momentos a observá-lo.

– E então? Qual é o verdadeiro Harper, afinal? – pergunto por fim. – O que estava encolhido como uma criança assustada ou o que acabou de atacar selvaticamente uma das minhas agentes?

O Ross abana a cabeça:

– É a doença... Faz isto às pessoas.

– Talvez. Ou talvez a doença esteja a mexer com o autocontrolo que ele sempre teve. Estava constantemente zangado e agressivo, mas conseguia sempre controlar-se. Ele sabe como lidar com a doença, sabe, inclusivamente, como a *esconder*.

O Ross já se tinha voltado para mim, mas não me consegue encarar. Algo se passa aqui – algo que ele não me quer dizer.

Deixo que o silêncio se prolongue. Depois, dou mais um passo na direção dele.

– O que se passa, Derek?

Ele olha-me de modo fugaz, depois para a parede. Corou que nem um tomate. Insisto:

– Que mais está o William Harper a esconder?

* * *

A Inspetora Verity Everett já está há duas horas à espera no Hospital John Radcliffe. A maioria das pessoas odeia hospitais, mas ela foi enfermeira antes de ingressar na polícia, e sítios como este não a incomodam. Pelo contrário, até se sente relaxada neste ambiente reconfortante – mesmo em situações de emergência, as pessoas daqui sabem o que fazer e onde devem estar. Estranhamente, as batas brancas, o ruído branco, surtem nela um efeito calmante. Além disso, neste corredor demasiado aquecido, e tendo em conta o pouco que tem dormido ultimamente, não é de admirar que tenha de se esforçar para se manter acordada, mesmo numa cadeira de plástico tão desconfortável. Na verdade, até terá adormecido por segundos, já que sente alguém tocar-lhe no braço, fazendo-a sobressaltar-se.

– Inspetora Everett?

Abre os olhos. O médico olha-a com expressão bondosa. Parece preocupado com ela.

– Está tudo bem consigo?

Everett endireita-se e pisca os olhos. Dói-lhe imenso o pescoço.

– Sim... peço desculpa. Devo ter desligado por um minuto.

O médico sorri-lhe. É muito atraente. Faz lembrar o ator Idris Elba com um estetoscópio.

– Creio que foi um pouco mais do que isso. Mas não vi razões para a incomodar.

– Como é que ela está?

– Receio não ter grandes novidades. Tal como os paramédicos suspeitavam, está gravemente desidratada e subnutrida. Não creio que tenha algo de grave, mas mostrou-se extremamente nervosa, por isso decidimos não proceder a um exame completo, pelo menos para já. Nesta fase, poderia fazer-lhe mais mal do que bem. Sedámo-la para que descanse umas horas.

Algo dorida, Everett levanta-se da cadeira e avança a meia dúzia de passos até ao vidro que dá para o quarto da rapariga. Sente-se como se tivesse 100 anos. Através do vidro, vê a jovem deitada na cama, o longo cabelo espalhado sobre a almofada, uma mão cravada no cobertor. Tem olheiras profundas, mas as feições, ainda que impressionantemente escanzeladas, mostram que era bonita. *É* bonita.

– E o menino? – pergunta, voltando-se para o médico.

– Está a ser observado pela Pediatra. Pelo que consegui saber, está em bom estado. O que é surpreendente, dadas as circunstâncias.

Everett olha de novo para a rapariga:

– Ela disse alguma coisa? Um nome? Há quanto tempo ali estava? Qualquer coisa?

Ele abana a cabeça:

– Lamento.

– Quando é que será possível eu falar com ela? É muito importante.

– Sim, eu sei. Mas a minha prioridade recai sempre no bem-estar dos meus pacientes. Vamos ter de aguardar.

– Mas ela vai ficar bem?

Ele aproxima-se da inspetora e vê-lhe a ansiedade estampada no rosto:

– Para lhe ser franco, o que mais me preocupa é a sua saúde mental. Depois do que esta rapariga passou, dormir ainda é o melhor remédio. Depois disso... bom, veremos.

* * *

– Derek, por favor, fale comigo – insisto. – Se viu alguma coisa, algo que nos possa ajudar...

Ele ergue o olhar para mim. Aperta o copo de plástico com tanta força que o faz rebentar, entornando água por cima das calças.

– Está bem – acaba por dizer, limpando-se com a mão. – Foi há coisa de seis meses. Em dezembro, creio. Uma das vizinhas dele disse-me que o tinha visto na rua em chinelos, por isso decidi dar uma vista de olhos lá por casa, para ver se lhe encontrava os sapatos. Ele já andava a perder coisas, a largá-las sem se lembrar onde, e eu calculei que estariam debaixo da cama.

– E estavam?

Ele abana a cabeça.

– Não. Mas encontrei uma caixa... Revistas, sobretudo.

Nem preciso de um palpite.

– Pornografia?

Ele hesita, mas assente:

– Da pesada. *Bondage*. Sadomasoquismo. Tortura. Pelo menos, foi o que me pareceu, não me pus a ver com muita atenção, como calcula.

Como o Harper deve ter visto, seguramente. Não o diz, mas é o que pensa.

Faz-se silêncio. Não admira que ele não me quisesse contar.

– Onde terá ele arranjado esse material? – indago por fim.

O Ross encolhe os ombros:

– Na Internet é que não foi, isso eu sei. Mas creio que se arranjam facilmente essas coisas através daqueles pequenos anúncios de certas revistas e jornais, se olharmos com atenção. E, na altura, ainda era ele que fazia as compras.

– A caixa continua lá?

– Provavelmente. Voltei a enfiá-la debaixo da cama. Se ele reparou, nunca mo disse.

Mas mesmo tendo ele esse tipo de... enfim, gosto, daí a sequestrar uma rapariga na cave de casa vai um longo caminho.

Pessoalmente, não tenho tanta certeza. Também já presenciei os efeitos devastadores da demência, e penso logo naqueles primeiros meses, quando a

doença se instalou e ninguém, nem mesmo o Harper, se apercebeu dela. Quando ele ainda tinha força física e força de vontade, mas a personalidade começava já a assumir outros contornos. Será que ele se transformou num homem totalmente diferente ou apenas numa versão mais fria e cruel do que era antes?

Levanto-me e saio para o corredor, deixando o Ross sozinho. O Gislingham está junto à máquina da água e, ao ver-me, vem ter comigo:

– Novidades?

– Nada de especial. O Ross diz que encontrou lá em casa uma caixa com revistas pornográficas, há coisa de seis meses. Por isso, vê se mandas lá o Challow e a equipa, e eles que vasculhem tudo, não apenas a cave e o andar de baixo. É possível que haja mais material escondido algures.

– Certo.

– E há que começar a pesquisar o passado do Harper. Falar com alguém da universidade onde ele trabalhou. 1998 não foi assim há tanto tempo, ainda haverá, de certeza, quem se lembre dele.

* * *

*Entrevista telefónica com Louise Foley,
chefe de recursos humanos da Universidade de Birmingham.*

1 de maio de 2017, às 13h47

Conduzida pelo Inspetor C. Gislingham

CG: Desculpe estar a incomodá-la num feriado, mas tinha esperança de que nos pudesse dar alguma informação sobre o William Harper. Creio que deu aulas na Universidade de Birmingham até ao final dos anos 90?

LF: Sim, precisamente. Eu não estava cá na altura, mas sei

que o Dr. Harper lecionava na faculdade de Ciências Sociais. Creio que a sua especialização era Teoria dos Jogos. Aparentemente, escreveu um artigo famoso sobre jogos de interpretação de papéis. Algo bastante avançado para a época.

CG: Muito bem, e para lá das competências em Mastermind, que mais me pode dizer sobre ele?

LF: Reformou-se em 1998. Já passaram muitos anos, senhor Inspetor.

CG: Eu sei, mas também não é da pré-história, certo? Na altura, já havia computadores, vocês terão registos.

LF: Claro que sim, mas há limites para aquilo que lhe posso dizer. Tenho de respeitar a nossa política de proteção de dados. E o senhor, de todas as pessoas, será certamente o primeiro a compreender isso. Tem autorização do Dr. Harper para que lhe seja facultada informação pessoal?

CG: Não, mas como certamente saberá, não necessito de autorização desde que a informação requerida seja na sequência da detenção ou acusação de um infrator. Lei da proteção de dados, secção 29(3). Esteja à vontade para verificar...

LF: O que é que ele fez? Quer dizer, há de ter sido algo grave. O senhor não se daria a tanto trabalho por uma mera multa de trânsito, não é verdade?

(pausa)

Espere lá! Não me diga que se trata daquele caso que deu nas notícias? Da rapariga presa na cave? Esse velhote deve ser da mesma idade do...

CG: Lamento, mas não me é permitido fazer comentários sobre esse assunto, Miss Foley. Pedia-lhe só que me enviasse por e-

mail os ficheiros mais relevantes. Acredite que isso pouparia muito tempo a toda a gente.

LF: Sim, mas para isso terei de obter autorização do Diretor de recursos humanos da universidade. Mas se o inspetor tiver perguntas mais concretas a fazer, poderei tentar responder.

CG: (pausa)

Muito bem. Talvez possa começar por me dizer a razão pela qual ele se foi embora.

LF: Perdão?

CG: Bom, se os meus conhecimentos básicos de matemática me servem para alguma coisa, em 1998 ele teria 57 anos. A atual idade da reforma para académicos andarà pelos 65, 70?

LF: (pausa)

Bom, consultando aqui o processo... posso dizer-lhe que a decisão de se reformar antecipadamente foi de comum acordo.

CG: Certo. E então, qual terá sido a razão?

LF: Não estou a entender o que quer dizer.

CG: Ora, Miss Foley, saberá tão bem como eu que isso da reforma antecipada está quase sempre relacionado com o habitual discurso dos recursos humanos do «tivemos de nos ver livres dele».

LF: (pausa)

Lamento, mas é tudo aquilo que estou preparada para lhe dizer. Falarei com o diretor no sentido de obter permissão para lhe enviar o processo completo do Dr. Harper. Mas devo dizer-lhe que ele atualmente se encontra na China, pelo que poderá levar algum tempo a contactá-lo nesse sentido.

CG: Então o melhor é deixá-la já a tratar desse assunto.

* * *

BBC Midlands Today

Segunda-feira, 1 de maio de 2017 | Última atualização às 14h52

Jovem mãe e bebé encontrados numa cave de Oxford

Esta manhã, a Polícia de Thames Valley emitiu um breve comunicado acerca da rapariga e do bebé encontrados numa cave de Frampton Road. Confirma-se que a jovem foi levada para o Hospital John Radcliffe e que ela e a criança estão a ser assistidas por uma equipa médica, bem como pelos serviços sociais. A identidade da jovem ainda não foi revelada e, ainda que se acredite que a criança seja seu filho, não existem dados que o confirmem. Testemunhas presentes no local por altura da chegada dos paramédicos confirmam que a jovem aparentava estar consciente.

* * *

Nos últimos pisos do número 33 de Frampton Road, as cortinas estão todas abertas. Há partículas de pó a esvoaçar e teias de aranha em todos os cantos. A alcatifa das escadas está toda roída, e Nina Mukerjee, agente da polícia científica, evita cautelosamente um monte de pequenos dejetos redondos, e para à entrada do quarto principal. A cama não está feita, tem apenas um velho colchão com uma mancha enorme no centro. Na parede direita, uma estante de vidro ornamentado, tipo vitrina, mas sem nada no interior, à direita um roupeiro e na mesa de toucador vê-se uma parafernália de frascos de perfume, batons, um boião de creme de rosto – aberto e completamente ressequido – e um monte de lenços de papel ainda marcados com batom vermelho esbatido.

Outro agente junta-se a ela à entrada do quarto.

– Credo – observa ele. – Isto é pior que o *Mary Celeste*³...

– Ou aquela personagem, a *Miss Havisham*⁴. Sempre que vejo um filme com ela arrepio-me toda...

– Quando é que morreu a segunda mulher, afinal?

– Em 2010, num acidente de automóvel.

O homem olha em volta, aproxima-se da mesa de cabeceira, e passa um dedo enluvado sobre a superfície repleta de pó.

– Quase que aposto que ele não entrou aqui desde esse dia.

– A dor faz isso às pessoas, pelo menos a algumas. Não conseguem desfazer-se de rigorosamente nada. A minha avó era assim. Levámos anos até a convencer a desfazer-se das coisas do meu avô. Mesmo assim, tantos anos depois, ela insistia que era um sacrilégio.

O agente aponta para uma moldura voltada para baixo na mesa de cabeceira. Pega nela, observa-a e mostra-a à colega:

– Há uma fotografia igual a esta lá em baixo. Bonita... Não propriamente o meu género, mas atraente.

De sobrolho erguido, Priscilla Harper olha diretamente para a câmara – com uma mão na anca e expressão confiante e controlada. Sem dúvida, uma senhora *de altíssima manutenção*.

Nina abre o roupeiro e vai retirando coisas aleatoriamente. Um vestido de noite curto, vermelho-vivo, um casaco de caxemira com gola de pele, uma blusa verde pálido com gola de folhos.

– Isto é seda natural. A senhora tinha gostos caros.

O colega aproxima-se para ver melhor:

– É pena é a traça... Senão, ainda ganhavas umas boas massas no eBay.

Nina olha-o com cara de poucos amigos:

– Tem juízo, Clive – diz, voltando a pôr as peças no lugar. – Temos mesmo de encaixotar esta tralha toda? Ficamos aqui a semana toda, não?

– Creio que o Fawley está mais interessado no material pornográfico. Por

isso, acho que nesta divisão será suficiente certificarmo-nos de que não há artigos de *bondage* debaixo da cama e deixarmos tudo como está. Ainda vou dar uma vista de olhos lá acima. Mas, aparentemente, o último andar está vazio.

Vi apenas uma estrutura de cama em ferro e uma pilha de jornais antigos, creio que do *Daily Telegraph*.

Nina dirige-se à mesa de cabeceira e abre a gaveta – nada, a não ser uma série de frascos de plástico de medicamentos.

– Bolas, isto parece uma verdadeira farmácia – comenta Clive, vendo-a abrir um saco de prova para recolher os frascos. Os rótulos têm todos o nome *Priscilla Harper*; a maioria são soporíferos.

– Encontrei algum material importante lá em baixo? – pergunta ela.

– Além do material pornográfico? Bom, havia uma gaveta cheia de cartas e contas antigas, mas nem sei se servem para alguma coisa. Seja como for, encaixotámos tudo. A cave já está praticamente vazia.

Nina estremece ligeiramente:

– Não consigo tirar da cabeça aquelas marcas de unhas na parede. O estado em que a miúda devia estar para fazer aquilo... Nem consigo imaginar.

– Eu acho que ela deve tê-los ouvido.

– Como assim? A quem?

– Pensa: na casa ao lado sempre viveu a mesma velhota, desde os anos 80. De repente, há coisa de poucas semanas, entra lá uma equipa de obras. Pela primeira vez desde há anos, a casa enche-se de gente. Daí ela ter feito o que fez. Ela ouviu-os, de certeza.

* * *

São 15h15. Devido aos problemas que tivemos com o Harper, decidi não

voltar a interrogá-lo enquanto não conseguirmos falar com a rapariga. Mas ela continua sedada. Como é óbvio, ninguém espera conseguir arrancar nada ao miúdo, e a equipa forense ainda vai precisar de mais umas horas para poder retirar conclusões preliminares. Tudo isto implica que, neste momento, eu tenha o Diretor à perna, um gabinete de imprensa em crise e uma equipa inteira cheia de energia nervosa e sem ter como a gastar. O Gislingham está a tentar localizar alguém que tenha trabalhado com o Harper na década de 90, outro agente deslocou-se ao supermercado para tentar falar com um elemento da equipa de entregas e o Baxter anda a pesquisar as Pessoas Desaparecidas, para ver se encontra alguém minimamente parecido com a rapariga. É o tipo de trabalho que é *a cara dele* – ele não precisa de ir tão fundo para encontrar seu totó interior –, mas a verdade é que quando o encontro, uma hora depois, vejo-o desanimado e apreensivo.

– Nada? – pergunto.

Ele ergue os olhos para mim:

– Uma chatice – suspira. – Não temos um nome, não sabemos de onde veio e muito menos há quanto tempo se encontrava naquela cave. Nem sequer sabemos se alguma vez foi dada como desaparecida. Podia ficar aqui a pesquisar durante um mês que não chegaria a lado nenhum. Nem o sistema de reconhecimento facial consegue descobrir alguém que não conste da base de dados.

* * *

Enviado: segunda-feira 01/05/2017, 15h45 GMT

De: AnnieGHargreavesMontreal@hotmail.com

Para: DRoss@SocialServices.ox.gov.uk

Assunto: Bill

Obrigada pelo seu *e-mail*. Estou neste momento a ver as notícias e é só imagens da Frampton Road, mesmo na Canadian TV. Já estão a comparar o caso ao daquele homem austríaco que manteve a filha trancada na cave durante tantos anos. Mas o Bill... fazer uma coisa dessas? Sempre foi um tanto lunático, mas nunca violento. Nunca conheci a Priscilla, mas pelo que soube, ele não voltou a ter uma relação com uma mulher desde essa altura. Se teve, nunca me contou. Tudo bem, um psicólogo dirá que eu estou a ser ingénua e que tipos como o Harper são ótimos a esconder coisas, mas eu teria certamente detetado algum sinal. Desculpe, não devo estar a fazer sentido nenhum. Aqui ainda é muito cedo, e tudo isto me custa a acreditar. Devo soar-lhe como aquelas pessoas que os jornalistas entrevistam e que dizem sempre a mesma coisa: «Ele sempre me pareceu uma excelente pessoa.» Se houver alguma coisa que eu possa fazer, por favor, diga.

* * *

Somer está neste momento na esquina da Chinnor Place. Do ponto onde se encontra, dá para ver a equipa da polícia científica a carregar caixotes do número 33 da Frampton Road para a carrinha. Há dois carros de exteriores das televisões estacionados do outro lado da rua. Avança de novo até à porta e toca à campainha pela terceira vez. Esta casa está aparentemente desabitada, mas a julgar pelas bicicletas, os contentores e o seu estado geral será, provavelmente, um alojamento de estudantes. Um dos poucos que restam por estas bandas. Há 30 anos, estas casas eram consideradas pré-históricas. Ninguém as queria: grandes de mais, complicadas de manter. Foram quase todas transformadas em pousadas, ou compradas baratíssimas por centros de estudos ou departamentos de universidades. Mas agora já não. Neste momento, estão lentamente a transformar-se em casas de famílias, recuperadas por empreiteiros vitorianos que ainda as rentabilizam mais com

recurso a acomodações adequadas a empregadas internas. Mark Sexton é apenas o mais recente exemplo desta tendência mais ambiciosa.

A agente toca pela última vez, e está prestes a desistir quando a porta finalmente se abre. Um jovem na casa dos 20, cabelo ruivo, a massajar a nuca e a bocejar – que, claramente, acabou de se levantar da cama. Há uma fileira de garrafas vazias pelo corredor e cheira fortemente a cerveja da véspera. O rapaz olha para a agente Somer e reage com uma careta:

– Merda.

Ela sorri-lhe:

– Agente Somer, da Polícia de Thames Valley.

O rapaz engole em seco:

– Aqueles velhos jarretas já se queixaram outra vez do barulho? A sério, a música nem sequer estava alta e...

– Não se trata disso, senhor...

– Danny. Danny Abrahams.

– OK, Danny. É por causa da casa ali em baixo, o número 33. Conhece o senhor que lá vive, o Sr. Harper?

Ele volta a massajar o pescoço, deixando a pele vermelha.

– Aquele velho maluco?

– Conhece?

Ele nega com a cabeça:

– Bom... Só o vejo de vez em quando, a andar pela rua e a falar sozinho.

Uma vez, deu-nos uma embalagem de cervejas. Parece um tipo fixe.

Somer saca do telemóvel e mostra-lhe uma fotografia da rapariga:

– E esta jovem? Já alguma vez a viu?

O rapaz espreita o ecrã:

– Não, nunca.

– Está cá mais algum dos seus colegas?

– Não sei. Não vi ninguém. Devem estar na biblioteca. Exames finais,

sabe como é...

Somer guarda o telemóvel e estende-lhe um cartão:

– Se algum deles tiver informações sobre o Sr. Harper, peça-lhe que ligue para esse número.

– O que é que o velho fez? Andou a assediar as velhotas cá do bairro, não?

– O que o leva a dizer isso?

Ele cora instantaneamente:

– Nada. Pensei que...

– Passe a mensagem, sim?

Somer volta-lhe costas e vai-se embora, deixando-o ali à porta, a questionar-se sobre o que terá acontecido. Um estado de ignorância que dura apenas um minuto, até fechar a porta e sacar do telemóvel.

– Merda! – desabafa, pesquisando nervosamente o *feed* de notícias. – Porra, porra, porra!

* * *

UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO FORENSE

Esboço da Cena de Crime

Morada: 33 Frampton Road, OX2

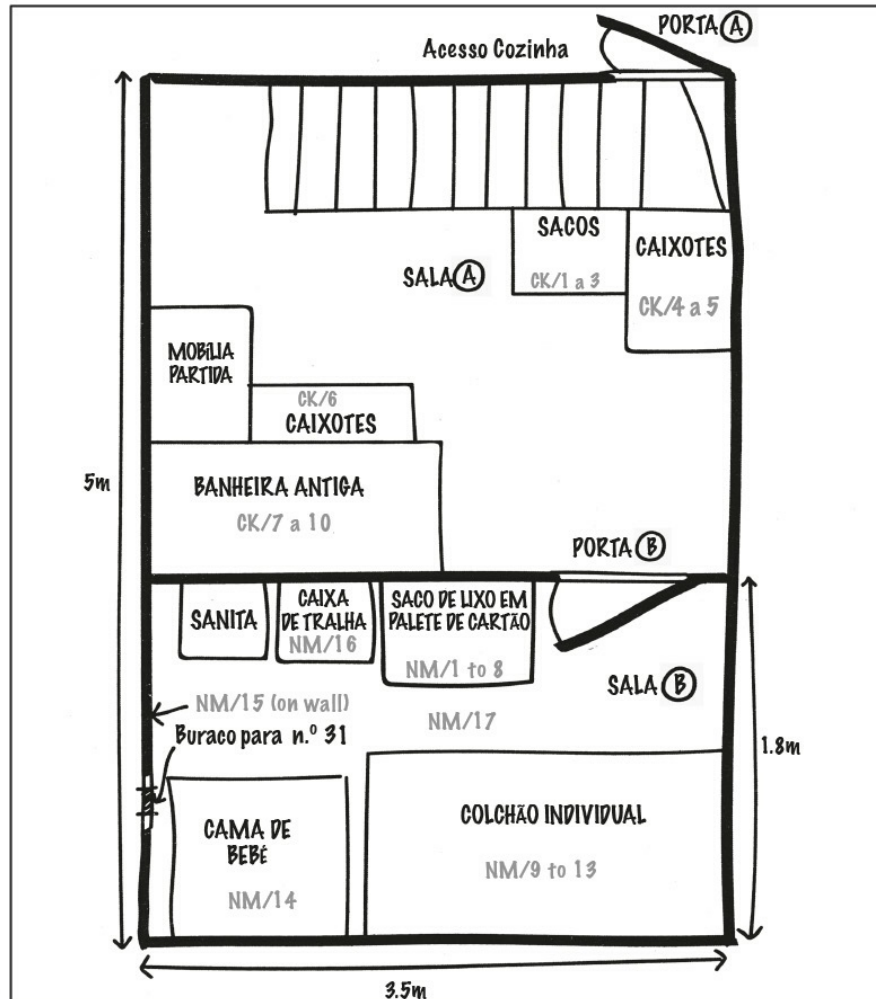
Caso/Referência: KE2308/17J

NÃO À ESCALA

Agentes de Investigação Forense: Alan Challow, Nina Mukerjee, Clive Keating

Data: 1 de maio 2017

Hora: 10h00



Assinado: CSI 1808 JJ OETHINS

Data: 1 de maio 2017

Pág. 1 of 2

RESTRITO (quando finalizado)

UIF/ECC/03

UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO FORENSE

Esboço da Cena de Crime

Morada: 33 Frampton Road, OX2

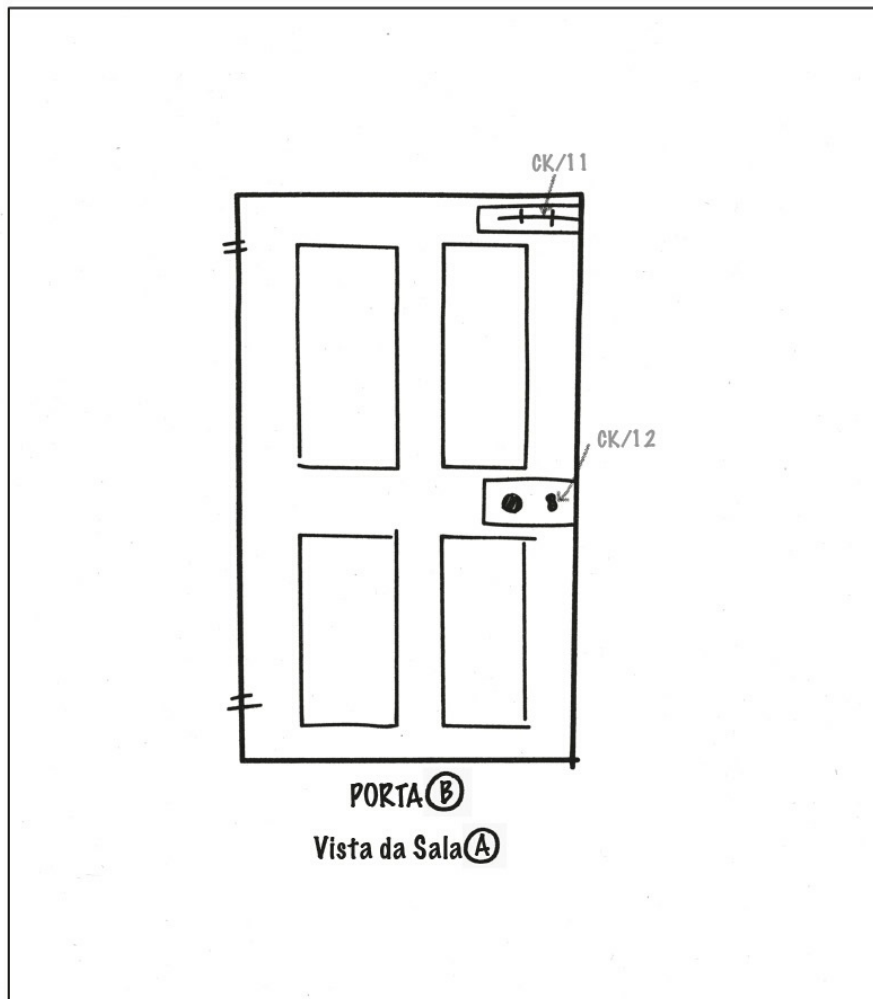
Caso/Referência: KE2308/17J

NÃO À ESCALA

Agentes de Investigação Forense: Alan Challow, Nina Mukerjee, Clive Keating

Data: 1 de maio 2017

Hora: 10h00



Assinado: CSI 1808 JJ OETHINS

Data: 1 de maio 2017

Pág. 2 of 2

RESTRITO (quando finalizado)

UIF/ECC/03

ELEMENTOS DE PROVA

CK/1 a 3	Conjunto de embalagens vazias recolhidas dos sacos de plástico junto às escadas da Cave, Sala A – para reforço químico de impressões digitais.
CK/4 a 5	Impressões digitais parciais recolhidas na fita adesiva do caixote de papelão recuperado junto às escadas da Cave, Sala A.
CK/6	Impressões digitais recolhidas na aba lustrosa do caixote de papelão recuperado junto às escadas da Cave, Sala A.
CK/7 a 10	Impressões digitais recolhidas de múltiplas superfícies exteriores de artigos recuperados de uma banheira antiga da Cave, Sala A.
CK/11	Impressão digital parcial recolhida no cadeado da Porta B da Cave (exterior, do lado da Sala A).
CK/12	Impressões digitais parciais recolhidas do conjunto de chaves do mecanismo de bloqueio da Porta B da Cave (exterior, do lado da Sala A).
NM/1 a 5	Conjunto de embalagens vazias, caixas de comida e recipientes, recolhidos de um saco de lixo da Cave, Sala B – para reforço químico de impressões digitais.
NM/6 a 8	Impressões digitais recolhidas de recipientes de plástico vazios recuperados de um saco de lixo da Cave, Sala B.
NM/9	Fronha de almofada, tecido escuro, com manchas brancas (presumível teste positivo para saliva) recuperada do colchão individual da Cave, Sala B.
NM/10	Lençol de cama cinzento com múltiplas manchas brancas (presumível teste positivo para sémen e saliva) recuperado do colchão individual da Cave, Sala B.
NM/11	Edredão branco com mancha vermelha (presumível teste positivo para sangue) recuperado do colchão individual da Cave, Sala B.
NM/12 a 13	Peça de roupa interior feminina com manchas brancas (presumível teste positivo para sémen) recuperada do colchão individual da Cave, Sala B.
NM/14	Pedaco de lençol de cama com pequena mancha vermelha (presumível teste positivo para sangue) recuperada da cama de bebé da Cave, Sala B.
NM/15	Esfregaços secos e húmidos de cor vermelha (presumível teste positivo para sangue) recolhidos da parede adjacente da Cave, Sala B.
NM/16	Caixote de artigos variados, incluindo uma série de livros antigos, recuperado da Cave, Sala B.
NM/17	Lanterna com pilhas gastas recuperada da Cave, Sala B.

* * *

Estou na cafetaria a comprar uma sanduíche quando o inspetor Baxter vem ter comigo.

– Penso que tenho alguma coisa – diz-me, ligeiramente afogueado. A mulher passa a vida a dizer-lhe para usar as escadas; creio que será o único exercício decente que faz.

– Sobre a rapariga?

– Não. Sobre o Harper. Já tinha desistido de pesquisar nas Pessoas

Desaparecidas, mas entretanto decidi passar o nome dele pelo sistema.

– E?

– Não tem cadastro nem condenações. Nem sequer por excesso de velocidade. E se alguma vez «andou às meninas», nunca foi apanhado. Mas descobri que a polícia foi chamada lá a casa em duas ocasiões. Uma em 2002 e outra em 2004. Não foi apresentada nenhuma queixa e os relatórios das ocorrências são bastante sintetizados, mas foi claramente por desacato doméstico.

– Quem foi o agente presente?

– O Jim Nichols, das duas vezes.

– Vê se o consegues apanhar. Pelo que me lembro, reformou-se e foi para Devon, mas os recursos humanos devem ter uma morada. Ele que me ligue logo que possa.

* * *

Porra, meu, viste as notícias? Aquele velho da nossa rua. Parece q é tarado. Trancou uma miúda na cave de casa. Esteve cá uma polícia. Na volta devia ter-lhe contado

Porra, nem penses. Não precisamos de merdas dessas. Cala a matraca, ok? Reconheceste a miúda?

Nunca a vi na vida

Então, deixa-te de boca calada ok?

* * *

– O Bill Harper? Mas esse tipo ainda mexe?

Russel Todd é um antigo colega de Harper, o quarto a quem Gislingham liga, e os resultados não têm sido animadores: morto, morto e desmemoriado, por essa ordem. Mas Todd não está apenas vivo e de boa saúde, como também falador.

– Então, lembra-se dele? – pergunta Gislingham, tentando não alimentar muitas esperanças.

– Oh, sim! Fomos bastante próximos durante alguns anos, mas já lá vai muito tempo. Porque pergunta?

– O que me pode dizer sobre ele?

O suspiro é longo do lado de lá:

– Bom... Não se pode dizer que fosse grande espingarda. A nível académico, como é evidente. Não que ele tivesse noção disso, claro, até acredito que achasse que lecionar na Universidade de Birmingham estava muito aquém do que merecia... Mas a mulher dele apareceu mais ou menos por essa altura e creio que terá influenciado na decisão. O facto de ele ter comprado aquela casa em Oxford sempre me pareceu um caso clássico de negação. Mas, enfim, até nem era mau professor. Sabia o que fazia. Aliás, até escreveu um artigo que deu muito que falar na altura.

– Sobre jogos de interpretação de papéis⁵?

– Ah, então está a par! Aqui para nós, acho que foi um daqueles casos de «no sítio certo na hora certa». Quer dizer, a teoria nem sequer era muito original, mas o Bill teve a ideia genial de a aplicar aos jogos da Internet ou lá como isso se chamava. Estávamos em 1997, a Internet mal tinha começado, e de repente ele ficou na moda.

O tom de voz de Todd tornava-se cada vez mais cáustico, e agora Gislingham deteta-lhe claramente uma ponta de inveja.

Estes académicos, sempre a apunhalarem-se nas costas... Gislingham dá por si a pensar quantas pessoas terão achado que o próprio Todd não era «grande espingarda». Enfim.

– Seja como for – prossegue Todd –, após uma bela parte dos seus 30 anos de carreira ter sido passada nos corredores poeirentos da universidade, o velho Bill dá por ele a ser subitamente cortejado pelas altas esferas da Stanford e do MIT. Até se falou num piscar de olhos de Harvard...

– E então? O que aconteceu?

O interlocutor solta uma risada que é tudo menos agradável. Já está a conseguir deixar Gislingham irritado.

– Foi uma cena verdadeiramente shakespeariana: o herói humilhado em pleno momento de triunfo. Casa posta à venda, malas feitas e de repente... *pás!* Cai-lhe tudo em cima da cabeça. Ou talvez outra parte da anatomia dele desse uma metáfora mais adequada, dadas as circunstâncias.

– Calculo – limitou-se Gislingham a comentar.

Todd está visivelmente divertido:

– Pois é, o bom e velho Bill foi apanhado com a boca na botija. Claro que foi tudo devidamente abafado, mas já se sabe como são os americanos, não é? Homens casados a meterem-se com alunas é coisa que cai *muito* mal por aquelas bandas. Os ianques são muito pudicos relativamente a essas coisas.

– E tem tido algum contacto com ele, desde então?

– Não, na verdade não. Soube que a mulher dele morreu, creio que de cancro de mama. Não sei se voltou a trabalhar. Ela até tinha algum dinheiro, por isso talvez não tivesse necessidade.

– E foi só dessa vez que aconteceu? Quero dizer, ele tinha fama de assediar as alunas?

– Não, não, aí é que está, foi completamente fora do normal,

ele não era nada desse género. A ironia de tudo isto é que se as autoridades queriam fazer do caso um exemplo tinham muitos outros

prevaricadores por onde escolher. As coisas não eram como agora, que basta um tipo abrir a braguilha que está logo lixado.

Os bons velhos tempos em que o assédio sexual passava impune...
Gislingham mandou-o mentalmente à merda.

– Enfim – prossegue Todd –, o Bill até era dos tipos mais puritanos com quem privei. O que só prova que nunca podemos pôr a mão no fogo por ninguém, pois não?

– Não – responde-lhe Gislingham, entre dentes. – Não podemos.

* * *

American Journal of Science and cognitive Sciences

Volume 12, number 3, Fall 1998

Masmorras e Donzelas

Os Jogos de Interpretação de Papéis na World-Wide Web

William M. Harper, PhD,
Universidade de Birmingham

Resumo

Este artigo analisa o potencial dos jogos de interpretação de papéis com multiparticipantes na rede eletrónica de telecomunicações conhecida por World-Wide Web. Embora sejam ainda muito poucos os aficionados deste tipo de jogos com acesso a estas tecnologias, esta inovação permite que múltiplos jogadores interajam em tempo real através de um terminal de computador, em diferentes zonas geográficas e fusos horários. Este artigo explora as implicações cognitivas e psicossociais desta «experiência lúdica à

distância», abordando questões como o impacto da «*persona* virtual» anónima sobre a confiança que se estabelece entre jogadores, bem como o seu efeito no processo de tomadas de decisão. Analisa ainda as putativas consequências neurológicas de uma exposição prolongada a um mundo «virtual» violento, incluindo o desgaste da empatia, o incremento da agressividade interpessoal e a ilusão da onnipotência pessoal.

* * *

Passa pouco das 16h00, e Everett está ao lado de uma das enfermeiras, a olhar para o rapazinho através da divisória de vidro. As persianas do quarto estão corridas, e ele está sentado num parque de madeira, rodeado de brinquedos. Blocos para montar, um avião, um comboio vermelho e verde. De vez em quando, a criança estende a mão e toca num brinquedo. O cabelo cai-lhe em cachos pelos ombros, como o de uma menina. Com ele, sentada numa cadeira a um canto, está uma mulher, atenta às suas reações.

– Ele continua sem deixar que ninguém se aproxime?

A enfermeira assente. O crachá na bata apresenta-a: enfermeira Jenny Kingsley:

– Coitadinho... O pediatra já o examinou e fizemos análises, mas estamos a tentar poupá-lo ao máximo. Não o queremos perturbar mais do que o estritamente necessário. Sobretudo depois da reação da mãe... – A enfermeira repara na expressão de Everett, percebendo que a inspetora não está a par: – Depois de lhe darem banho, levaram-no para junto da mãe, mas assim que ela o viu, desatou aos gritos. Completamente histérica, *mesmo*. O menino ficou logo muito tenso e rígido, e também começou a gritar. Tiveram de o sedar. Por isso é que o trouxemos para aqui. Neste momento, qualquer tipo de agitação é muito prejudicial para ambos.

– Ele já disse alguma coisa?

– Não. Nem sequer sabemos se *consegue* falar. Com o ambiente em que viveu e com tudo o que terá testemunhado, não será uma surpresa se o seu desenvolvimento tiver sido seriamente afetado.

Everett volta-se de novo para o vidro. O menino ergue o olhar para ela, e ambos permanecem assim um momento. Tem olhos escuros e um leve rubor nas faces. Por fim, volta-lhe as costas e apoia-se às grades do parque, colocando um braço sobre o rosto.

– Faz isto muitas vezes – revela a enfermeira. – É possível que esteja apenas a adaptar-se à luz, mas os olhos também podem estar afetados por ter vivido na escuridão durante tanto tempo. Por isso é que corremos as persianas.

O olhar de Everett parece perdido na criança.

– Só apetece abraçá-lo e fazer com que as coisas más desapareçam...

Jenny Kingsley solta um suspiro pesaroso:

– Sim... É de partir o coração.

* * *

O nosso primeiro ponto de situação está previsto para as 17h00. Assim que chego à Sala de Situação, vejo a equipa toda reunida, já com o Quinn a tratar de pôr toda a gente a par do pouco que temos. A imagem da casa, uma foto da rapariga e um mapa da rua. Normalmente, isto faria parte das funções do Gislingham, mas algo me diz que o Quinn quer ser visto a fazer algo útil.

– Muito bem, malta – diz ele num tom profissional. – A Everett continua no John Rad, à espera de conseguir falar com a rapariga, mas não temos como saber quanto tempo isso vai demorar.

– Ou seja, devemos partir do princípio de que o miúdo é filho do Harper?
– quer saber um dos agentes do fundo da sala.

– Sim – responde o Quinn. – Devemos partir desse pressuposto.

– E porque não se faz um teste de ADN à rapariga? Isso provaria de forma inequívoca que o Harper a violou.

– As coisas não são assim tão simples – intervenho. – Antes de mais, porque a jovem não está em condições de dar autorização. Já alertei os serviços sociais, que estão a avaliar o caso. Entretanto, a equipa forense também está a analisar a roupa de cama encontrada na cave. Se tivermos sorte, os resultados dar-nos-ão aquilo de que precisamos.

Faço sinal ao Quinn para que prossiga.

– Certo – recomeça. – Até agora, as entrevistas porta a porta aos moradores de Frampton Road não nos revelaram nada de útil. O Harper é conhecido da vizinhança, tido como o velhote lunático da rua, mas ninguém o considerou perigoso. Uma das vizinhas garante que ele tem um filho chamado John, mas já verificámos que não é assim. Por isso, ou a velhota está enganada...

– Aquele bairro é só velhotes surdos e tontos... – alguém comenta, provocando o riso num colega.

– ... ou *existe* alguém chamado John que visitava regularmente o Harper, mesmo não sendo seu filho. Vamos ter de descobrir quem é, quanto mais não seja para exclusão de partes. E tenham sempre em conta que, mesmo que esse tal John tenha ido lá a casa, não significa que estivesse a par do que se passava. Não podemos dar-nos ao luxo de tirar conclusões precipitadas.

– O quê, como tu fizeste com aquele assistente social?

Não vi quem largou a boca, mas desta vez ninguém ri. O Quinn baixa os olhos para o chão. Gera-se um silêncio desconfortável, mas não estou minimamente interessado em tirar isto a limpo. Curiosamente, é o Gislingham quem salva a situação. Se bem que, para ser franco, estes dois parecem já ter resolvido os seus diferendos. Houve uma certa guerra durante algum tempo, sobretudo depois de o Quinn ter sido promovido a inspetor-coordenador, mas creio que a paternidade terá suavizado o Gislingham. Ou

simplesmente o deixou de rastos. Conheço a sensação.

– Falei com os recursos humanos da Universidade de Birmingham – diz Gislingham –, bem como com um dos antigos colegas do Harper. Parece que ele teve, efetivamente, um caso com uma aluna, na década de 90. Mas é tudo. Nada de escabroso, pelo menos, que eu tenha percebido. Ainda aguardo que me enviem o processo dele, pode ser que nos diga mais alguma coisa. Há também um artigo que ele escreveu na altura sobre os jogos *online*, em que salientava o facto de as pessoas poderem achar que a violência não tinha nada de mal, uma vez que não era real. *Donzelas e Masmorras*, é o título do artigo, o que já de si é qualquer coisa de arrepiante, na minha opinião.

– E já alguém foi ao supermercado do bairro?

– Eu fui – revela um dos agentes que se encontra mais atrás. – Falei com os rapazes que fazem as entregas na rua, mas nenhum deles adiantou grande coisa. Limitavam-se a deixar as compras na entrada. Aparentemente, o Harper não era de muitas falas.

– Muito bem – retoma o Quinn. – Assim sendo, e partindo daquilo que temos, o próximo passo será alargar o âmbito do porta a porta, na esperança de que alguém reconheça a rapariga e/ou saiba alguma coisa sobre este tal John.

Dá um passo atrás, aponta para o mapa e começa a dissertar sobre as ruas que serão cobertas a partir de agora. Mas já não o ouço. Olho fixamente para o mapa, apercebendo-me, finalmente, de algo que já devia ter visto há horas. Levanto-me e dirijo-me ao mapa, parando à frente dele. Sinto a sala cair num silêncio profundo perante o meu gesto.

– Lembrem-me em que número da Frampton Road é que mora o Harper.

– Trinta e três – responde o Quinn, com um leve franzir de testa. – Porquê?

Pego no marcador vermelho, desenho um círculo à volta do número 33 e depois traço uma linha para sudeste.

– Bem me parecia.

– O quê? – insiste o Quinn.

– A casa do Harper fica precisamente atrás de Crescent Square. Do número 88 de Crescent Square, para ser preciso.

Volto-me para eles. A maioria não tem a mínima ideia do que estou a falar – o que não me espanta, uma vez que muitos deles não trabalhavam nesta equipa na altura. Mas o Gislingham fazia parte, e vejo nos olhos dele um súbito lampejo de descoberta.

– Espere lá... – diz-me. – Não era aí que morava a Hannah Gardiner?

E eis que a descoberta se generaliza. O nome resulta como uma injeção na veia; de repente, a sala inteira explode numa profusão de comentários:

– Aquela mulher que desapareceu e nunca foi encontrada?

– Isso foi quando, há dois anos?

– Porra, acham que pode haver alguma ligação?

O Quinn olha-me com expressão interrogativa:

– Coincidência?

Volto-me de novo para o mapa e para a fotografia da rapariga, recordando-me do rosto da Hannah Gardiner, preso com um pionés num quadro igual a este, mês após mês, até finalmente ser retirado. Pouco mais velha era do que esta rapariga.

– Não acredito em coincidências – digo.

* * *

Canal: Mistery Central

Programa: Os Mais Famosos Crimes por Resolver

Episódio: **O Desaparecimento de Hannah Gardiner**

Primeira exibição: 09/12/2016

Panorâmica do horizonte de Oxford, madrugada, verão

NARRADOR

Desde a famosa série *Inspetor Morse* que telespectadores de todo o mundo viram nos pináculos de sonho de Oxford o cenário perfeito para o crime perfeito. Mas todos esses contos sombrios, com mortes macabras nos relvados do *campus* universitários, têm pouca semelhança com a vida real nesta bela e florescente cidade, onde o índice de criminalidade é baixo e os crimes por resolver são raríssimos.

Mas, no verão de 2015, isso acabaria por mudar. A polícia da cidade ver-se-ia a braços com um mistério mais estranho do que qualquer um dos investigados pelo Inspetor Morse. Um mistério que estava destinado a tornar-se num dos mais famosos Crimes por Resolver na Grã-Bretanha.

Plano geral de Crescent Square, bicicletas encostadas a gradeamentos, um gato a atravessar a rua, mãe e criança pequena numa scooter.

NARRADOR

A história começa aqui, na frondosa North Oxford, um dos mais fervilhantes e atraentes subúrbios da cidade. Foi aqui que Hannah Gardiner, de 25 anos, o marido Rob e o filho Toby se mudaram para um apartamento, no outono de 2013.

Plano da família Gardiner numa aproximação gradual; reconstituição: um rapazinho a brincar à bola num jardim.

NARRADOR

Hannah era jornalista em Londres quando conheceu Rob, e depois de ele ter arranjado emprego numa empresa de biotecnologia sediada em Oxford, a família conseguiu residência num soalheiro apartamento de primeiro andar, com acesso a um bonito jardim comum onde Toby podia brincar.

Entrevista: Plano de fundo – interior

BETH DYER, AMIGA DE HANNA

A Hannah estava entusiasmadíssima com a mudança para Oxford. Estava numa fase muito feliz da sua vida. Tudo parecia correr sobre rodas. E quando conseguiu aquele emprego na BBC de Oxford, sentiu-se no céu – e fomos todos festejar.

Plano de Hannah a falar para a câmara no noticiário regional da BBC.

NARRADOR

Hannah rapidamente ganhou reputação como repórter, fazendo a cobertura dos casos mais controversos da cidade.

Entrevista: Plano de fundo – gabinete da BBC Oxford

CHARLIE CATES, EDITOR EXECUTIVO, BBC OXFORD

A Hannah era sempre a primeira a oferecer-se para cobrir os casos mais complicados. Fez uma série de peças sobre os sem-abrigo de Oxford, bem como a cobertura do polémico caso dos casais “sorteados” para tratamento de infertilidade, que ganhou notoriedade a nível nacional. Era apaixonada pela profissão e enveredara pelo jornalismo pelas melhores e mais válidas razões.

Plano dos escritórios da MDJ Property Developments.

NARRADOR

No início de 2015, Hannah abraçou aquele que foi o seu caso mais desafiante, quando o promotor imobiliário local, Malcolm Jervis, submeteu uma proposta para a construção de uma gigantesca zona residencial, alguns quilómetros fora da cidade.

Travelling de manifestação, cartazes, pessoas a protestar.

NARRADOR

A revolta dos populares contra os planos de Jervis revelou-se feroz, não apenas por parte dos residentes, mas também de organizações ambientalistas, que montaram um acampamento junto ao local da futura construção.

Panorâmica da paisagem campestre, terminando em Wittenham Clumps; plano atmosférico com nuvens rápidas e sombras.

NARRADOR

Muita gente se revelou preocupada com a localização do novo empreendimento residencial, em plena natureza intocada e a uns escassos 300 metros de um local de relevante significado histórico, conhecido como os Wittenham Clumps.

Plano da depressão de Castle Hill

NARRADOR

As colinas projetam belíssimas vistas da região rural de Oxfordshire, que se estendem por muitos quilómetros e partilham de um folclore muito próprio. Castle Hill vangloria-se de albergar uma fortaleza da Idade do Ferro, e junto ao cume existe uma depressão conhecida há séculos por Money Pitt.

Corte para plano de corvo com céu noturno e lua.

NARRADOR

Diz-se que um vasto tesouro está aqui enterrado, guardado por um corvo fantasma.

Plano aproximado: cuco numa árvore.

NARRADOR

E não muito longe daqui, existe um bosque chamado Cuckoo

Pen. Segundo a lenda, se um cuco for apanhado neste bosque, o verão não terá fim.

[Som de um cuco]

Vista área da escavação.

NARRADOR

Na primavera de 2015, deu-se início a uma nova escavação arqueológica em Castle Hill e, no início de junho, a própria Hannah foi a primeira jornalista a dar a notícia de uma espantosa descoberta.

Imagens da BBC Oxford captadas nos Wittenham Clumps.

HANNAH GARDINER

Contaram-me que foram encontrados numa cova rasa os esqueletos de três mulheres, poucos metros atrás de mim, para lá destas árvores. Foram encontradas de barriga para baixo e com os crânios partidos, e, pela posição dos ossos, teriam provavelmente as mãos amarradas. Crê-se que os cadáveres datam de finais da Idade do Ferro, ou por volta de 50 d.C. Os arqueólogos aqui presentes não querem especular sobre o que pode significar esta postura de inumação altamente incomum, mas alguns conhecedores dos rituais pagãos sugerem que possa estar relacionada com a alegada “Deusa Tripla”, frequentemente representada sob a forma de três irmãs. A descoberta de ossadas de animais, entre os quais diversos pássaros, também pode ter um significado relevante. Hannah Gardiner, BBC Oxford.

Plano de esqueletos numa cova.

NARRADOR

Poucos dias após a descoberta, começaram a circular notícias sensacionalistas de que as três mulheres foram, na verdade, vítimas de sacrifício humano, e isto serviu apenas para agravar o ambiente estranho e carregado que prevaleceu no local nos dias anteriores àquele solstício de verão.

Reconstituição: plano de calendário, com cozinha em plano de fundo. O calendário tem a data de quarta-feira, 24 de junho, rodeada a vermelho.

NARRADOR

Para a família Gardiner, o dia 24 de junho de 2015 começou como outro qualquer. Rob levantou-se cedo para uma reunião em Reading e Hannah também começou o dia logo pela manhã.

Reconstituição: “Hannah” a entrar no Mini Clubman laranja e a prender o cinto ao rapazinho sentado no “ovo” no banco ao lado. Tem o cabelo castanho-escuro apanhado num rabo de cavalo e um blusão azul-marinho acolchoado.

NARRADOR

Na semana anterior, Hannah tinha feito entrevistas no acampamento de manifestantes, e conseguiu convencer Malcolm Jervis a encontrar-se com ela no local para uma conversa. A *babysitter* do filho acordou adoentada, por isso Hannah teve de o levar com ela. Saiu de casa por volta das 7h30 para viajar até Wittenham, e Rob saíra 15 minutos antes para apanhar um comboio em Oxford, que o levaria até à cidade vizinha de Reading.

Reconstituição: “Rob” ao telemóvel, com um ar ansioso, a andar de um lado para outro.

NARRADOR

Às 11h15, durante uma pausa na sua reunião, Rob tenta ligar a Hannah, mas ela não atende. Por isso, só quando chega a casa, a meio da tarde, é que percebe que algo se passa. O *voicemail* de casa tinha uma mensagem do *cameraman* de Hannah, com quem ela ficara de se encontrar no local, a querer saber porque não aparecera. Rob tenta de novo o telemóvel da mulher, e quando ela continua sem atender, decide ligar à polícia. Mal sabia ele que o filho Toby já tinha sido encontrado. Sozinho.

Reconstituição: Carrinho de bebé e brinquedo caído na vegetação rasteira.

NARRADOR

Um homem que se encontrava a caminhar reparou no carrinho de bebé vazio no Money Pitt por volta das 9h30, mas ainda levou uma hora até Toby ser encontrado, escondido na vegetação rasteira, aterrorizado, a agarrar o seu passarinho de plástico.

Imagens da BBC: Mini Clubman nos Wittenham Clumps, com presença policial e fitas de cena de crime.

NARRADOR

Foi montada uma extensa busca, mas não foram encontrados vestígios de Hannah. A polícia não tem nenhuma pista.

Entrevista: Pano de fundo – interior.

SUPERINTENDENTE ALASTAIR OSBOURNE, DA POLÍCIA DE THAMES VALLEY

Não foram encontrados quaisquer elementos de prova forenses que indiciem o que possa ter acontecido à Hannah. Foram feitas extensas investigações em toda a área de Wittenham e, ainda que várias pessoas garantam que viram a Hannah e o Toby esta manhã, continuamos longe de descobrir o que terá acontecido.

Reconstituição: Grande plano de ecrãs de computadores e ficheiros.

NARRADOR

Rob Gardiner foi rapidamente excluído como potencial suspeito, e a polícia voltou as atenções para quem quer que pudesse ter um motivo para prejudicar Hannah. Depois de analisado o seu portátil, foram encontradas provas de que ela se preparava para denunciar transações financeiras suspeitas por parte da MDJ Property Developments. A polícia inquiriu Malcolm Jervis, que provou ter um álibi incontornável: atrasou-se nessa manhã, chegando a Wittenham apenas às 9h45.

Reconstituição: feed do Twitter.

NARRADOR

Entretanto, muita especulação correu pelas redes sociais, sugerindo que Hannah teria sido assassinada na sequência de um qualquer ritual satânico, associado aos Clumps. A polícia emitiu vários comunicados, nos quais negava qualquer indício de motivações ocultas, mas isso não acabou com os rumores.

Imagens da BBC captadas no acampamento dos manifestantes: tendas, pessoas acorrentadas a árvores, cães no meio do lixo, crianças pequenas a correr nuas.

NARRADOR

Neste ambiente febril, as atenções começaram inevitavelmente a concentrar-se no acampamento de manifestantes, agora ocupado também por centenas de viajantes da Nova Era, que acorreram ao local para celebrarem a véspera do Solstício de Verão.

E, ao que parece, existia mesmo uma ligação ao acampamento, só que não aquela que *bloggers* e ativistas do Twitter tinham vindo a sugerir.

Entrevista: Plano de fundo – interior

SUPERINTENDENTE ALASTAIR OSBOURNE,
DA POLÍCIA DE THAMES VALLEY

Três meses após o desaparecimento de Hannah, foi detido um homem, Reginald Shore, por tentativa de assédio sexual a uma jovem de Warwick. A polícia procedeu a buscas em sua casa e encontrou uma pulseira idêntica à que Hannah Gardiner usava quando desapareceu.

Testes de ADN provaram subsequentemente que efetivamente lhe pertencia, e no interrogatório seguinte, Shore admitiu ter estado no acampamento de Wittenham no verão. Em inquirições posteriores, testemunhas corroboraram que ele abordou Hannah quando ela visitou o acampamento, em finais de maio.

Plano da pulseira.

NARRADOR

Shore afirmou ter encontrado a pulseira no acampamento, mas negou saber a quem pertencia. O Ministério Público teve presente o elemento de prova, mas concluiu que o processo contra Shore não era suficientemente forte para o conduzir à presença de um júri, sobretudo devido à ausência de um corpo.

Foto de cadastro de Reginald Shore.

NARRADOR

Shore acabou por ser condenado pela tentativa de assédio sexual à segunda jovem, tendo sido punido com uma pena de prisão efetiva de três anos. A família revoltou-se contra esta pesada sentença, alegando ter sido influenciada pela publicidade mediática que envolveu o caso Hannah Gardiner. No fim de contas, Shore cumpriu apenas menos de um ano da

pena, ao ser-lhe diagnosticado, em 2016, um cancro de pulmão em estado terminal, tendo sido libertado por motivos puramente compassivos.

Hannah Gardiner nunca foi encontrada.

Será que alguma vez saberemos o que realmente aconteceu?

Algum dia os Clumps revelarão o seu segredo?

Plano dos Wittenham Clumps banhados pela luz do luar.

Imagem fixa.

Fim

– Então, chefe? Diga-nos algo que a imprensa não tenha descoberto, na altura – diz-me o Quinn.

Ponho o DVD em pausa e volto-me para a equipa:

– Suspeitou-se que o Toby tinha, de alguma maneira, conseguido sair do carrinho e gatinhado até aos arbustos. Daí ter levado tanto tempo até ser encontrado. E tinha um ferimento na cabeça, mas não conseguimos concluir se foi resultado de uma pancada ou apenas de uma queda. Mas nunca demos essa informação à imprensa.

Faz-se silêncio. Estão todos a visualizar a cena, a imaginar o que poderá ter acontecido. Mas eu não preciso. Estava lá quando o encontraram. Ainda consigo ouvir os gritos dele.

– E o miúdo não disse nada? – pergunta um dos agentes. – Não se lembrava do que se passou?

Abano a cabeça:

– Ele ainda nem 3 anos tinha, e com um hematoma na cabeça, imaginem. ... Ficou completamente traumatizado. Nada do que disse fez algum sentido.

– Quer dizer que ainda não temos uma ideia de como é que ele foi parar àquele local?

– A nossa teoria foi que a Hannah o levou a dar um passeio por lá, depois de receber a SMS do assistente do Jervis a dizer que ele estava atrasado.

Eu costumava fazer o mesmo com o Jake, quando ele tinha essa idade. Quando o sentia particularmente irrequieto ou quando acordava de um pesadelo e não conseguia voltar a adormecer. Adorava o movimento do carrinho, e eu percorria as ruas do bairro, completamente desertas a meio da noite. Só ele, eu e o velho gato curioso do vizinho.

Mas afasto rapidamente essa memória.

– E está mesmo confirmado que ela recebeu essa SMS, certo? – pergunta o Quinn, e com toda a pertinência.

– Bom – intervém Gislingham –, sabemos que a mensagem foi enviada, mas como nunca encontrámos o telemóvel dela, não tivemos como saber se a chegou a ler. – Solta um suspiro: – Para ser franco, tudo aquilo foi um verdadeiro pesadelo. Apareceram logo os lunáticos do costume, como podem imaginar... Médiuns, espíritas, enfim, o pacote completo. Houve até uma velha maluca que deu uma entrevista ao *Oxford Mail* a dizer que a pulseira era um símbolo pagão, uma estrela com três pontas ou algo do género. Lembro-me que não parava de insistir que o número três era a solução para o caso e, vai-se a ver, parece que tinha razão... – Falha-lhe a voz ao olhar para a fotografia da casa. – Porra, tinha logo de ser no raio do 33!

– Houve outra coisa que não comunicámos à imprensa – prossigo. – A vida da família Gardiner não era assim tão idílica quanto a reportagem televisiva fez parecer.

– Eu lembro-me – reforça Gislingham. – Havia imensos problemas com a ex do Rob, que, como é óbvio, culpava a Hannah pelo fim do relacionamento. Houve imenso lavar de roupa suja no Facebook.

– E ela tinha álibi? – quer saber o Quinn.

– Quem, a ex? – pergunto. – Sim, tinha. Nesse dia, estava em Manchester. Felizmente para ela, pois de outra forma ter-lhe-íamos caído em cima.

Gislingham parece pensativo:

– Ao rever este vídeo, depois deste tempo todo, o que mais me desperta a atenção é a Beth Dyer. Não foi ela que deu uma entrevista em que lançou fortes suspeitas de que o Rob andava a ter um caso extraconjugal?

– Sim, foi. Mas não tinha provas, mencionou apenas «atitudes estranhas» da parte dele ou «como se tivesse algo a esconder». Lembro-me de termos verificado e não encontrámos sequer chamadas telefónicas por explicar, para além de que o álibi dele era fortíssimo. Apanhou o comboio que saiu de Oxford às 7h57 – e nós sabíamos que a Hannah estava viva às 6h50, porque ligou dum telefone fixo e deixou uma mensagem no *voicemail* da *babysitter*.

Era impossível o Rob matar a mulher, levar o corpo no carro até Wittenham, deixá-lo lá e regressar a Oxford a tempo de apanhar o comboio.

– Mas seja como for – intervém o Quinn –, mesmo que o Rob ou a ex tivessem um motivo para se livrarem da Hannah, havia sempre o bebé.

– Precisamente. Foi essa a conclusão a que o Osbourne chegou. Mesmo que os *timings* batessem certo, era difícil imaginar o Rob a deixar o próprio filho sozinho e abandonado naqueles campos.

– Quer dizer que tudo apontava para o Shore? – pergunta o Quinn.

Faz-se uma pausa. Estão todos a olhar para mim – à espera de me ouvirem dizer que fizemos os possíveis para que não restassem dúvidas e podermos fechar o caso, mas a procuradoria não quis avançar. Que continuamos a acreditar que apanhamos o homem certo.

Mas não digo.

– Ou será – insiste o Quinn – que, na altura, o chefe também teve dúvidas?

Olho de novo para o ecrã – em pausa num plano dos Clumps. Pássaros negros sobre um céu azul pálido.

– Nesse dia, entrevistámos toda a gente presente na manifestação do acampamento. Ninguém disse ter visto o Shore, até o nome dele aparecer

relacionado com o caso de assédio em Warwick, e isso foi meses depois.

- Isso não prova que ele não esteve lá.

- Não, mas também não prova que esteve, pelo menos de forma clara. Ele alegou que estava a quilómetros de distância na altura, mas não apresentou qualquer testemunha que o corroborasse.

O que sabemos é que ele esteve no acampamento nesse verão e que a pulseira que encontrámos em casa dele era inequivocamente da Hannah, mas...

- O chefe não acredita que tenha sido ele. – O Gislingham acaba a frase por mim.

- O Osbourne, que estava encarregado do processo, convenceu-se de que ele era culpado.

Novo silêncio. Al Osbourne, atualmente reformado, era uma das lendas de Thames Valley. Um polícia fabuloso, e um tipo porreiro – e, acreditem, estas duas características nem sempre combinam. Muita gente aqui lhe deve uma oportunidade crucial nas respetivas carreiras, eu incluído. Além disso, apesar de nunca termos condenado o Shore pelo desaparecimento da Hannah Gardiner, houve sempre um entendimento tácito de que o caso ficou encerrado. Reabri-lo agora levantaria certamente muitas ondas.

Respiro fundo antes de falar:

- Ouçam, para ser completamente honesto convosco, tive realmente as minhas dúvidas relativamente ao Shore. Nunca observei nele características de assassino, e a verdade é que este crime foi extremamente organizado. Não digo que tenha sido planeado, a Hannah pode perfeitamente ter sido uma vítima meramente fortuita. Mas não foi deixada uma única ponta solta, é um facto. Nenhuma evidência forense, zero de ADN. Nada. E não me parece que o Shore fosse capaz disso. Não era suficientemente inteligente, por isso é que o apanhámos em Warwick. Mas sempre achei que nos estava a falhar alguma coisa – algum facto ou pista que negligenciámos ou não detetámos. Só que

nunca percebemos o quê.

– Até agora – diz Gislingham, quase num murmúrio.

– Pois – concordo, olhando novamente para o ecrã. – Porque essa foi a única possibilidade que nunca considerámos. A de a Hannah nunca ter saído de Oxford. Que o que quer que lhe tenha acontecido, tenha sido aqui.

– Mas nesse caso, como raio é que...

– Eu sei. Como raio é que o Toby apareceu nos Wittenham Clumps?

– Pois – diz o Quinn, quebrando o silêncio. – Vou já avisar o gabinete de imprensa. Porque se nós estabelecemos a ligação com o caso Gardiner, em breve algum jornalista espertalhão também o fará. Temos de nos adiantar, malta.

– Tarde de mais – solta Gislingham olhando para o telemóvel com expressão sombria. – Também já lá chegaram.

* * *

A jovem abre a janela e inspira profundamente a brisa fresca. A madressilva que trepa pela parede já está em flor. Atrás dela, ouve a voz do rapazinho a conversar com o urso de peluche enquanto lancha e, em fundo, o som das notícias da tarde na televisão da cozinha. Ao longe, a voz de um homem a falar animadamente ao telefone.

– Pippa! – chama o menino. – Anda ver a televisão! É aquela casa com as bicicletas todas lá fora!

A jovem volta à cozinha, apanha distraidamente um panda de peluche do chão e junta-se ao rapazinho que está sentado à mesa. A televisão mostra um jornalista parado diante da fita policial de segurança, a gesticular para alguém que não vemos, incentivando-o a aproximar-se. O plano abre para mostrar vários carros da polícia com as luzes acesas e uma ambulância. No rodapé pode ler-se, em letras gordas e chamativas: *última hora Caso da rapariga da*

cave de Oxford: novas pistas apontam para ligação ao caso Hannah Gardiner.

Não, pensa ela, por favor, não! Não agora que finalmente tudo parece estar a compor-se. Dá um abraço ao menino e beija-lhe a cabeça, inspirando o cheirinho a champô de maçã.

– Dizemos ao papá? – questiona a criança, voltando-se para olhar para ela. Tem uma cicatriz arroxeadada na têmpora.

– Não, Toby – responde a jovem, uma expressão ansiosa no rosto. – Ainda não. Não vamos incomodá-lo. Ele está feliz onde está.

* * *

Oxford Mail

1 de maio de 2017

OXFORD TEM O SEU PRÓPRIO «CASO FRITZL»: COMO PODE TER ACONTECIDO CÁ?

Por Mark Leverton

Os habitantes de North Oxford ainda estão em choque perante a descoberta, durante a manhã, de uma jovem e um bebé trancados na cave de uma casa em Frampton Road. Ainda não é claro quanto tempo ali estiveram, mas são inevitáveis as comparações ao infame «Caso Fritzl», no qual um homem austríaco aprisionou a própria filha de 24 anos na cave de sua casa, tendo-a violado reiteradamente, o que resultou no nascimento de sete crianças. Elizabeth Fritzl só foi descoberta porque um dos seus filhos adoeceu gravemente. Joseph Fritzl construiu uma sofisticada prisão subterrânea para a filha, numa sucessão de oito portas trancadas, mas não há relatos de que algo semelhante tenha sido edificado em Frampton Road.

Muitos dos residentes do bairro perguntam-se agora como foi possível a

rapariga ter-se mantido escondida naquela cave sem que alguém desse por isso.

«É horrível», afirmou Sallie Browne, que vive ali perto com três filhos. «Como é possível que alguém faça uma coisa dessas e ninguém se aperceba? Até havia um assistente social, ou lá o que era, que visitava aquela casa regularmente... Como é que ele não deu por nada?»

Outros residentes questionam ainda a competência dos Serviços Sociais, e também isso ecoa tragicamente o caso Fritzl, em que vários assistentes sociais visitaram a casa ao longo dos anos sem suspeitaram de nada, apesar de o próprio Fritzl alegar ter descoberto três dos bebés da sua filha «deixados» nos degraus da entrada.

O proprietário da casa de Frampton Road já foi identificado como Sr. William Harper, um idoso que vive sozinho. Ninguém com quem falámos tem qualquer tipo de relação com o Sr. Harper, ainda que, alegadamente, tenha sido visto a ser levado de casa pela polícia, esta manhã.

Nem a Polícia de Thames Valley nem os Serviços Sociais locais fizeram até agora qualquer declaração. A jovem e o bebé estarão internados no Hospital John Radcliffe, para receberem os devidos cuidados médicos.

Vive em Frampton Road ou sabe alguma coisa sobre este caso? Se sim, gostaríamos que partilhasse connosco – através de e-mail ou de um tweet.

154 comentários

VinegarJim1955

É isto que os cortes dos 'tories'⁶ nos fazem. Não há dinheiro para serviços sociais adequados.

RickeyMooney

Não me espanta que ninguém tenha visto nada – esta gentalha daqui está-se

pouco a lixar para os outros.

MistySong

Isto é simplesmente horrível – nem acredito que tenha acontecido num bairro tão sossegado. Faz-nos ficar preocupados com as estudantes que vivem sozinhas.

VinegarJim1955

Mas ela não era estudante, pois não? Não podia ser, se fosse, tinham começado a procurá-la no segundo em que desapareceu e estava tudo nos jornais. Mete-me nojo.

Fateregretful77

Já fui assistente social e conheço bem a pressão sobre a qual se trabalha hoje em dia. Não há tempo para acompanhar devidamente as pessoas. E também já tive de lidar várias vezes com a Polícia de Thames Valley e creio que fazem um excelente trabalho. Verifiquem os factos antes de desatarem a acusar as pessoas.

* * *

Terça-feira, 8h45. Quem me abre a porta é uma jovem de blusa branca e saia de algodão. Transmite-me de imediato a sensação de «frescura» e «leveza» e, por contraste, sinto-me subitamente estafado e pouco limpo. Acontece-me frequentemente nos últimos tempos.

– Sim?

– Bom dia, sou o Inspetor-Chefe Adam Fawley, da Polícia de Thames Valley, e este é o meu colega, o inspetor Gislingham. O Sr. Gardiner está?

A cara dela diz tudo:

– Oh, meu Deus, é por causa da Hannah, não é? – Leva as mãos à boca: – Ontem, quando vi as notícias, soube logo que...

Gislingham e eu trocamos um olhar:

– E a senhora é...

– Pippa. Pippa Walker. Sou a *babysitter*.

Subitamente, lembro-me dela. Nunca cheguei a conhecê-la durante a investigação, mas fixei-lhe o nome.

– Conhecia a Hannah, certo? Já era *babysitter* deles na altura?

Ela assente, os olhos marejados de lágrimas:

– Ela era tão simpática comigo... Estou sempre a pensar no que aconteceu. Se eu não estivesse tão doente naquele dia, ela não teria levado o Toby e tudo podia ter sido diferente.

– Podemos entrar?

– Sim, claro, desculpem... É por aqui.

Seguimo-la pelo corredor até à sala. O sol brilha através das enormes janelas com vista para a praça. As paredes amarelo-claro transmitem frescura. Mais janelas atrás, que dão para o jardim. Gravuras em molduras pretas ou brancas. Brinquedos a cada canto, peluches, carrinhos, um comboio elétrico. E fotografias por cima da lareira. A Hannah com o Toby, o Rob com o Toby num triciclo, os três numa praia qualquer. Sol e felicidade.

– Não liguem à desarrumação – diz a jovem, apanhando brinquedos aqui e ali. – O Rob está no escritório, vou chamá-lo.

Assim que ela sai, dirijo-me a uma das janelas de trás e olho para as traseiras de Frampton Road. Através das árvores, é bem visível o telhado do barracão do William Harper. Veem-se uns quantos pássaros pretos e grandes a debicarem qualquer coisa morta na erva alta, e quatro gralhas observam a cena do ramo de uma árvore, mais parecendo um quarteto unido de bandidos com olhares assassinos. Quando eu era miúdo, lá aparecia uma ou outra de vez em quando, mas atualmente as sacanas estão por todo o lado.

– Credo – solta Gislingham, tirando um gato de peluche de uma cadeira para se sentar. – Esta casa transpira memórias...

Sorri e subitamente apercebe-se de que pode ter sido inconveniente. Toda a gente faz isso. Ninguém sabe o que dizer aos pais de uma criança morta. E eu, de toda a gente, devia saber lidar melhor do que ninguém com este tipo de

situações, mas estranhamente isso nunca acontece.

– Encontraram-na, não foi?

O Rob Gardiner surge à entrada da sala. Está branco como um fantasma. Mudou bastante desde a última vez que o vi. Usava o cabelo louro cortado curto, mas agora está comprido, apanhado num rabo de cavalo, e tem uma daquelas barbas que invadem o pescoço todo. Creio que para esta malta nova, ligada às tecnologias, a coisa até passa, mas se a minha mulher aqui estivesse, estaria certamente a fazer uma careta.

– Sr. Gardiner? Bom dia, Inspetor-Chefe Adam Fawley.

– Eu sei. Esteve cá na altura. Com aquele homem, o Osbourne.

– Não se quer sentar?

– A polícia só diz isso quando traz más notícias.

Entra na sala e eu faço-lhe sinal para se sentar. Ele hesita, mas depois senta-se no braço do sofá.

– E então? Encontraram-na, certo?

– Não. Não encontrámos a sua mulher.

– Mas têm uma pista nova, não é assim? Disseram nas notícias. Aquele velho, o que tinha a miúda na cave, o *novo Fritzl*.

A jovem aproxima-se dele e põe-lhe a mão no ombro, mas ele nem se apercebe do gesto. Um momento depois, move-se ligeiramente e ela retira a mão.

Decido que não vale a pena pôr-me com rodeios:

– Sim, estamos a investigar uma possível ligação com uma casa de Frampton Road.

O Gardiner levanta-se e vai até à janela:

– Credo, até consigo *ver* o raio da casa daqui... – Volta-se subitamente para mim: – Como é que nunca confrontaram este homem? Em 2015, quando ela desapareceu? Alguém o interrogou, na altura?

– Não tínhamos razões para isso. Tudo apontava para que a sua mulher

tivesse desaparecido em Wittenham. Não só por termos encontrado o Toby lá, mas também por não terem sido detetado qualquer vestígio de ADN ou de impressões de estranhos no carro.

– E aquelas pessoas todas que disseram que a viram? Estavam a inventar e a divertirem-se com isso? Há gente que faz esse tipo de coisas, não é verdade?

Abano a cabeça:

– Não, tenho a certeza de que não foi isso que aconteceu neste caso. Eu próprio falei com muitas das testemunhas.

Ele anda de um lado para o outro na sala, passa a mão pelo cabelo, até que se detém e vem rodear-me:

– Mas este velho que vocês prenderam agora... É mesmo ele? Foi esse sacana que levou a Hannah?

– Ainda estamos em fase de inquérito. Gostaria muito de lhe poder adiantar mais alguma coisa, a sério que sim, mas certamente compreenderá. Temos de ter certezas absolutas, e neste momento isso não acontece. E é precisamente por isso que aqui estamos. A sua mulher alguma vez referiu alguém chamado William Harper?

– É esse o nome dele, não é? Do velho?

– Ela conhecia alguém de Frampton Road?

Ele respira fundo antes de responder:

– Não, pelo menos que eu saiba.

– Pode tê-lo conhecido através da BBC? Talvez o tenha entrevistado na cobertura de um caso?

– Pois... Não sei, terei de verificar no portátil dela, mas o nome não me diz nada.

Há dois anos, também passámos o portátil dela a pente fino. Cada ficheiro, cada imagem, cada *e-mail*. Se houvesse alguma referência a Harper, creio que teríamos dado por isso. E vivendo ele tão perto, teríamos

certamente investigado. Seja como for, convém verificar.

– Ouça – diz o Gardiner –, não estou a ver nenhuma razão para ela ter estado em Frampton Road, a não ser para estacionar. Por vezes, é impossível arranjar lugar por aqui, e nessa rua é mais simples, porque as casas têm todas entradas para automóveis.

E de repente, faz-se luz. É isso mesmo! É essa a resposta. O facto que eu sempre pensei ter-nos passado despercebido.

– Lembra-se se ela estacionou o carro por lá nesse dia? – Tento não soar muito ansioso, mas pela expressão do Gislingham vejo que também ele lá chegou.

O Gardiner hesita:

– Não, não me lembro mesmo. Mas sei que nesse dia ela não estacionou por aqui. Quando chegou a casa, fui ajudá-la a trazer umas compras, mas... não tenho a certeza de onde estava o carro.

Começo a levantar-me, mas ele ainda não acabou.

– Mas então... este *perverso* leva mulheres e os filhos? Mulheres que têm crianças consigo? – Vejo a rapariga olhar para ele com expressão ansiosa. – É isso? É essa a *panca* dele? Porque nas notícias disseram que havia um bebé nessa cave. Um menino... como o meu Toby.

– Muito honestamente, Sr. Gardiner, não sabemos mesmo. É possível que a criança tenha nascido lá, mas a rapariga está ainda demasiado perturbada para falar connosco, por isso não sabemos o que realmente aconteceu.

Ele engole em seco e afasta o olhar.

– O seu filho está vivo – acrescento num tom suave. – Vivo e de boa saúde. E isso é o mais importante.

Quando já estamos de saída, o Gislingham pede para ir à casa de banho, e a rapariga trata de lhe indicar onde fica. O Gardiner e eu ficamos à porta, meio desconfortáveis, sem saber o que dizer. É ele que rompe o silêncio:

– Também estive à frente daquele outro caso, não estive? No ano

passado? Uma menina que desapareceu, Daisy qualquer coisa.

– Sim.

– E que também não teve um final feliz.

É uma declaração, não uma pergunta – e ainda bem.

– E o inspetor também tem um filho, se bem me recordo?

Desta vez, tenho mesmo de responder, mas a chegada do Gislingham salva a situação.

– Pronto, chefe – diz ele, ajeitando as calças

Volto-me para o Gardiner:

– Iremos certamente pô-lo a par das investigações, Sr. Gardiner. Por favor, não hesite em contactar-me se descobrir alguma referência ao Harper no computador da Hannah. E assim que nós tivermos...

– Quero vê-la – interrompe ele abruptamente. – Se a encontrarem, quero vê-la.

Eu não queria que ele pedisse isso. Rezava para que não o fizesse.

Abano a cabeça:

– Não me parece boa ideia. É melhor...

– Quero vê-la – repete ele, a voz embargada. – Ela era a minha *mulher*. – Luta para não desatar a chorar ali mesmo, à minha frente.

Aproximo-me ligeiramente dele:

– A sério... não faça isso. Recorde-a como ela era. Tem fotografias tão bonitas... Era o que Hannah gostaria que fizesse.

Olha-me fixamente e eu forço-o a perceber: *Não queiras ficar com essa imagem na tua cabeça! Jamais te esquecerás. Eu sei do que falo. Foi o que eu fiz. E não consigo tirá-la.*

Ele engole em seco e logo depois acaba por assentir. E vejo o profundo alívio no rosto da rapariga.

De regresso ao carro, o Gislingham prende o cinto de segurança e volta-se

para mim:

– O que achou? Ele anda com ela ou não?

Ligo o carro.

– Nem sequer sabemos se ela vive lá.

E seja como for, já lá vão dois anos. O desgraçado merece a oportunidade de seguir com a vida. Sei bem o quão difícil isso é. Separarmo-nos do passado sem o abandonar. Sem nos sentirmos culpados sempre que sorrimos.

Mas o Gislingham abana a cabeça:

– Bom, eu quase que aposto que se ela ainda não vive lá, deve estar para breve. Vê-se bem o interesse que tem por ele. E se quer que lhe diga, eu cá não a expulsaria da minha cama.

Meto a mudança:

– Não é suposto seres um homem casado e feliz?

– E sou – replica ele com um sorriso malandro. – Mas olhar não tira bocado, certo?

Assim que entramos em St. Aldate, verificamos que o Baxter trouxe um quadro novo para a Sala de Situação e dedica-se agora a transcrever cuidadosamente a fita de tempo das suas anotações.

6h50 Hannah deixa mensagem no voicemail da babysitter

7h20 Rob sai de bicicleta

7h30? Hannah sai de casa

7h55 SMS do assistente de Jarvis para Hannah, remarcando a reunião para as 9h30

7h57 O comboio de Rob parte de Oxford

8h35 A colega de apartamento da babysitter deixa mensagem a dizer que ela está doente

8h45-9h15 Avistamentos de Hannah e do carrinho de bebé em

Wittenham

8h46 Rob na estação de Reading (câmara de videovigilância)

9h30 Testemunha encontra carrinho de bebé vazio em Money

Pit

10h30 Toby Gardiner é encontrado

Assim que acaba, dá um passo atrás e põe a tampa no marcador.

– Muito bem – diz, voltando-se para o resto da equipa –, assumindo que ela nunca chegou a Wittenham, onde é que isso nos deixa?

– Com um enorme ponto de interrogação acerca de todos os supostos avistamentos – responde secamente o Quinn.

Também tenho estado a pensar nisso desde que saímos de Crescent Square; tantas testemunhas que quiseram falar, prestando-se a ajudar. E todas elas enganadas.

– Nesse dia, estavam lá centenas de pessoas – observa Baxter, enquanto folheia o registo das declarações das testemunhas. – Pais, filhos, cães... Podem perfeitamente ter confundido alguém com a Hannah, se vista de longe. Ninguém a viu de perto e ela não vestia nada de particularmente distintivo.

– Mas então... essa mulher de que nos falaram, seja ela quem for, porque não foi prestar declarações? – indaga o Quinn. – O caso foi destaque em toda a imprensa e correu a Internet semanas a fio, para lá dos quatro ou cinco apelos a testemunhas que fizemos. Se esteve lá uma mulher minimamente parecida com a Hannah, porque não contactou a polícia?

O Baxter não parece lá muito convencido.

– Podia ser turista ou estrangeira. Ou simplesmente alguém que não se quis envolver naquela confusão toda.

– Pessoalmente – digo eu –, estou mais interessado no cão que não ladrrou. Vejo a Erica Somer sorrir, mas os outros levam mais tempo a chegar lá.

– Ah – diz Everett, por fim. – Como naquele caso do Sherlock Holmes?

Aceno em concordância:

– Vejo mais facilmente alguém a confundir outra jovem com a Hannah. Para mim, o verdadeiro ponto de interrogação é o William Harper. Se ele atacou a Hannah em plena Frampton Road e depois largou o carro dela e o filho em Wittenham, não seria normal que alguém se lembrasse de o ter visto? Um velhote sozinho com um carrinho de bebé não é muito normal.

O Baxter continua a folhear as declarações:

– Uma das testemunhas referiu ter visto vários avós com netos, por isso é possível que ele não tenha despertado atenções. Além disso, nós só perguntámos às pessoas se tinham visto a Hannah, não *quem* é que viram.

– Exato – digo. – Por isso é que devemos voltar a falar com elas e perguntar-lhes se se lembram de terem visto alguém parecido com o Harper.

O Quinn concorda e anota qualquer coisa, e eu prossigo:

– Já vimos que o Gardiner não teria tempo para ir a Wittenham e voltar, se a Hannah ainda estava viva às 6h50, mas e o Harper? Poderia tê-lo feito?

Everett considera a questão:

– Se a Hannah saiu do apartamento às 7h30, teria encontrado o Harper às 7h45, não mais tarde do que isso. Ele pode ter inventado um pretexto para a atrair lá a casa e depois tê-la atacado à traição. E com ela inconsciente, bastava-lhe amarrá-la e deixá-la lá. Não lhe levaria muito tempo, creio que podia perfeitamente meter-se a caminho às 8h15 e chegar a Wittenham por volta das 8h45. Posto isto... sim, podia tê-lo feito.

– Ele ainda conduzia, na altura? – pergunta o Baxter. Não lhe escapa nada.

– Segundo o assistente social, sim.

– E como é que ele regressou a Oxford? Se já não tinha o carro...

– De autocarro? – lançou Gislingham, com um encolher de ombros. – Afinal de contas, tinha o dia todo, ninguém andava à procura dele. Não tinha

ninguém em casa que lhe perguntasse onde tinha estado. E todo o tempo do mundo para se livrar do corpo.

– Depois de ter feito o que quis com ela – continua Everett, num tom sombrio –, pode tê-la mantido viva dias e dias, sabemos lá nós.

– Mas continua a haver questões por explicar, certo Inspetor-Chefe? – pergunta-me a Somer. – No carro da Hannah não foi detetado ADN estranho. É possível que esse tal Harper tenha andado no carro sem deixar vestígios, mas sabemos que isso não é nada fácil.

Tem feito os trabalhos de casa. Começo a achar que devíamos pôr esta mulher no DIC.

– Um fato de macaco? – sugere o Gislingham. – Ou daqueles plásticos que as oficinas põem nos carros antes de os entregarem?

Volto-me para ele:

– Liga ao Challow e diz-lhe que precisamos de uma nova busca à casa de Frampton Road, desta vez para possível cadáver. E qualquer outra coisa que o Harper tenha usado para encobrir o seu rasto.

Enquanto a equipa começa a dispersar, dirijo-me ao Baxter.

– Quero que pesquises todos os casos por resolver relacionados com o desaparecimento de jovens mulheres e crianças pequenas nos últimos dez anos.

Apercebo-me de algum desagrado e vejo-lhe o cérebro a funcionar, mas não diz nada. Sabe bem quando manter a boca fechada – é uma das razões pelas quais gosto dele.

– Para começar, centra-te em Oxford e Birmingham, depois vai alargando o âmbito da pesquisa de 80 em 80 quilómetros. E depois volta atrás mais dez anos.

Ele assente:

– Quando fala em crianças, refere-se a rapazes e raparigas ou só rapazes?

Já estava mesmo a sair da sala, mas a pergunta faz-me parar. Volto-me para ele, ainda a pensar:

– Só rapazes. Para já.

* * *

Meia hora depois, estou a sentar-me na cadeira em frente ao Bryan Gow, e apercebo-me imediatamente de que estive a ler as notícias da manhã. Estamos num dos cafés interiores de Covered Market. Há muita gente a passar na rua à nossa frente, a parar para espreitar a loja especializada em cafés ou o expositor de postais na porta da loja ao lado. *Dig for Victory, Guinness is Good For You, Keep Calm and Carry On*. Meu Deus, como odeio essas coisas.

– Já me tinha perguntado quando é que me ias ligar – diz ele, dobrando o jornal. – Tiveste sorte em apanhar-me cá, amanhã tenho uma conferência em Aberdeen.

Dou por mim a pensar qual seria, a existir, o substantivo coletivo para os *profilers*. Um *composto*, talvez.

Vejo-o afastar o prato. Nunca conseguiu resistir a um pequeno-almoço inglês completo, sobretudo quando sou eu a pagar.

– Calculo que queiras falar sobre este tipo, o Harper?

A empregada pousa duas chávenas à nossa frente com tal brusquidão que entorna café nos pires.

– É um caso complicado – prossegue o Gow, pegando na colher e retirando um pacote de açúcar da taça. – O facto de ele ter Alzheimer vai dificultar bastante qualquer condenação. Mas calculo que já saibas isso.

– Não foi isso que me trouxe aqui. Quando encontrámos a rapariga, pareceu-nos bastante linear...

O Gow ergue um sobrolho, e logo de seguida volta a mexer o café.

– O que quis dizer é que a motivação nos pareceu relativamente linear. E de início assumimos que a criança nasceu naquela cave, como aconteceu na Áustria, no caso Josef Fritzl.

– A mulher que o Fritzl manteve cativa era sua filha, por isso esse caso é substancialmente diferente. Psicologicamente falando, claro. Mas já percebi que, afinal, já decidiram que não é assim tão linear, certo?

– Foi uma coisa que o marido da Hannah disse. Perguntou-me se o Harper tinha a *panca* de sequestrar jovens mulheres com os filhos. Se fora por isso que ele tinha a Hannah na mira. Só que, por qualquer motivo, à última hora decidiu largar o Toby, possivelmente para nos despistar. Mas, a ser verdade, isso estabeleceria uma linha-do-tempo completamente diferente no caso da cave. Nós assumimos que o rapazinho é filho do Harper, mas vamos supor que a rapariga foi raptada *com* o filho?

– Calculo que tenham requisitado exames de ADN?

Assinto com a cabeça.

– Sim. Este processo é um tanto mais complicado, mas sim.

O Gow pousa a colher, parecendo considerar a questão.

Ok... E entretanto, aquilo que queres saber é até que ponto é comum um predador sexual fazer isso: sequestrar uma jovem mãe que tenha consigo um filho pequeno.

Por cima do ombro do Gow, vejo uma família a observar a montra da loja de bolos. Dois rapazinhos louros têm os narizes esborrachados contra o vidro, e nota-se que a mãe está a tentar que eles decidam que bolo querem. O dragão de chocolate ou o Homem-Aranha vermelho ou a locomotiva de *Thomas e os Seus Amigos*. Foi nesta loja que mandámos fazer o bolo do 9.º aniversário do Jake. Um unicórnio com o chifre dourado. Ele adorava unicórnios.

– Nunca me passou um pelas mãos

Volto-me para o Gow, ainda com a mente cheia de unicórnios.

– Desculpa?

– Um predador sexual cujo alvo seja uma mãe com um filho. Diria que é inédito. Posso pesquisar na nossa base de ficheiros, mas não me consigo lembrar de um único caso. Quando uma mulher é sequestrada juntamente com um filho é porque a criança estava no local errado na hora errada. O alvo é sempre a *mulher*. E tu sabes tão bem quanto eu que muitos pedófilos são casados ou estão em relacionamentos duradouros, mas não sequestram mulheres. – Dá um gole no café antes de prosseguir: – Aliás, só me ocorre uma possibilidade para tal situação fazer algum sentido.

– Que é?

– Que não se trate do mesmo homem. Por outras palavras, que sejam dois predadores diferentes. Um deles pedófilo, o outro com transtorno de sadismo sexual. A partilharem o risco e a dividirem os despojos, por assim dizer.

Como dois abutres. Só a ideia é suficiente para nos fazer gelar o sangue. Mas a verdade é que muitos dos pontos de interrogação desapareceriam se o Harper tivesse um cúmplice. Também explicaria a razão pela qual nesse dia ninguém viu um velho sozinho com um carrinho de bebé. Na verdade, até pode significar que o Harper nunca esteve lá. A pessoa que abandonou o carrinho pode ter sido alguém completamente diferente. Alguém que passasse completamente despercebido. Sem nome. Sem rosto. Desconhecido.

O Gow pousa a chávena.

– Têm alguma prova de que mais alguém esteve nessa casa? Alguém de visita, mesmo que não vivesse lá?

O nome *Derek Ross* vem-me imediatamente à cabeça, mas esforço-me por ignorar.

– Até agora, não. A maioria dos vizinhos garante que nunca viram lá ninguém.

Ele estranha:

– Nessa zona de Oxford? Pois, aposto que não viram. Eu não levaria muito a sério esse tipo de testemunhos.

– Uma vizinha velhota insiste que alguém o ia visitar de vez em quando. Mas descartámos logo essa hipótese porque, segundo ela, trata-se do filho do Harper, e nós já confirmámos que ele não tem filhos.

O Gow volta a pegar na chávena:

– Se fosse a ti, verificava melhor. Esse velho maluco pode não estar tão gagá quanto quer fazer parecer.

* * *

Challow reuniu a sua equipa na cozinha.

– A nossa lista de coisas a fazer parece crescer a cada minuto. Por isso, espero que ninguém tenha um encontro escaldante marcado para mais logo. O DIC, na sua infinita sabedoria, suspeita agora que pode haver uma relação entre esta casa e o desaparecimento da Hannah Gardiner, em 2015. Por isso, enquanto não descartarmos completamente essa possibilidade, teremos de operar sob o pressuposto de que nos encontramos num cenário de homicídio. Ou de sepultamento. Ou ambos, na verdade.

Nina não contém um suspiro. Lembra-se bem do caso Hannah Gardiner. Foi ela que procedeu às recolhas forenses no automóvel. O pacote de rebuçados no porta-luvas, as nódoas de sumo na cadeirinha de bebé, os recibos de combustível amarrotados. Todos os resíduos de vida que se tornam tão insuportáveis de encontrar quando alguém morreu.

Challow continua a falar:

– Se procuramos uma sepultura, a cave é o primeiro local a descartar. É impossível partir aquele cimento todo sem ferramentas pesadas, além disso, não há quaisquer vestígios nesse sentido. Por isso, qual o local mais provável? O jardim?

– Na verdade, creio que não – intervém Nina. – É demasiado exposto, demasiado arriscado. Ninguém consegue escavar um buraco tão grande sem

que algum vizinho veja.

Dirige-se à cortina de contas e afasta-a, entrando no que, em tempos, terá sido uma estufa. O vidro interior está imundo e esverdeado, e a única coisa viva que ali existe é uma trepadeira a insinuar-se por entre as frestas dos caixilhos. As prateleiras estão cheias de vasos com nada dentro senão terra seca e raízes podres. Gerânios fossilizados. Um pequeno tomateiro amarelado. Cheira a mofo e a terra velha. O tapete de junco está negro de bolor e a desfazer-se aos bocados.

Nina vai até à janela e limpa com a manga uma rodela do vidro turvo, ficando momentaneamente a olhar para o jardim.

– O que é aquilo? – diz, apontando. – Aquele anexo, ou barracão, ou lá o que é.

Os dois homens juntam-se a ela. A relva do quintal dá pelos joelhos e está pejada de urtigas e azedas-bravas. Vê-se uma pilha de móveis de jardim de plástico branco, a maioria de pernas para o ar, e montículos de erva seca – provavelmente ali deixados por alguém que começou a cortar a vegetação e mudou de ideias. Ao fundo, junto à vedação, um velho barracão de tijolo, com alguns vidros partidos e o telhado praticamente todo coberto de hera.

– Estão a ver o mesmo que eu? – pergunta Nina.

E veem de modo ainda mais claro assim que lá chegam. O quintal é bem mais inclinado do que parecia, e o barracão está assente numa base elevada.

– Cá para mim – diz ela, enfiando a mão pelo vidro partido da porta para a destrancar –, ainda vamos descobrir um buraco debaixo destas tábuas.

No interior, veem-se prateleiras com latas de tinta, embalagens de herbicida e uma série de ferramentas de jardinagem ferrugentas. Debaixo do beiral de uma janela, um antigo ninho de vespas, amarelado e ressequido, e pendurado num prego da parede um velho fato de macaco cheio de nódoas.

Challow bate com um pé no chão e ouve-se claramente um som oco.

– E cá para mim – diz Challow, olhando para a colega –, tens toda a

razão.

Ergue um canto do tapete. Levanta-se uma nuvem de pó e cascalho e dezenas de bichos-de-conta fogem em todas as direções.

– De vez em quando – continua ele, erguendo o olhar para os colegas –, a malta até tem sorte.

Trata-se de um alçapão.

* * *

– Pode vê-la agora, mas aviso-a já que provavelmente não lhe servirá de muito.

A enfermeira abre a porta da Ala de Recuperação para deixar Everett entrar, e seguem ambas pelo corredor. Um velhote de andarilho, dois médicos com pranchetas, pósteres sobre higiene das mãos e alimentação saudável e como detetar os sinais de um AVC. O quarto fica mesmo no fim do corredor, e a rapariga está sentada na cama, vestida com uma bata de hospital. E pela primeira vez, o velho estereótipo confirma-se: o rosto dela é pouco mais escuro que o lençol que ela agarra junto ao peito. Parece, de certo modo, *descolorada*. Não apenas a pele, mas os olhos, e mesmo o cabelo. Como se estivesse revestida por uma fina camada de pó branco. E tem claros sinais de herpes labial.

Assim que vê Everett, recosta-se e arregala os olhos.

– Eu estarei lá fora – diz a enfermeira num tom suave, fechando a porta atrás dela.

Everett aguarda uns segundos e aponta para a cadeira.

– Importas-te que me sente?

A rapariga nada diz. Os olhos seguem a agente enquanto Everett afasta a cadeira da cama, acabando por se sentar. Estão agora afastadas cerca de dois metros.

– Podes dizer-me como te chamas? – pergunta-lhe docemente a inspetora.
A jovem mantém o silêncio, mas não tira os olhos dela.

– Sabemos que passaste por algo horrível. Só queremos saber o que aconteceu. Quem é que te fez isto.

Ela crava os dedos no lençol, as unhas partidas e imundas.

– Eu sei que deve ser muito difícil para ti, acredita. E a última coisa que quero é enervar-te ainda mais. Mas precisamos mesmo da tua ajuda.

A rapariga fecha os olhos.

– Lembras-te de como tudo aconteceu? Como acabaste naquele lugar?

Chegam as lágrimas. Escoando sob as pálpebras e correndo lentamente rosto abaixo.

Ficam ambas em silêncio por um momento, a ouvir o murmúrio do hospital à volta delas. Passos, vozes, o ruído metálico dos carrinhos. O zunido do elevador.

– Já fui ver o teu filhote – diz Everett, por fim. – Dizem que ele está muito bem.

Isto fá-la abrir os olhos.

– É um menino amoroso. Como se chama?

A jovem começa a abanar a cabeça, visivelmente aterrorizada, e segundos depois desata aos gritos e encolhe-se toda na cama. Entram duas enfermeiras a correr e Everett sai para o corredor, vendo-se do lado errado de uma porta fechada.

São precisos 20 minutos e uma injeção para finalmente conseguirem acalmar a rapariga. Everett está sentada numa cadeira do corredor quando o médico sai do quarto. Arrasta outra cadeira e senta-se ao lado dela.

– O que é que se passou ali? – interroga ela. – O que foi que eu fiz?

Ele respira fundo:

– O psiquiatra acredita que ela está a sofrer os efeitos de perturbação de

stress pós-traumático. Para ser franco, a mim espantava-me era se não sofresse. É bastante comum as pessoas nesta situação reprimirem a memória do que lhes aconteceu. No fundo, é o cérebro a entrar em modo sobrevivência. A encerrar algo que é demasiado doloroso de se lidar. Quando lhe perguntou pelo filho, no fundo forçou-a a confrontar-se com o que lhe aconteceu, e ela pura e simplesmente não foi capaz. Temo que ainda seja necessário deixar passar algum tempo até ela conseguir falar no assunto.

– Quanto tempo, tem ideia?

– Não há como saber. Horas, semanas... Tudo é possível.

Everett inclina-se para a frente e põe a cabeça entre as mãos:

– Caramba, consegui mesmo lixar tudo.

O médico olha para ela com expressão benevolente:

– As suas intenções eram as melhores, não se culpe dessa maneira.

Ela sente a mão dele no ombro, o seu calor através da camisa. E logo depois desaparece.

* * *

A cavidade sob o alçapão não tem mais de 60 centímetros de profundidade, e está cheia de terra e entulho. Challow deita-se no chão e enfia uma lanterna na abertura.

– Sim, há qualquer coisa aqui em baixo, sem dúvida. Nina, importas-te de espreitar tu? Eu sou demasiado grande para isto.

Soergue-se e fica de joelhos, enquanto vê Nina a deitar-se e a enfiar a cabeça pela abertura. Passa-lhe a lanterna e ela enfia-se ainda mais para o interior do alçapão.

– Cuidado com os ratos – diz-lhe Challow, em tom de brincadeira.

Nina faz uma careta: *agora é que avisas?*

Vira a lanterna de um lado para o outro, direita, esquerda, para baixo.

Ouve o ruído de patinhas a correr e vê o brilho de uns pequenos olhos no escuro. Subitamente, o feixe da lanterna incide em qualquer coisa a escassos centímetros da cara dela, fazendo-a sobressaltar-se. Algo preto e nítido e há muito falecido. De patas para cima e olhos cavernosos como um fantasma de Halloween. Nina respira fundo e tenta recompor-se. É só um pássaro morto, provavelmente um corvo.

Mas mais lá à frente, talvez a uns dois metros, a luz da lanterna mostra-lhe outra coisa.

Desta vez, não é um cadáver nem uma ossada. Algo tão assustador como um cobertor enrolado. O horror vive apenas na imaginação da agente. Naquilo que ela sabe que o cobertor esconde.

Engole em seco, a garganta seca, e não apenas do pó.

– Está aqui qualquer coisa – diz para os outros, elevando a voz. – Está selado com fita adesiva, mas o tamanho confere.

Rasteja para trás e soergue-se do alçapão.

– Acho que vamos ter de arrancar estas tábuas – observa, limpando as mãos ao fato.

– OK – concorda Challow, levantando-se. – E temos de as identificar à medida que as retirarmos. E de retirar impressões em toda esta área.

– E não será melhor chamarmos o patologista?

– Já vem a caminho.

* * *

Mark Sexton está no seu escritório de Canary Wharf⁷, ao telefone com o seu advogado. Treze andares abaixo, o Tamisa corre calmamente até ao mar, e cinco quilómetros mais a oeste, o Shard⁸ cintila sob a luz do sol. A um canto do gabinete, o ecrã de televisão está sem som, mas Sexton está atento às notícias do rodapé. E sobretudo às imagens de Frampton House. Não

apenas da casa em questão, mas da casa ao lado, a *sua* casa.

– Não posso acreditar que *ainda* não sabem nada, porra! Quer dizer, quanto tempo é que a porra de uma pesquisa forense pode durar?

O advogado parece vacilar:

– Bom... não é propriamente a minha área, mas posso tentar saber junto de um colega meu de Direito Criminal.

– Não pode parar de chatear a cabeça daquela corja de chuis de Thames Valley. A equipa de construção civil já me avisou que se não retomarem os trabalhos até ao final da semana, das duas, uma: ou terei de lhes pagar para roçarem o cu pelas paredes, ou começam noutra obra. E já se sabe o que isso significa, deixo de os ver durante seis semanas, no mínimo.

– Sim, mas não creio que pressionar a polícia dê resultado.

– Chateie-os na mesma. Não é para isso que eu lhe pago?

Sexton desliga o telefone, claramente irritado, e fixa-se na emissão. Pelos vistos, estão a fazer uma reposição do caso do desaparecimento da Hannah Gardiner; uma médium de cabelo longo e quebradiço relembra o mundo como previu que o número três representaria a solução para o caso, enquanto no rodapé correm frases sensacionalistas: *Terá a rapariga sido raptada por seguidores do culto satânico? O mistério do solstício de verão adensa-se, enquanto a polícia continua a negar indícios de ritos pagãos. Bebé encontrado junto a local onde ocorreu ritual de sacrifício humano.*

Sexton põe a cabeça entre as mãos: *só me faltava esta merda.*

* * *

– Achámos que era melhor esperar por si antes de abrir aquele *presente* – diz o patologista. – E nem sequer é o seu aniversário, já viu?

Chama-se Colin Boddie. E, sim, eu sei que não tem piada. Mas a verdade é que tem. Ele já ouviu tantas e tão variadas graçolas, que acabou por

desenvolver o seu próprio humor patológico para lhes poder dar resposta. Para quem não o conhece, pode soar grosseiro, mas no fundo é apenas uma espécie de carapaça. Uma forma de manter o horror à distância. E o que eles têm aqui – não obstante a luz do dia e todo o agitado aparato profissional – continua a ser o pior dos piores pesadelos.

Quando descemos o jardim, vemos vizinhos à janela, de ambos os lados da rua. E já houve um sacana qualquer que publicou uma foto no Twitter.

O barracão tem um enorme buraco no chão. E à volta dele, nós. A equipa forense, o Gislingham, o Quinn e agora eu. O Boddie baixa-se ligeiramente e corta a fita adesiva já a desfazer-se, seguindo-se o cobertor bolorento e esburacado. Primeiro de um lado, depois do outro. Todos sabemos aquilo que nos espera, mas não deixa de ser um murro no estômago. Está deitado de barriga para baixo, por isso não lhe vemos o rosto. Graças a Deus por isso. Mas o que vemos não é melhor: fiapos de pele vermelhos e verdes colados à caixa torácica.

As mãos em garra. As partes posteriores das pernas reduzidas a ossos ratados e esbranquiçados.

– Como podem ver, ocorreu uma mumificação parcial do cadáver – informa-nos o Boddie. – O que não surpreende, pois o corpo estava bem acondicionado e terá havido ventilação debaixo deste chão. No entanto, parece que o extremo posterior do cobertor não ficou bem selado, já que falta ao corpo a maioria dos ossos mais pequenos dos pés e tornozelos. Terá sido o repasto das ratazanas. Existem claros indícios de uma infestação de roedores em toda esta área.

Vejo o Quinn esboçar uma careta de desgosto.

– O cadáver é inequivocamente feminino – prossegue o médico-legista. – E como podem ver, boa parte do cabelo permanece intacta. – Inclina-se para olhar mais de perto, afastando as madeixas embaraçadas com uma caneta. – Quanto à causa de morte, posso concluir ter existido um traumatismo severo

no osso parietal. Mas terei de a pôr na marquesa para ter a certeza.

– E ela poderá ter sobrevivido a um golpe desses? – quer saber o Gislingham, pálido como a cal.

O Boddie considera a questão:

– Bom, teria de ter ficado inconsciente, isso sem dúvida. Mas possivelmente não morreu de imediato. Reparem... – Volta a baixar-se e aponta para algo em redor dos pulsos descolorados: – Creio que se trata de abraçadeiras de cabo. Ora, isso pode sugerir que ela morreu algum tempo depois da pancada inicial.

Lembro-me do que a Everett disse sobre a hipótese de o Harper a ter amarrado e deixado lá enquanto foi largar o carro e o filho dela. Porque a queria viva quando voltasse. Para aquilo que lhe queria fazer.

– Existe forma de saber quanto tempo é que ela sobreviveu?

O patologista abana a cabeça:

– Duvido. Podem ter sido horas. Dias, até.

– Meu Deus – sussurra o Gislingham.

O Boddie endireita-se e continua com as suas conclusões:

– Existe bastante decomposição por baixo do cadáver, mas tenho quase a certeza de que ela não terá morrido aqui. Neste cobertor, quero dizer. Teria de existir uma enorme poça de sangue e tecido cerebral.

Por vezes, gostava que o Boddie não fosse tão gráfico.

– Ah, e outra coisa: ela estava nua. Se tivesse sido embrulhada vestida, parte da roupa teria perdurado, mas não encontramos nada.

Desta vez, sou que fico pálido. Estamos todos a passar versões da mesma cena nas nossas cabeças. Acordar com as mãos atadas. Despida. Num sofrimento atroz. A saber que seria apenas uma questão de tempo.

– Quais terão sido as motivações do assassino? Meramente sexuais?

– Ou isso, ou queria humilhá-la. Seja como for, tratou-se de uma obra absolutamente hedionda.

Como se não soubéssemos.

– Está feito – diz vigorosamente o Challow. – Logo que vocês desocupem a área, trazemos o fotógrafo de volta e tratamos de carregar esta tralha toda.

* * *

BBC News

Terça-feira, 2 de maio de 2017 | Última atualização às 15h23

Última hora: Encontrado cadáver na cave de North Oxford

A BBC soube que foi encontrado um cadáver na mesma casa de North Oxford onde uma jovem e uma criança pequena foram descobertas na manhã de ontem. Peritos forenses foram vistos a retirar restos mortais do jardim, que se suspeita pertencerem a uma mulher. Correm rumores de que as autoridades podem ter descoberto o corpo da jornalista da BBC, Hannah Gardiner, 27 anos, que desapareceu de Wittenham há dois anos, no Dia do Solstício de verão, e cujo filho de dois anos, Toby, foi posteriormente encontrado nas proximidades.

Hannah foi vista pela última vez pelo marido, Rob, no apartamento de Crescent Square onde viviam, na manhã de 24 de junho de 2015, minutos antes de esta sair para fazer uma reportagem num acampamento de manifestantes. O facto de o seu Mini Clubman ter aparecido num parque de estacionamento próximo, aliado aos vários alegados avistamentos e à descoberta de Toby Gardiner levaram, na altura, a polícia a concluir que a jovem desaparecera da zona de Wittenham.

Reginald Shore, um manifestante presente no acampamento, foi posteriormente detido devido a uma situação de assédio sexual ocorrida em Warwick, tendo sido exaustivamente interrogado acerca do desaparecimento de Hannah, sem que tenha sido deduzida qualquer acusação. O seu filho, Matthew, prepara-se para publicar um livro sobre este caso, e esta manhã disse-nos: «O meu pai foi vítima de uma caça às bruxas organizada pela polícia de Thames Valley, conduzida pelo Superintendente Alastair Osbourne. Aproveitamos a ocasião para renovar os apelos para que a infundada condenação do meu pai seja anulada e que o IPPC*

investigue a forma como o processo Hannah Gardiner foi conduzido. A família dela merece saber a verdade e, pessoalmente, tudo farei para me certificar de que isso acontecerá».

A Polícia de Thames Valley recusou-se a comentar estas declarações, mas garante que «a seu tempo» fará uma declaração. O Superintendente Osbourne reformou-se da Polícia em dezembro de 2015.

**Independent Police Complaints Commission*, organismo público independente, responsável pela supervisão das queixas apresentadas contra as forças policiais em Inglaterra e na Escócia. (N. da T.)

* * *

O Boddie liga-me às 20h00. Eu estava na dúvida entre ir para casa ou encomendar comida chinesa e ficar mais umas horas a trabalhar. Mas acabei na morgue do hospital. É o que acontece frequentemente neste tipo de trabalho. Ligo à Alex a avisá-la, e ela relembra-me que hoje tinha combinado ir jantar com um grupo de antigas colegas da faculdade. Por isso, seria sempre *take away* chinês comido na secretária.

São 20h45 quando estaciono no parque do hospital. Há nuvens cinzentas vindas de oeste e, quando estou mesmo a entrar, sinto os primeiros pingos de chuva.

Na morgue, vejo o corpo cuidadosamente deitado numa maca metálica.

– Já mandei alguns ossos para recolha de ADN – informa-me o Boddie, enquanto lava as mãos no lavatório. – E os peritos forenses já levaram o cobertor para análise.

– Novidades quanto à causa de morte?

O patologista dirige-se ao cadáver e aponta para uns entalhes no crânio:

– Houve sem dúvida dois golpes distintos. O primeiro atingiu-a aqui... e provavelmente deixou-a inconsciente. Depois, aqui nesta zona... Conseguir ver? O dano é bastante mais extenso. Terá sido o que a matou, e a arma era

seguramente pontiaguda. O primeiro golpe não causou grande hemorragia, mas o segundo, sim.

Acho que, afinal, vou dispensar a comida chinesa.

– Calculo que já tenham requisitado os registos dentários da Hannah Gardiner? – pergunta-me ele.

Assinto.

– Claro. E o Challow continua a fazer buscas na casa, mas até agora não encontraram mais nada.

– Sim, mas se ela morreu lá, ficarão certamente a saber.

Ouve-se o chicotear do vento lá fora, e uma chuvada forte bate contra a janela.

– Disse-me para vir sozinho – digo, um momento depois. – Porquê?

– Só reparei quando começámos a levantar os ossos. – Pega num pequeno tabuleiro metálico de cima de uma mesa de apoio. – Encontrei isto na parte inferior do crânio.

Um pedaço de plástico cinzento ressequido. Fita adesiva.

– Então... ela foi amordaçada.

Ele assente:

– Amarrada *e* amordaçada. Agora percebe porque lhe pedi que não trouxesse mais ninguém.

Pela minha expressão, vê que não percebo.

– Ora, Fawley, pense comigo: mãos amarradas, cara para baixo, crânio partido? Vai querer pensar cuidadosamente sobre o que irá partilhar com a imprensa. Porque eles vão perceber desde logo que a posição deste cadáver é completamente idêntica à das ossadas descobertas nos Wittenham Clumps.

– Porra.

– Pois é. E olhe que aquilo que aqui temos já é suficientemente hediondo; não precisamos de mais parangonas a gritar «sacrifício humano».

* * *

Chris Gislingham empurra a porta de casa com o pé; nas mãos carrega seis sacos de supermercado, três em cada uma. Fraldas, toalhitas, pó de talco – como é que uma criatura tão pequena e indefesa precisa de tanta coisa?

– Cheguei!

– Estamos aqui.

Gislingham larga os sacos na cozinha e vai até à sala, onde a mulher, Janet, está sentada no sofá com o filho ao colo, embalando-o suavemente. A expressão dela traduz simultaneamente cansaço e deslumbramento – algo a que o marido já se habituou nos últimos meses. Nenhum deles tem dormido grande coisa. Inclina-se para beijar o pequeno Billy e inspira-lhe o odor a talco e a bolacha. O bebé ergue os olhos para o pai, que lhe faz uma festa na cabeça, sentando-se no sofá ao lado da mulher.

– Que tal correu o dia? – pergunta-lhe.

– Aquela enfermeira muito simpática dos Serviços Sociais veio visitar-nos, não foi, Billy? E disse que tu crescestes imenso! – Planta um beijinho na testa do bebé, que estende uma pequena mão rechonchuda para lhe apanhar o cabelo.

– Pensei que tivessem ido às compras com a tua irmã. Não era hoje?

– O Billy estava um pouquinho ranhoso, por isso achei melhor não sairmos. Não vale a pena arriscar. Podemos perfeitamente ir noutra altura.

Gislingham faz um esforço para se lembrar da última vez que a mulher saiu de casa – e pergunta-se se será razão para preocupação.

– Mas vocês precisam de apanhar ar, querida – diz-lhe, tentando manter um tom despreocupado. – Que tal irmos dar pão aos patos, no fim de semana? Tu ias adorar, não é verdade, *Billy boy*? – Faz cócegas no queixo do filho, e a criança solta um arrulho divertido.

– Logo se vê. – É a resposta vaga de Janet. – Depende de como vai estar o

tempo.

– Por falar nisso, está um calor insuportável aqui dentro – comenta Gislingham, desapertando a gravata. – Não tínhamos desligado o aquecimento?

– Sim, mas achei que estava frio e voltei a ligá-lo.

Nem precisa de o dizer: *não vale a pena arriscar*. Depois de dez anos a tentarem, e de um bebé prematuro que quase terminou em tragédia, proteger Billy, manter Billy quentinho, controlar o peso e o comprimento de Billy, assim como todos os seus progressos, por ínfimos que sejam, tornou-se numa verdadeira obsessão para Janet. Não há espaço nem tempo para mais nada na vida dela – sobretudo no que diz respeito a cozinhar.

– Outra vez piza? – observa Gislingham, por fim.

– Está no frigorífico – responde-lhe Janet, num tom vago, ajustando ligeiramente a posição do bebé. – Podes pôr um biberão a aquecer, por favor?

Gislingham contém um suspiro e levanta-se, dirigindo-se para a cozinha. Praticamente tudo o que o frigorífico contém é esmagado ou processado, mas lá consegue desencantar uma caixa de piza, colada ao gelo da parte de trás. Mete-a no micro-ondas e liga o aquecedor de biberões. Cinco minutos depois, regressa à sala e depara-se com Janet, de olhos fechados e recostada no sofá.

Gislingham retira cuidadosamente o bebé do colo da mãe e encosta-o ao ombro:

– OK, *Billy boy* – sussurra ao filho –, que me dizes de tu e eu descontraírmos um bocado e bebermos um copo?

* * *

A Alex chega a casa à meia-noite. Presume que estou a dormir, uma vez que a sala está às escuras, por isso, e por uma fração de segundos, consigo vê-la com aquela expressão de quem acha que está sozinha. Larga a carteira e

dá uma olhadela ao espelho. É linda, a minha mulher; sempre foi. Não consegue entrar numa sala sem ser notada. O cabelo preto, aqueles olhos, por vezes violeta, por vezes turquesa, dependendo da luz. Com saltos é mais alta do que eu, o que não me preocupa minimamente, se querem saber. Só que nunca se achou bonita. E agora vejo-a levar as mãos ao rosto e alisar as rugas dos olhos, erguer o queixo, virar a cabeça, primeiro para um lado, depois para o outro. E deve ter-me visto através do espelho, – Adam! Caramba, assustaste-me! O que estás a fazer às escuras?

Pego no meu copo e bebo o que resta do Merlot.

– Estou a pensar.

Ela vem sentar-se junto a mim, no braço do sofá.

– Um dia complicado?

Assinto:

– Estou com o processo de Frampton Road.

– Ah, sim... – solta ela, assentindo lentamente. – Vi nas notícias. É assim tão mau como parece?

– Pior. Esta tarde, encontrámos um cadáver na casa. Pensamos que se trata da Hannah Gardiner. Mas a imprensa ainda não sabe disto.

– Que horror... Falaste com o marido dela?

– Ainda não, vou esperar pela identificação do corpo. Não quero que passe por um drama desses sem ter a certeza absoluta.

– Claro. E como está a rapariga?

– Segundo a Everett, ainda muito traumatizada. Continua sem falar. E nem parece saber o nome dela ou sequer que tem um filho. Só de olhar para ele, desata logo aos gritos.

Faz-se silêncio. A Alex baixa os olhos para as mãos. Sei o que está a pensar – conheço-a bem de mais. Como é possível alguém esquecer que tem um filho. Como é possível alguém que perdeu um filho não ansiar ter outro? Pergunto-me se voltará a puxar o assunto. A sua dor, a sua necessidade e

aquilo que ela crê ser a resposta.

Falo por cima das suas palavras tácitas.

– Que tal foi o teu jantar?

– Foi bom. Acabamos por ser só eu e a Emma.

– Acho que não a conheço.

– Não conheces. Eu já não a via há anos. Trabalha para o município, no pelouro do Acolhimento Familiar.

Já não está a olhar para mim.

– Ah, então arranja casas para crianças? Casas de acolhimento, adoções, essas coisas?

– Sim.

Continua sem olhar para mim.

Respiro fundo e vou direto ao assunto:

– Alex, não foi nenhum jantar de colegas da faculdade, pois não? Eras só tu e essa Emma.

Ela começa a brincar nervosamente com a alça da carteira.

– Ouve, eu... só lhe pedi alguma informação, mais nada. Saber o que é que isso envolve.

– Mesmo sabendo a minha opinião. Mesmo depois de termos combinado que...

Ergue finalmente os olhos para mim. Olhos marejados de lágrimas.

– Não *combinámos* coisa nenhuma. *Tu* é que combinaste. Sei o que sentes em relação a isso, mas... e eu? E aquilo que *eu* sinto? Enquanto tivemos o Jake, nunca fiz grande questão de ter mais filhos, mas depois de o perdermos... – Falha-lhe a voz e ela esforça-se por se recompor: – Quando o perdemos, tornou-se... insuportável. E não apenas por ele ter morrido, mas por parte de *mim* ter morrido também. A parte que era mãe, que pensava primeiro noutra pessoa. Quero isso de volta. Será que não entendes?

– É claro que entendo. Por quem me tomas?

– Então, porque é que te recusas sequer a pensar no assunto? A Emma falou-me nas crianças com quem lida diariamente, desesperadas por amor, pelo tipo de apoio e estabilidade que nós poderíamos dar se...

Levanto-me e levo o copo e a garrafa para a cozinha. Começo a encher a máquina da louça e, cinco minutos depois, vejo-a à porta, a observar-me.

– Tens medo de vires a amar outra criança mais do que amaste o Jake, é isso? Porque se for, eu percebo. Juro que percebo.

Apoio-me à bancada e olho-a fixamente:

– Não é nada disso. Sabes bem que não é.

Ela aproxima-se e põe-me timidamente a mão no braço, como se temesse ser rejeitada.

– A culpa não foi tua – diz-me docemente. – Lá por ele... ter morrido, não significa que éramos maus pais.

Quantas vezes eu lhe disse isto durante este último ano. Pergunto-me o que a levará agora a ter a necessidade de me lembrar.

Volto-me para ela e abraço-a com força, de modo a sentir-lhe o respirar, o bater do coração.

– Amo-te.

– Eu sei – sussurra-me.

– Quero dizer que *te* amo. E isso é suficiente. Não preciso de outro filho para... sei lá, para me sentir mais completo ou para ter um objetivo na vida. Tu, eu, o trabalho, isto... Para mim, é suficiente.

Mais tarde, deitado na cama, ouvindo-a respirar e olhando através das cortinas para o céu azul-escuro que ainda não perdeu a luz, pergunto-me se não terei mentido. Quando mais não seja por omissão. *Não quero* adotar uma criança, mas não porque o que tenho na vida seja suficiente. É apenas porque a ideia me aterroriza. É como apostar toda a nossa existência num gigantesco contentor de rifas, onde apenas uma sai premiada. O sangue fala sempre mais

alto do que a educação. Os meus pais nunca me disseram que não eram meus pais biológicos, mas eu sei, há muitos anos que sei. Descobri os papéis na secretária do meu pai quando tinha 10 anos. Tive de ir ver o significado de certas palavras, mas percebi tudo. E subitamente tudo pareceu encaixar-se. Não ser parecido com eles, não pensar como eles. Sentir-me desajustado na minha própria vida. E esperar, mês após mês, ano após ano pelo momento em que me iriam contar – até perceber que esse dia nunca chegaria. Se tentasse explicar isto à Alex, sei que ela me diria que jamais iríamos cometer o mesmo erro. Que seríamos modernos e de espírito aberto e verdadeiros. Que os padrões não têm forçosamente de se repetir. Que a maioria dos filhos adotados são felizes e bem resolvidos e fazem das suas vidas um sucesso. E talvez seja verdade. Ou talvez, tal como eu, não falem no assunto.

Quando acordo, às 7h00, estou sozinho na cama. A Alex já está na cozinha, vestida e arranjada, prestes a sair.

– Madrugaste?

– Tenho de ir deixar o carro à revisão – informa-me, fingindo estar ocupada com a máquina do café. – Já te esqueceste?

– Ah, pois. E queres que te vá buscar ao fim do dia?

– Não vais estar demasiado ocupado?

– Provavelmente, mas fica já combinado e, caso surja algum problema, mando-te um *e-mail*.

– Está bem. – Dirige-me um sorriso fugaz, planta-me um beijo na face e pega nas chaves. – Até logo, então.

* * *

– Ainda não temos identificação do corpo, parece que houve um atraso qualquer com os registos dentários. Não há vestígios de sangue no fato de

macaco encontrado no barracão, ainda assim foi pedido um teste de ADN. Mas provavelmente não vai dar em nada... Se o Harper vestiu algo do género para conduzir o carro da Hannah, ter-se-á livrado dela logo que pôde.

O Quinn está no meu gabinete a pôr-me a par do processo. Como de costume, não larga o *tablet*. Nem imagino como é que ele se safava antes de estas engenhocas existirem.

– A Ev voltou ao hospital. Ainda não sabemos nada do Jim Nichols. Provavelmente, foi de férias, mas continuamos a tentar. E o nosso estimado Diretor já me perguntou duas vezes quando é que podemos avançar com a conferência de imprensa. Disse-lhe que o chefe entrava em contacto com ele.

– Faz uma pausa, antes de prosseguir: – Sabia que o Matthew Shore anda a escrever um livro?

– Não. Mas também não esperava que ele nos informasse, certo?

– Já falou com o Osbourne?

Abano a cabeça:

– Ontem à noite liguei-lhe, mas foi parar ao *voicemail*.

– E não acha que vale a pena tentarmos falar com o Matthew Shore? Se ele anda a fazer a sua própria pesquisa, pode ter chegado a algum lado. Afinal, tem estado a passar tudo a pente fino bem mais recentemente do que nós e...

Agora conseguiu chatear-me:

– Ouve, Quinn, esquece lá isso. Acredita, se ele tivesse descoberto alguma coisa, nós já saberíamos. Esse tipo não presta, e se formos falar com ele agora, aposto que vai arranjar maneira de virar isso contra nós. Entendido?

Ele está novamente a olhar para o *tablet*, e eu forço-o a olhar para mim:

– Quinn, ouviste o que eu disse?

Ele olha-me de relance, depois de volta para o *tablet*.

– Claro. Não há problema...

Bom, isso deixa-nos apenas com o Harper. A advogada dele acabou de chegar e eu pedi ao agente de custódia para o trazer para a Sala de Entrevista Um.

Acabo o café e esboço uma careta; façam o que fizerem àquela máquina, o resultado nunca melhora.

– Encontra-me o Gis e pede-lhe que me acompanhe na entrevista, sim?

O Quinn olha-me de relance enquanto eu pego no casaco que estava nas costas da cadeira. Não o estou a castigar, mas não me importo que ele pense dessa forma. Por um dia ou dois.

* * *

*Entrevista com o Dr. William Harper, conduzida
nas instalações policiais de St. Aldate, Oxford
3 de maio de 2017, às 9h30*

*Presentes: Inspetor-Chefe A. Fawley, Inspetor C. Gislingham,
Sra. J. Reid (advogada), Sr. K. Eddings (técnico de Saúde
Mental)*

AF: Dr. Harper, sou o Inspetor-Chefe Adam Fawley e conduzo as investigações relacionadas com o sequestro da jovem e do bebé encontrados na sua cave na manhã de segunda-feira. O Sr. Eddings faz parte da equipa de Saúde Mental e Sra. Reid está aqui enquanto sua advogada. Estão ambos aqui para defenderem os seus interesses. Compreende?

WH: Não faço a porra de uma ideia do que estás para aí a falar.

AF: Está confuso quanto às funções da Mrs. Reid, é isso?

WH: Mas eu pareço-te algum imbecil? Sei muito bem o que

significa a palavra *advogada*.

AF: Então terá sido a outra coisa que referi, sobre a jovem e o bebé?

WH: Quantas vezes tenho de dizer? *Não sei nada acerca disso!*

AF: Está a dizer que nunca esteve uma jovem ou um bebé na sua cave?

WH: Se estiveram, nunca os vi.

AF: Então, como é que o senhor acha que eles lá foram parar?

WH: Não faço a mínima ideia, porra! Se calhar eram ciganos. Vivem que nem porcos. Para eles, uma cave seria provavelmente um luxo asiático.

AF: Dr. Harper, não há absolutamente nenhuma prova de que a jovem em questão pertença à comunidade cigana. E mesmo que pertencesse, como pode ela ter entrado na sua cave sem o seu conhecimento?

WH: Sei lá eu. Tu é que pareces ter as respostas todas.

AF: A porta de acesso à cave estava trancada pelo lado de fora.

WH: Que grande descoberta essa, hã? És cá de uma inteligência...

[pausa]

AF: Dr. Harper, ontem à tarde, elementos da equipa científica da Polícia de Thames Valley fizeram uma busca minuciosa a sua casa e encontraram um cadáver escondido debaixo do soalho do barracão do jardim. Uma mulher adulta. Sabe dizer-me como lá foi parar?

WH: Não faço ideia, pergunta seguinte.

JR: [intervindo]

O assunto é grave, Dr. Harper. Deve responder às perguntas do

inspetor.

WH: Vai-te lixar, vaca gorda.

[pausa]

AF: Sejamos claros. Está a dizer-nos que não tem como explicar o facto de ter um cadáver enterrado no chão do seu barracão ou como é que uma jovem e um bebé acabaram trancados na sua cave. É isso que nos quer fazer crer?

WH: Porque que é que te estás a repetir como um papagaio? És mentalmente retardado ou quê?

CG: *[exibindo uma fotografia]*

Dr. Harper, esta jovem que vê na foto chama-se Hannah Gardiner. Desapareceu há dois anos. Alguma vez a viu?

WH: *[afastando a fotografia]*

Não.

CG: *[exibindo uma segunda fotografia]*

E quanto a esta rapariga? Era a que estava na sua cave, a fotografia que lhe mostrei ontem.

WH: São todas iguais. Malditas vacas.

CG: Desculpe, está a dizer que a reconhece ou que não a reconhece?

WH: Vacas frígidas que estão mesmo a pedi-las. Como a puta da Priscilla. Eu disse-lhe logo: «Volta para de onde vieste, maldita vaca.»

KE: Lamento, Inspetor, mas creio que ele está de novo completamente confuso. A Priscilla era a mulher dele, que já morreu

AF: Por favor, Dr. Harper, olhe para as fotografias. Alguma vez viu estas jovens?

WH: *[a balançar-se para a frente e para trás]*

Malditas vacas. Putéfiás maldosas.

KE: Creio que é melhor ficarmos por aqui.

* * *

Enviado: quarta-feira 03/05/2017, 11h35

De: AlanChallowCSI@ThamesValley.police.uk

Para: DIAdamFawley@ThamesValley.police.uk,
CID@ThamesValley.police.uk,

CC: Colin.Boddie@ouh.nhs.uk

Assunto: Processo n.º JG2114/14R Gardiner, H

Serve o presente para confirmar que acabei de receber os registos dentários. O cadáver de Frampton Road pertence definitivamente a Hannah Gardiner.

* * *

– Adam? Fala Alastair Osbourne. Acabei de ver as notícias.

Mesmo tendo-lhe ligado primeiro, a verdade é que eu temia este telefonema.

– É ela, não é? A Hannah Gardiner?

– Sim, é. Lamento muito, senhor Superintendente.

Os velhos hábitos são difíceis de perder. Como o respeito.

– Calculo que esse tal Harper seja o principal suspeito? – pergunta-me de seguida. – *A menos e até que?*

A menos e até que. A menos e até que nós o descartemos. A menos e até que seja descoberto outro suspeito. Ou que aquele tal cúmplice não exista.

- Para já, sim.
 - Como está o Rob Gardiner a aguentar-se?
 - Tão bem como seria de prever. Quer dizer, ele já estaria à espera disto, mas não deixa de ser um choque.
- Faz-se silêncio do lado de lá.
- Devo-lhe um pedido de desculpas, Adam.
 - Não, senhor. Eu...
 - Devo, sim – insiste. – O Adam nunca ficou convencido acerca do Shore e queria alargar a linha de investigação para lá de Wittenham. E eu recusei esse pedido. Estava enganado. E agora tudo indica que este monstro voltou a fazer das suas e...
 - Se lhe serve de consolo, senhor Superintendente, aquela rapariga já podia estar sequestrada na cave do Harper muito antes de a Hannah morrer.

* * *

A meio do corredor, Everett já consegue ouvir a chinfrineira. Está na sala de brincar da Ala Pediátrica e a cada canto veem-se brinquedos e jogos e bonitos desenhos coloridos de girafas e elefantes e macacos. Mas agora, a parede do canto tem o que, à primeira vista, parece ser um fio de sangue a escorrer. O rapazinho está aos gritos no meio da sala. Um comboio de brincar em fanicos e três outras crianças encolhidas atrás de cadeiras, a chorar, muito assustadas. Uma menina mais pequena tem um arranhão na cara. Uma auxiliar de enfermagem está de gatas, a tentar limpar uma mancha vermelha do chão de linóleo.

Ergue os olhos ao ver Everett chegar.

- Isto é só groselha, a sério. Juro que só os deixei sozinhos por cinco minutos! A Jane hoje faltou e eu fiquei sozinha e tive de...
- Creio que ele não está habituado a outras crianças – diz Everett,

tentando tranquilizá-la. – Não sabe mesmo o que fazer no meio delas.

A enfermeira Jenny Kingsley precipita-se para a menina com a face arranhada.

– Como é que a Amy se feriu? – quer saber.

– Vim a correr assim que ouvi os gritos, já só vi a Amy no chão, com o rapazinho em cima dela – conta a auxiliar.

O rapaz já se calou, mas está afogueado e com o rosto coberto de lágrimas. Kingsley tenta aproximar-se dele, mas o menino reage, assustado.

– Ontem à noite, foi um pesadelo no quarto dele – revela a auxiliar à enfermeira. – Esteve aos berros durante quase uma hora, até que ficou tão exausto que se escondeu debaixo da cama. Tentámos que saísse, mas ele não foi nisso. Acabámos por deixá-lo lá.

Jenny abana a cabeça, triste:

– Vou voltar a falar com os Serviços Sociais. Este menino mete-me dó, mas as crianças doentes precisam de dormir.

O menino olha-a durante uns segundos, e depois subitamente desata a gatinhar até ao canto da sala.

As três mulheres observam-no em silêncio, vendo-o passar os dedos pelo fio de groselha que escorre da parede, lambendo-os de seguida.

– Credo! – solta Everett, um momento depois. – Acham que era isto que ele... tinha de fazer?

Jenny Kingsley olha-a com expressão surpreendida:

– Como assim? Lá na cave?

– Sim. Já pensou? As paredes estavam todas húmidas, devia escorrer água por elas...

A auxiliar leva uma mão à boca, horrorizada. E depois caem num silêncio, até que o telemóvel de Everett dá sinal.

É uma mensagem de Fawley.

Pede aos médicos que voltem a observar o rapaz.
Temos de descartar a possibilidade de ele ter sido abusados sexualmente.

POLÍCIA DE THAMES VALLEY
Declaração de testemunha

Data: 25 de junho de 2015

Nome: Sarah Wall D.N. 13/11/66

Morada: Northmoor Close, 32 Dorchester-on-Thames

Profissão: Contabilista freelancer

Na quarta-feira de manhã, fui passear o meu cão aos Wittenham Clumps. Vamos quase todos os dias, por isso conheço a maioria das pessoas que costumam ir para lá passear. Nesse dia, havia mais gente do que o habitual, na véspera tinha sido a festa do Solstício de Verão, e ainda havia muitas pessoas do acampamento. E também estudantes, casais com filhos, avós com netos. Lembro-me de ter visto imensos carrinhos de bebé. Subi até Castle Hill e cruzei-me com dois ou três praticantes de corrida que já conhecia e com outra pessoa que tem um cão igual ao meu. Parámos para conversar. Deviam ser quase 9h00. Depois recebi uma chamada e tive de voltar para resolver um problema com um cliente. Foi quando comecei a descer em direção à estrada que vi a senhora com o carrinho de bebé. Ainda estava longe, de costas para mim, mas vi que tinha cabelo escuro apanhado num rabo de cavalo e um blusão azul-escuro ou preto. E uma espécie de mochila. Não vi em que direção é que seguiu, mas quando cheguei ao parque de estacionamento vi um Mini Clubman cor de laranja. Chamava bastante a atenção por causa da cor.

Assinatura: Sarah Wall

POLÍCIA DE THAMES VALLEY
Declaração de testemunha

Data: *25 de junho de 2015*

Nome: *Martina Brownlee D.N. 09/10/95*

Morada: *Oxford Brookes, alojamento de estudantes*

Profissão: *Estudante*

Estivemos toda a noite acordados e eu tinha bebido uns copos a mais, mas tenho a certeza de que a vi. Estava parada a meio do trilho. O bebé dormia e ela estava debruçada sobre ele. Não cheguei suficientemente perto dela para falarmos, mas tenho a certeza absoluta de que era ela. Reparei no blusão da Zara, uma amiga minha tem um igual. Não tenho a certeza de que horas eram, mas talvez umas 8h45.

Assinatura: *Martina Brownlee*

POLÍCIA DE THAMES VALLEY
Declaração de testemunha

Data: *25 de junho de 2015*

Nome: *Henry Nash D.N. 22/12/51*

Morada: *Yew Cottage, Wittenham Road, Appleford*

Profissão: *Professor (reformado)*

Vou praticamente todas as manhãs passear até Wittenham Clumps. Ontem, cheguei lá por volta das 9h25. Já estava um Mini Clubman cor de laranja no estacionamento, mas não o vi chegar. Subi até Castle Hill e dei a volta pela Poem Tree... ou o que resta dela. Um pouco mais adiante, reparei em algo brilhante e colorido na zona a que chamam Money Pitt. Era um carrinho de bebé. Verde. Ali parado, como se os pais o tivessem deixado estacionado por um momento. Aguardei alguns minutos, mas ninguém apareceu e acabei por descer. Fui ao

centro de apoio ao visitante e disse-lhes o que tinha visto. Oxalá tivesse lá ficado mais tempo, quem sabe não teria encontrado o menino, coitado. Quando passei pelo estacionamento, reparei que tinha chegado um Jaguar preto, com o homem que, vim a saber, era o Malcolm Jarvis, sentado lá atrás, com a porta do carro aberta. Estava a gritar com alguém ao telemóvel. Lembro-me perfeitamente.

Assinatura: *Henry Nash*

Em St. Aldane, Quinn folheia o processo Hannah Gardiner. Uma extensa equipa de agentes fardados passou toda a manhã a identificar e interrogar as testemunhas presentes em Wittenham naquele dia, mas até ao momento não conseguiram nada. Ninguém se lembra de um velhote sozinho com um carrinho de bebé e ninguém conseguiu distinguir William Harper de um conjunto de imagens digitais semelhantes. Quinn procura agora qualquer possível avistamento da Hannah em Crescent Square ou em Frampton Road, quando ela saiu de casa para ir para o carro. Se o Harper realmente a matou, estaria na rua. E a meio de junho, estaríamos em plena luz do dia, mesmo àquela hora da manhã. Certamente alguém teria visto alguma coisa? Alguém a apanhar um transporte ou a deixar um filho na escola? Mas, segundo o processo, não há nada – absolutamente nada. Quinn está a escrever uma nota para emitir um novo apelo a testemunhas, quando o telefone toca. É Challow.

– Resultados das impressões digitais acabadinhas de sair.

Quinn pega na caneta:

– Dá-me com força.

– As da cozinha e da casa de banho lá de baixo pertencem sobretudo ao Harper, mas também há várias do Derek Ross, o que vem confirmar aquilo que ele nos contou. Além disso, várias impressões por identificar, nenhuma delas constante da base de dados nacional.

– E na cave?

– Mais do Harper, e outras que, presumo, são da rapariga. Iremos

confirmar, obviamente. Nenhuma do Ross, ainda que algumas correspondam às impressões não identificadas encontradas na cozinha. Há também duas impressões extremamente claras no trinco da porta interior. Segundo a nossa base de dados pertencem a um personagem bastante sinistro chamado Gareth Sebastian Quinn.

– Ah ah ah, que engraçadinho...

– Agora a sério, não havia mais impressões no trinco para além das tuas, o que é estranho. Cá para mim, foram limpas. Também encontrámos outras impressões parciais no barracão, que podem corresponder às não identificadas da cave. A questão é que só conseguiremos obter uma correspondência de cinco pontos, no máximo, por isso nem vale a pena estarmos com esse trabalho.

Quinn endireita-se na cadeira:

– Mas é possível que tenha havido outra pessoa envolvida em ambos os casos?

– Não te entusiasmes, não há como se saber quantos anos têm essas impressões. Até podem ser de um simples canalizador que por lá passou. Já começámos a examinar o resto da casa como possível cenário de homicídio, mas até agora não temos nada.

– E o ADN?

– Ainda nada. Mas não te preocupes, vou certificar-me de que és o primeiro a saber.

Depois de desligar, Quinn fica a pensar neste último comentário. Teria sido alguma indireta ou era ele que estava a ficar paranoico? O problema com Challow é que *indiretas* é o seu modo de ação, pelo que é difícil perceber quando está mesmo a ser sincero. *Que se lixe*, pensa. Pega no telefone e liga para Erica.

– O Fawley quer que interroguemos aquela mulher do número 7, como é que se chama? Gibson, essa mesmo. Vê se lhe arrancas uma descrição melhor

do tipo que ela diz ser filho do Harper. Achas que consegues?

Ouve a resposta dela e sorri:

– Não, *agente Somer*, não foi só por isso que liguei. Queria saber se lhe apetece ir beber um copo comigo esta noite. Sim, claro, para discutir o caso.

– Um novo sorriso, este mais amplo: – Sim, e para isso também.

* * *

– Só encontrei dois casos semelhantes, e tive de recuar mais de 15 anos.

Estou debruçado sobre o computador, por cima do ombro do Baxter, a olhar fixamente para o ecrã. Está abafado aqui dentro. A temperatura subiu e o velho sistema de ar condicionado destas instalações não está preparado para tanto calor. E estes computadores todos ligados ao mesmo tempo também não ajudam. O Baxter limpa a nuca transpirada com um lenço.

– Aqui estão – diz ele, tamborilando no teclado. – Briony Evans, 24 anos, dada como desaparecida a 29 de março de 2001, juntamente com o filho de 2 anos, Ewan. Vistos pela última vez num supermercado perto de casa, em Bristol.

A fotografia está meio desfocada, provavelmente tirada numa festa, já que se veem decorações natalícias em fundo. A rapariga não parece ter 24 anos. Cabelo muito frisado, quase afro, um sorriso que não chega aos olhos.

– Parece que a família já andava preocupada com ela várias semanas antes. Disseram que estava deprimida, com dificuldade em arranjar emprego, sempre enfiada em casa com a criança. Insistiram para que fosse ao médico, mas ela recusou-se.

– Então, pensaram que foi suicídio?

– Sim, e a Polícia de Avon e Somerset concordou.

Houve uma investigação exaustiva, encontrei mais de 40 depoimentos no processo, mas não descobriram um único indício de sequestro, nada de

suspeito. O inquérito resultou num veredito aberto.

– É muito raro o corpo não ser encontrado, sobretudo ao fim de tanto tempo. E muito menos se for suicídio.

– Sim. E Bristol fica na costa, bastava-lhe ter ido até ao mar.

– Com o miúdo atrás? A sério?

Ele encolhe os ombros:

– É possível. Certo, não é *provável*, mas possível.

– E o outro caso?

– Ah, sim, esse foi mais perto.

Abre outro ficheiro.

Trata-se de Joana Karim e o filho, Mehdi. Ela tinha 26, ele 5. Viviam em Abingdon.

Baxter repara no meu interesse súbito e apressa-se a explicar:

– Não se entusiasme muito, este foi um daqueles casos de custódia polémicos. O marido era iraniano. Falei com o inspetor-coordenador responsável pelo caso, que me disse que o miúdo foi certamente levado pelo pai para Teerão. Também suspeitaram que ele tinha despachado a mulher, mas nunca recolheram indícios suficientes para o acusar, e pouco depois o sacana deixou o país. Por isso, sim, este parece ser um caso de duplo desaparecimento, mas creio que foram dois crimes separados.

Sento-me junto dele:

– OK, mas mesmo que esses casos não estejam relacionados, a verdade é que continuamos com um conjunto de impressões digitais não identificadas naquela cave.

– Sim, mas como disse o Challow, podem pertencer a um canalizador.

– Olha lá, Baxter, tu gostas de apostas, não é verdade?

Ele cora; não se tinha apercebido de que eu sabia.

– Bom, gosto, sim, mas não sou propriamente...

– Apostas no futebol, nos cavalos... e ouvi dizer que és muito bom nisso.

– Sim... já ganhei algum, sim – replica ele, nitidamente à defesa. – De vez em quando.

– Então, diz-me lá: quais são as probabilidades de as impressões pertencerem a um canalizador?

A expressão altera-se. Já não está embaraçado, está a fazer cálculos.

– De 25 para um. E já estou a ser generoso.

* * *

– Inspetor Gislingham? Fala Louise Foley.

Ainda leva alguns segundos a tentar lembrar-se do nome. E ela percebe.

– Da Universidade de Birmingham? – diz secamente. – Lembra-se? Pediu-me o processo do Dr. Harper?

– Ah, sim, claro. Espere um momento, deixa-me ver onde tenho uma caneta. Muito bem, diga, diga.

– Falei com o diretor do departamento e ele autorizou-me a enviar-lhe cópias dos dados mais relevantes. Envio-lhos ainda hoje por *e-mail*.

– Ah... Pode dar-me as informações mais importantes pelo telefone?

Ela suspira. De forma desnecessariamente audível.

– Não há nada de muito... indecoroso, se é isso que está à espera. Envolveu-se com uma aluna, sim, mas não foi apresentada qualquer queixa. Não houve qualquer tipo de... *coerção*. Aliás, algumas das amigas sugeriram mesmo que era mais ela a andar atrás dele do que o contrário. Mas seja como for, o Dr. Harper era casado na altura, e esse tipo de relacionamento é completamente proibido pelos regulamentos da universidade, por isso acordou-se que seria no melhor interesse de todos ele reformar-se mais cedo. Irá encontrar todos estes dados no documento que lhe vou enviar.

– OK, agradeço-lhe imenso. Já agora, só mais uma pergunta: como era o nome da tal rapariga?

– Priscilla. Priscilla Cunningham.

* * *

O apartamento de Crescent Square tem as janelas todas abertas. A brisa faz mexer as cortinas finas e ao longe ouve-se o barulho de crianças a brincarem no jardim, umas portas mais acima. O ruído de um trampolim, guinchos, uma bola a saltitar. Tudo indica que sejam só rapazes.

Pippa Walker para à porta do escritório e fica a olhar. Na última hora, já é a terceira vez que faz isto. Rob Gardiner está à secretária, de olhos fixos no portátil. O chão está pejado de blocos de notas antigos, papéis soltos, *post-its*, resmas de folhas. Irritado, ergue o olhar para a rapariga.

– Não tens nada para fazer? Brincas com o Toby, por exemplo?

– Adormeceu. Estás aqui enfiado há horas, de certeza que já viste e reviste isso tudo imensas vezes.

– Apetece-me rever outra vez. *Posso?*

Ela muda de posição, claramente desconfortável.

– Pensei que hoje fosses trabalhar.

– E ia, mas mudei de ideias. Não que seja da tua conta, claro.

– Estou preocupada contigo, Rob, só isso. Não acho boa ideia... desenterrares isto tudo outra vez.

Morde o lábio, mas é tarde de mais.

Ele olha-a com expressão grave:

– A minha mulher esteve desaparecida dois anos. O corpo dela acabou de ser encontrado em condições absolutamente hediondas e a polícia pediu-me que voltasse a verificar o portátil dela, para o caso de existir alguma coisa que ajude a apanhar o sacana que lhe fez isto. Lamento imenso que a ideia de eu *desenterrar isto tudo outra vez* te desagrade, mas sou o primeiro a querer que esse animal apodreça na cadeia. Mas se não gostas, arranja o que fazer. Sei lá,

ler um livro, para variar.

Ela está vermelha que nem um tomate:

– Desculpa, não foi minha intenção – gagueja. – Tu sabes que eu não...

– Muito francamente, estou-me pouco a lixar para as tuas intenções.

Deixa-me em paz.

Levanta-se e bate a porta com estrondo.

* * *

A equipa reúne-se às 17h00. Não leva muito tempo. Resumindo:

- A aluna com quem o Harper teve um relacionamento acabou como sua segunda mulher. E, sim, ele era casado na altura, mas isso faz dele apenas um parvalhão de um adúltero, não um pedófilo.
- As impressões recolhidas na cave poderão sugerir o envolvimento de outro agressor, ainda desconhecido. Infelizmente, não há qualquer pista sobre quem possa ser.
- Nenhum indício forense naquela casa permite identificá-la como cenário de homicídio, por isso ainda existe a possibilidade de a Hannah ter sido morta algures, e por qualquer pessoa.
- Resultados de ADN: ainda à espera. Citando o Challow: «não faço milagres, porra!»
- A rapariga: ainda sedada e/ou sem falar. O menino: idem.
- Conferência de imprensa: adiada para amanhã, porque não faço a mais pequena ideia do que lhes dizer.

Se pareço lixado é porque estou. *Keep calm and carry on* o caraças.

* * *

Elsbeth Gibson bebe imenso chá. Erica Somer já bebeu duas chávenas e a conversa ainda nem vai a meio. Ainda há pouco viu o desenhador da polícia científica olhar para o relógio com ar aborrecido. O gato está sentado no braço no cadeirão, de patas cruzadas e a olhar para eles. Está certamente chateado perante esta ultrajante usurpação dos seus domínios.

– Então, acha que o homem que viu a falar com o Dr. Harper tinha pelo menos 50 anos?

– Oh, sim, querida. Para já, pela maneira como estava vestido. Já ninguém se veste assim.

– Assim como, exatamente?

– Ora, a menina sabe, camisola de gola alta, casaco de *tweed*. Os jovens de hoje em dia preferiam morrer a serem apanhados assim vestidos, não é mesmo? Querem é *t-shirts* largueironas e aquelas calças de ganga medonhas com o gancho nos joelhos. Ah, e tatuagens! – Faz uma careta e pega de novo no bule de chá.

O desenhador forense reage, tapando a chávena com a mão:

– Para mim, não, obrigado.

Somer inclina-se para ver o *e-fit*⁹ no *tablet*. De facto, as roupas poderão vir a revelar-se a melhor aposta, já que as feições correspondem a qualquer homem de meia-idade de Oxford. Alto, encorpado, cabelo grisalho. Igual a milhares.

– E houve alguma coisa nele que lhe tenha chamado a atenção? Alguma cicatriz, um sinal, qualquer coisa? Talvez o modo de andar?

A Sra. Gibson parece considerar a questão:

– Não – acaba por responder. – Não posso dizer que sim.

– E a voz? Alguma característica distintiva na voz?

– Bom, só falei com ele uma ou duas vezes, e já foi há muito tempo, mas soava bastante educado, se é que me entende. Nada vulgar.

– Nenhum sotaque?

– Bom, agora que fala nisso... creio que tinha um sotaquezinho de Birmingham, sim. Mas a tentar disfarçar, entende? Mas quando as pessoas se irritam, já se sabe... é difícil disfarçarem a voz.

– Ele irritou-se? Desculpe, Sra. Gibson, agora perdi-me.

– Não lhe contei, querida? Ouvi-os claramente a discutir. E ele pareceu-me bastante perturbado.

– Ouviu-os a *discutir*? Mas a senhora nunca referiu esse facto. Quando é que isso aconteceu?

A Sra. Gibson para, com o bule na mão:

– Meu Deus, já lá vão uns bons três anos, sem dúvida. Talvez mais. Quando chegamos à minha idade, o tempo torna-se muito traiçoeiro, sabia? Coisas que julgamos terem acontecido há meses, afinal, foram há anos e anos.

Somer endireita-se, subitamente interessada:

– E eles discutiram porquê? Recorda-se?

A velhota parece envergonhada.

– Não sei se lhe devia dizer... Só os ouvi porque, por acaso, ia a passar na altura, e eles estavam mesmo à porta de casa. Lembro-me de que esse tal John disse qualquer coisa sobre o testamento do velhote. Por isso é que concluí que seria filho dele. E só aí é que me apercebi do sotaque dele. Foi apenas numa ou duas palavras, e creio que só dei conta disso porque o meu marido era de lá. Tem piada, nunca tinha pensado nisto antes...

– E a senhora tem mesmo a certeza de que ele se chamava John?

– Oh, sim, querida. Disso não tenho dúvidas... Vai mais um chazinho?

* * *

Mesmo tendo combinado com a Alex que a iria buscar, a verdade é que ela parece surpreendida por me ver. Trabalha no edifício que se vê da

circunvalação, aquele com aquela coisa pontiaguda no telhado. Um dos mais velhos lá da sede chama-lhe a *Torre do Bruxedo*. e zomba dos seus pináculos. Mas a verdade é que tem uma vista fantástica. E um parque de estacionamento enorme. Onde, aliás, me encontro, com um olho na entrada do edifício.

Vejo-a sair com duas pessoas que não conheço: uma mulher de fato verde, na casa dos 30, e um homem, mais próximo da idade dela, alto e moreno. Parecido comigo, diria. A mulher de verde parece despedir-se deles e depois dirige-se para o carro. A Alex e o homem deixam-se ficar a conversar. Numa prosa que, diria eu, não será certamente de circunstância. Ela olha-o com expressão séria, ele nitidamente atencioso. As cabeças estão ligeiramente mais juntas do que o que seria necessário. Ele gesticula bastante, parecendo querer afirmar-se: o estatuto, as competências. Neste tipo de profissões é fundamental ter uma boa linguagem corporal. E saber avaliar os outros em modo silêncio.

Vejo-os a despedirem-se. Ele não lhe toca. Mas a verdade é que ela sabe que estou a vê-los. E ele também, provavelmente.

– Quem era aquele? – pergunto-lhe, assim que ela entra no carro.

A Alex olha-me de relance, depois volta-se calmamente para apertar o cinto.

– É o David Jenkins. Faz parte da minha equipa.

– Pareceu-me muito... intenso, o que quer que fosse.

Ela lança-me aquele olhar «não me digas que estás com ciúmes».

– Estava só a pedir-lhe um conselho, mais nada.

Não fico convencido, mas, como acontece com o Gis, sei quando devo parar de escavar.

Saímos do estacionamento e dirijo-me à circunvalação.

– Importas-te que paremos no John Rad? Gostava de ver como está a rapariga.

– Claro. Nem estava à espera que chegasses tão cedo.

– Nem chegaria, se tivéssemos feito alguns progressos no caso. Quem me dera ter ficado retido a fazer alguma coisa de útil...

Ela mantém o olhar fixo nos campos à sua frente.

– Desculpa, não foi isso que eu quis dizer.

Faz-me um gesto descontraído com a mão, mas não vira a cabeça. Também ela sabe quando largar um assunto.

Quando chegamos ao hospital, a Alex surpreende-me ao querer entrar comigo.

– Tens a certeza? Sei bem como odeias hospitais.

– Sempre é melhor do que ficar no carro a apanhar uma seca.

Saímos no terceiro andar, e Everett vem ter comigo, acompanhada por um médico que parece saído da série *Casualty*. Ou de qualquer coisa de idêntico e mais atual.

– Titus Jackson – apresenta-se ele, estendendo-me a mão. – Receio não lhe poder adiantar muito mais do que já disse à inspetora Everett. A jovem deu à luz, sim, disso não restam dúvidas, mas não há quaisquer indícios de agressões sexuais recentes. Nem vaginais nem outras.

– Ela ainda está sedada?

– Não, mas continua sem dizer uma palavra.

– Posso vê-la?

Ele hesita.

– Apenas por breves minutos, sim, e só uma pessoa de cada vez. Ela está extremamente fragilizada a nível mental e psicológico. Mostra-se sempre muito ansiosa quando alguém se aproxima, sobretudo homens. Por favor, tenha isso em conta, sim?

– Claro. Já lidei com vítimas de violação.

– Não duvido, mas este caso é muito mais do que isso.

Aceno com a cabeça. Sei que ele tem toda a razão.

– E a criança?

– Os meus colegas da Pediatria procederam a um novo exame, tal como o Inspetor pediu, e não há nada que sugira abuso sexual. Mas, claro está, não preciso de lhe dizer que muitas das coisas que essa gente faz às crianças não deixam vestígios físicos.

– Tem razão, não precisa de me dizer.

Volto-me para a Alex.

– Tudo bem – diz ela, antecipando-se –, vai lá, eu espero aqui.

– Eu acompanho-a até à sala de espera – sugere Everett. – É ao fundo do corredor.

Assim que chego ao quarto da rapariga, faço o que, creio, toda a gente faz: paro em frente ao vidro para a observar. E depois sinto-me envergonhado – como um *voyeur*. E pergunto-me como será que ela se sente por aqui estar. Se não verá estas quatro paredes como outro tipo de prisão – um local onde é cuidada e acompanhada, mas do qual não pode sair. Está de olhos abertos, mas, apesar de o quarto ter vista para árvores, relva e coisas verdes que ela certamente não terá visto durante sabe Deus quantos anos, mantém os olhos fixos no teto.

Bato ao de leve na porta e ela sobressalta-se, endireitando-se na cama. Abro lentamente a porta e entro, tendo o cuidado de não me aproximar nem mais um passo. Ela segue-me com os olhos.

– Olá. O meu nome é Adam e sou da Polícia.

Noto-lhe uma leve reação, mas não a consigo bem definir.

– Creio que já conheceste a minha colega Everett. A Verity?

Agora, sim, há uma clara reação.

– Estamos todos preocupados contigo. Passaste por uma situação terrível. Os lábios tremem-lhe e agarra com força o cobertor.

Tiro uma folha de papel do bolso do casaco.

– Sei que não tens falado sobre o assunto, e provavelmente não queres. E eu percebo perfeitamente. Mas lembrei-me que talvez pudesses escrever? Qualquer coisa de que te recordes? Algo que nos possa ajudar?

Ela olha para mim, mas não me parece assustada. Saco de uma caneta e dirijo-me cautelosamente em direção à cama, pronto para recuar caso ela reaja negativamente. Mas ela nem pestaneja, limita-se a observar-me.

Muito lentamente, pouso o papel e a caneta na mesa de cabeceira, a uns 30 centímetros da mão dela, e recuo até à porta.

Ainda leva uns bons cinco minutos até reagir. Cinco minutos de paciência silenciosa da minha parte, o que já de si é um feito quase histórico, mas que consigo gerir quando o que está em jogo vale a pena.

Estende a mão e puxa o papel. Depois, pega na caneta. De seguida, como se fosse algo que há muito não faz e a que já perdeu o jeito, começa a escrever. Demora bastante, mas dá para perceber tratar-se apenas de uma única palavra. Quando acaba, ergue o papel ao nível dos meus olhos, e eu vejo nos dela uma fina cortina de lágrimas. Que não chegam a cair.

Cinco letras.

Vicky

Everett está à minha espera no corredor. Ao ver a minha expressão, quer logo saber:

– Ela disse alguma coisa?

– Não – respondo, mostrando-lhe o papel. – Mas já temos um nome.

– Só isso? Mais nada?

Apetece-me dizer-lhe que já é bastante mais do que ela conseguiu até agora, mas contenho-me. E depois irrito-me comigo próprio por me ter irritado. Afinal de contas, se há alguém que não tem culpa é a Everett.

– Mais nada. Perguntei-lhe, mas ela começou a ficar muito tensa. E depois o teu amiguinho médico entrou e pôs-me fora. Educadamente, claro.

Posso estar enganado, mas acho que ela corou.

– Ouve, eu já ia a caminho de casa, mas podes pedir ao Baxter que pesquise nas Pessoas Desaparecidas todas as raparigas chamadas Vicky? – Olho em volta: – E já agora... sabes onde se meteu a minha mulher?

– Ela desceu. Disse que queria ir ver o rapazinho.

Não é só a Alex que detesta hospitais. Lembro-me de termos trazido cá o Jake quando ele caiu de um baloiço e fez um galo na testa do tamanho de um ovo. Teria uns 3 anos, 4 no máximo. Ficámos sentados nas Urgências mais de uma hora, enquanto me passavam pela cabeça todo os cenários catastróficos que conseguia imaginar: traumatismos cranianos, lesões cerebrais e coisas do género. Até que uma enfermeira com ar tão bondoso quanto estafado observou-o por escassos segundos, deu-lhe um comprimido de paracetamol e mandou-nos embora. O galo desapareceu rapidamente; a memória do meu pânico nem tanto. E mais tarde, bastante mais tarde, quando ele começou a automutilar-se, voltámos cá. Quando teve mesmo de ser. Aguentando estoicamente os olhares desconfiados das enfermeiras, as perguntas dos médicos, as nossas explicações, e os telefonemas em segredo para a nossa médica de família para confirmarem que estávamos a falar a verdade – que ela sabia de tudo e que estava tudo controlado. Como se algo tão horrível pudesse alguma vez «estar controlado». E o rosto do Jake, pálido e ansioso, durante todo o tempo.

«Desculpa, Papá.»

«Está tudo bem», segredara-lhe a Alex, embalando-o suavemente e beijando-lhe o cabelo. «Está tudo bem.»

Mais tarde percebi que isso explicava tudo. Aquela memória cravada na minha mente quando empurro a porta para a Ala Pediátrica e viro no corredor

para o quarto.

O modo como ela o abraça.

O cabelo escuro.

O corpo dele enroscado no dela.

A ternura.

Não sei quanto tempo fico ali. O suficiente para a enfermeira se juntar a mim, observando-os em silêncio.

– É um milagre – sussurra a enfermeira, ao fim de algum tempo.

Volto-me para ela. Sei que não é o Jake. É claro que não é. *Eu sei isso.* Mas por um momento... só por um breve momento...

– Ele foi logo para os braços dela. Com qualquer outra pessoa, só grita e luta de uma forma inacreditável. Mas com a sua mulher... bom, pode ver com os seus próprios olhos.

Os meus olhos encontram os da Alex e ela sorri-me, a mão a afagar lentamente os longos caracóis escuros do rapazinho.

– Está tudo bem – sussurra-lhe. – Está tudo bem...

E eu não sei se ela está a falar com ele. Ou comigo.

* * *

O mundo de wyrd

(do termo anglo-saxónico wyrd que significa destino ou fatalidade)

Um blogue sobre o aterrador, o paranormal e o inexplicável

publicado a 03/05/17

A morte e o corvo – adensa-se o mistério de Wittenham

Muitos de vós recordar-se-ão do estranho caso do desaparecimento de Hannah Gardiner, em 2015. Se não, leiam a minha publicação original aqui. Na altura,

chamou-me a atenção porque, poucos meses antes, Hannah dera a notícia da descoberta de vestígios sacrificiais em Wittenham. E depois desaparece, e o filho pequeno e o seu passarinho de plástico (isto é relevante) são encontrados no Money Pitt, onde, segundo reza a lenda, um corvo gigante guarda um tesouro misterioso (também é relevante, mas lá voltarei). Para quem nunca lá esteve, Wittenham é um local extraordinário – atravessado por linhas de ley¹⁰ e onde quase se consegue sentir a presença de vozes ancestrais. Por isso mesmo, pessoalmente não me surpreende que lá tenham ocorrido sacrifícios humanos, entre os quais o de mulheres amarradas e lançadas para uma cova, e que se veio a verificar terem os crânios esmagados.

A razão pela qual volto a falar neste assunto é porque as minhas fontes me garantem que há semelhanças assustadoras entre esses cadáveres antigos e a posição na qual Hannah foi agora encontrada, amarrada e com o crânio esmagado. Arrepiante, não? Foi inclusivamente encontrado um pássaro preto morto junto ao corpo. Coincidência? Não acreditem. A polícia ainda não confirmou nada, mas também nunca iriam confirmar, pois não?

Mas, afinal, que história é essa dos corvos?, ouço-vos perguntar. Ora bem, a temível deusa irlandesa Morrigan está estreitamente associada aos corvos, sobretudo no seu papel de profeta da desgraça e da morte violenta (leiam o meu post aqui e também poderão vê-la aqui na sua outra encarnação como ‘as três Morrigna’ – as três terríveis irmãs Badb (‘corvo’), Macha e Nemain). Alguém que entenda um pouco de religião celta saberá igualmente que os corvos tiveram sempre um papel fulcral na prática de rituais. Os chamamentos dos corvos eram tidos como mensagens do inferno, e muitos eram mortos e apresentados aos deuses como valiosas oferendas, especialmente para garantirem fertilidade. Os corvos também estiveram sempre presentes nas sepulturas humanas da Idade das Trevas – e também havia esqueletos dessas aves nas tais sepulturas de Wittenham. Por isso, quem sabe que deuses antigos é que Hannah Gardiner conseguiu perturbar quando por lá esteve nas semanas anteriores à sua morte, altura em que as sepulturas sacrificiais foram profanadas. Quem sabe o que ela terá visto e por que razão teve de ser silenciada. Só o seu filho nos poderá dizer e, até hoje, o pai nunca permitiu que ele fosse entrevistado.

Desconfio que ainda iremos ouvir falar mais nesta história nos próximos dias.
Fiquem atentos a este blogue, malta...

@WorldofWyrdblog

Deixe aqui o seu comentário

– Seriam apenas alguns dias.

– Não! *Nem pensar*. Isso é de loucos, Alex, e tu sabes disso. Nem sei como é que podes sequer pensar em semelhante possibilidade.

Mas sei, claro que sei. Ela olha para mim, meio furiosa, meio suplicante.

– Adam, ele não passa de um miúdo! Um rapazinho aterrorizado e só, que não percebe o que se está a passar! Viveu uma experiência horrível, da qual ainda nem sabe praticamente nada, e agora vê a *própria mãe* rejeitá-lo. Claro que não vai conseguir lidar com tudo isto, depois de tantos anos no escuro, ter agora de se confrontar com... – Faz um gesto em seu redor, para a rua, os carrinhos de bebé, as pessoas – ... tudo isto! Ele só precisa de dois ou três dias de paz e sossego num lugar seguro. Afastado de toda esta sobrecarga sensorial.

– É para isso que servem os Serviços Sociais, não somos nós que temos de resolver, por amor de Deus! E eles certamente já terão alguma solução em vista...

– Não têm! As enfermeiras disseram-me que não. Estão sobrecarregados, há crianças a mais e poucas pessoas disponíveis para ficarem com elas. E é só um acolhimento temporário, por ser urgente. Só dois ou três dias e...

– Mesmo que isso seja assim, eles certamente não o vão entregar à primeira pessoa que lhes aparece, não achas? Há regras e regulamentos a seguir, trâmites que precisam de autorizações superiores. E isso pode levar meses...

Ela ergue uma mão, interrompendo-me:

– Já falei com a Emma. Ela diz que, de facto, as coisas não se passam assim, mas que pode perfeitamente abrir uma exceção para nós. O facto de seres da polícia e de ela me conhecer há tantos anos permite-lhe registar este caso como «acolhimento privado temporário», porque seria apenas *por uns dias*. Eu sei que os teus pais estão mesmo aí a chegar, mas o mais certo é ele já cá não estar nessa altura. E mesmo que esteja, eles serão os primeiros a entender, eu sei que sim.

Agora está mesmo a implorar – e sabe que eu não suporto isso. Assim como ela não suporta fazê-lo.

– Então, e o meu trabalho? Teria de tirar uns dias e não estou a ver o Harrison a alinhar nisso. E mesmo que alinhasse, eu não posso tirar uns dias neste momento. Sabes bem que não posso.

– Mas posso eu – replica ela rapidamente. – Não tenho nada de urgente em mãos e posso perfeitamente trabalhar a partir de casa. Já não seria a primeira vez.

Como quando tivemos o Jake.

As palavras pairam silenciosamente no ar.

– E temos aquele quarto fantástico – continua ela, desta vez sem olhar para mim. – Não lhe ia faltar nada.

Mas esta frase acaba por piorar as coisas. A ideia de outra criança no quarto do Jake. Na cama do Jake. Com as coisas do Jake.

Engulo em seco.

– Não quero. Desculpa, mas simplesmente não quero. Por favor, não me pressiones com isto.

Ela põe-me a mão no braço e força-me a voltar-me para o rapazinho. Está sentado debaixo da mesa, a um canto da sala de brincar, a olhar para mim de polegar na boca. Tal como o Jake fazia. É insuportável assistir.

A Alex aproxima-se de mim, deixando-me sentir-lhe o calor do corpo.

– Por favor, Adam – sussurra-me. – Se não for por ele, por mim?

* * *

Quinn abre os olhos e fixa o teto, depois vira-se de lado e passa a mão pelas costas nuas de Erica Somer. Sempre achou que ela tinha um rabo fabuloso.

Ela vira a cabeça para ele e sorri-lhe. Está maravilhosamente despenteada e Quinn começa a sentir-se novamente excitado. É algo no contraste entre o modo como ela parece tão controlada de farda e quão desinibida fica sem ela. Já para não falar no imenso prazer que ele tem em levá-la de um extremo ao outro...

– É verdade, estava para te perguntar... – começa ela, erguendo-se e apoiando-se num cotovelo. – Foste tu ou o Gislingham quem falou com aquele antigo professor de Birmingham?

Quinn passa-lhe um dedo pelas costas. Neste momento, quer que o caso se lixe. Tenta içá-la para cima dele, mas ela afasta-o.

– Não... Vá, diz lá, já te queria perguntar isto ontem, mas depois esqueci-me.

– Isso pode esperar...

– Não, é importante. Foste tu ou o Gis?

Quinn desiste e deixa-se cair de costas.

– Foi o Gis. Disse que o tipo era um idiota chapado.

– E não houve alguém que referiu que a primeira mulher do Harper era de Birmingham?

– Sim, isso diz-me qualquer coisa. Porquê?

– A Sra. Gibson, a vizinha do número 7? Disse-me que achava que o tipo que visitou o Harper tinha um sotaque de Birmingham. Por isso pergunto-me se, e mesmo estando ela enganada quanto a ele ser filho do Harper, não será

mesmo algum familiar. Mas da mulher do Harper, não dele. Um sobrinho, quem sabe?

Quinn soergue-se, parecendo considerar a questão:

– Na verdade, és capaz de ter razão. Verifica isso logo que possas. Se ela tinha parentes homens e com essa idade, não será difícil descobri-los.

– Queres que seja eu a investigar? Não preferes que seja o Gislingham?

Ele estende a mão e prende uma madeixa encaracolada dela entre os dedos, torcendo-a suavemente para depois a puxar, obrigando-a a chegar o rosto ao dele.

– Não – responde num tom assertivo. – A ideia foi tua, deves ser tu a receber os créditos. Mas há outra coisa que eu gostaria muito que fizesses por mim... E essa não é certamente da conta do Gislingham...

– Bom – diz ela num tom falsamente grave, enfiando uma mão debaixo dos lençóis –, tratando-se de uma ordem de um oficial superior...

– Oh, sim – solta ele, arquejando ao sentir-lhe a língua na pele –, podes crer que é.

* * *

Meia-noite. Um feixe de luz amarela entra pela enfermaria e ouve-se o murmúrio baixo das vozes das enfermeiras de serviço.

Vicky está na cama, completamente enroscada em si mesma. Soluça desalmadamente, os punhos cerrados encostados à boca para não ser ouvida. E não tira os olhos da fotografia que uma das enfermeiras prendeu mesmo por cima da mesa de cabeceira.

Uma fotografia do filho.

* * *

Na quinta-feira, saio de casa cedo, mas quando entro na Sala de Situação, o Quinn já lá está, a afixar o plano de trabalhos. E a assobiar alegremente. Lanço-lhe chispas pelos olhos até ele parar.

– Desculpe, chefe, mas hoje acordei bem-disposto, só isso.

Já trabalho com ele há tempo suficiente para perceber o que isso significa. Mas, pelo menos, não está com a mesma camisa de ontem. Esta, quem quer que ela seja, vai voltar a ser convidada para a casa dele.

– A conferência de imprensa está marcada para o meio-dia – digo-lhe –, por isso, se houver alguma coisa que eu lhes possa dizer que não sejam comentários fátuos do tipo «estamos a seguir as linhas de investigação adequadas», quero ficar a saber nesse exato segundo. Sobretudo no que respeita ao ADN. E quanto ao Harper?

– Está a ser vigiado a cada 15 minutos e o agente de custódia diz que, basicamente, passa o tempo a dormir. Ou deixa-se ficar sentado a falar sozinho. Falei com a médica dele, que se disponibilizou a vir esta tarde, só para jogarmos pelo seguro.

– Certo. Bom, agora vou voltar ao hospital para tentar falar com a rapariga. Com sorte, pode ser que ela finalmente me conte o que se passou. Ou pelo menos que identifique o Harper, o que já não era nada mau. Talvez assim o pudéssemos acusar. O Baxter conseguiu alguma coisa nas Pessoas Desaparecidas?

– Ainda não. Mas tudo depende se ela alguma vez foi...

– ... dada como desaparecida. Eu sei disso, Quinn. Mais alguma coisa?

– Uma ou duas possibilidades, mas nada de concreto. Assim que tiver novidades, digo-lhe. Tenciona vir para cá diretamente, depois de falar com a rapariga?

– Por acaso, não. Ainda vou ter de passar por casa.

O Quinn olha-me sem dizer nada. Sabe que algo se passa. Satisfaço-lhe os ímpetos curiosos.

– O rapazinho, o filho dela... é possível que fique connosco por uns dias. Só até a Vicky ficar boa e pronta para outra. Os Serviços Sociais estão com muita dificuldade em arranjar quem fique com ele.

Boa e pronta para outra? Que raio de frase tão estúpida me saiu.

O Quinn está a olhar fixamente para mim.

– E a sua mulher... concorda com isso?

– Sim. Aliás, foi ela que o sugeriu. Ontem à noite foi comigo ao John Rad e o miúdo afeiçoou-se imenso a ela. Falei com o Harrison e ele acha que isso até pode vir a ser útil. Se o miúdo confiar na Alex, quem sabe não fala com ela? Isto assumindo que ele consegue falar, claro.

Uma das regras de Fawley, e talvez a mais importante de todas: os mentirosos dão sempre demasiada informação. E eu acabei de dar ao Quinn três razões que me fazem achar que isto é boa ideia.

Merda.

– Certo – reage o Quinn, decidindo, por uma vez na vida, que a discrição é a melhor opção.

– Pronto – digo. – Se tudo correr bem, vou a casa certificar-me de que ele fica bem instalado e antes do meio-dia já cá estou. Entretanto, tomas conta do recado, certo?

– Claro, chefe, não se preocupe.

* * *

Entrevista telefónica com o Sargento Jim Nichols

(reformado)

4 de maio de 2017, às 9h12

Conduzida pelo Inspetor C. Gislingham

JN: Eu queria falar com o Fawley, mas disseram-me que ele não

está?

CG: Não se preocupe, pode falar comigo, eu sei do que se trata.

JN: Está relacionado com aquelas ocorrências em Frampton Road, certo? Há coisa de dez anos?

CG: Sim, uma em 2002 e outra em 2004, mais concretamente.

JN: Bolas, já foi assim há tanto tempo? Pois, deve ser... Reformado já eu estou há cinco. Já nem me lembro da última vez que falei com alguém da Thames Valley.

CG: De que é que se recorda dessas ocorrências para as quais foi chamado? Não há grande coisa nos registos. Nem tão-pouco refere as queixas.

JN: Porque não foi apresentada nenhuma queixa. Nenhum dos dois quis. E, sim, lembro-me perfeitamente, sobretudo porque não tiveram nada que ver com as habituais quezílias domésticas a que estávamos habituados. Nem de perto nem de longe.

CG: Continue.

JN: Bom, para começar, a questão da morada. Frampton Road é das ruas mais calmas que existem, certo? Nem me lembro, em todos os anos que aí estive, de alguém ter sido chamado para lá ir devido a quezílias domésticas.

CG: Pois, não sei. Creio que as pessoas dessa zona serão mais discretas, o que não significa que não discutam.

JN: Sim, mas não foi só por isso. Foi aquilo que encontrei quando lá cheguei. A vizinha que fez a queixa contou-me que eles tinham estado a discutir a noite toda, mas que fez questão de esperar até à meia-noite para nos ligar.

CG: E?

JN: Foi a mulher quem abriu a porta. Não sei se o mesmo se passa consigo, mas geralmente são sempre os tipos que nos recebem, certo? A maioria deles a quererem livrar-se de nós sem sequer nos deixarem entrar. A fingirem que foi algo sem importância, enfim, sabe como é. Seja como for, dessa vez não foi assim. Ela é que me abriu a porta e pareceu-me, enfim, normal. Talvez ligeiramente afogueada, não mais do que isso. E lembro-me de que usava uma camisa de noite bastante.. sugestiva. Aliás, a mulher era uma brasa.

CG: Estou a ver. E o que é que ela disse?

JN: Bom, pareceu-me bastante envergonhada e acabou por confessar que foi o marido que ficou um pouco mais.. exuberante do que o habitual. Na cama, bem entendido. Disse que a velhota do lado era muito pudica e se chocava facilmente. E fartou-se de me bater a pestana.

CG: E o marido, o que é que disse?

JN: Aí é que a coisa se tornou interessante. Eu já estava disposto a esquecer aquilo e ir-me embora, mas a boazona, ou lá como lhes chamam hoje em dia, fez questão que eu também falasse com ele. Ela foi para dentro e momentos depois aparece-me o marido, o tal Sr. Harper. Tinha um lado da cara todo arranhado e um olho que começava a ficar negro.

CG: Mas então... foi *ela* que agrediu o *marido*?

JN: Ele não reconheceu, claro. Na verdade, disse que tinha batido com a cara numa porta, como se eu fosse acreditar nessa conversa. E quanto ao barulho, confessou que foi exatamente como a mulher acabara de me contar. Ou seja, corroborou por completo a versão dela, usando praticamente as mesmas palavras. Aquela conversa sobre o excessivo pudor da

vizinha.

CG: Mas o Jim não acreditou nele, calculo?

JN: É claro que não. Não ando cá para ver passar as camionetas, como se costuma dizer. Não acreditei numa única palavra, nem na altura nem quando a cena voltou a repetir-se, um ano depois. Dessa vez, ele disse que tinha caído nas escadas, mas ninguém fica com hematomas daqueles com uma queda. Acredito que ela lhe tenha dado com alguma coisa na cabeça, uma frigideira, talvez.

CG: Ou um martelo?

JN: Bom... não pensei nessa hipótese. Porquê a pergunta?

CG: Por nada. Esqueça. Quer dizer que ele nunca disse explicitamente que a mulher o agrediu?

JN: Nunca. E da segunda vez certifiquei-me de que o apanhava sozinho. Para lhe dar a oportunidade de me contar. Mas não. Ele manteve a mesma conversa de chacha, de ser extremamente vigoroso no *truca-truca*. Aliás, utilizou precisamente essa expressão.

CG: Credo...

JN: Para ser franco, o velhote fez-me pena. Quer dizer, a tipa era uma brasa, *sexy* como o raio, isso é verdade, mas, caramba, eu cá não lhe tocava nem com uma vara de dois metros! E também andava a pular a cerca, tenho a certeza disso. Aquele acidente de carro? Lembro-me perfeitamente, Priscilla não é um nome fácil de esquecer. E, sim, ela ia em excesso de velocidade, mas aquilo que vocês não sabem é que havia outro tipo no carro.

E era bastante óbvio o que eles estavam a fazer... as cuecas dela apareceram no banco de trás.

[pausa]

E agora... o tipo resolve vingar-se?

CG: Desculpe?

JN: Vi nas notícias. É o mesmo Harper, não é? O velhote com a rapariga sequestrada na cave? Só pode ser ele.

CG: Sim, é o mesmo homem, de facto.

JN: Pois. Cá para mim, achou que era a vez dele.

CG: A vez dele?

JN: Sim, por vingança. Como já não se pode vingar na mulher, vinga-se nas mulheres em geral. Não me leve a mal, quem sou eu para vos orientar na linha de investigação...

CG: [pausa]

Não, não, o Jim foi extremamente útil. Obrigado por isso.

JN: Não tem de quê, no que eu puder ajudar... Dê um abraço meu ao Fawley, sim? A propósito, como está o filho dele? Jake, não é? Lembro-me de que o Fawley o estragava com mimos, mas ninguém o pode criticar, certo? Ao fim de tanto tempo a tentarem ter um filho... O miúdo era lindo, parecidíssimo com a mãe.

* * *

– Que tal está a Vicky esta manhã?

O Titus Jackson enfia a caneta no bolso da frente da bata.

– O progresso é lento, Inspetor, mas pelo menos já não temos avanços e recuos. Calculo que a queira ver?

– Não podemos ter o Harper detido por muito mais tempo sem uma acusação. E para isso, tenho de saber exatamente o que aconteceu.

– Compreendo.

Percorremos o corredor lado a lado, e quando chegamos à porta do quarto, ele volta-se para mim, claramente com algo em mente:

– A enfermeira Kingsley disse-me que a sua mulher pretende acolher o rapazinho?

– Não se trata de *acolher*.

Desconfio que disse isto um tanto bruscamente de mais, já que lhe vejo um leve franzir de testa.

Tento emendar a mão:

– Queremos apenas proporcionar-lhe um sítio onde possa ficar por dois ou três dias, os Serviços Sociais não estão a conseguir dar conta do recado.

– É um gesto extremamente generoso da sua parte.

– Não fui eu, foi a minha... – Calo-me, mas já demasiado tarde.

Ele observa-me atentamente.

– Está com dúvidas?

Respiro fundo.

– Não. Para ser completamente franco, não. – Olho-o nos olhos. Os dele são bondosos. – Há cerca de um ano, perdemos o nosso filho. Tinha 10 anos e suicidou-se. Lidava há tempos com uma depressão e nós fizemos tudo o que pudemos, mas...

Tenho uma pedra na garganta.

O médico estende a mão e toca-me no braço:

– Nem imagina o quanto lamento.

Forço-me a falar:

– Tem sido muito complicado para a minha mulher. Para ambos, claro, mas sobretudo para ela. Quer ter outro filho, mas já se sabe, na idade dela...

– Estou a ver – diz ele, assentindo com a cabeça.

– Tem andado a pressionar-me para adotarmos, mas eu tenho as minhas dúvidas. E agora aparece este menino sem ter para onde ir...

Ele olha-me, em silêncio, sem me julgar.

– E têm falado sobre isso, o Inspetor e a sua mulher?

– Ontem à noite, quando chegámos a casa, ela só queria falar nisso, em ficarmos com a criança. Sempre que eu tentava mudar de assunto, ela insistia, dizendo que seriam apenas uns dias. Que voltaria para a mãe antes que déssemos por isso.

– Oxalá seja assim.

– Porquê? Acha que não?

– A Vicky tem feito progressos, mas é um processo muito lento e nós também temos de pensar na criança. Ainda ontem o levámos para junto da mãe, mas ela limitou-se a virar a cara para a parede

– Os agentes que a encontraram concluíram que ela tinha estado a dar ao filho a sua própria água e comida. Isso seguramente tem algum significado, não?

Ele abana tristemente a cabeça:

– Não querer que ele morra é uma coisa; ter sentimentos maternos por ele é outra completamente diferente. Existe uma barreira entre ela e aquela criança, Inspetor. Não um vínculo. E não é preciso ser psiquiatra para perceber porquê.

Leva a mão à maçaneta da porta do quarto:

– Entramos?

*

Desta vez, não há dúvidas de que me reconhece. Senta-se na cama e vejo-lhe o esboço de um sorriso.

– Olá, Vicky. Como estás?

Um leve assentir de cabeça.

– Tenho umas coisas para te perguntar e outras para te dizer. Parece-te bem?

Ela hesita, mas faz um gesto com a mão para que eu me sente.

Avanço lentamente e sento-me. Ela encolhe-se na cama, mas apenas ligeiramente.

– Achas que já nos consegues contar o que te aconteceu?

A Vicky afasta o olhar e abana a cabeça.

– OK, tudo bem, eu compreendo. Mas se te lembrares de alguma coisa podes escrever, como fizeste comigo no outro dia. Pode ser?

Ela volta a olhar para mim.

– Uma coisa que te quero dizer é que vamos pôr uma fotografia tua nos jornais. Pode ser que alguém te conheça, alguém que te ame e tenha andado à tua procura durante todo este tempo. Têm saído muitas histórias sobre ti nos jornais e na Internet e...

Calo-me porque sou forçado a isso – porque ela tem os olhos escancarados e abana a cabeça. E quando Jackson se dirige a ela, pega no papel e na caneta que lhe deixei e risca-o violentamente com letras grandes e gordas.

NÃO NÃO NÃO

* * *

BBC News

Quinta-feira, 4 de maio de 2017 | Última atualização às 11h23

Última hora: Novo apelo a testemunhas sobre desaparecimento de Hannah Gardiner

A Polícia de Thames Valley lançou um novo apelo a testemunhas relacionado com o desaparecimento de Hannah Gardiner, em junho 2015. De início julgou-se que Hannah tinha desaparecido de Wittenham Clumps na manhã de 24 de junho,

mas a Polícia pede agora a colaboração de quem a tenha visto em Oxford, sobretudo perto do seu apartamento, em Crescent Square. Isto parece corroborar as declarações de vizinhos que afirmam que o corpo de Hannah apareceu ontem de manhã no jardim de uma casa de Frampton Road. Pedem também a jovens mulheres que tenham passeado com os seus filhos em carrinhos de bebé em Wittenham Clumps nessa mesma manhã que prestem o seu testemunho, se ainda não o fizerem.

Thames Valley ainda não divulgou as identidades da jovem e do bebé encontrados na cave da mesma propriedade de Frampton Road.

Está agendada para hoje uma conferência de imprensa.

Quem tiver alguma informação relacionada com algum destes casos deverá contactar a Sala de Situação do DIC de Thames Valley, ou através do número 01865 0966552.

– Tudo pronto?

Odeio o som da minha voz. A falsa ligeireza. O mesmo tom que as enfermeiras dos hospitais usam quando nos pedem para vestirmos a «batazinha» ou para despirmos «a cuequinha». A Alex não me lança nenhum dos seus olhares, mas é na intensidade do embevecimento que demonstra pela criança que ela não parece reparar.

O rapaz está entre nós dois, um braço enganchado na perna dela, na outra mão o velho brinquedo que dizem que tinha com ele na cave. E que não larga nem por nada. Reconheço as roupas que tem vestidas. Roupas que a Alex deve ter guardado todo este tempo. Não quero pensar nisso. Ele ergue a cabeça para olhar para ela, e a Alex estende a mão e acaricia-lhe o cabelo.

– Temos tudo o que precisamos, por isso, sim, acho que estamos prontos.

– A voz dela soa tão tensa quanto a minha, mas por uma razão diferente: está a rebentar de felicidade.

Estendo uma mão para o rapazinho, mas ele encolhe-se, e Alex intervém rapidamente:

– Deixa lá, ele só precisa de um pouco de espaço.

Agacha-se:

– Vou levar-te ao colo. Pode ser?

Pelos vistos, pode, porque ele não oferece resistência, e seguimos para o carro onde ela o prende na cadeirinha que eu nem sequer sabia que ainda tínhamos.

Esperava que ele reagisse ao ruído do motor, mas mostra-se estranhamente imperturbável. Quando arranco, penso em algo para dizer, mas a Alex adianta-se:

– Nem sei como lhe havemos de chamar – diz ela. – Não vamos passar a semana toda a tratá-lo por «menino» ou «criança».

– Tenho esperança de que a Vicky consiga finalmente falar connosco nos próximos dias. Ela vai dizer-nos o nome dele.

– Isso se ela *lhe deu* algum – reage a Alex, voltando-se para trás para olhar para a criança. – Se estiver traumatizada ao ponto de bloquear completamente tudo o que se passou, é possível que não tenha chegado a criar laços com ele. Dar um nome a um filho é fundamental, é a forma como transmitimos a nossa relação. Eu acho que ela está em total negação, de tal forma que nem sequer reconhece que ele é filho dela. E a verdade é que ninguém a pode condenar, deve ser muito duro tentar amar um filho de um violador.

Interrompo-a:

– Não sabemos se foi isso que aconteceu, Alex. Não temos a certeza. És advogada e sabes melhor que ninguém que não se deve fazer esse tipo de juízos precipitados.

Não quis soar paternalista, mas foi o que aconteceu. Ela prende o olhar no meu, mas é a primeira a desviá-lo.

Paramos quando o trânsito se estreita numa faixa única. As obras nesta zona parecem durar há séculos.

– Disseste «a semana toda» – observo eu, finalmente.

– Desculpa?

– Sim, disseste que não vamos tratá-lo por «menino» *a semana toda*. Não concordámos que seriam apenas dois ou três dias?

– E vão ser – responde ela, sem olhar para mim. – É o mais provável. Mas quando os teus pais chegarem...

– Isso é só no *mês que vem*.

– Sim, mas acho que devíamos avisá-los, só para jogar pelo seguro.

– *Avisá-los?*

– Vá lá, Adam, percebes perfeitamente o que eu quero dizer.

E percebo. Mas oxalá não percebesse.

* * *

– No caso da jovem mulher e da criança encontradas na cave, tudo o que vos posso adiantar nesta fase é que as investigações estão a progredir favoravelmente.

A conferência de imprensa está a abarrotar, e os meus níveis de *stress* e irritação estão ao rubro e só pioram porque me esqueci que o local previsto era a sala multimédia de Kidlington, e acabei por chegar apenas com dez minutos de antecedência. Olho para a fila de rostos e vejo imensos que não reconheço. Para começar, os dos média nacionais, claro. Já não tínhamos este tipo de atenção desde o caso Daisy Mason. O que não é de estranhar – uma menina de 8 anos raptada do seu próprio jardim. Mas agora tenho uma corja de malta descontente a olhar para mim. Um jornalista na primeira fila resmunga que nem sabe porque se deu ao trabalho de vir até cá, se é só isso que temos para lhes dar.

– E quanto ao ADN? – pergunta uma mulher lá atrás. – Não acredito que ainda não tenham determinado quem é o pai daquela criança. Hoje em dia, conseguem-se resultados em poucas horas, certo?

– As análises estão a ser feitas, claro, mas ainda levam o seu tempo. E o próprio ADN não consegue dar-nos todas as informações. Precisamos sobretudo de conseguir falar com a rapariga, o que ainda não foi possível. Certamente compreenderão que ela ainda se encontra bastante perturbada.

– E já têm uma fotografia? – pergunta um tipo do *Oxford Mail*. – Os vizinhos garantem que sim, que até a fizeram circular para ver se alguém a reconhecia.

– Por agora, não vamos divulgar nenhuma fotografia.

– E a porcaria de um nome? Uma foto do miúdo? *Qualquer* coisa?

– A investigação está atualmente numa fase crítica, com certeza entenderão que...

– Sim, sim, pois, pois, estamos fartos de ouvir essa lengalenga...

– OK – diz a mulher lá de trás –, e quanto ao novo apelo a testemunhas no caso Hannah Gardiner? Isso significa que os dois casos estão relacionados, certo?

Abro a boca e volto a fechá-la. *Novo apelo a testemunhas?* Mas que raio?

A jornalista apercebe-se da minha inquietação e apressa-se a clarificar-me:

– Se por acaso está esquecido, Inspetor, posso ler-lhe a declaração. – Sorri para mim e faz um *scroll* pelo *tablet*: «A *Polícia de Thames Valley* pede agora a colaboração de quem tenha visto a Hannah Gardiner em Oxford na manhã de 24 de junho, perto do seu apartamento em *Crescent Square*, sobretudo se a viram a conversar com alguém nessa zona.» É um apelo da sua equipa, certo?

– Sim, mas...

– Portanto, *estão* a relacionar os dois casos. Isso significa que o cadáver que encontraram naquele jardim deve pertencer à Hannah e que o tal velhote Harper é suspeito de a ter matado. É assim ou não?

Ou serei a única a constatar o óbvio nesta sala?

– Não estou em posição de comentar...

– Eu li algures – intervém o tipo da primeira fila – que havia um corvo morto juntamente com o cadáver; uma cena qualquer relacionada com ritual pagão. Pode comentar, Inspetor? Ou é mais uma coisa que «não pode divulgar»?

– Com certeza, quanto a isso posso comentar. Nunca se verificou qualquer relação entre paganismo ou satanismo com o caso Hannah Gardiner, e as coisas continuam exatamente da mesma maneira.

– Mas encontraram o pássaro ou não?

A jornalista interrompe o colega:

– Então, *reabriram* o caso. Pode confirmar?

– Não o reabrimos porque ele nunca foi encerrado...

– Vou considerar isso um *sim*, então.

– ... e nesta fase das investigações não podemos adiantar mais do que aquilo que já foi dito. Devemos respeito às famílias das vítimas e...

– E quanto à família do homem acusado injustamente? Não lhe devem nada, Inspetor-Chefe Adam Fawley?

A voz pertence a alguém da última fila. Todos se voltam para ele, vendo-o levantar-se – e gera-se de imediato uma confusão geral, assim que o reconhecem.

Matthew Shore.

Como raio entrou ele aqui?

– E então? Pode responder-me? Foi o senhor que esteve à frente do caso Hannah Gardiner, certo?

– Isto é uma conferência de imprensa, Sr. Shore.

– E eu pertenço à imprensa – diz ele, mostrando uma credencial de jornalista. – Veja bem, é o que diz aqui. Por isso, volto a perguntar-lhe, e creio que já é a terceira vez: e quanto ao meu pai? Um homem que vocês perseguiram e acusaram, mesmo sem qualquer indício de culpa.

Sinto os níveis de *stress* do Harrison a escalarem-se; isto está a passar em direto no canal de notícias da BBC e o tipo da Sky News também já tem o telemóvel no ar a gravar tudo.

– Ouça, Sr. Shore, este não é o local nem o momento certos para...

– Então, qual é *exatamente* o local e o momento certos? Há meses que ando a tentar falar com a Polícia de Thames Valley e fui sempre ignorado!

– Nunca acusámos formalmente o seu pai no caso Hannah Gardiner. A sentença, e a consequente pena que ele cumpriu, deveu-se estritamente a um delito diferente.

– Sim, mas ele não teria sido condenado se a cara dele não tivesse saído escarrapachada em tudo quanto era jornal durante meses a fio! Não tentem convencer-me de que se tratou de um julgamento justo.

O Harrison aclara a voz:

– Peço desculpa, Sr. Shore, mas não nos cabe tecer qualquer comentário sobre esse assunto. Terá de falar com o Ministério Público.

– E acha que já não o fiz? – reage ele num tom sarcástico. – Não são melhores que vocês. Não existe justiça na porcaria deste país, ninguém a quem responsabilizar. Limitam-se a encobrirem-se todos uns aos outros e...

O Harrison levanta-se:

– Muito obrigado, senhoras e senhores. Novas informações serão divulgadas a seu tempo. Tenham uma boa tarde.

A primeira pessoa que encontro lá fora é o Quinn. Deve ter estado o tempo todo lá atrás. Faz uma careta ao dirigir-se a mim:

– Gostava de saber como é que o Shore conseguiu entrar ali? Vou responsabilizar o Gislingham por isto.

– Pois *eu* gostava era de saber quem foi o idiota que emitiu um novo apelo a testemunhas sem o meu conhecimento. Foste tu?

Ele hesita, claramente a decidir se assume a culpa ou tenta rodear o

assunto.

– Bom, a imprensa haveria de relacionar os dois casos em menos de um fósforo, por isso achei que valia a pena ver se uma nova onda de publicidade consegue avivar a memória de alguém...

O que por acaso até é uma boa estratégia. Mas não estou com disposição para o assumir.

– Mesmo sabendo que prometi ao Gardiner dar-lhe tempo para avisar os pais da Hannah? Mesmo sabendo que tinhas de me consultar antes de tomares uma decisão destas?

– Mas o chefe disse...

– Pedi-te para estares atento enquanto eu estivesse fora.

– Por acaso pediu-me que «tomasse conta do recado» enquanto estivesse fora...

– O que eu *não* te pedi foi que tomasses decisões importantes sem me consultar. Eu estava mesmo aqui ao lado, porra, fui só ao John Rad, não fui à Lua! Podias ter-me ligado, mandado uma mensagem.

Vejo-o ficar vermelho que nem um pimento e apercebo-me – tarde de mais – de que o Gislingham está mesmo atrás de mim. Não devia dar uma bronca ao Quinn na presença de patentes inferiores. Pura e simplesmente não se faz.

O Quinn baixa um pouco a voz:

– Pensei que não o devia incomodar. Estava com a sua mulher e com o miúdo... e isso tudo.

E isso tudo.

Sei o que devem estar a pensar: «um caso clássico de transferência». E não estão enganados.

Mas ter noção disso e fazer qualquer coisa nesse sentido são duas coisas diferentes. E agora – e não pela primeira vez – pergunto-me se o meu verdadeiro problema com o Quinn não residirá no facto de sermos demasiado

parecidos. Tirando o modo exuberante como ele se veste e a quantidade de mulheres com quem se deita, bem entendido.

– OK – acabo por dizer. – Mas vai já ter com o Gardiner e pede-lhe desculpa.

– Não pode ser pelo telefone?

– Não. Não pode. E pressiona o Challow com a porcaria dos testes de ADN! – Respiro fundo e volto-me para trás: – O que queres, Gislingham?

Ele parece encavacado:

– Desculpe, chefe, mas a Sala de Situação recebeu uma chamada logo depois da emissão da conferência de imprensa. Foi a Beth Dyer quem ligou.

* * *

Quinn tinha razão: não demorou muito. Pela hora de almoço, Erica Somer já tinha conseguido identificar um sobrinho e uma sobrinha da primeira mulher de William Harper. Mas assim que entra na Sala de Situação à procura de Quinn, depara-se com Fawley. A olhar fixamente para o quadro branco. As fotos. O mapa. As imagens das duas jovens e dos dois rapazinhos. Os mortos e os vivos. E parece perdido em pensamentos. Completamente ausente.

– Peço desculpa, senhor Inspetor – diz ela, claramente embaraçada. – Ando à procura do Inspetor-Coordenador Quinn...

Fawley volta-se para olhar para ela, mas parece tardar alguns segundos até a reconhecer.

– Agente Somer.

– Exato, senhor Inspetor.

Ela jamais teria coragem de o dizer a Quinn, mas Fawley é, de longe, o homem mais atraente destas instalações. E o facto de ele parecer não se dar conta disso torna-o ainda mais sedutor. Quinn é o oposto, sempre a agir com

uma espécie de radar de sexo, como os morcegos, a enviar constantemente sinais e à espera de obter retorno. Fawley, pelo contrário, é absolutamente contido e reservado. E ela própria, ainda que não tendo os níveis de autoconfiança de Quinn, sempre conseguiu espoletar algum tipo de reação por parte dos homens. Mas nunca deste.

– Estava aqui a pensar na Vicky – diz ele. – A que tipo de família pertencerá, já que ninguém parece querer saber se ela está bem.

– Pode ter fugido de casa. O que justificaria o facto de ninguém a ter dado como desaparecida.

Fawley volta-se de novo para o quadro, observando a foto da jovem.

– Provavelmente, terá razão. – E, voltando-se novamente para ela: – Peço desculpa, não veio cá para me ouvir pensar em voz alta. Do que se trata?

Ela mostra-lhe uma folha de papel. Uma impressão de computador.

– Ontem à noite – começa ela –, tive o seguinte palpite: se a primeira mulher do Harper era de Birmingham, é capaz de ainda ter família por lá. E se o tal *John*, que a Sra. Gibson julgou ser o filho do Harper, também tinha sotaque de Birmingham...

Ele já lá chegou:

– Pode ser um familiar da primeira mulher.

– Exatamente, senhor Inspetor. Decidi verificar e é muito provável. – Estende-lhe a folha: – A Nancy Harper tinha uma sobrinha e um sobrinho. A sobrinha, Noreen, é rececionista num consultório médico, e vive em Berwick. Mas o sobrinho, Donald Walsh, é professor de História numa pequena escola privada de Banbury. Tem 53 anos. Estou a ver se consigo uma fotografia, mas aparentemente corresponde à descrição.

Fawley olha para a folha:

– Bom trabalho, Somer. Então, a sua teoria é que não era *John*, mas *Don*?

– Sim, creio que será isso. É muito possível que a Sra. Gibson tenha ouvido mal o nome, julgo que a audição dela já não estará muito bem há uns

bons anos.

– E temos uma morada deste Donald Walsh?

– Sim, senhor Inspetor. Já tentei ligar, mas ninguém atende. Creio que seria bom mandar lá alguém, fica aqui tão próximo... E mesmo que ele esteja fora, quem sabe se não conseguimos alguma coisa por parte dos vizinhos? Se ele vinha a Oxford com frequência, se mantinha contacto com o Harper...

– Estou a ver. E era por isso que andava à procura do Quinn? Para ele tratar desse assunto?

Ela esforça-se para não corar, mas não tem a certeza de ter conseguido.

– Sim. Para ele tratar de mandar lá alguém.

– Bom, ele só estará de volta dentro de uma hora ou mais. E a inspetora Everett continua no hospital, por isso trate de encontrar o inspetor Gislingham e diga-lhe que eu dei o OK. Vão vocês os dois.

– O quê? O senhor Inspetor acha que *eu* também devo ir?

Ele agora parece algo irritado:

– Com o Gislingham, sim. Tem algum problema quanto a isso?

– Não, senhor.

– Ótimo. Depois digam-me o que descobriram.

* * *

Entrevista telefónica com Beth Dyer

4 de maio de 2017, às 14h12

Conduzida pelo Inspetor A. Baxter

AB: Miss Dyer? Fala Andrew Baxter, da Polícia de Thames Valley. Creio que a senhora nos contactou, depois da conferência de imprensa?

BD: Ah, sim, sim. Obrigada por ligar de volta.

AB: Tem alguma coisa de que nos queira contar?

BD: Sim. É que... bom, isto é meio difícil.

AB: Talvez a ajude saber que tudo faremos para manter confidencial seja o que for que nos diga. Mas é óbvio que vai depender do que se trata.

BD: Aquele polícia que apareceu na televisão, o Inspetor Fawley? Disse que que o corpo que apareceu era o da Hannah.

AB: Bom, a verdade é que isso ainda não nos foi oficialmente confirmado e...

BD: Mas é ela, não é?

AB: [pausa]

Sim, *Miss Dyer*, acreditamos que sim. O Sr. Gardiner já foi informado.

BD: E como é que ele reagiu?

AB: Não lhe posso dar essa informação. Mais alguma coisa?

BD: Desculpe, tem toda a razão. Estou ainda meio aturdida com este assunto. Bom, mas eu liguei precisamente por causa do Rob.

AB: Ah, estou a ver. Lembro-me de que quando a Sra. Gardiner desapareceu, a senhora disse-nos que achava que o marido dela andava a ter um caso.

BD: Sim, é verdade. Mas não é acerca disso. Bom, não diretamente.

AB: Mas ele andava a ter um caso ou não?

BD: Creio que não. Pelo menos, nessa altura. Mas começou pouco depois. Com aquela ama... *babysitter* ou lá como lhe chamam. Pippa qualquer coisa. Há cerca de três semanas, vi-os aos dois em Summertown, com o Toby. Ela estava toda coladinha a ele, sem dúvida que ali há caso. Os homens são tão ingénuos...

AB: E o que tem isso que ver com o desaparecimento da Sra. Gardiner?

BD: Já lá chego. Quando tudo aconteceu, vocês disseram que ela desapareceu de Wittenham, mas agora dizem que ela nunca chegou a sair de Oxford.

AB: Sim, tudo indica que foi isso que aconteceu.

BD: Mas então... como é que o carro dela e o Toby foram lá parar?

AB: Bom, o mais provável é que quem quer que tenha sido responsável pela morte da Sra. Gardiner tenha levado o carro para Wittenham, sabendo que era suposto ela lá estar nesse dia.

BD: E quantas pessoas saberiam disso? Que ela ia trabalhar para Wittenham?

AB: Ela tinha combinado fazer uma entrevista no local. Estava lá uma equipa da BBC, muitas pessoas teriam conhecimento.

BD: Mas esse homem, o Harper... De Frampton Road. Que vocês acham que a matou. Como é que ele sabia?

AB: Lamento, mas não posso comentar a investigação em curso.

BD: Mas o Rob sabia, não sabia? Ele tinha de saber para onde a mulher iria. E aí já fazia todo o sentido o Toby também lá estar. Se tivesse sido o Rob...

AB: Não estou a ver onde a senhora quer chegar, *Miss Dyer*. Está a sugerir que o Sr. Gardiner matou a mulher e abandonou o filho de 2 anos num lugar ermo para...

BD: [*claramente agitada*]

Oiça, há uma coisa que eu na altura não lhes contei: duas semanas antes, eu estive com a Hannah e reparei que ela tinha uma marca na cara. Um hematoma. Ela tentou disfarçar com

maquilhagem, mas era perfeitamente visível.

AB: E perguntou-lhe como é que tinha acontecido?

BD: Sim, claro, e ela disse que tinha sido o Toby. Que fez uma birra e lhe acertou com um carrinho na cara, sem querer.

AB: Pareceu-lhe uma justificação plausível?

BD: Sim, creio que pode ter acontecido. O Toby sempre foi hiperativo. Cheguei a pensar que pudesse ter perturbação de défice de atenção e hiperatividade, mas a Hannah disse-me que era uma ideia ridícula. Mas, enfim... a verdade é que ela andava preocupada com qualquer coisa nessas últimas semanas. Havia alguma coisa que a perturbava. E nesse dia notei-a muito cautelosa em relação ao Rob. Creio que eles andavam com problemas. Sei que a Hannah queria muito ter outro filho, mas ele não.

AB: Porque não nos contou isso há dois anos, *Miss Dyer*?

BD: Só se viam notícias sobre o outro suspeito, aquele homem que esteve no acampamento, e todas aquelas pessoas que afirmaram que a tinham visto lá, por isso achei que não podia ter sido o Rob. Mas depois... quando não conseguiram acusar esse tal homem, pensei...

AB: Sim?

BD: Bom, para ser honesta, creio que ela o deve ter deixado. Ou seja, fez as coisas de modo a parecer que tinha morrido, para poder fugir e não ter ninguém à procura dela. Uma vez vi um programa na televisão assim, um daqueles documentários sobre crimes... E como os pais da Hannah vivem em Espanha, pensei que talvez tivesse fugido para lá?

AB: Isso soa-me bastante improvável, *Miss Dyer*. Abandonar o filho. Sem passaporte, sem documentos...

BD: Eu sei, parece uma coisa de loucos.

AB: E não acha que ela a teria contactado? Não logo, mas assim que a poeira assentasse?

BD: [pausa]

AB: Afinal a senhora era a melhor amiga dela, certo? Ou estarei enganado?

BD: [silêncio]

AB: *Miss Dyer?*

BD: Ouça, se tem mesmo de saber, nós não andávamos nada bem nessa altura. Esse encontro que acabei de lhe contar não foi a última vez que a vi. Depois disso, tivemos uma discussão. Ela acusou-me de andar atrás do Rob. Disse que eu tinha estado a fazer-me a ele na festa de anos dela.

AB: E foi verdade?

BD: *Ele é que se fez a mim*, isso sem dúvida. E é óbvio que foi dizer à Hannah que foi ao contrário. Ele jamais iria assumir, não é verdade? E seja como for, não aconteceu nada. Mesmo que ele... mesmo que...

[pausa]

Ouça, eu jamais faria uma coisa dessas à Hannah. OK?

AB: Compreendo.

BD: E ao fim destes anos todos, nunca encontraram o corpo. Quis muito acreditar que isso significava que ela estava viva, sabe-se lá onde. Mas agora... agora que sei que ela está morta, não consigo deixar de pensar que o Rob teve alguma coisa que ver com isso.

* * *

Se há coisa que eu odeio é ver-me na televisão. Mesmo agora, ao fim de tantos anos nisto, é algo que não suporto. Por isso, quando a equipa decide reunir-se para ver as notícias, invento uma desculpa e vou até a uma cafetaria na St. Aldate. Faz-me lembrar aquela onde eu ia quando andava no liceu: suficientemente grande para conseguirmos sempre um lugar sentado e suficientemente longe do circuito dos turistas, logo, de pouco interesse comercial para que as grandes cadeias de *fast food* lhe queiram deitar a mão. Por isso é que não deixa de me divertir ver uma fila interminável de turistas chineses a passarem alegremente por mim, seguindo uma mulher com um guarda-chuva encarnado aberto, todos a marchar de modo confiante na direção errada. Porque seja qual for a obra-prima arquitetónica que lhes prometeram visitar, não será certamente na Abington Road que a irão encontrar.

Estou ao balcão quando o Challow me liga.

– Queres a notícia ou a boa notícia?

Praguejo em silêncio, enquanto estendo uma nota de cinco ao empregado; não estou com paciência para os joguinhos de palavras do Challow.

– Resultados do ADN?

– Lamento. Ainda estou à espera.

– Então, calculo que essa seja a notícia, e não a boa notícia?

– Calculas bem.

– Olha lá, dizes-me de uma vez?

O Challow ri-se secamente antes de sugerir:

– Porque não vens até cá para veres com os próprios olhos?

* * *

– Adam? És tu? A voz no altifalante surge com interferências, mas reconheço-a de imediato.

– Dá-me um minuto, pai. Estou a conduzir.

Encosto na berma da estrada e atendo-o no telemóvel.

– Pronto, já posso falar. Passa-se alguma coisa?

Oiço-o a bufar de desagrado:

– Por que raio achas sempre que se passa alguma coisa?

– Desculpa, é que...

– Vimos-te nas notícias, eu e a tua mãe.

– Ah, OK. Pois...

– Estiveste muito bem.

De uma maneira ou de outra, ele consegue sempre irritar-me.

– Não foi propriamente a cerimónia dos Óscares, Pai. Não se trata de mim.

– Eu sei disso, Adam – responde-me, soando tão rabugento quanto eu. – O que eu *quis dizer* foi que te safaste muito bem. Calmo. Autoritário.

E agora sinto-me uma porcaria. Como de costume.

– Sei que não achas que nos orgulhamos de ti, filho, mas estás enganado. Orgulhamo-nos e muito. Uma carreira na polícia não teria sido a nossa primeira escolha para ti, mas lá conseguiste trilhar um belíssimo caminho.

Expressão traiçoeira, este «lá conseguiste». Mas obrigo-me a parar com esta tendência para ver sempre um lado negativo nestas conversas. Nem sei se ele teve essa intenção.

– Ouve, pai, gosto muito que tenhas ligado, a sério, mas vou ter de desligar. Vou a caminho do laboratório.

– A mãe manda beijinhos e diz que está ansiosa por voltar a ver-te. E à Alex, claro.

E a chamada desliga-se.

* * *

As nuvens acumulam-se ao longo do dia, e a meio da tarde o céu surge tão escuro quanto novembro. Pingos de uma chuva de verão tamborilam nas árvores do centro de Crescent Square, e dois esquilos perseguem-se pela relva.

Pippa está em casa, enroscada no sofá, a jogar *Candy Crush* no telemóvel. Ouve Rob no escritório, a falar ao telefone. Com os pais da Hannah. Ela nunca os conheceu, mas sabe exatamente como são. Gervase e Cassandra – até os nomes lhes assentam na perfeição.

A porta do escritório abre-se e Rob surge à entrada da sala. Está vestido para trabalhar, mas talvez ela consiga demovê-lo. Estende as longas pernas, assumindo uma pose sensual.

– Ligaram do escritório – diz ele, ignorando-a. – Há uma crise qualquer. Nem me importo de lá ir. Sempre me ajuda a distrair a cabeça.

– Que tal correu o telefonema?

Com isto, ele irrita-se:

– O que é que achas? Não foi propriamente um telefonema de cortesia... «Como está o tempo por aí? A propósito, encontraram a tua mulher morta e enterrada no barracão de um velho tarado.»

Pega nas chaves do carro.

– Não sei a que horas volto.

– Preciso de falar contigo.

– Vais ter de esperar – diz ele, já a caminho da porta. – Fiquei de lá estar às 16h00.

– Estou grávida.

Ele volta-se para Pippa, que continua com o telemóvel na mão.

– Estás grávida... – repete ele, num murmúrio monocórdico. – Isso é impossível.

– Claro que é *possível*, Rob. – Ela cora ligeiramente. – Já te queria dizer isto há uns tempos, mas nunca é o momento ideal.

– Disseste-me que tomavas a pílula.

– E tomo. Mas por vezes acontece. Tu és da área das ciências, já devias saber isso.

– Precisamente – sussurra Rob, num tom ameaçadoramente calmo. – «Sou da área das ciências». E por isso mesmo sei que essa criança não é minha.

– Claro que é! Só pode ser tua.

– Porquê? – Avança mais um passo. – Porque não foste para a cama com mais ninguém?

– Sim, eu... claro que não fui – gagueja ela, já claramente aterrorizada.

– Tu – continua ele, parando à frente dela, esfaqueando o ar com cada palavra – estás a *mentir*.

Ela encolhe-se toda perante a violência na voz dele.

– Não estou a entender...

Ele oferece-lhe um sorriso horrível:

– Não? Ainda não percebeste? *Eu não posso ter filhos*. Fui suficientemente claro?

Pippa tem as faces escaldantes e vermelhas. Baixa os olhos para o telemóvel – mais para evitar olhar para ele do que por outra coisa –, mas percebe que foi um erro. Ele arranca-lho da mão e lança-o contra a parede. Depois, agarra-a violentamente pelo pulso e torce-o, forçando-a a levantar-se.

– Olha para mim quando falo contigo!

Rob tem o rosto tão próximo do dela que Pippa sente os salpicos de saliva que lhe saem da boca.

– Estás a magoar-me...

– Quem é ele? Quem é o pai desse puto que queres fazer passar por meu, diz lá? Um estudentezeco qualquer? O gajo que vem cá tirar as leituras? *Quem?*

Agarra-a pelos ombros e abana-a violentamente.

– Comeste-o aqui?! Em *minha* casa?

– Não... claro que não! Foi... foi só uma vez. Não significou nada.

Ele ri-se maldosamente.

– Sim, sim, pois, pois...

– Não o amo. Eu *amo-te*!

Ela morde o lábio até fazer sangue. Já tem lágrimas nos olhos.

Rob solta uma risada de desprezo.

– *Amor*? Sabes lá o que essa palavra significa.

Empurra-a para cima do sofá, dirige-se à porta e vira-se para ela. Fica a vê-la chorar por um momento.

– Quando chegar, não te quero ver aqui.

– Não podes! – soluça ela. – E o Toby? Quem é que o vai buscar? Tomar conta dele?

– Consigo perfeitamente cuidar do meu filho sozinho. Deixa as chaves e pira-te. Não quero voltar a ver-te.

* * *

Lingfield Road, 29. Banbury. Casa geminada. Bonita entrada em gravilha. Canteiros de gerânios.

– O que achas? – pergunta Gislingham, desligando o motor.

Somer olha para a casa:

– Parece aquilo que é, a casa de um professor.

O inspetor assente:

– Sim, não a estou a ver a aparecer num episódio futuro de *Crimes por Resolver*, mas lá está, as aparências iludem.

Chegados ao portão, Gislingham faz um gesto elegante para a deixar passar:

– As senhoras, primeiro.

Somer sorri, apenas educadamente, mas depois pensa que lá por a maioria dos homens gostarem de ficar a olhar para o rabo dela, não quer dizer que Gislingham o faça.

Toca à campainha e aguardam. Depois uma segunda vez e uma terceira. Gislingham vai espreitar a uma das janelas. Pela fresta da cortina, consegue ver um sofá, cadeirões demasiado grandes para aquela sala e uma mesa de centro com uma série de revistas cuidadosamente dispostas.

– Não se vê vivalma – observa ele.

Somer junta-se a ele e espreita também. Simples, arrumada, mas pouco inspiradora. Austera sem elegância. Eles já sabem que não existe uma Sra. Walsh oficial, mas, pelos vistos, também não haverá uma oficiosa.

– Vê-se que o tipo gosta de bibelôs – diz Gislingham, apontando para uma pequena estante embutida na parede do fundo. – Aquelas prateleiras todas tão estreitas não serão para livros, pois não.

Somer franze a testa:

– Onde é que eu vi uma estante destas há pouco tempo? – Abana a cabeça. – Não me lembro.

– Tentamos na universidade? – sugere ele.

Penso que estamos em período de férias, mas quem sabe estas escolas chiques funcionem num regime diferente?

Ela encolhe os ombros:

– Não me perguntes isso a mim. Mas sim, vale a pena tentarmos, estamos a dez minutos de lá.

Enquanto se dirigem ao carro, está uma mulher a sair da casa em frente, debatendo-se com uma criança pequena e um carrinho.

– Vou tentar saber se ela conhece o Walsh – diz Somer, dirigindo-se à casa. – Não demoro.

Gislingham entra no carro e pega no jornal. Ouve tocar um telemóvel e acaba por perceber que não é o dele. Abre o porta-luvas e tira o telemóvel de

Somer. No ecrã surge o nome «Gareth» – e ele não contém um sorriso maldoso ao atender:

– Estou? Telemóvel da agente Erica Somer...

Silêncio. Três segundos, quatro, cinco.

– *Gislingham?*

– Sim, quem fala?

– É o Quinn, sabes perfeitamente.

– Desculpa, companheiro, não estava à espera que fosses tu.

Novo silêncio. Que traduzido diria: «Ai não que não estavas.»

– Liguei para saber como é que isso está a correr – acaba Quinn por dizer.

– Com o Walsh, claro. Não sabia que também tinhas ido.

– Ainda não o conseguimos localizar. Digo-lhe que ligaste?

O colega hesita:

– Não, deixa lá, já sei o que queria saber.

Pois, pois, pensa Gislingham, ao desligar. Era mesmo só isso...

Petersham College é uma escola da velha guarda, pelo menos vista de frente. Duas quadras vitorianas, com refeitório, capela e janelas de vitrais. Gislingham estaciona na zona para visitantes e seguem as setas que anunciam o «Alojamento do Porteiro».

– Só há um, portanto – murmura Somer. – Pergunto-me como farão quando ele adoece.

– Desculpa?

Ela abana a cabeça.

– Um preciosismo de gramática, esquece.

Passou dois anos a tentar ensinar Inglês num bairro problemático de uma cidade do interior, antes de decidir que, se ia passar os dias a lidar com drogas, facas e violência gratuita, mais valia que lhe pagassem para o fazer profissionalmente.

O porteiro acaba por se revelar uma porteira: uma mulher de meia-idade, de saia de xadrez e casaco cor de vinho.

– Posso ajudá-los? – pergunta, olhando para eles por cima dos óculos.

Gislingham mostra-lhe o crachá de identificação:

– Podemos falar com o Sr. Walsh, por favor? Donald Walsh?

Ela inclina-se para a frente e aponta:

– A sala dele fica num dos edifícios novos, a Coleridge House. Atravessem a arcada que surge do lado esquerdo. Poderei ligar-lhe a avisá-lo, se me quiserem informar do que se trata?

Somer sorri-lhe; a mulher está claramente a tentar tirar nabos da púcara.

– Não vale a pena, mas obrigada na mesma.

Atravessam a quadra. Dois rapazes passam por eles, de mãos nos bolsos dos calções. As vozes são ligeiramente estridentes, quase tanto quanto os casacos. Veem-se os nomes dos professores listados num quadro no fundo de cada lanço de escadas, e pequenas janelas de madeira que deslizam para o lado, indicando *presente* ou *ausente*. Gislingham diverte-se a brincar com aquilo por um momento.

– Caramba, a malta aqui trata-se bem, não? – diz ele, olhando em volta ao passar pelos vistosos cadeirões de cabedal, as prateleiras repletas de livros e as várias lareiras de pedra. – Ainda que me faça confusão como é que os pais pagam tanto dinheiro para terem os filhos a estudar nestes sítios. Educação é educação. O resto é só paisagem.

Mas assim que passam pela arcada, a história é completamente diferente. Uma série de contentores invadem o parque de estacionamento dos funcionários e ao fundo veem-se dois anexos pesadões dos anos 70, batizados de forma algo incongruente com nomes de poetas românticos. *Aposto que não trazem aqui os paizinhos milionários*, pensa Somer, enquanto Gislingham empurra a porta da Coleridge House. Um eco desagradável e um cheiro a desinfetante. A sala de Walsh fica no terceiro andar e não há

elevador – por isso, quando chegam lá acima estão ambos a arfar. O homem que lhes abre a porta veste camisa aos quadrados, gravata de malha e tem os sapatos impecavelmente engraxados. Parece-se bastante com o homem descrito por Elspeth Gibson.

– Sim?

– Inspetor Chris Gislingham e agente Erica Somer, da Polícia de Thames Valley. Podemos dar-lhe uma palavrinha?

Ele pisca os olhos e parece hesitante, olhando para trás:

– Bom, estou a dar uma aula de apoio. Podem voltar mais tarde?

– Viemos de Oxford – informa-o Gislingham. – Por isso, não podemos «voltar mais tarde». Podemos entrar?

Os dois homens fixam-se por alguns segundos, até que Walsh cede passagem:

– Com certeza.

O espaço mais parece uma sala de aula do que uma sala de estudo. Nada de cadeirões de cabedal, apenas uma secretária, umas quantas cadeiras de madeira, um quadro de ardósia antigo e alguns pósteres emoldurados. *Madame Butterfly* na English National Opera; dois artefactos japoneses do Museu Ashmolean. E sentado à secretária, visivelmente nervoso, um rapazinho ruivo com um caderno de exercícios à frente. Talvez com 11 ou 12 anos.

– OK, Joshua – diz Walsh, com um entusiasmo exagerado. – Parece que um inesperado *deus ex machina* te libertou prematuramente do purgatório que representa a revogação das Corn Laws.

Mantém a porta aberta e faz um gesto ao rapaz:

– Vai lá à tua vida. Mas olha que quero ver essa apresentação amanhã logo pela manhã.

O rapaz para à porta e volta-se para olhar para Gislingham, antes de sair. Ouvem-se passos lesto enquanto desce as escadas.

– Muito bem – diz Walsh, rodeando a secretária, numa atitude sobranceira que não passa despercebida aos polícias. – Em que posso ajudá-los?

– Imagino que saberá porque estamos aqui? – começa Gislingham.

Walsh olha para ele, depois para Somer.

– Para ser franco, não.

– É sobre o seu tio, ou melhor, o marido da sua tia, William Harper.

– Ah... Bom, não posso dizer que me surpreende. Mas não percebo porque vos mandaram eles vir ter comigo.

– Trata-se de um assunto grave, Sr. Walsh.

– Com certeza. Não quis insinuar que... Enfim, os senhores saberão. Digam-lhes que entrem em contacto comigo, que eu resolvo as coisas. Creio que já não há mais ninguém, agora já não.

Gislingham olha-o, sem perceber patavina.

– Desculpe, de que é que está a falar, Sr. Walsh?

– Dos advogados que ele arranjou. São de um escritório de Oxford, certo?

– Não estou mesmo a entender.

– Por causa do testamento. Não é por isso que aqui estão? Por causa da morte do Bill?

Somer e Gislingham trocam olhares.

– O senhor não viu as notícias? Os jornais?

Walsh esboça um sorriso meio embaraçado:

– Não tenho tempo para ler jornais, temo dizê-lo. Têm ideia do trabalho que tudo isto envolve?

Somer tem, até bem de mais. Mas não tem qualquer intenção de lho dizer.

– Ouça – intervém ela. – Creio que é melhor sentar-se.

* * *

– Como um colega meu disse no outro dia, de vez em quando, a malta até

tem sorte.

Estou no laboratório, ao lado do Challow e em frente a uma mesa metálica coberta de folhas de papel, todas manuscritas. Algumas estão intactas, outras cobertas de humidade, outras ainda semidesfeitas e completamente ilegíveis.

– Do que se trata? Uma espécie de diário, não?

Challow assente:

– A Nina encontrou-o num dos caixotes guardados na cave. Estava enfiado de lado, meio escondido, daí o velho não o ter visto. Havia alguns livros na cave, e a rapariga aproveitou as páginas em branco, rasgando-as para escrever. Também havia duas ou três canetas Bic no caixote, daquelas cor de laranja. O Harper deve ser daquele tipo de pessoa que não consegue deitar nada fora. – Aponta para as folhas escritas: – Recuperámos o que conseguimos, mas creio que aquele alçapão no chão deve ter inundado recentemente. Aliás, o que me espanta é que a rapariga não tenha apanhado uma pneumonia, ali trancada durante tanto tempo.

Acende um candeeiro suspenso e baixa-o mais um pouco para podermos ver melhor.

– Transcrevi as folhas que ainda estão intactas, digitalizei-as e enviei-te. E agora vou tentar decifrar o resto. Nunca se sabe, hoje em dia, a tecnologia consegue fazer verdadeiros milagres.

– Obrigado, Alan.

– Boas leituras. Claro que, dadas as circunstâncias, é só uma maneira de dizer.

* * *

Quinn está prestes a desistir quando finalmente lhe abrem a porta. Só uma fresta, diga-se, mas o suficiente para ele ver uns pés descalços, cabelo louro

comprido, pernas ainda mais longas e uma camisa de noite de alcinhas, claramente sem nada por baixo. Um dia merdoso deixa subitamente de ser tão merdoso assim.

– Boa tarde. O Sr. Gardiner está?

Ela abana a cabeça. Tem um daqueles rostos que parecem sempre ligeiramente afogueados. Ou então esteve a chorar.

Quinn mostra-lhe o crachá e brinda-a com um sorriso simpático:

– Inspetor Gareth Quinn. Quando é que ele regressa, tem ideia?

– Está a trabalhar, penso que chega tarde.

Vai para fechar a porta, mas o inspetor avança um passo:

– Talvez seja melhor eu entrar e deixar-lhe um recado. Queríamos apenas dirigir-lhe um pedido de desculpas pela forma como ele soube da notícia... da morte da mulher.

Ela encolhe os ombros.

– Faça como entender.

Dá meia-volta e afasta-se, e Quinn entra, reparando desde logo que ela tem um copo de vinho na mão. Dos grandes.

A rapariga enfiou-se para dentro da casa e ele dá por si sozinho na sala. Em cima do sofá, uma carteira adornada com pompons, na mesa de centro, uma garrafa de vinho branco. Praticamente vazia. Quinn apressa-se a perscrutar a sala; se for apanhado, pode sempre dizer que estava à procura de papel e caneta, ainda que tenha ambos no bolso de dentro da farda. Uma televisão cara, uns quantos livros, sobretudo manuais de Medicina, gravuras em molduras pretas e brancas. Quinn nunca permitiu que alguma mulher se mudasse para sua casa, mas percebe que por ali não existe uma forte presença feminina. Regressa ao *hall* de entrada.

– Está tudo bem? – chama.

Depois de uns segundos de silêncio, a jovem aparece, vinda do quarto, a carregar uma mala semiaberta e a abarrotar de roupa, que larga na sala.

Vestiu umas calças de ganga e calçou uns botins de salto agulha, altíssimos – deixando antever uma tira de pele muito pálida entre a bainha das calças e o cano. Senta-se no sofá e tenta correr o fecho da mala, com o longo cabelo louro a pender-lhe sobre o rosto.

– Deixe-me ajudá-la – diz-lhe Quinn, dirigindo-se a ela.

Ela ergue os olhos para ele, debate-se com o fecho durante uns segundos, até que desiste:

– Que se lixe.

Recosta-se no sofá e esconde o rosto, mas o inspetor percebe que está realmente a chorar. Acaba de correr o fecho da mala e põe-na em pé.

– Está tudo bem?

Ela assente, limpando as lágrimas com as costas da mão. Continua sem olhar para ele.

– Precisa de boleia, ou algo no género?

Ela parece reprimir um soluço, depois assente levemente:

– Sim, obrigada.

Dez minutos depois, Quinn põe a mala no porta-bagagens, entra no carro e arrancam. Ao descer Banbury Road, ele olha-a de relance:

– Isto não deve ser nada fácil para ele, sabe...

A mulher volta-se para olhar para ele:

– Sim, imagino. Encontrarem a mulher enterrada num barracão... Mas isso já foi há *dois anos*.

O que não é nada, claro. Mas para alguém da idade dela talvez seja complicado entender.

– Para onde vai?

– Não sei – replica ela com um encolher de ombros. – Para casa é que não, de certeza.

– Porque não?

Ela lança-lhe um olhar que o faz decidir não insistir.

– Calculo que estes últimos dias também não tenham sido fáceis para si.

– A sério... – murmura ela em tom irónico, a olhar pela janela.

Tem de novo os olhos marejados de lágrimas.

Chegados ao terminal das camionetas, ele estaciona e vai abrir o porta-bagagens. E só quando ela estende a mão para pegar na carteira é que ele repara no que, provavelmente, já devia ter reparado.

– Como é que fez isso? – pergunta-lhe num tom calmo.

Ela cora e baixa a manga.

– Não é nada. Bati com o braço numa porta.

Ele levanta-lhe a manga e ela nada faz para o demover. O vergão está feio, ainda muito avermelhado. A marca clara de uns dedos vincados na pele delicada.

– Foi ele que lhe fez isto?

Ela não está a olhar para Quinn, mas assente.

– Devia apresentar queixa, como sabe.

Ela abana veementemente a cabeça, esforçando-se por não desatar a chorar.

– Não foi de propósito – murmura ela, tão baixinho que o inspetor mal a ouve.

Um autocarro de turismo passa lentamente por eles e Quinn apercebe-se de que alguns passageiros observam-nos com curiosidade.

– Deixe-me oferecer-lhe um café.

Ela recusa, abanando a cabeça

– Preciso de encontrar um sítio onde ficar.

– Não se preocupe com isso. De certeza que arranjamos qualquer coisa.

Quinn pega na mala e volta a enfiá-la no porta-bagagens.

* * *

A mulher no átrio de St. Aldane parece perturbada. Verifica três vezes o telemóvel nos 30 segundos que o agente de serviço à receção demora a levantar-se e dirigir-se a ela.

– Sim? Posso ajudá-la?

– O meu nome é Lynda Pearson. Dra. Lynda Pearson. Venho ver William Harper. É meu paciente.

– Ah, sim, estávamos à sua espera. Pode sentar-se, por favor. Não demoro nada.

Ela não contém um suspiro; está farta de ouvir isto. Dirige-se para a fila de cadeiras e tira o telemóvel da carteira. Já que tem de esperar, pelo menos sempre faz qualquer coisa de útil.

– Dra. Pearson?

A médica ergue o olhar para um homem corpulento, vestido com um fato demasiado apertado. Os botões da camisa também parecem querer rebentar a qualquer momento. Meio careca, ligeiramente arquejante. Claramente com tensão alta.

Parece andar na casa dos 40, mas provavelmente é cinco anos mais novo.

– Inspetor Andrew Baxter – apresenta-se ele. – Posso acompanhá-la até ao Sr. Harper.

A médica reúne as suas coisas e acompanha-o, descendo as escadas.

– Como está o Bill?

– Bem, tanto quanto sei. Estamos a fazer os possíveis para não lhe criarmos situações de grande *stress*. A providenciar-lhe comida de que ele gosta, esse tipo de coisas.

– Provavelmente come melhor aqui do que comia em casa. Emagreceu bastante nestes últimos meses. O Derek Ross tem estado com ele?

– Não desde que o trouxeram para cá. Aliás, foi o próprio Ross que

sugeriu que lhe ligássemos.

Chegados à Ala de Custódia, Baxter dirige-se ao sargento de serviço, sentado à secretária:

– A Dra. Pearson para ver o William Harper.

Quando se encaminham para a cela, Lynda Pearson tem uma súbita e sinistra premonição de que vão encontrar o velhote enforcado nas grades da janela. Mas é certamente o cérebro a pregar-lhe partidas, tão habituada que está às séries policiais que vê há anos, porque assim que a porta se abre, Harper está calmamente sentado na sua cama, com os pés no chão, magro, sim, mas com uma cor nas faces que ela nunca lhe viu antes. O prato e o copo deixados no tabuleiro aos pés da cama estão ambos vazios.

– Como está, Bill? – pergunta-lhe, ocupando a única cadeira existente.

Ele fixa-a com olhos semicerrados:

– O que veio aqui fazer?

– A Polícia pediu-me que viesse vê-lo. Certificar-me de que está a ser bem tratado.

– Quando posso ir para casa?

Pearson olha de relance para Baxter:

– Infelizmente, não será para já, Bill. A polícia tem mais algumas perguntas para lhe fazer. É coisa para ainda ter de aqui ficar mais um tempo.

– Assim sendo – diz ele, num tom espantosamente claro –, quero falar com o inspetor responsável. Tenho uma declaração a fazer.

* * *

– Isso é mesmo necessário?

Walsh passou da incredibilidade à irritação num espaço de apenas três frases. Primeiro, em reação às notícias, depois perante o pedido de Gislingham para o acompanhar às instalações de St. Aldate.

– Por que diabo precisam que eu vá até lá? Tenho compromissos. Aulas, avaliações, atividades extracurriculares para supervisionar... é deveras inconveniente!

– Eu entendo, mas precisamos mesmo de recolher amostras. ADN, impressões digitais...

Ele lança-lhe um olhar furioso:

– E para quê?! Há anos que não ponho os pés naquela casa.

– A sério? – intervém Somer. – Dava-se assim tão mal com o seu tio?

– Minha cara senhora, tal como o seu colega tão acertadamente observou há poucos minutos, nós nem sequer éramos *parentes*.

Gislingham reage, arregalando os olhos; se isto foi uma tentativa de cair nas boas graças de Somer, o tirou saiu-lhe muito ao lado.

– Sr. Walsh – diz ela, o mais calmamente que consegue –, já conseguimos concluir que muito pouca gente visitou aquela casa nos últimos anos, e o senhor foi uma dessas pessoas. Precisamos de o excluir da nossa linha de investigação e...

Ele semicerra os olhos, desconfiado:

– Linha de investigação? Não estará certamente a insinuar que eu possa estar envolvido naquilo que ele andou a fazer, pois não? Garanto-lhe que não fazia a menor ideia, o caso chocou-me tanto quanto a outra pessoa qualquer.

– *Chocou?* – pergunta Somer, olhando-o nos olhos.

Ele aparece irritado:

– Como?

– O senhor disse *chocou-me*. Isso significa que já sabia, antes de aparecermos cá. Ou seja, viu nas notícias, tal como toda a gente.

Ele solta um longo e profundo suspiro.

– Ouçam, eu trabalho numa escola. Uma escola exclusiva e *caríssima*. Fazem ideia de quanto é que os paizinhos pagam por ano para terem os filhos a estudar num sítio como este?

Somer faz uma pequena ideia. E provavelmente é mais do que ela própria ganha por mês.

– A última coisa de que eu preciso é ver o meu nome associado a uma coisa... como *essa*.

Pois, calculo que não precisas mesmo, pensa Somer, e ainda mais tendo em conta que estás num nível tão inferior nos quadros desta escola que te enfiaram numa salinha manhosa das traseiras, com vista para os contentores...

– Optamos sempre pela maior discrição possível – acaba por lhe dizer a agente –, mas o facto é que continuamos a precisar que nos acompanhe a Oxford. Mesmo que não tenha ido a Frampton Road nos últimos tempos, a verdade é que temos impressões digitais não identificadas que podem estar lá há muito tempo. Além disso, estou certa de que *uma escola como esta* espera que o senhor preste toda a colaboração possível com a polícia.

Com esta é que ele não contava, e ela sabe-o.

– Muito bem – diz ele num tom resignado. – Calculo que me seja permitido ir no meu próprio carro?

Já no carro, Gislingham volta-se para ela:

– Caramba, apanhaste-o pelos tomates... e bem apanhado!

– Queres saber? – replica ela com expressão pensativa. – Tenho a certeza de que hoje em dia há alguma coisa nos regulamentos destas escolas que impede que um professor fique sozinho com um aluno. No mínimo, que seja recomendado deixar a porta aberta.

– O quê, estás a sugerir que se passava alguma coisa entre ele e o miúdo?

– Não necessariamente. Mas creio que devíamos investigar. Se a memória não me falha, esta já é a terceira escola onde ele dá aulas nos últimos dez anos. Pode querer dizer alguma coisa. Ou nada.

– Sim, vale a pena vermos isso.

Ela concorda com um aceno.

– No entanto, convém sermos cautelosos. No caso de um professor, um simples rumor pode dar-lhe cabo da carreira. Mesmo que se venha a revelar absolutamente falso.

Aconteceu a alguém que ela conhecia. Um homem pacato, inofensivo e, como se veio a provar, inacreditavelmente ingénuo, que foi demitido depois de um dos seus alunos do 10.º ano o ter acusado de agressão. Da última vez que ela o viu, trabalhava na caixa de um supermercado.

Gislingham liga a ignição e, momentos depois, veem o Mondeo metalizado de Walsh a sair do parque de estacionamento.

– A propósito – observa Gislingham, vendo o carro do homem a aproximar-se –, que raio foi aquilo que ele disse da *sex machine*?

Por segundos, a agente fica completamente desconcertada, sem perceber nada.

– Ah! Queres dizer *deus ex machina*? Isso é uma cena da tragédia grega, quando um escritor vê o seu enredo de tal modo complicado que tem de inventar um personagem mirabolante para resolver a questão, geralmente uma divindade.

O inspetor sorri.

– Parece-me uma bela ideia. Podíamos fazer o mesmo.

– Acho que já temos um – reage ela num tom seco. – Sob o ocultíssimo disfarce de... Inspetor-Chefe Adam Fawley.

Gislingham solta uma sonora gargalhada e mete a mudança. As costas da mão roçam na dela.

Apenas por um breve momento.

* * *

Estou a escrever isto porque quero que toda a gente saiba. Se

eu morrer aqui em baixo, se nunca mais sair daqui, quero que as pessoas saibam o que ele me fez.

Eu tinha saído para ir ver um alojamento de estudantes. Um deles tinha saído, por isso tinham um quarto disponível por alguns meses e seria de certeza melhor do que aquele onde eu estava. Só que eu parti um salto a atravessar a rua, por isso sentei-me num muro, a tentar arranjá-lo. Foi então que ele saiu da casa. Pensei que me ia pedir para descer do muro dele mas ele olhou para o meu sapato e disse que tinha uma cola própria para o arranjar. Disse que não demorava nada. E eu olhei para ele e ele sorriu. Estava de gravata, lembro-me disso, não parecia um tarado. Parecia boa pessoa. Simpático. Como um tio de alguém. Por isso aceitei a ajuda e segui-o até casa dele.

Disse que tinha de ir buscar a cola ao barracão, serviu-se de um chá e perguntou-me se eu também queria. Deve ter sido aí. Deitou qualquer coisa no chá.

Eu achei que tinha um sabor esquisito [material ilegível]

... deitada no chão com a cara para baixo. Comecei a gritar, mas ninguém apareceu. Ele nunca apareceu. E às tantas precisei de fazer chichi e comecei a chorar porque senti as calças todas molhadas e foi horrível. Não sei quanto tempo é que passou até eu perceber que conseguia rastejar de joelhos. Fartei-me de bater em coisas no escuro, mas encontrei a cama e a sanita e os caixotes de tralha. Cheira tudo a velho. Acho

que este quarto é subterrâneo porque é tão frio...

[uma página ilegível]

... ouvi-o lá fora. O som de uma chave e depois passos nas escadas e depois acendeu-se uma luz. Conseguia ver por debaixo da porta.

E então ouvi-o lá fora, a respirar. A respirar e a ouvir. Deixei-me ficar muito quieta e ele acabou por se ir embora. Mas a luz debaixo da porta continua acesa.

Ele vai voltar a descer, não vai?

Não quero que ele me viole. Nunca fiz sexo e não quero que seja ele o primeiro.

Porque é que ninguém aparece?

[duas páginas ilegíveis]

... cá abaixo outra vez. Trouxe água e deixou-me beber um bocado, mas entornei a maior parte por dentro do top. Disse que tinha fome mas ele disse que primeiro eu tinha de ser boazinha para ele. Tentei bater-lhe e ele deu-me um estalo. Disse que eu me ia portar bem mais tarde ou mais cedo porque só assim é que poderia comer. Cuspi-lhe a água para cima e ele disse tu é que sabes. Até podes beber da sanita, quero lá saber. Hás de cá vir, minha cabra ordinária. Como as outras todas.

Não paro de pensar se haverá alguém à minha procura A malta do alojamento de estudantes nem quer saber. A mãe não sabe onde eu estou e mesmo que soubesse não se ralava. O mais certo é ela achar que foi bem feita por ter sido tão estúpida. É o que ela sempre diz.

Posso morrer aqui e ninguém vai saber.

Eu não quero morrer.

Por favor não deixem que ele...

[três páginas danificadas]

Ele violou-me

Ele VIOLOU-me

Não sei há quanto tempo porque estou aqui deitada e só choro e choro. Por favor, se lerem isto, não o deixem safar-se. Façam-no pagar pelo que fez.

Ele trouxe-me mais água mas acho que tinha alguma coisa porque comecei a sentir-me esquisita. Como se soubesse o que estava a acontecer mas sem poder fazer nada. Num minuto ele estava ali sentado a sorrir para mim e no minuto seguinte estava a tirar-me as cuecas e a mexer-me com as mãos nojentas e enrugadas e a enfiar-me os dedos e a perguntar se eu gostava. Não me desamarrou - acho que ele gosta que eu esteja

amarrada. Ele fez-me aquilo por trás e depois virou-me e voltou a fazê-lo. E durante todo o tempo eu tinha a cara no pó do chão e doeu-me como se ele me estivesse a rasgar por dentro.

Vomitei a seguir. Tinha sangue a escorrer-me pelas pernas abaixo.

Mas ele deixou-me água e alguma comida

E acendeu a luz

[várias páginas em falta]

... há quanto tempo estou aqui mas já não consigo contar porque ele tirou-me o relógio e o telemóvel. Apareceu-me hoje o período por isso já devem ter passado três semanas. Disse-lhe que precisava de pensos mas ele só me trouxe papel higiénico. Nem sequer me devolveu as cuecas, o sacana. Diz que estão sujas. Além do mais ele gosta de me ver sem cuecas. Chama-lhe «a minha vagina».

Sentou-se ali comigo e ficou a olhar enquanto eu metia papel higiénico entre as pernas. Tinha um olhar muito estranho. Como se gostasse de sangue. Como se ainda desse mais prazer àquela mente distorcida. Disse que era uma pena não podermos fazer sexo enquanto eu estivesse a sangrar mas que se eu quisesse podia fazê-lo por trás. Ele parece achar que temos algum tipo de relação. Nunca achei que isto pudesse ficar

pior, mas a verdade é que ficou mesmo.

[várias páginas danificadas]

... agora está mais simpático comigo. Diz que podemos vir a ser uma família e que sempre quis ter um filho e que espera que seja um rapaz. Devolveu-me as cuecas e até tentou lavá-las. E também me deixa ter a luz acesa. E mais comida. Mas quando eu lhe disse que precisava de um médico ele riu-se de uma maneira horrível e disse que se eu precisava de um «doutor» estava no sítio certo. Quando voltei a pedir-lhe ele disse que as mulheres do século XIX tinham os bebés no meio do campo e começavam logo a trabalhar. Que eu era jovem e forte e que ele ia cuidar de mim. De mim e do bebé.

Mas depois disso deve ter ficado furioso comigo porque voltou a apagar a luz. Fiquei o tempo todo no escuro. A sentir o filho dele dentro de mim. A comer-me por dentro.

[uma ou mais páginas em falta]

Agora está aqui deitado a olhar para mim. Quando chora a cara fica toda enrugada e vermelha. Ele disse-me que eu tinha de o alimentar mas eu recusei e voltei-lhe as costas. Ele é que o quis, ele que lhe dê de comer. Arranjou leite e conseguiu que o miúdo bebesse um bocado.

Levou a roupa de cama suja e deu-me lençóis lavados. Estava sempre a dizer que tudo tinha de estar limpo e higiénico mas eu disse-lhe que não queria saber.

Que nem sequer me importava de morrer. Agora já não. E ele disse que eu tinha de viver pelo bebé e eu virei a cabeça para a parede e chorei.

Ele disse que tivemos muita sorte por eu ser tão nova e o parto ter corrido tão bem. E eu disse: «Sorte? Sorte por ser mantida prisioneira aqui dentro? Sorte por ser violada todos os dias?» E ele disse que as coisas não são nada assim e que eu sei disso, e que tenho de me portar bem. Que foi compreensivo comigo porque eu estava grávida mas que as coisas iam ter de mudar.

Ele diz que eu tenho de tomar conta do bebé e que me deixa em paz se eu o fizer por isso é de todo o meu interesse. Disse-lhe para o levar lá para cima e ele que cuide dele mas não quer. Diz que ele é meu. Meu e dele. Diz que lhe chamou Billy.

Eu não lhe vou dar um nome

Não aqui

Não no escuro

Ele agora está a olhar para mim. O bebé. Tem olhos azuis. Cabelo preto como o meu. Estou a tentar vê-lo como meu. Só meu e sem ter nada que ver com aquele velho tarado sinistro.

Ele não chora muito. Fica ali deitado na manta a olhar para

mim. Já passaram mais de três meses. O velho continua a ser "simpático" comigo. Ando a comer melhor. Deu-me tampões. Até me trouxe umas roupas. Deve tê-las arranjado numa daquelas lojas de beneficência mas podiam ser piores. Também arranjou roupas para o miúdo. Uma t-shirt e uns babygros.

Talvez ter tido este bebé possa ser uma coisa boa. Porque ele não vai poder manter um bebé aqui em baixo para sempre, pois não? E se ele adoecer? O velho não o vai deixar morrer. Não quer saber de mim mas não vai deixar que nada aconteça ao bebé.

Não com o filho dele

Não com o seu Billy

[uma ou mais páginas em falta]

JÁ NÃO HÁ COMIDA E A ÁGUA ESTÁ JÁ ESTÁ A ACABAR

NÃO SEI QUANTO MAIS TEMPO CONSIGO FAZÊ-LA DURAR

OUÇO PESSOAS NA CASA AO LADO MAS POR MAIS ALTO QUE EU GRITE NINGUÉM APARECE

NINGUÉM APARECE

* * *

O Baxter liga-me da Ala de Custódia às 17h30. Tenho a cabeça a abarrotar de palavras. As palavras da rapariga e as imagens que a minha mente fez delas. Sei perfeitamente o mal que ele lhe fez, mas vê-lo, vê-lo a desenrolar-se no meu cérebro é completamente diferente. Estou agora carregado de uma raiva com a qual sei que terei de lidar com extrema cautela. E de uma pena incomensurável.

Do lado de lá da linha, o Baxter aguarda que eu fale:

– Chefe?

– Desculpa, estava a milhas. O que se passa?

– É o Harper. Ficou subitamente lúcido. E diz que quer fazer uma declaração.

Tenho de contar até dez.

– Certo. Já avisaste a advogada?

– Sim, mas, infelizmente, só dentro de uma hora é que poderá cá estar. E creio que não devemos, nem podemos arriscar a esperar tanto tempo. No estado em que ele está, o mais certo era voltar ao mesmo quando a advogada chegasse. Mas está cá a médica dele, por isso, se concordar, poderá ser ela a adulta responsável.

– Por mim, tudo bem. Leva-o para a Sala de Entrevista Um. O Quinn está por aí?

– Ainda não o vi.

– Podes ser tu, então. Chego em dez minutos.

Assim que entro na sala, o Harper olha-me diretamente nos olhos, o que é, sem dúvida, uma estreia. Está sentado muito direito e parece perfeitamente ciente do que o rodeia. A médica, uma senhora de cabelo branco e olhos surpreendentemente bonitos, parece-me inteiramente competente. Sento-me ao lado do Baxter e olho para o Harper, que se encontra à minha frente.

– Creio que deseja fazer uma declaração, Dr. Harper?

Apercebo-me de que o Baxter olha para mim; percebeu perfeitamente que a minha voz está diferente.

O Harper hesita, mas acaba por assentir.

– E está ciente de que este é um interrogatório formal, e que ainda se encontra detido?

Assente de novo.

– Nesse caso, e para a gravação, estão presentes nesta sala, para além do Dr. Harper, eu próprio, Inspetor-Chefe Adam Fawley, a Dra. Lynda Pearson e o Inspetor Andrew Baxter. Muito bem, Dr. Harper, o que tem para nos dizer?

Ele olha para mim, depois para o Baxter. Mas nada diz.

– Dr. Harper?

Olha de novo para nós, desta vez mais lentamente.

– É ela, não é?

– Perdão?

– Vocês querem que eu fale *dela*.

O Baxter abre a boca para falar, mas eu impeço-o com um gesto de mão. Quero ouvir isto da boca do Harper. Já tenho a versão da rapariga, agora quero ouvir a dele.

Ele leva a mão ao copo de água que tem à sua frente, depois olha para mim. Tem os olhos húmidos e raiados de minúsculas veias vermelhas.

– Alguma vez desejou poder atrasar o relógio, mesmo que fosse por uma hora apenas?

Sinto um forte baque no coração, e por segundos deixo de conseguir respirar. Estava à espera de tudo menos disto. Mantém-se a raiva dentro de mim, mas o que realmente me invade é uma sensação de perda. Não pela Hannah, não pela Vicky, nem sequer pela criança. Por mim próprio. Porque eu não precisaria sequer de uma hora – daria a vida por apenas cinco minutos. Os cinco minutos que perdi a arrumar os contentores do lixo na noite em que

o Jake morreu. Os cinco minutos que se revelaram demasiados para chegar a ele, cortar o cordão do roupão, pô-lo para baixo, pôr-lhe ar nos pulmões, trazê-lo de novo à vida. Teria sido o suficiente.

Cinco minutos.

A porra de uns cinco minutos.

– Ela persegue-me, sabia? – diz ele subitamente. – Aquele vestido vermelho que a fazia parecer uma galdéria. As suas mãozinhas frias à volta da minha verga. Eu sabia que não podia ser ela, que ela não estava realmente *ali*. Mas isso não a impediu. Noite após noite. Nunca me deixava sossegado.

Inclino-me para a frente:

– De quem está a falar, Dr. Harper?

– Foi um momento de loucura. É assim que lhe chamam, certo? «Um momento de loucura.» Mas não conseguimos voltar atrás. Depois, quero dizer. Temos de viver com aquilo que fizemos.

Coloca a cabeça entre as mãos e esfrega os olhos:

– Naqueles últimos escassos meses... eu sei que não era eu. O raio da bebida. Os *blackouts*. Ver coisas. Acordar algures e não saber como fui lá parar.

Senta-se para trás na cadeira e deixa pender os braços para os lados:

– Aquele nojento do Ross quer pôr-me num lar. Diz que sou um chalado do caralho. E talvez tenha razão.

Vejo a Lynda Pearson olhar de relance para ele e acho que sei porquê. O praguejar – é como um sinal de aviso. Um sinal de que ele se está a passar. Que o estamos a perder.

Apresso-me a abrir a minha pasta e retiro uma fotografia da rapariga. É a primeira vez que olho para ela desde que li as transcrições do diário.

– É esta a mulher de quem está a falar?

Ele olha para mim, a expressão totalmente ausente. Pestaneja.

– Esta jovem chama-se Vicky. Foi encontrada na cave de sua casa. Com

uma criança pequena, um menino.

Passo-lhe uma segunda fotografia. Ele afasta-a com um gesto:

– A Priscilla sempre foi uma puta maldosa.

– Esta não é a sua mulher, Dr. Harper. É uma jovem chamada Hannah Gardiner, cujo corpo foi encontrado no seu barracão. Há dois anos que estava desaparecida.

Ponho as fotos lado a lado, voltadas para ele:

– O que me sabe dizer sobre estas mulheres?

– Sei o que estão a pensar, mas enganam-se. Não sou um tipo mau. *Ela* é que vos deve ter dito que sim. Até deve ser dito que sou um perverso. – Agora tem saliva nos cantos da boca. – Um daqueles *pedófilos* que tanto perturbam os jornais. Foi isso que ela disse. Que eu era um tarado perigoso e que devia morrer na prisão.

– Quem é que disse isso? – quer saber o Baxter. O tom já não admite brincadeiras. – Foi a Vicky, não foi? Enquanto o senhor lhe fazia... sabe-se lá que coisas nojentas lhe fazia!

O Harper encolhe-se todo, apanhado de surpresa:

– O que está ele a dizer? – Volta-se para a Pearson: – *Que raio é que ele está a dizer?* – repete, desta vez mais alto.

Aponto para a fotografia da Vicky:

– Dr. Harper, nós temos provas de que o senhor violou esta rapariga.

O velhote começa a balançar-se para a frente e para trás, a murmurar baixinho:

– A culpa não é minha, a culpa não é minha.

– Violou-a e manteve-a presa na sua cave, dia após dia, noite após noite, durante três anos e...

Ele tapa os ouvidos:

– Não vou lá abaixo... Agora já não. Está lá qualquer coisa escondida... Eu ouço-a durante a noite... a uivar e a esgravatar...

Aproximo-me mais, forçando-o a olhar para mim:

– O que é que ouviu lá em baixo, Dr. Harper? *O que é que ouviu?*

Até que a Dra. Pearson olha para mim e abana a cabeça:

– Lamento, Inspetor, mas creio que não podemos continuar com isto.

Lá fora no corredor, a médica acelera o passo para me apanhar:

– Creio que há uma coisa que deve saber. Já podia ter-lhe dito antes, mas há pouco foi a primeira vez que vi aquela fotografia. A imprensa nunca a publicou.

– Desculpe, não a entendo. – Não é de espantar que esteja a ser curto e grosso com ela.

– Aquela rapariga – esclarece-me. – A Vicky. É a cara chapada da Priscilla. O cabelo, os olhos, tudo. Não sei o que isso pode significar, se é que significa alguma coisa, mas achei que devia saber.

– A Sra. Harper também era sua paciente?

– Não, ela andava no privado. Mas cruzei-me com ela algumas vezes. Digamos que não era propriamente alguém muito fácil de se lidar.

– Segundo relatórios da polícia, foi chamado um agente lá a casa devido a queixas de distúrbios. Por duas vezes. E em ambas as ocasiões, tudo pareceu indicar que era ela a agressora. Que era ela quem agredia o marido.

Pearson assente com a cabeça:

– Não posso dizer que isso me surpreenda. Segundo sei, o Bill tinha uma vida de cão por causa dela. Lembro-me de ele me contar que tinha realizado uma bateria de testes de infertilidade, porque andavam a tentar ter um filho. Só muito mais tarde ele veio a saber que ela tinha colocado um dispositivo intrauterino vários anos antes. Ficou furioso. Não só pela mentira, mas também por ter perdido a oportunidade de vir a ser pai. Ele e a Nancy também queriam ter filhos, mas nunca aconteceu.

Assinto lentamente:

– Qualquer um se sentiria furioso. É de um embuste inqualificável.

A médica suspira.

– Acho que ele a odiava, até mesmo antes disso. Por causa da Nancy, do mal que o caso deles lhe causou. Disse-lhe várias vezes que não foi por isso que lhe surgiu o cancro da mama, mas ele continuava a culpar-se, a dizer que tinham sido ambos, ele e a Priscilla, a matá-la. Pelo que percebi, quando ele finalmente confessou à Priscilla que jamais deixaria a Nancy, ela foi a casa deles e contou-lhe tudo o que se passava. A Nancy não fazia ideia, era uma mulher extremamente crédula. A ideia de o Bill lhe poder ser infiel nunca lhe passaria pela cabeça. Pouco mais de um ano depois, foi-lhe diagnosticado o cancro, e viveu apenas mais seis meses depois disso. É daí que vem toda esta animosidade do Bill. E a raiva que ele sempre tentou conter enquanto a Priscilla estava viva começou a soltar-se precisamente devido ao Alzheimer. E agora, quando o Inspetor lhe mostra uma foto de alguém tão parecido com ela, bom, é natural que ele reaja desta forma.

– E como é que acha que ele reagiria se tivesse realmente encontrado a Vicky? Se a tivesse visto à porta de casa?

A médica fica subitamente pálida.

– Meu Deus... Acha que foi isso que realmente aconteceu? Será a isso que ele se refere quando fala num momento de loucura?

– Não sei – respondo, encolhendo os ombros.

Ela abana a cabeça tristemente:

– Coitada da rapariga... Pobre desgraçada. E o rapazinho... Meu Deus. Sabe como é que ele tem andado?

Podia contar-lhe, mas não o faço.

– Está em excelentes mãos. Pelo menos, por agora.

* * *

Erica Somer está sentada atrás de um computador da Sala de Situação, a

observar dezenas e dezenas de imagens. Um colega passa por detrás dela e olha curioso para o ecrã:

– Se andas à procura de móveis giros tens de ir à Wayfair. A minha namorada é louca pelas coisas deles. E eu que o diga, já que sou eu a pagar as contas.

Somer não tira os olhos do ecrã:

– Não é para mim. É um tipo muito característico de estante que estou a tentar identificar – esclarece.

O colega encolhe os ombros:

– Está à vontade, só quis ajudar. Nem *todos* gostamos de nos meter com as colegas, caso estejas com ideias...

Ela fica a vê-lo afastar-se, sentindo as faces a esquentar de vergonha, perguntando-se o que fez de errado. Ou se fez sequer algo de errado. Por fim, encolhe os ombros, pensando no que a irmã provavelmente lhe diria se estivesse ali. A verdade é que Kath sempre foi a rapariga mais bonita da escola, daí ter-se habituado desde muito cedo ao preço da sua beleza. Pelo contrário, Somer passou a infância a ouvir apenas que era «gira», e a mudança, quando finalmente ocorreu, levou-a a conquistar um tipo de atenção a que não estava minimamente acostumada – e com a qual não sabia lidar. E em alguns momentos, como agora, sentia que não tinha feito qualquer tipo de progresso.

Volta de novo as atenções para o computador. Momentos depois, reage, endireitando-se subitamente e fixando o ecrã. Apressa-se a ligar-se ao servidor partilhado do DIC e acede às fotos tiradas em Frampton Road.

– É isto mesmo – diz, num murmúrio afogado.

* * *

Donald Walsh está sentado precisamente na mesma cadeira que William

Harper ocupou meia hora antes – e não há dúvidas de que não sabe disso, ou teria escolhido outra. Na sala ao lado, Everett observa-o. É óbvio que o tipo está em modo de *performance* total. Faz gala em consultar o relógio de 30 em 30 segundos e olha em volta com uma expressão cada vez mais irritada. A porta abre-se e Gislingham junta-se a ela. A cara dele diz tudo.

– E então? Conseguiu alguma coisa?

– Sim. As impressões do Walsh são a correspondência exata dos conjuntos não identificados recolhidos tanto na cave como na cozinha. E correspondem *também*, e prepara-te para isto, a algumas das encontradas no barracão. Mas apenas as das latas de tinta e do material de jardinagem.

– Quer dizer que estás a considerar interrogá-lo?

Gislingham assente:

– Terá certamente muito que explicar.

No ecrã, vê-se a porta a abrir para deixar entrar Quinn, que olha em redor, nitidamente à espera de encontrar Gislingham.

– Ups... – comenta ele. – É melhor ir.

Everett fica a vê-lo a juntar-se a Quinn, puxando de uma cadeira e sentando-se ao lado do colega.

– Sr. Walsh – começa Quinn –, sou o Inspetor-Coordenador Gareth Quinn, e creio que já conhece o meu colega, o Inspetor Gislingham. Para efeitos de gravação, posso confirmar que o senhor se encontra detido para...

Walsh interrompe-o, visivelmente alterado:

– O que resulta apenas numa exageradíssima e chocante reação meramente burocrática, se quer que lhe diga! Eu não tive *rigorosamente nada* que ver com esta trapalhada ridícula.

Quinn olha-o de sobrolho erguido:

– A sério? – Abre a pasta arquivadora que trouxe consigo: – Acabámos de ter a confirmação que algumas das impressões digitais recolhidas no número 33 de Frampton Road lhe pertencem.

O professor encolhe os ombros:

– E daí? Visitei-o várias vezes, ainda que não recentemente.

– Quando foi a última vez que lá esteve, precisamente?

– Não tenho a certeza... Talvez no outono de 2014. Em outubro, vim a Oxford para uma conferência e passei em casa do Bill para ver como ele estava. Fiquei lá poucos minutos. Para ser franco, deixei de lá ir depois de a Priscilla morrer.

É a vez de Gislingham erguer o sobrolho; isto não lhe soa bem, sobretudo depois de tudo o que ouviu acerca dela.

– Quer dizer que se dava bem com a Priscilla?

– Se quer saber, sempre a achei uma pessoa intragável. Uma cabra ordinária, uma destruidora de casamentos, se bem que hoje em dia este conceito já não signifique grande coisa. Mas transformou os últimos anos de vida da minha tia num verdadeiro inferno. Eu fazia questão de só lá ir quando sabia que ela não estava.

– Com que frequência os visitava?

– Enquanto a Nancy era viva, eu ia lá duas, três vezes por ano. Depois de o Bill se ter casado com a Priscilla, provavelmente uma vez por ano, se tanto.

– Se assim é, por que razão deixou de lá ir quando a Priscilla morreu? Isso certamente tornaria bem mais fácil o seu convívio com o Dr. Harper, não?

Walsh recosta-se na cadeira:

– Não sei, aconteceu assim. Não tenho propriamente um motivo oculto para esse facto, Inspetor.

Mas Gislingham não pretende desistir assim tão facilmente:

– Deixe-me ver se percebi bem... O senhor deixou de o visitar precisamente na altura em que ele mais precisava de alguém que o apoiasse? Ficou sozinho, começou a revelar alguns sinais de demência...

– Eu não sabia de nada disso! – exalta-se Walsh.

– Pois não. Nem tinha como, não é verdade? Uma vez que deixou de o visitar...

O professor desvia o olhar.

– Não foi só isso, pois não? – intervém Quinn. – Vocês discutiram. Uma discussão das antigas, segundo soube.

– Isso é um disparate.

– Houve alguém que vos viu.

Ele parece algo desalentado:

– Se está a falar daquela velha da casa da frente, eu não lhe chamaria propriamente uma testemunha credível.

Faz-se silêncio. Walsh tamborila nas pernas.

Até que alguém bate à porta, quebrando o silêncio. É Erica Somer, com uma pilha de papéis na mão. Tenta captar o olhar de Quinn, que a evita propositadamente.

– Posso dar-lhe uma palavrinha, Inspetor?

– Estamos a meio de uma entrevista, agente Somer.

– Eu sei, Inspetor, mas...

Gislingham percebe logo que é importante, mesmo se Quinn se recusa a reconhecer isso. Levanta-se e dirige-se à porta. Observando-o através do ecrã, Everett apercebe-se da crescente irritação de Quinn, à medida que Gislingham se demora. Segundos depois, Gislingham volta a entrar, desta vez seguido de Somer. Quinn não olha para eles.

E quando ela se senta na cadeira em frente à dele, continua a evitá-la.

Gislingham pousa os papéis na mesa, folheando-os calmamente. Por fim, estende a Walsh uma imagem impressa.

– Sabe do que isto se trata, Sr. Walsh?

O professor olha com ar pouco interessado e encolhe os ombros,

– Não, nem de longe nem de perto.

– Pois eu creio que sim. Que sabe perfeitamente. Aliás, tem uma igual em

sua casa.

Walsh recosta-se e cruza os braços.

– E daí? O que tem isso que ver com seja o que for? Não passa de uma simples estante.

– De simples não tem nada – reage Gislingham. É um tipo muito específico de estante, concebida para acolher um tipo muito específico de artefactos. Artefactos esses que o Dr. Harper possui. Sabemos isso porque estão aqui descritos... – Mostra-lhe uma folha. – Nesta relação de bens da seguradora. Só que, curiosamente, não me recordo de os ver em Frampton Road. O que *realmente* me lembro é de ver uma estante muito parecida com esta na *sua* sala de estar.

Gislingham apercebe-se subitamente da forma intensa como Quinn está a olhar para ele. Se há coisa que ele odeia é que lhe troquem as voltas.

– E então, Sr. Walsh – diz rapidamente Gislingham. – Porque não nos poupa tempo e trabalho e nos diz exatamente do que isto se trata?

A boca de Walsh cerra-se numa linha fina e irritada:

– O meu avô era diplomata, e depois da guerra viveu muitos anos no Japão. Durante esse tempo, acumulou uma coleção considerável de *netsuke*.

Quinn pousa a caneta na mesa e olha para ele:

– Desculpe?

O professor estranha.

– Não faz mesmo a mínima ideia do que eu estou a falar, pois não? – diz num tom sarcástico.

Mas o sarcasmo raramente é a melhor forma de se lidar com Quinn.

– Assim sendo, porque não faz a fineza de me esclarecer? – lança-lhe o inspetor.

– As *netsuke* são figurinhas esculpidas. – A voz é de Somer. – Faziam parte do quimono tradicional japonês, um tipo de adorno para prender a faixa.

Walsh dirige um sorriso escarninho a Quinn:

– Vê? A sua colega parece mais bem informada do que o senhor.

Quinn lança-lhe um olhar venenoso:

– E então, essa coleção do seu avô... quanto é que podia valer?

– Oh, não mais do que poucas centenas de libras, provavelmente – responde Walsh, de forma vaga. – Era mais por uma questão sentimental. O meu avô deixou a coleção à Nancy, e quando ela morreu eu entendi que devia regressar ao seio da família.

– Mas o Dr. Harper não concordou?

Ele mal consegue conter um esgar de fúria no rosto.

– Não. De facto, não. Tentei chamá-lo à razão, mas ele alegou que a Priscilla gostava muito daquelas peças. E deixou bastante claro que ela não iria prescindir delas.

Aposto que não, pensa Quinn.

– Estou a ver – comenta. – E quando ela morreu, o senhor entendeu que valia a pena voltar a insistir?

– Já que faz questão de ser tão eloquente... sim. Voltei a falar-lhe no assunto.

– E ele deu-lhe outra nega. Por isso é que se envolveram naquela discussão.

Gislingham esboça um sorriso seco; é como ele sempre diz: quanto se trata de um crime, ou é por amor, ou por dinheiro. E por vezes pelos dois motivos.

Walsh dá mostras de grande irritação:

– Ele não tinha *o direito*! Aquelas peças faziam parte da história da minha família, eram o nosso legado, e...

– E onde estão elas agora?

Walsh cala-se subitamente:

– Como assim?

– Tal como o Inspetor Gislingham referiu há pouco, essas peças não se

encontram lá em casa. O senhor, por sua vez, parece ter adquirido uma estante concebida especificamente para elas.

Walsh não consegue evitar corar:

– Comprei esse móvel quando ainda achava que o Harper iria ser sensato e razoável.

– Quer dizer que se fizéssemos uma busca em sua casa não encontraríamos nenhuma das peças listadas nesta relação da seguradora?

– Claro que não – reage o professor. – Se não estão em Frampton Road, não faço a menor ideia de onde possam estar. E se for esse o caso, quero desde já dá-las como desaparecidas. Oficialmente falando.

Quinn folheia novamente o processo.

– Fica devidamente anotado. E que tal se nos voltássemos agora para a questão das impressões digitais?

– O quê? – Walsh parece genuinamente alheado.

– As impressões digitais de que lhe falei há pouco. Até ao momento, encontrámo-las em diferentes partes da casa. Algumas na cozinha...

– É natural, foi sempre onde passei mais tempo quando lá fui de visita.

– E outras na cave.

O Walsh olha fixamente para o inspetor. E engole em seco:

– Como assim, na cave?

– A cave onde foram encontradas a rapariga e a criança. Talvez queira explicar como foram lá parar?

– Não faço ideia. Creio que nunca desci àquela cave. E quero deixar categoricamente claro que não sei absolutamente *nada* sobre essa rapariga. Ou a criança. – Olha de um inspetor para o outro: – E, de ora em diante, não responderei a mais perguntas sem a presença da minha advogada.

– Tem, como é óbvio, esse direito – diz calmamente Quinn. – Assim como nós temos o direito de o deter. O que, para que não subsistam dúvidas, é o que tratarei de fazer já de seguida. Interrogatório terminado às 18h12.

Levanta-se para se ir embora, tão depressa que já saiu porta fora antes de Gislingham poder sequer levantar-se. E quando se encontra com Somer no corredor, agarra-a por um braço e leva-a para um canto. O sorriso dela esfria assim que lhe vê a expressão.

– *Nunca* mais voltas a fazer esta merda – – diz-lhe ele num silvo ameaçador. – Percebeste?!

Ela livra-se das garras dele:

– Fazer o quê, exatamente?

– Fazeres-me passar por um perfeito idiota em frente a um suspeito. E em frente ao *Gislingham*, porra!

– Desculpa. Só quis ajudar...

Ele aproxima o rosto do dela.

– Se chamas a isso ajudar, então esquece. Aliás, o melhor mesmo é esqueceres tudo.

– Para quê uma cena destas?

Mas ele já lhe virou costas.

* * *

Às 18h30, há nova reunião de equipa. E desta vez, estou presente. A sala está apinhada e quente. Mas silenciosa. Já se espalharam os rumores.

– OK... – começo, indo ao encontro da expectativa generalizada. – Provavelmente já saberão que a equipa do Challow encontrou algo importante num dos caixotes da cave de Frampton Road. Trata-se de um diário, escrito pela Vicky ao longo do seu cativeiro.

Dou um passo em frente e volto-me para o projetor.

– Há partes em falta, outras ilegíveis ou danificadas, mas não restam dúvidas sobre o que lhe aconteceu. Trata-se da transcrição das páginas chave, cujo conteúdo, devo avisá-los, é extremamente chocante.

Fico em silêncio enquanto eles leem. Há arquejos, exclamações abafadas, abanares de cabeça. Algumas das mulheres ficam verdadeiramente impressionadas e eu apercebo-me do momento exato em que o Gislingham chega ao «Billy». Evito olhar para ele, mas sinto-o a ficar tenso, ouço-lhe o arquejo surdo.

– Vamos aguardar pelo ADN como prova formal – digo por fim –, mas tenciono acusar o William Harper de violação e sequestro agravado até ao final do dia de hoje. Temos mais do que o suficiente para deduzirmos uma acusação.

O silêncio é geral.

– Senhor Inspetor – chama a Somer, num tom tímido. – Sei que não pertenço ao DIC nem tenho a formação adequada nem nada disso, mas será possível que exista outra interpretação de tudo isto? Não conheço o Harper, mas conheci o Walsh, e creio que é *dele* que ela está a falar. Este homem de que ela fala, que abre a porta sorrateiramente... a mim soa-me mais ao Walsh.

– Por acaso, acho que a agente Somer tem uma certa razão – observa rapidamente o Gislingham. – A gravata, o modo pretensioso de andar... É o Walsh por uma pena. Lembrem-se de que o Harper é aquele que anda pela rua só de colete.

– Isto foi há três anos. Nessa altura, o Harper era um homem diferente. – Mas mesmo ao dizer isto, tenho as minhas dúvidas.

– Sim, Inspetor, mas repare... – diz a Somer, levantando-se e apontando para a transcrição. – Ele chama-lhe «cabra ordinária». Que foi exatamente o que o Walsh chamou à Priscilla, quando o interrogámos esta tarde.

Ela tem razão. O Harper chamou «maldita vaca» à mulher, mas é o Walsh que lhe chama «cabra ordinária». As palavras são importantes. As *nuances* são importantes. Dirijo-me ao ecrã. A Somer está de pé, banhada pela luz que sai do projetor, as palavras da Vicky refletidas no rosto dela de forma sinistra.

– Esta referência aqui – continua, ainda num tom hesitante, quase apologético –, sobre ela precisar de um médico e ele dizer-lhe: «Precisas de um doutor? Estás no sítio certo.» Sim, podia ser o Harper a dizer isto, referindo-se a si próprio, mas também *podia* ser o Walsh, a pensar no Harper. A gozar com o facto de ele ser doutor, mas não médico.

– Seja como for, é uma piada de péssimo gosto – solta o Gislingham, com uma voz sombria. – Sobretudo dirigida a uma miúda que acabou de dar à luz sem assistência médica.

E ele sabe do que fala... Um homem cujo filho sobreviveu apenas graças a equipamento de última geração e a toda uma equipa de especialistas em assistência neonatal.

Fico ali a olhar para o ecrã, a ler e reler. Ouço-os a todos atrás de mim, a sussurrar, a tentar adivinhar o que me vai na mente, o que penso fazer a seguir.

Volto-me para eles.

– Quanto ao Walsh... O que é que temos?

– Bastante, por acaso – responde o Quinn. – Impressões digitais em alguns dos caixotes da cave, na cozinha e nos utensílios de jardinagem do barracão.

– E como é que ele explicou isso?

O Quinn abana a cabeça:

– Não explicou. Insistiu que nunca esteve na cave, e a partir daí exigiu a presença da advogada. Ainda estamos à espera dela. Quando chegar, tenciono insistir com o Walsh na questão da coleção de *netsuke* que o Harper herdou da primeira mulher.

Mostra uma folha impressa com imagens: um coelho de marfim, duas rãs entrelaçadas, uma serpente enrolada, uma vaca a envolver um crânio. Lindas, minúsculas e perfeitas.

– O Walsh quis recuperá-la – prossegue o Quinn –, mas o Harper

recusou-se. O problema é que não encontrámos estas peças lá em casa. Há uma estante do tipo vitrina no quarto dele, onde o Walsh garante que elas estavam, mas está vazia.

– E quanto a essa coleção, sabe-se se era valiosa?

O Quinn assente.

– É provável que sim. O Walsh diz que só valerá umas centenas de libras, mas já me informei e parece que essas figurinhas, se forem raras, podem valer mais de cem libras. Cada uma.

Reparo que a Somer está a olhar para ele – e no esforço dele para evitar o olhar dela.

– Por acaso, Inspetor – intervém ela, dirigindo-se a mim, não ao Quinn –, eu vi uma vitrina dessas na parede de casa do Walsh, quando por lá passámos. Tinha um *design* muito específico, o tipo de móvel que as pessoas compram para exhibir coleções. Perfeita para as *netsuke*, por exemplo.

Uma coisa é certa: a pronúncia dela é muito melhor que a do Quinn.

– Quer saber a minha teoria? – pergunta-me o Quinn, ignorando-a completamente. – Acho que o Walsh se apercebeu de que o Harper estava a ficar demente e aproveitou a oportunidade para deitar a mão à coleção. Ou toda de uma vez, ou peça a peça, para não dar tanto nas vistas a alguém que por lá aparecesse, como o Ross, por exemplo. O que pode querer dizer que ele ia lá a casa muito mais frequentemente do que deu a entender. Por isso, pode perfeitamente lá ter estado naquele dia, o dia em que a Vicky foi sequestrada.

– Mas se ele lá ia com tanta frequência, não seria normal que alguém o visse? – sugere o Baxter. – Só uma vizinha é que disse que o viu, e já foi há muito tempo.

– Creio que não devemos assumir isso como conclusivo. Muito menos nessa zona de Oxford, onde as pessoas são reservadas e não metem muito o nariz na vida umas das outras. Além disso, podia só lá ir à noite, e duvido que

alguém desse por isso.

– Certo – digo, dirigindo-me a toda a equipa. – Gislingham, consegue-me um mandado de busca à casa do Walsh. E lembrem-se de que ele vive em Banbury. Se ele for, de facto, um psicopata sexual, a Frampton Road seria sem dúvida o lugar perfeito. Longe de casa dele, mas suficientemente próximo, apenas com uma velhota como vizinha do lado e uma cave com paredes grossas e sem janelas...

– Credo, isso é o paraíso para um tarado. Nem por encomenda! – exclama Gislingham, provocando uma risada geral que desanuviava a tensão.

– E outra coisa – prossigo. – Quando interroguei o Harper, ele disse que tinha deixado de ir à cave, que tinha começado a ouvir uns barulhos estranhos vindos de lá. Uns «uivos e arranhares», creio que foram as palavras dele. Pareceu-me genuinamente assustado. Ora, isso até faria sentido, se o Walsh tivesse trancado a Vicky lá em baixo sem o Harper saber. O velhote começou a mostrar-se confuso, a beber... É perfeitamente concebível que o Walsh conseguisse meter a rapariga dentro de casa sem que o velhote desse por isso. Até porque o mais provável é ele ter uma chave da casa.

– Sim – concorda o Gislingham –, mas é óbvio que o Harper diria isso, mesmo não sendo verdade, certo? Fartou-se de dizer que não sabe nada de rapariga nenhuma.

– Teoricamente, sim, mas isso só foi referido já no fim do interrogatório, quando o Harper começou a ficar mais confuso. Creio que ele não estava a fingir. Pode também explicar uma coisa sobre o Harper que já me anda a fazer confusão há algum tempo: raptar a rapariga, mantê-la trancada, não é algo que se faça assim do nada. Há sempre uma razão qualquer que leva a isso, uma espécie de escalada no tempo, mesmo sendo apenas óbvio em retrospectiva. Mas com o Harper não houve nada disso, pelo menos nada que tenhamos descoberto.

– A pornografia que descobrimos em casa dele? – sugere o Baxter.

– Sim – intervém o Quinn –, mas e se fossem coisas do Walsh? A verdade é que seria o local ideal para um professor esconder pornografia...em casa dele é que não.

– Certo – digo. – Peçam a recolha de impressões digitais desse material. E aquilo que eu disse acerca de uma eventual escalada no tempo aplica-se tanto ao Walsh, como ao Harper. Se foi ele, terá havido alguma coisa que o levou a isso. Um vestígio qualquer que poderemos descobrir se nos esforçarmos o suficiente.

– Estava um rapazinho na sala dele na escola – recorda o Gislingham. – Ficou aterrorizado quando nos viu.

A Somer intervém:

– E já é a terceira escola onde ele leciona nos últimos dez anos. Tenho os registos dele. Seria bom verificarmos se existiu alguma ocorrência antes disso.

Esta mulher é boa. Muito boa, mesmo.

– OK, Somer. Acompanhe o Gislingham nas buscas à casa de Banbury. E estabeleçam contacto com as autoridades locais, tanto da casa como da escola.

Vejo o Quinn olhar para ela, depois para mim, e de seguida afasta o olhar. Está todo lixado, mas não quero saber.

– Há notícias sobre a rapariga? – pergunta um agente lá atrás.

– Ainda não disse nada – informa-o Everett. – Mas amanhã de manhã tenciono voltar ao hospital.

– E o miúdo?

Everett olha-me de relance, depois para o colega:

– Está bem. Muito melhor.

Faço um discreto sinal de cabeça a Everett. Um sinal de agradecimento. Pela sua descrição.

– Muito bem – prossigo. – Passemos à Hannah Gardiner. Apesar do novo

apelo a testemunhas, não apareceu ninguém com novas informações acerca dos movimentos dela nessa manhã...

– Tirando os malucos do costume – observa o agente lá de trás.

– ... mas *temos* dois factos novos significativos. O primeiro é que ela estacionava frequentemente o carro em Frampton Road. Assim sendo, e tendo agora o Walsh como um novo suspeito, precisamos urgentemente de verificar onde é que ele andou nesse dia.

Se teve hipótese de se cruzar com ela na rua. As escolas costumam ter registos desse tipo de deslocações por parte dos professores, por isso podemos ter sorte.

Aumenta o nível de ruído na sala e vejo-me forçado a levantar a voz:

– *Contudo*, e este contudo é importante, malta, atenção, dispomos também de um segundo facto que aponta para uma direção completamente diferente. Na conversa que o Baxter teve com a Beth Dyer, ela disse-lhe algo que sugere todo um novo ponto de vista sobre a relação entre a Hannah e o Rob. Algo que, infelizmente, a menina Dyer não achou digno de referir há dois anos. E que pode igualmente explicar a razão de não termos ainda encontrado qualquer indício que permita estabelecer Frampton Road como cenário de homicídio.

O Baxter levanta-se e dirige-se à equipa:

– A Beth diz que esteve com a Hannah poucas semanas antes de ela desaparecer, e que lhe notou um hematoma no rosto. Ela alegou que tinha sido o Toby sem querer, mas a Beth não acreditou. Pensou logo no Rob, até porque sabia que os dois andavam com problemas. Na altura, em 2015, pensou nisso, mas só agora é que se lhe fez luz. E disse outra coisa que me deixou alerta: quem quer que tenha matado a Hannah, como poderia saber onde largar o carro dela? Muito pouca gente sabia onde ela ia estar nesse dia. O Walsh não tinha como saber, nem tão-pouco o Harper, isso sabemos nós. Mas o Rob, sim. Por isso é que a Beth acha que foi ele. Por isso e pela marca

na cara da Hannah.

Dou por mim a recordar-me:

– Sim, a Jill Murphy referiu algo semelhante em 2015. – Era ela a inspetora a cargo, e uma excelente profissional, diga-se. – Ela sempre achou que a Beth tinha um fraquinho pelo Rob.

– Pois – diz o Baxter –, a questão é que ainda tem. O que pode, como é óbvio, querer dizer que está a inventar isto tudo só para se vingar dele. Não seria a primeira vez.

– Seja como for, precisamos de voltar a investigar o Rob Gardiner. Vê-lo como o assassino pode explicar uma série de coisas, nomeadamente o facto de não termos encontrado ADN estranho no carro.

A navalha de Occam, ou a lei da Parcimónia. Acreditar sempre na mais simples de todas as explicações disponíveis. Nós costumávamos chamar-lhe a navalha de Osbourne, por ele tanto a citar quando ainda estava em Thames Valley. E foi uma das razões pelas quais ficámos todos tão obcecados com o Shore: também ele era a resposta mais simples.

– Em 2015 descartámos o Gardiner porque tínhamos registos de avistamentos da Hannah em Wittenham e os *timings* não batiam certo. Mas agora sabemos que ela nunca saiu de Oxford, por isso vamos ter de descartar completamente aquela linha de tempo e começar de novo.

Dirijo-me para o quadro e aponto para os *timings* que o Baxter lá afixou.

– O Gardiner tinha um álibi fortíssimo a partir daqui... 7h57, quando o comboio partiu de Oxford, mas e antes disso? Na véspera, por exemplo?

– Espere lá... – observa o Quinn, apontando para a primeira entrada na fita de tempo. – A Hannah estava viva às 6h50 dessa manhã, isso é inegável, pois deixou aquela mensagem de *voicemail*.

– Chegaste a ouvir a mensagem?

– Bom, não porque...

– Mas ouvi eu. Vezes sem conta. E pusemos os amigos dela a ouvi-la,

também. A qualidade não era grande coisa, mas todos concordaram que era ela. Mas... e se não era? Será possível que se tratasse de outra pessoa? E se a Beth Dyer tinha razão desde o princípio? Será que existia alguma mulher misteriosa na vida do Gardiner? Alguém de quem nunca ouvimos falar e que lhe garantiu um álibi?

Pelas suas expressões, percebo que estão todos céticos. Ainda assim, insisto:

– Só estou a dizer que devemos reanalisar este ponto. O *software* de reconhecimento de voz melhorou substancialmente nestes últimos dois anos. E vamos chamar de novo a Pippa Walker até cá. Para ver se houve alguma coisa de estranho naquela chamada que não lhe tenha ocorrido na altura.

– Vale a pena tentar – concorda o Gislingham. – Sobretudo agora, depois da pega que ela teve com o Gardiner.

Olho para ele com expressão interrogativa, e ele aponta para o Quinn, que se apressa a esclarecer, claramente chateado por não se ter lembrado:

– Ah, sim... Eu vi-a em casa do Gardiner, esta tarde – revela ele, olhando de relance para o Gislingham. – Ela e o Gardiner tiveram uma forte discussão e ele expulsou-a de casa. Tinha um vergão num pulso e disse que tinha sido ele.

– OK – digo. – Trá-la cá o quanto antes para prestar declarações. Calculo que saibas onde a encontrar?

O Quinn abre a boca para responder, mas volta a fechá-la.

– E já agora, aproveitem para investigar o passado do Gardiner, ver se há algum episódio de violência doméstica. Falem com a ex-mulher dele e...

– Já tentei – interrompe o Baxter. – Não me devolve as chamadas. E mandei um agente a casa dela, mas ninguém abriu.

– Procurem ex-namoradas, colegas de faculdade, sei lá. Vamos lá, já sabem o que fazer.

Volto-me de novo para a fita de tempo:

– Se excluirmos essa chamada das 6h50, o álibi do Gardiner vai por água abaixo. Pode perfeitamente ter matado a Hannah no dia 23, tê-la enterrado nessa noite e levado o carro até Wittenham na manhã seguinte bem cedo, ainda a tempo de poder apanhar o comboio para Reading.

– Mas, assim sendo, como é que regressou? – quer saber o Quinn.

– Ele tem uma bicicleta – responde a Somer, sem olhar para ele. daquelas dobráveis. Vê-se que a leva com ele nas imagens de videovigilância da estação de Reading. E Wittenham fica a pouco mais de 15 quilómetros. Conseguiria fazer o percurso em... 40 minutos, se tanto.

– E o miúdo? – pergunta alguém. – Está a sugerir que ele o largou lá, na remota hipótese de alguém o encontrar? Faria isso ao próprio filho?

Tenho de admitir que é uma boa pergunta.

– Concordo que não é provável, assim à primeira vista. Mas lembrem-se de que a Hannah tinha a entrevista em Wittenham marcada para mais cedo, nessa manhã. O Rob não tinha como saber que o Jervis se ia atrasar e marcar para mais tarde. Pode ter presumido que o filho seria encontrado muito mais depressa do que na realidade foi.

– Mas isso significa que ele não tinha o telemóvel dela, que já se tinha desfeito dele nessa altura.

– Sim, bem pensado.

– Mesmo assim... – murmura o Gislingham – só um psicopata muito lixado da cabeça é que faria isso a uma criança.

– Aí é que está – intervenho. – Talvez seja precisamente isso que ele quer que nós pensemos, que só mesmo um psicopata faria aquilo ao próprio filho. Seja como for, não podemos dar-nos ao luxo de fechar uma linha de investigação enquanto não tivermos a certeza absoluta de que ela não nos leva a lado nenhum. E se isto vos soa a cliché, lembrem-se porque é que um cliché se torna cliché...

– *Porque é verdadeiro* – murmuram eles em coro.

Estão fartos de ouvir isto. Todos menos a Somer, que ri, disfarçando logo de seguida, fingindo anotar qualquer coisa no *tablet*. Tem um sorriso fantástico; muda-lhe totalmente a expressão do rosto.

– Mas... e em relação ao corpo, chefe? – insiste o Baxter. – Se o Rob a matou, como é que ela apareceu no barracão do Harper?

– Os dois jardins, o do Harper e o do Gardiner, dão um para o outro. E a vedação dos fundos está bastante danificada, pelo que não seria difícil passar por ela.

– Mas é um pouco descabido, não acha, chefe? – observa a Everett. – Quer dizer, o Rob Gardiner decide enterrar o corpo da mulher no jardim da *mesmíssima* casa onde encontrámos uma rapariga sequestrada na cave?

– É uma boa questão, Ev. E tens razão, de um modo geral, não acredito em coincidências. Mas não devemos rejeitar completamente a possibilidade de uma coincidência, ou arriscamo-nos a moldar os indícios de forma a baterem certo. E quanto a ti não sei, mas sinto que quanto mais coisas descobrimos acerca desses dois crimes, mais dissemelhantes parecem. Por isso, há que os investigar deste ponto de vista. Pelo menos, para já.

A equipa levanta-se, pondo fim à reunião, e eu faço sinal à Everett para que se aproxime.

– Podes verificar o que a Vicky diz no diário sobre ela própria? Talvez nos ajude numa identificação.

– Não há grande coisa, chefe...

– Ela referiu que estava à procura de um sítio para ficar e que tinha vindo para Oxford pouco antes. Fala com o centro de emprego e eles que pesquisem jovens chamadas Vicky que se inscreveram há dois ou três anos e que deixaram de lá ir sem explicação plausível. E fala também com as agências locais que gerem alojamentos de estudantes.

Percebo que não está muito convencida, mas lá está, é uma excelente profissional.

– OK, chefe. Vou ver o que consigo.

– O que se passa? – pergunto, porque sei que há qualquer coisa. Algo que ela queria acrescentar, mas optou por não o fazer.

– Lembrei-me apenas da maneira como ela reagiu quando o chefe falou em pôr a foto dela nos jornais. Tem alguma ideia do que pode ter provocado essa reação?

Abano a cabeça.

– Neste momento, nenhuma.

* * *

Janet Gislingham está a dormir no sofá quando o marido chega a casa, e só quando acorda e vai ver como está o filho é que se apercebe de que ele já chegou. Billy está a dormitar, aninhado na sua manta azul e branca, no seu quarto azul e branco, rodeado de peluches e pilhas de roupas de vários tamanhos, ainda nas embalagens de plástico. Não houve artigo para bebé que Janet não tivesse considerado, comprado ou pedido emprestado. E por cima da pequena cama de grades, um móbil feito pelo irmão de Gislingham, igualmente fanático por futebol, com recortes de jogadores famosos do Chelsea: Drogba, Ballack, Terry, Lampard, todos a girar suavemente por cima do bebé.

Gislingham está em frente ao berço, e Janet fica a vê-lo debruçar-se e acariciar docemente o cabelo do filho. Billy mexe-se ligeiramente, fazendo barulhinhos, os pequenos punhos a abrir e fechar.

O amor estampado no rosto do pai é quase doloroso.

– Chris? – sussurra ela, ainda junto à porta. – Está tudo bem?

Mas ele não responde, nem sequer se mexe. A quietude é total, à exceção dos suaves arrulhados do bebé. Janet nem sequer percebe se o marido deu pela presença dela.

– Chris? – repete, já mais alto. – Estás bem?

Gislingham parece acordar e volta-se para a mulher:

– Claro que sim – responde, com o sorriso habitual. – Como é que podia não estar?

Mas quando ele se aproxima da mulher e a envolve num abraço terno, ela sente-lhe os olhos molhados no próprio rosto.

* * *

Já passa das 21h00 quando chego a casa. Estive quase uma hora com o Walsh, e ele manteve sempre a sua versão: nunca esteve na cave, não sabe rigorosamente nada sobre a Hannah ou a Vicky e nunca roubou nada daquela casa. A explicação que apresentou para a existência das suas impressões digitais na cave foi ter estado há alguns anos lá em casa a ajudar o Harper a arrumar umas tralhas, e que devem ter sido esses caixotes que foram parar lá abaixo. Por outras palavras, senti-me num beco sem saída. Mantivemo-lo detido mais uma noite, mas teremos de o libertar se não chegarmos a lado nenhum.

Neste trabalho, aprendemos a lidar com o inesperado. A perceber quando até as mais pequenas coisas não estão onde deviam estar. Mas quando entro em casa, não preciso de poderes especiais para perceber que algo mudou.

Lírios frescos numa jarra que há meses não via. Bryan Ferry na aparelhagem a tocar baixinho. E até – e isto quase me choca – o cheirinho a cozinhados.

– Olá! – saúdo, largando a pasta na entrada.

A Alex surge à porta da cozinha, a limpar as mãos a um pano da louça.

– Mais dez minutos e fica pronto – avisa, com um sorriso doce.

– Não devias ter esperado por mim, eu comia uma fatia de piza.

– Eu é que quis. Apeteceu-me fazer qualquer coisa especial, para variar.

Bebes um copo de vinho?

No fogão, um tacho com um estufado que cheira deliciosamente. *Cazuela*, uma receita espanhola que ela costumava fazer imensas vezes. Recordações de um fim de semana em Valência. Serve-me um copo de Merlot e pega no seu próprio copo. Um dos poucos que restou de um conjunto que nos ofereceram quando casámos.

– Como foi o teu dia?

Isto também não é normal. A Alex raramente faz conversa de circunstância.

Dou um gole no vinho e sinto-o logo a subir-me à cabeça. Acho que me esqueci de almoçar.

– Péssimo. Tudo parece indicar que foi o sobrinho do Harper que sequestrou e abusou da rapariga. Encontrámos um diário dela, escrito ao longo do cativeiro. A desgraçada passou por coisas inimagináveis... horríveis.

Ela limita-se assentir. Não é suposto eu contar-lhe estas coisas, mas cá em casa não seguimos esse tipo de regras. Assim como também não temos conversas de chacha.

– Era o que eu temia – acaba por dizer. – E quanto à Hannah?

– Também não há boas notícias. A melhor amiga dela contou-nos que é possível que o Rob a agredisse. Ele está de novo sob a nossa mira.

Ela olha-me com expressão sombria. Provavelmente tão sombria quanto a minha.

Volta-se novamente para o estufado. Alho, orégãos, tomate, um punhado de anchovas frescas. Sinto o estômago a roncar. Mas deixo-me ficar ali, de copo na mão, a tentar decidir. Conto-lhe o que a Vicky escreveu sobre o filho? Deverei dizer à minha mulher que ela tinha razão e eu não. Que a própria mãe do menino chegou a odiá-lo – e talvez ainda o odeie? Que ele passou a totalidade da sua curta vida aprisionado com alguém que nunca o

desejou? E se decidir contar-lhe, isso não vai piorar as coisas? Torná-la ainda mais determinada em dar-lhe o amor que ela acha que toda a criança merece – o amor que ela ainda tem dentro dela, mas que já não consegue conceder?

– Ainda temos tempo – diz ela, atenta ao cozinhado. – Se quiseres subir.

– Deixa lá, não faço tenções de me mudar.

– Não me referia a isso. Achei que pudesses querer ir espreitá-lo.

Eu sabia que ele estava cá. Evidentemente que sim. A comida, a música, as flores, o sorriso. É tudo por causa dele. Mas sabendo disso e subir, olhar para ele...

– Está tudo bem, ele está a dormir profundamente – revela a Alex, interpretando mal a minha hesitação. Talvez até de forma deliberada. – Adormeceu em questão de segundos. Devia estar completamente exausto.

Olha-me nos olhos. Está a testar-me. E se há coisa que eu nunca consegui suportar foi dececioná-la.

A luz de presença está acesa, ainda que nem sequer esteja escuro, e a porta do quarto está completamente aberta. Avanço lentamente até lhe ver a cabeça na almofada. Os caracóis pretos, o ursinho de peluche que o Jake adorava quando tinha esta idade. O menino está todo enrolado como um arganaz, agarrado ao peluche. Fico a ouvi-lo respirar, arrulhar, como fazia com o Jake, precisamente no sítio onde me encontro.

* * *

Quinn ainda deixa o telemóvel tocar seis vezes antes de atender.

– Sou eu – diz Somer, do lado de lá. – Estás no carro, certo? Estou a ouvir o trânsito.

– O que queres?

– Falar contigo. Tentar resolver as coisas.

– Não temos grande coisa para falar. Foi bom enquanto durou, mas não admito que ninguém me falte ao respeito e...

– Não te faltei ao respeito, simplesmente...

– Pois, claro...

– Temos de ser profissionais, é o mínimo que se exige – argumenta ela. – Tu lideras esta investigação, sim, mas eu também faço parte dela.

– *Parte* dela? Pelo que me foi dado a perceber, tens feito um excelente trabalho em tomar-lhe as rédeas, isso sim.

– Por favor, isso não é justo.

– Queres saber uma coisa? Estou-me bem a lidar para isso. Tudo o que quero é enfiar aquele sacana atrás das grades. Se me puderes ajudar, ótimo. Mas se estás apenas interessada em subir na carreira, quero que tu te lixes.

Desliga-lhe na cara, completamente irritado. Cinco minutos depois, entra no condomínio Lucy's Development, e estaciona o Audi no parque de estacionamento subterrâneo. O apartamento dele fica no último andar, com uma vista que, só por si, justifica o dinheirão que a casa vale. O sol está precisamente a pôr-se sobre o horizonte, sob um belíssimo céu rosa claro. Pippa está na varanda, a olhar para o canal que se estende até Port Meadow, com um copo de champanhe na mão. Volta-se ao senti-lo entrar e dirige-se a ele. Veste apenas uma camisa de dormir de seda e tem o cabelo molhado.

– Não conseguiste mesmo encontrar nada? – diz ele, tentando não soar tão desconfiado quanto se sente.

Ela abana vagamente a cabeça; é óbvio que a tarefa nunca esteve na sua lista de prioridades.

– Tentaste todos os números que te dei?

– Já sabes como é Oxford. Está sempre tudo à pinha.

– Ouve, como eu já te disse, não podes ficar aqui. Os regulamentos não permitem e...

– Este sítio é fantástico – interrompe ela, fazendo um gesto largo com o

braço. – Esta sala... é tão *grande*.

Quinn larga o casaco nas costas do sofá.

– Pois, mas o resto do apartamento é mínimo.

E não tem um quarto a mais, pensa, mas não lhe diz. Mesmo assim, ela percebe perfeitamente o que lhe vai na cabeça.

– Pois... Eu tenho uns amigos a quem posso ligar, mas só mais logo. De certeza que me arranjam um sítio qualquer para ficar. Não quero estar a incomodar-te, sobretudo quando foste tão simpático comigo. – Pega na garrafa e serve-lhe um copo. – Isto é cava, não champanhe – diz com uma risadinha. – Comprei-a naquela lojinha da Walton Street. Mas está bem gelado e ainda tem gás. – Já está de novo na varanda. – Há quanto tempo vives aqui?

– Um ano e meio, mais ou menos.

– Sempre sozinho?

Ela nem precisava de perguntar, claro. Passou as últimas horas a vasculhar-lhe as gavetas, o roupeiro, a casa de banho.

Quinn pousa o copo na mesa de centro:

– Que tal ires-te vestindo, enquanto eu trato do jantar?

Ela reage, espantada:

– Vais *cozinhar*?

Ele sorri-lhe:

– Achas?! Claro que não, vou encomendar.

E riem-se ambos.

* * *

Na manhã seguinte, saio de casa antes de a Alex acordar. Não sei se estaria preparado para um pequeno-almoço a três. Ou para a caixa nova de Cheerios que vi na bancada enquanto fazia café. Se vos pareço cobardolas,

provavelmente é porque sou.

O Challow liga-me quando vou a caminho do carro.

– Finalmente, já me posso redimir aos olhos do DIC.

– Os resultados do ADN?

– Envio-tos dentro de uma hora.

– Graças a Deus por isso.

– E também te vou mandar aquelas análises extra às impressões digitais que tirámos em Frampton Road.

– E?

– São quase todas do Harper, mas isso não é de estranhar. No andar de cima há muito pouca coisa, mas creio que é por ninguém lá ir há muitos anos. Mas descobrimos as do Walsh no corrimão do primeiro lanço de escadas. O que pode ser ou não ser útil. Do teu ponto de vista, digo. Quanto àquela estante vitrina, foi toda limpa, de alto a baixo. Não tem uma única impressão digital. E descobrimos também outra coisa interessante...

– Diz.

– O material pornográfico também foi todo limpo. Temos impressões do Harper no caixote, assim como do Derek Ross, mas nas revistas... nada. Quanto a ti não sei, mas eu cá acho estranho. Muito estranho mesmo.

* * *

Quando Quinn acorda, já está atrasado e com uma forte dor no pescoço. Esfrega os olhos e senta-se na cama, massajando a zona dorida. Levanta-se, enfia as calças do pijama e vai até à sala. Uma caixa gordurenta de piza, uma fatia de pão de alho meio comida, duas garrafas de vinho vazias. Ouve o som do duche e dirige-se para a casa de banho. Dá um toque na porta e eleva a voz:

– Vou ter de sair a correr, mas mais tarde venho buscar-te para prestares

declarações.

Não obtém resposta. Vai à cozinha e liga a máquina do café. Parece que a rapariga se adiantou a ele, já que vê uma chávena suja. Ao lado, o telemóvel dela.

Fica a olhar para ele por um momento. Até que decide ligá-lo.

* * *

Entrevista telefónica com Christine Grantham

5 de maio de 2017, às 10h32

Conduzida pelo Inspetor A. Baxter

AB: Sra. Grantham, temos andado a contactar uma série de pessoas que estudaram na Universidade de Bristol em inícios de 2000. Creio que a senhora fará parte desse grupo, certo?

CG: Sim, é verdade.

AB: E creio também que era amiga do Rob Gardiner, não é assim?

CG: Ah, então é disso que se trata. Já tinha pensado nisso.

AB: Ao que consta... foram namorados?

CG: Por uns tempos, sim.

AB: Como é que ele era?

CG: Não é propriamente isso que querem saber, pois não? Encontraram o corpo da mulher e de um momento para o outro fazem-me perguntas sobre ele. Não creio que seja uma coincidência.

AB: Estamos a tentar criar um perfil, Sra. Grantham, a tentar preencher algumas lacunas.

CG: Ah, pois... «Lacunas» é algo que condiz muito bem com o

Rob. Sempre tive a sensação de que ele escondia alguma coisa. Era uma pessoa muito reservada. Provavelmente ainda é.

AB: Ele alguma vez teve uma atitude que a tivesse deixado desconfortável?

CG: Está a querer saber se ele me bateu? Porque se for isso, a resposta é não. É um homem muito carinhoso. E, sim, tem uma personalidade muito forte e não tem paciência para gente estúpida, o que, por vezes, o pode tornar algo desagradável. Mas, para ser franca, acho que ele nem sequer tem essa noção.

AB: O que sabe sobre o passado dele?

CG: Bom, penso que ele é de Norfolk. Não vem de uma família rica, teve de trabalhar muito para chegar onde chegou. Sempre pensei que isso explicava muita coisa nele. Aquela... intensidade toda, percebe?

AB: Chegou a conhecer a Hannah?

CG: Não. Não mantivemos o contacto.

AB: E porque é que a vossa relação acabou?

CG: [pausa]

Não sei se me agrada partilhar isso consigo.

AB: Trata-se de um caso de homicídio, Sra. Grantham...

CG: [pausa]

Oiça, a verdade é que eu queria uma família...

AB: E ele não?

CG: Não é bem isso. Ele queria ter filhos, sim. Só que... não os podia ter.

* * *

— Quer dizer que não a reconhece?

Everett está no centro de emprego. Sofás, cadeiras, terminais de computador, secretárias que se esforçam para não parecerem secretárias. Painéis divisórios amarelos e verdes pendem do teto, pósteres com modelos sorridentes e de dentes perfeitos que dizem «Estamos cá para ajudar» ou «Prontos para trabalhar». Num claro contraste com as pessoas que aguardam sentadas, com expressões indiferentes, sem que pareçam prontas para coisa alguma. A mulher sentada à frente de Everett, pelo contrário, parece tudo menos derrotada.

Volta a observar a foto no telemóvel de Everett, depois passa-lho, abanando a cabeça.

– São tantas, e sempre a entrar e a sair. Provavelmente, não a reconheceria se ela tivesse cá estado há três semanas, quanto mais três anos.

– E nos seus registos? Pode fazer uma pesquisa por jovens chamadas Vicky ou Victoria que se possam ter inscrito cá nessa altura? Digamos de janeiro de 2014 em diante?

– Claro. Posso verificar.

Volta-se para o computador – que tem um cartão colorido preso na base com fita-cola, já meio gasto: *Não é preciso ser louco para trabalhar aqui, mas ajuda*. Ao lado, um *troll* de plástico com olhos negros e cabelo azul elétrico. Everett não via um boneco destes desde os tempos de escola.

A mulher tecla qualquer coisa e chega-se à frente.

– Ora bem, tenho uma Vicky e três Victorias, registadas em janeiro de 2014. A Vicky continua ativa e as três Victorias arranjam emprego... Uma no *Nando's*, outra na *Oxford Brookes* e outra numa empresa de limpezas. O que não significa que mantenham os empregos, a maioria destas jovens acaba por achar que é demasiado trabalho.

– E será possível que a nossa Vicky tenha vindo cá pedir trabalho sem estar registada na base de dados?

Ela abana a cabeça:

- Não. Teria de estar aqui registada algures.
- Com outro nome, talvez?
- Duvido. Exigimos sempre que apresentem dois documentos de identificação. Passaporte, carta de condução...

Everett suspira, desanimada. Será possível que numa era digital alguém consiga existir sem deixar o menor rasto?

* * *

Quinn sobe os últimos degraus que dão para o apartamento e abre a porta de casa:

- Pippa? Estás cá?

Mas tudo o que ouve é o eco da própria voz. Os restos do jantar de ontem continuam em cima da mesa, mas a mala e o saco que tinham ficado a um canto já lá não estão. O único indício de que ela esteve naquela casa são umas cuecas pretas de renda, deixadas no chão junto ao sofá.

- Merda... – solta ele entre dentes. E depois mais alto: – Merda, merda, merda!

* * *

Quando olho para o Baxter, penso que nunca o vi tão animado.

- Desculpe interrompê-lo, chefe, mas acabei de falar ao telefone com a Christine Grantham. Foi namorada do Rob Gardiner nos tempos da faculdade.

- Ai, sim?

- E há algo que ele não nos contou. Algo bastante grave.

* * *

Em Banbury, a equipa da polícia científica local está em Lingfield Road. Ainda levou uma boa hora até finalmente encontrarem os *netsuke* desaparecidos enrolados numa toalha e enfiados sob uma tábua solta do soalho. Uma das agentes dedica-se a rotulá-los, observando-os atentamente. Uma lontra, com um peixinho seguro entre os dentes. Quase dá para lhe sentir as gotas de água no pelo. O cúmulo da perfeição.

– Será que estas coisinhas valem mesmo todo este trabalho? – pergunta ela a Erica Somer.

– Oh, sim, pelo que sei, valem uma fortuna. O Walsh deve tê-las escondido aqui depois de ter visto as notícias sobre o Harper. Ele sabia que era apenas uma questão de tempo até chegarmos aqui.

A mulher franze o sobrolho:

– Quem havia de dizer. Para mim, não passam de bonecos de plástico, o tipo de brinde que encontramos nas caixas de cereais. – Sorri e fecha o saco de prova. – Meus Deus, eu é que sou velha, provavelmente nem fazes ideia do que estou a falar.

– Por acaso, faço – observa Somer, devolvendo-lhe o sorriso.

– OK, isto está feito. Vou pedir que as fotografem e depois envio-te.

– Obrigada, vou precisar de algo para enviar à companhia de seguros. Para conseguirmos provar de onde vieram estas peças.

Ouvem passos nas escadas e, segundos depois, surge Gislingham, acompanhado de outro agente forense. Carregam ambos um computador envolto em plástico transparente.

– Tiveram sorte? – pergunta Somer.

Gislingham responde com uma careta.

– Passámos a pente fino o andar de cima e o sótão, e nada. E este computador nem sequer tem *password*, muito menos imagens pornográficas no histórico. Se o tipo é pedófilo, disfarça muito bem.

– E só há esse computador cá em casa? Nada de portáteis, *tablets*?

– Nada. E a julgar pelo estado deste objeto jurássico, o tipo não será propriamente um génio da informática. Repara, isto deve ter mais de 15 anos. Seja como for, aqui os nossos colegas vão passá-lo em revista. Mas se queres saber, por aqui não nos safamos.

Duas horas depois, Somer está na escola privada, a pensar se esse não será o mote do dia. Tudo indica também que *por aqui não se safará*. Está sentada no gabinete da chefe de secretaria da escola, que se debate com um computador que claramente parece saber muito mais do que ela. Erica dá por si a pensar que, como em tantas outras situações, este é um caso paradigmático de comportamento passivo-agressivo. Será o emprego em si que o causa ou serão este género de pessoas estranhamente atraídas para este tipo de empregos? A chefe de secretaria da última escola onde ela trabalhou, por exemplo, podia ser o clone perfeito desta mulher que neste momento está à sua frente. O mesmo cabelo armado, as mesmas saias, blusa e cardigã em tons de azul que não combinam, os mesmos óculos presos numa corrente.

– Recorde-me novamente a data, por favor? – diz ela, tamborilando no teclado.

– Dia 24 de junho de 2015 – repete Somer, pela terceira vez, exatamente com o mesmo sorriso, ainda que já lhe doa o maxilar.

A mulher olha para o ecrã por cima dos óculos:

– Ah, aqui está... Segundo os registos dos horários dessa manhã, o Sr. Walsh deu uma aula de dois tempos ao 8.º ano.

– E a que horas terá começado?

– Às 10h30.

– E nada antes disso?

A mulher olha para ela.

– Não. Tal como já disse, teve apenas essa aula de dois tempos.

– E de certeza que veio nesse dia? Não faltou por doença ou assim?

A chefe de secretaria solta um audível suspiro.

– Teria de verificar os registos de faltas para lhe poder responder a isso.

Somer amplia o sorriso:

– Se não for grande incómodo...

Quando a mulher se prepara para pesquisar – nitidamente contrariada –, o telefone toca e ela atende. Trata-se de um pedido de informação sobre um processo de admissão, o que lhe toma ainda algum tempo. Enquanto isso, Somer deixa-se ali ficar sentada, a rezar para que não lhe falte a paciência e lhe salte a tampa. Até que a porta do gabinete do diretor se abre.

Às vezes – e só às vezes – a farda revela-se muito útil.

– Posso ajudá-la? – diz o homem num tom solícito, dirigindo-se a ela. – Richard Geare, diretor da escola. – E vendo-lhe o sorriso (este genuíno), sorri-lhe de volta: – Não se escreve da mesma maneira, se é isso que está a pensar. Creio que os meus pais não pensaram nisso. Digo a mim mesmo que isso até me dá algum sucesso perante os miúdos, mas muito francamente não sei se será assim.

O mais certo é nem sequer saberem quem ele é. Se ainda fosse o Tom Hiddleston... Mas tenho uns bons dez anos a mais, por isso...

– Agente Erica Somer – apresenta-se ela por fim, estendendo-lhe a mão. – A *Miss Chapman* está gentilmente a ajudar-me numas informações de que preciso.

– Sobre?

– Um dos vossos professores, Donald Walsh.

Geare parece curioso:

– E posso perguntar qual a razão? Há algum problema?

Somer olha de relance para a chefe de secretaria, que continua ao telefone, mas com um olho no diretor.

– Talvez pudéssemos falar no seu gabinete?

O espaço é surpreendentemente moderno para uma escola que tanto se

esforça por parecer tradicional. Paredes cinza claro, uma jarra com peónias brancas, secretária de madeira escura e pernas metalizadas.

– Gosta? – pergunta-lhe ele, ao vê-la olhar em volta. – Foi a minha cara-metade quem o decorou.

– Ela tem bom gosto – replica Somer, sentando-se. Geare faz o mesmo.

– *Ele*, por acaso – revela o diretor da escola. – Mas, sim, os dinamarqueses têm ótimo gosto. Então, diga lá em que posso ajudá-la.

– Viu certamente as notícias. O caso da jovem e da criança encontradas numa cave em Oxford?

O diretor estranha, franzindo a testa:

– E o que pode isso ter que ver com o Donald Walsh, de todas as pessoas deste mundo?

– A casa onde elas foram encontradas pertence ao tio do Sr. Walsh. Melhor dizendo, ao marido da tia. Não são parentes de sangue.

– E? – diz Geare, pondo as mãos em campanário.

– Estamos a tentar determinar quem visitou aquela casa, e quando. A *Miss Chapman* estava precisamente a verificar uma data específica em 2015. Pedi-lhe que visse se o Sr. Walsh esteve aqui na escola nesse dia.

– Quer dizer que essa jovem esteve fechada naquela cave desde então?

Somer hesita momentaneamente, mas o suficiente para Geare reparar.

– Não temos a certeza – acaba por responder.

Ele volta a estranhar:

– Confesso que estou confuso. Por que razão pretenderiam saber algo sobre um dia específico, a não ser que pensem que foi nessa a data que a rapariga foi sequestrada?

Somer não consegue evitar corar ligeiramente.

– Bom, na verdade, esse foi o dia em que a Hannah Gardiner desapareceu. Talvez se recorde do caso. Acreditamos que pode haver uma relação, mas, caso não haja, teremos de excluir definitivamente essa hipótese.

– E pensam que o Donald Walsh poderá representar essa... relação?

– Temo que sim.

Faz-se silêncio. Ela percebe que ele está a pensar.

– Como é óbvio, não queremos que essa informação caia no domínio público.

– Claro que não – reage o diretor, erguendo uma mão. – Compreendo perfeitamente. Estou apenas a tentar relacionar aquilo que acabou de me contar com o Donald Walsh que eu conheço.

– E quem é ele?

– Um homem extremamente dedicado, muito trabalhador. Ligeiramente enfadonho, para ser franco. E um tanto reacionário, o que, por vezes, o faz parecer hostil.

Ela assente, pensando se o verdadeiro problema não residirá na sexualidade de Geare.

– E no caso de se estar a perguntar – continua ele –,nunca fiz segredo do facto de ser homossexual. Nem perante o pessoal docente, nem perante os pais. – Inclina-se para a frente, subitamente sincero. – Ouça, agente Somer... Erica, só estou nestas funções há pouco mais de nove meses, e há uma série de medidas que pretendo tomar para mudar muita coisa. Esta escola pode parecer um museu, mas não tenciono geri-la como se o fosse. Este gabinete – faz um gesto largo com a mão – é um exemplo do tipo de escola que quero orientar do que os velhos cadeirões de cabedal da sala dos professores. Razão pela qual faço questão de receber aqui os pais de possíveis candidatos, antes de lhes fazer uma visita guiada pelo resto das instalações.

– Talvez os deva mudar também?

– Aos professores?

– Aos cadeirões – responde ela, com um sorriso.

– Estão na lista – garante o diretor, sorrindo-lhe de volta. – Mas agora mais a sério, sim, pretendo realizar importantes mudanças a nível do *staff*.

Somer não resiste a olhar para a porta, e quando volta a olhar para Geare, vê-o com um sorriso resignado.

– A Miss Chapman tencionava reformar-se no final deste ano letivo. Por vezes, não devemos fazer demasiadas mudanças de uma só vez, não concorda? Mas é provável que alguns professores venham a optar por outros caminhos. Nem toda a gente partilha a minha visão sobre o trilho que esta escola necessita de seguir.

– E o Walsh é um deles?

– Digamos que suspeito que ele já teria saído, se tivesse outro sítio para onde ir.

Ou dinheiro suficiente para nem querer saber.

– Ia precisamente perguntar-lhe acerca disso, enfim, indiretamente. Creio que o Sr. Walsh teve três empregos diferentes nos últimos dez anos. E este é, até à data, aquele onde ele esteve mais tempo. Pode dizer-me as razões pelas quais ele saiu das duas escolas anteriores?

Ele faz um esgar de dúvida:

– Não sei o que lhe posso dizer, devido às leis de proteção de dados que existem atualmente...

Erica interrompe-o:

– Que não se aplicam quando se trata de uma investigação de homicídio, senhor diretor. Mas esteja à vontade para se informar previamente a esse respeito, se isso o deixa mais descansado. Para ser franca, é no pleno interesse do próprio Sr. Walsh que consigamos obter um cenário o mais amplo possível do passado dele. E quanto mais cedo viermos a perceber que nada teve que ver com tudo isto, melhor. Certamente entenderá o que quero dizer.

Geare mantém-se em silêncio.

– Seria extremamente importante, para não dizer relevante, sabermos se ocorreu algum incidente com jovens mulheres, alguma sugestão de assédio

sexual. Ou com...

– Ou com as nossas crianças? – Abana firmemente a cabeça: – Não. De todo. E só não disse nada mais cedo porque tenho estado a pensar na melhor maneira de o referir, mais nada. O Donald Walsh é um homem difícil. Algo brusco, em determinadas situações. Pergunto-me frequentemente porque seguiu a via do ensino quando claramente não gosta de crianças. Todo o seu sarcasmo, a constante ironia... Ele chamar-lhe-á inteligência, sem dúvida, mas as crianças sentem apenas que ele é um velho sarcástico. E isso deixa-as receosas, daí que ele se esforce por criar alguma empatia. E também não tem grande sucesso em equipa, diga-se. Não tem *espírito de colega*. É uma expressão dele, a propósito. Pessoalmente, utilizaria o termo «amigável».

Ouve-se um toque na porta e a cabeça de Miss Chapman surge na soleira:

– Peço desculpa, Sr. Geare, mas chegaram os senhores para a reunião.

Somer levanta-se e cumprimenta-o.

– Muito obrigada pelo seu tempo. Se, entretanto, lhe ocorrer algo digno de nota, não hesite em contactar-nos.

Gislingham está no parque de estacionamento à espera de Sommer. O computador do gabinete de Walsh está a ser levado para a carrinha da equipa da polícia científica.

– Aproveitei para falar com alguns professores – informa-a o inspetor. – Não gostam dele, mas não apontam nada de suspeito ou duvidoso.

– O Richard Geare disse o mesmo, basicamente.

Gislingham olha-a com expressão espantada.

– *Richard Geare? A sério?*

Ela abana a cabeça.

– Coitado, toda a gente deve dizer o mesmo...

– E então? Ele é mesmo assim? – pergunta Gislingham, prendendo o cinto de segurança.

– Assim como?

Ele ri-se.

– Ora, tu sabes... *Oficial e Cavalheiro*.

Ela sorri.

– Nem te passa pela cabeça...

* * *

As cortinas do primeiro andar do número 18 de Crescent Square estão abertas, e é possível ver-se Robert Gardiner a andar pela sala enquanto fala ao telemóvel. Até que para, inclina-se para pegar no filho e põe-no aos ombros. Sentado no carro, Quinn observa-o por um momento, até que sai e atravessa a rua.

– Inspetor-Coordenador Quinn – apresenta-se, assim que Rob Gardiner abre a porta.

Gardiner estranha.

– O que quer? Aconteceu alguma coisa? Já prenderam alguém?

– Pelo homicídio, não. Ainda não. Trata-se da vossa *babysitter*, a Pippa.

Gardiner semicerra os olhos:

– O que tem?

– Sabe onde ela está?

– Não faço ideia.

– Pode dar-me o número dela, então. Deve tê-lo no telemóvel?

– Tinha, mas já não o tenho. Apaguei-o. E antes que pergunte, não, não o sei de cor, lamento.

– E a morada de casa da família?

– Nada. Também não sei.

– *A sério?* – solta Quinn, já claramente cético. – Ela tomava conta do seu filho, não me vai dizer que não tirou informações sobre ela,

referênciasqualquer coisa?

– Foi a Hannah quem a contratou, não eu. Conheceram-se naquele mercado biológico de North Parade. Creio que ela tinha uma banca por lá. Artesanato, ou coisa assim. Seja como for, encontraram-se algumas vezes até que ela disse à Hannah que estava a fazer formação como ama, mas que tinha ficado sem dinheiro. Ela teve pena e deu-lhe uma oportunidade. A Hannah era assim, via sempre o lado bom das pessoas. – Olha fixamente para Quinn, nitidamente hostil: – O que quer da Pippa, afinal?

– Deixe lá – responde-lhe o inspetor. – Não era nada de muito importante.

* * *

Everett tranca o carro e começa a subir Iffley Road; se a Vicky vivia num alojamento de estudantes, este é o sítio ideal para começar. Leva um mapa com várias residências assinaladas e a única abordagem possível é começar a bater de porta em porta. Ainda assim, não deixa de ter a desagradável sensação de estar a procurar uma agulha num palheiro do tamanho de uma cidade.

Consulta o mapa: a primeira residência da lista fica do outro lado da rua. Uma série de bicicletas à porta, contentores de lixo atravancados no quintal da frente. Toca a campainha e aguarda que lhe abram a porta.

– Inspetora Verity Everett – diz, exibindo o crachá. – Posso fazer-lhe umas perguntas?

* * *

*Entrevista com Robert Gardiner, realizada
nas instalações de St. Aldate, Oxford
5 de maio de 2017, às 14h44*

Conduzida pelo Inspetor-Chefe A. Fawley.

Também presentes: Inspetor A. Baxter,

P. Rose (advogado)

AF: Agradeço desde já a sua disponibilidade, Sr. Gardiner, pedindo desculpa por ter sido tão em cima da hora. Quisemos falar consigo porque temos algumas questões adicionais relacionadas com a morte da sua mulher.

RG: [*silêncio*]

AF: Sr. Gardiner?

RG: Estou à espera para ver o que tem para me dizer. Não imagino que perguntas me pode fazer que não tenham sido já feitas centenas de vezes. As respostas não vão mudar, mas, enfim... estejam à vontade.

AF: Como sabe, estabelecemos uma linha temporal para esse dia baseada no testemunho de várias pessoas que afirmaram terem visto a sua mulher em Wittenham nessa manhã. Sabemos agora que estavam enganadas, o que significa, obviamente, que teremos de voltar a interrogar as pessoas diretamente ligadas à Hannah, entre as quais o senhor.

RG: Ah, então é isso? Querem à viva força *incriminar-me* nesta trapalhada? Então é aquele tipo, o Harper, ou lá como se chama?

AF: Contamos deduzir muito brevemente uma acusação relacionada com a jovem e a criança encontradas na cave do número 33 de Frampton Road. No entanto, não temos até agora quaisquer indícios conclusivos que sugiram uma relação entre esse crime e a morte da sua mulher.

RG: Ah, OK... Então, dada a ausência de alternativas, decidem

voltar a apontar-me os holofotes? Como fizeram da última vez?

AF: À luz das novas informações, Sr. Gardiner, teremos de...

RG: Quer dizer que acham realmente que eu matei a Hannah? Que abandonei o meu próprio *filho*?

AF: Eu não disse isso.

RG: Nem precisa.

AF: Ouça, estamos a tentar descobrir o que aconteceu. E para isso contamos com a sua ajuda, a sua colaboração.

PR: O meu cliente está mais do que disposto a colaborar convosco em tudo o que puder, Inspetor. No entanto, presumo que o estejam a inquirir como testemunha, não como suspeito, uma vez que ele não se encontra detido?

AF: Até ao momento, sim, presume bem. Por isso, vamos lá tratar de repassar os acontecimentos, por favor.

RG: Mas quantas *mais* vezes é preciso fazer isto? Saí do apartamento às 7h15 e apanhei o comboio das 7h50 para Reading...

AF: Não me refiro a esse dia, Sr. Gardiner, mas sim à noite anterior. Terça-feira, 23 de junho.

RG: Mas vocês sabem que a Hannah estava viva naquela manhã! Nem precisam de acreditar em mim, ouviram a voz dela naquele *voicemail*. Que diferença faz o que se passou na véspera?

AF: Mesmo assim, gostaria que respondesse à pergunta.

RG: [*suspira*] Tanto quanto me recordo, fui buscar o Toby à creche quando saí do trabalho, por volta das 17h00. Terei chegado a casa às 17h30. Passei o dia inteiro em reuniões com investidores alemães, e estava estafado. Passámos um serão sossegado em casa.

AF: Alguém pode confirmar isso?

RG: Não. *Como já disse*, estávamos só nós os três: eu, a Hannah e o Toby.

AF: A vossa *babysitter* não estava convosco?

RG: Não. Saiu por volta das 19h00.

AF: A sua mulher estava em casa quando o senhor chegou?

RG: Não, só chegou por volta das 20h00.

AF: E como é que ela estava?

RG: Como assim?

AF: Feliz? Ansiosa? Cansada?

RG: Estava um pouco preocupada, creio. Tinha muito em que pensar. A entrevista da manhã seguinte era muito importante para ela.

AB: A entrevista em Wittenham? Com o Malcolm Jarvis?

RG: Sim. Vocês sabem disso, já falámos inúmeras vezes sobre o assunto. Era uma grande história, uma matéria importante para ela. Já andava a trabalhar naquilo há meses.

AF: Sim, e até tinha estado em Summertown, nessa tarde. Na BBC.

RG: Tanto quanto sei, sim.

AF: Tanto quanto sabe?

RG: Ouça, mas o que é isto? Há alguma coisa que não me tenham contado?

AF: Estamos apenas a tentar estabelecer os factos, Sr. Gardiner. A verdade é que ela pode ter estado noutro sítio qualquer, certo?

RG: Ela *disse-me* que esteve em Summertown.

AB: Quando chegou?

RG: Sim.

AB: Às 20h00.

RG: Precisamente.

AF: Então ficaria espantado por saber que, nesse dia, ela saiu das instalações da BBC às 14h25 e já não voltou?

RG: De que é que está a falar? É a primeira vez que estou a ouvir isso.

AF: Na altura, não tivemos razões para verificar. Agora temos.

AB: Também conseguimos apurar que o carro da sua mulher foi identificado pelo sistema de reconhecimento de matrículas, mais concretamente em Cowley Road, às 16h30 dessa mesma tarde.

RG: [*silêncio*]

AF: Sabe por que razão ela se encontrava lá?

RG: Não, não sei.

AF: Outra história qualquer em que estivesse a trabalhar?

RG: Que eu tivesse conhecimento, não.

AF: Nessa tarde, foi feita uma chamada para a extensão da sua mulher, a partir de um cartão recarregável de telemóvel. Cerca de meia hora antes de ela sair. Sabe alguma coisa acerca disso?

RG: Não. Já lhes disse. E seja como for, pode ter sido qualquer pessoa, alguém com uma história interessante. Qualquer pessoa, sei lá, um dos manifestantes do acampamento. Essa gente tem esse tipo de telemóveis.

AB: Então, porquê ir a Cowley?

RG: Como raio quer que eu saiba?

AF: Peço desculpa por ter de levantar este assunto, Sr. Gardiner, mas o Toby não é seu filho biológico, pois não?

AB: Falámos com uma testemunha que afirmou que o senhor não

pode ter filhos e...

RG: O quê? Como é que se atrevem?! Esse é um assunto pessoal. Não tem nada que ver com tudo isto.

AB: Olhe que não sei, Sr. Gardiner. Se não é o pai do Toby, então quem é?

RG: Não faço ideia.

AF: A sua mulher teve um caso extraconjugal?

RG: [*ri-se*]

Vocês estão mesmo a quilómetros de tudo... É patético. É essa a vossa teoria? Que espanquei a minha mulher até à morte porque descobri que ela tinha um amante em Cowley Road... que era o pai do filho dela? E depois, alegadamente, larguei o Toby em Wittenham por descobrir que ele não era meu filho?

AB: Foi isso que aconteceu, a sua mulher tinha um caso?

RG: Não! Claro que não... Sim, é verdade que não posso ter filhos, nunca fiz segredo disso. Mas também não andei a partilhar esse facto na porcaria do Facebook!

AF: E porque não partilhou connosco essa informação em 2015, quando a Hannah desapareceu?

RG: Para já, porque não tinha nada que ver com nada. E depois porque não era da vossa conta. E, a propósito, ambas as razões continuam a aplicar-se.

AF: Então, o Toby é adotado?

RG: Não, foi concebido por inseminação artificial de um dador anónimo. A Hannah nunca teve nenhum problema com isso.

AF: Mas isso levantou problemas nas suas relações anteriores, certo?

RG: Estiveram a interrogar as minhas *ex-namoradas*?! [*volta-se para Sr. Rose*] Eles podem fazer isto?!

PR: Peço desculpa, Inspetor, há mais algum assunto? Creio que o meu cliente já terá passado o suficiente por hoje. Ainda está a lidar com a descoberta do corpo da mulher em circunstâncias terríveis, creio que já chega.

AF: Lamento, mas ainda não acabámos. As análises ao cobertor que envolvia o corpo da sua mulher revelaram vestígios do seu ADN, Sr. Gardiner. Seu, dela e do Toby. E de mais ninguém. Consegue explicar isto?

RG: [*silêncio*]

AF: Tem alguma explicação para isto, Sr. Gardiner? Tem algum cobertor desse tipo?

RG: Não faço ideia.

AF: De padrão escocês verde-escuro e vermelho, para o caso de lhe avivar a memória.

[*silêncio*]

RG: A única coisa que estou a ver é uma manta de piquenique que a Hannah costumava ter na mala do carro. Pensei que já a tivesse deitado fora, mas é possível que ainda estivesse na mala do carro

AB: Como é que era essa manta, recorda-se?

RG: Não me lembro muito bem. Escura, creio. Talvez verde.

AF: Também temos uma impressão digital como prova. Quando encontrámos o corpo da sua mulher, ele estava amarrado com fita adesiva.

PR: Isto é mesmo necessário, Inspetor? Este tipo de detalhes é extremamente perturbante.

AF: Lamento, Sr. Rose, mas há perguntas que têm mesmo de ser feitas. Havia impressões digitais nessa fita adesiva, Sr. Gardiner, a maior parte delas demasiado baças para que se

conseguisse um resultado conclusivo. Mas uma delas corresponde parcialmente às suas.

PG: *Parcialmente?* De quantos pontos estamos a falar?

AF: Seis, mas tal como já disse...

PR: Oh, por amor de Deus, as *minhas* impressões digitais terão provavelmente uma correspondência de seis pontos. São necessários *no mínimo* oito para identificação positiva, Inspetor. Como o senhor muito bem sabe.

AF: Considera-se um homem violento, Sr. Gardiner?

RG: *O quê?* Por amor de Deus, voltamos a isso? Não, claro que não sou violento.

AF: Alegadamente, a sua mulher apresentava um hematoma no rosto, poucas semanas antes de desaparecer.

RG: [*ri-se*]

Quem vos contou isso? A anormal da Beth Dyer? Só pode. Uma metediça do pior, adora lançar a confusão. Foi o Toby, se quer mesmo saber. Bateu com um brinquedo na cara da mãe. Foi um acidente, claro.

Coisas que acontecem a quem tem crianças pequenas. Se algum de vocês tivesse filhos, saberia do que estou a falar.

AB: O Inspetor-Coordenador Quinn também viu um hematoma no braço da sua *babysitter*, ontem.

RG: Ouçam, ela apresentou alguma queixa contra mim?

AF: Vamos trazê-la cá ainda hoje para prestar declarações. É possível que pretenda apresentar queixa, sim.

RG: [*silêncio*]

Mal lhe toquei. A sério. Ela irritou-me, foi só isso.

[*silêncio*]

Ouçam, ela disse-me que estava grávida. E que o filho era

meu, negando que tivesse estado com outro tipo. Mas até vocês conseguem somar dois e dois e obter quatro quanto a isso, não?

AB: Então, a *Miss Walker* é sua namorada.

RG: Ela *não* é minha namorada.

[*silêncio*]

Dormimos juntos. *Uma vez*, OK? Nunca fizeram uma coisa estúpida quando estavam chateados e em baixo, algo de que depois se arrependeram? Não? Eh pá, muitos parabéns.

AF: Então, quando ela tentou fazê-lo crer que o filho era seu, o senhor perdeu a cabeça?

RG: Fiquei furioso. Mas não faço disso um hábito.

AF: A sério? Pois olhe que o senhor me parece o tipo de pessoa capaz ferver em pouca água.

AB: Foi isso que aconteceu em 2015? A Hannah deixou-o «furioso»?

RG: Não seja ridículo!

AF: Ou terá sido outra coisa? Aconteceu algo ao Toby, algo que o senhor entendeu que foi por culpa da Hannah?

RG: [*silêncio*]

Ouçam, vou só dizer isto, e depois vou para casa cuidar do meu filho. E a não ser que fique detido, creio que não há nada que possam fazer para me impedir. A última vez que vi a minha mulher foi às 7h15 do dia 24 de junho de 2015. Estava viva e de boa saúde. Nunca lhe bati, não faço ideia de quem a matou e não sei como é que o corpo dela foi parar a Frampton Road. Fui suficientemente claro?

AF: Perfeitamente.

PR: Muito obrigado, meus senhores. Nós saímos sozinhos.

* * *

Quando saio, o Quinn está à minha espera. Esteve a assistir à inquirição pelo sistema de vídeo. Parece um pouco agitado. O que não é nada típico dele.

– E então? O que achou? – pergunta-me, enquanto vemos o Gardiner e o Rose a desaparecerem no corredor.

– O que achei? Que ele está furioso, na defensiva e imprevisível. Mas não posso concluir que é um assassino.

Ele assente:

– Sim, até o vejo a matar a mulher num rasgo de fúria, mas largar o filho daquela maneira? Isso já é esticar muito a corda.

– Sim, também acho. O Harper ou o Walsh, sim, mas não o Gardiner. Só que o Gardiner era o único que sabia onde a Hannah ia estar nesse dia.

– Na verdade, chefe – intervém o Baxter, entrando e fechando a porta atrás dele –, não tenho tanta certeza disso. Fui verificar o Mini da Hannah, e tem navegação por satélite. Ela pode perfeitamente ter descarregado as direções para Wittenham na noite anterior. O que significa...

– O que significa – interrompe o Quinn, erguendo as mãos – que qualquer pessoa que tenha entrado naquele carro pode ter ficado a saber para onde ela ia. Caramba, lá estamos nós outra vez num beco sem saída.

– Seja como for, eu apostaria mais facilmente no Walsh do que no Harper – diz o Baxter. – O Harper nem sequer tinha um computador decente, quanto mais um automóvel com navegação por satélite. Creio que nem saberia por onde começar.

– Muito bem – digo. – Digam ao Gislingham que confirme se o Walsh tem sistema de GPS no carro dele. E peçam-lhe que verifique nas lojas de Cowley Road, quando estiver de regresso, se alguém reconhece a Hannah. Ao fim de tanto tempo é muito improvável, mas temos de verificar tudo o que

nos for possível.

– Certo –concorda Quinn, voltando-se para se ir embora.

Mas eu detenho-o com um gesto e volto-me antes para o Baxter.

– Podes tratar tu disso?

O Baxter assente e afasta-se pelo corredor, lançando-nos um olhar curioso por cima do ombro.

Assim que ele se afasta, volto-me para o Quinn:

– Duas coisas. Primeira: onde diabo está a Pippa Walker? Não era suposto seres tu a trazê-la cá?

– Estou a tratar disso.

– Então, despacha-te. Segunda coisa: resolve os problemas que tens com a Erica Somer, sejam eles quais forem. Não estou particularmente interessado naquilo que fazes, Quinn, muito menos com quem. Mas garanto-te que não vou permitir que nada nem ninguém comprometa esta investigação. E não me obrigues a repetir isto.

– Certo – responde-me ele.

E por estranho que isto possa soar, é quase como se ele ficasse aliviado.

* * *

Às 16h00, Cowley Road está no auge do seu fervilhante movimento. Caixotes de frutas exóticas a encher o passeio em frente ao minimercado polaco; miúdos nas bicicletas, mães com carrinhos de bebé, um ou outro casal de rastas a fumar erva, sentados de pernas cruzadas no meio da rua, uma velhota a empurrar lentamente um carrinho de compras às flores, um *terrier* com ar pulguento e escanzelado a deambular sozinho. Gislingham localiza a câmara do sistema de reconhecimento de matrículas que filmou o automóvel de Hannah e vira-lhe costas, analisando o seu campo de visão.

Três lojas de apostas, uma loja de conveniência aberta 24 horas e meia dúzia de restaurantes – um eslovaco, um libanês, um nepalês, um vietnamita e dois *vegan*. Ele quase que aposta que a maioria deles nem sequer existia há dois anos. Mas há um estabelecimento que sim. O talho familiar que ali está há gerações, independentemente da década. Salsichas e empadas na montra, um toldo já muito antigo às riscas vermelhas e brancas, e um ainda mais antigo talhante de plástico à entrada, acolhe os clientes com expressão sorridente e mãos nas ancas. Gislingham entra, percorre a fila de pessoas e pede discretamente ao homem do talho que lhe dê uma palavrinha rápida.

– Algum problema, amigo? – diz o homem, olhando para o crachá de Gislingham sem deixar de cortar uma peça de carne com golpes firmes e experientes. Voltar, cortar, voltar, cortar.

– Nenhum. Problema nenhum. Gostaria apenas de saber se por acaso viu esta mulher.

Mostra-lhe uma fotografia de Hannah Gardiner. A mesma que usaram na altura. Está de pé, de costas para um portão; tem o longo cabelo apanhado num rabo de cavalo, veste um blusão azul-marinho almofadado e ao fundo veem-se campos e montanhas e ovelhas. Algures no Lake District.

– Sim, lembro-me dela. É aquela jovem que desapareceu, certo?

– Lembra-se dela... por aqui? Quando é que foi isso?

– Não, amigo, desculpe. Queria dizer que me lembro da fotografia, apareceu em todos os jornais.

– Certo. E acha que alguma vez a viu em pessoa? É que o carro dela foi fotografado por uma das câmaras de tráfego daqui da rua, na véspera do dia em que desapareceu. O carro era um Mini Clubman cor de laranja, mas ela pode ter andado por aqui a pé.

– Mas isso não foi há mais de um ano?

– Há dois, mais precisamente a 23 de junho de 2015.

O homem põe as aparas de gordura de lado e pega num rolo de cordel.

– Desculpe, mas não faço mesmo ideia. Já lá vai muito tempo.

– Sabe de algum sítio nas redondezas onde ela pode ter ido? Ela era jornalista.

O talhante encolhe os ombros.

– Tem muito por onde escolher, pode ser em qualquer lado.

Já pesquisou os jornais dessa semana? O *Oxford Mail*, por exemplo? Pode dar-lhe alguma pista.

Mas como diabo não me lembrei disso?, pensa Gislingham.

– Muito obrigado, amigo. Foi muito prestável.

O homem dirige-lhe um sorriso simpático.

– Sempre às ordens. Não quer levar umas salsichas? São por conta da casa.

Já na rua, Gislingham enfia um pacote com a especialidade da casa no bolso do blusão e liga a Quinn.

– Diz, o que se passa?

– Lembrei-me de uma coisa no caso da Hannah Gardiner. Vou regressar à sede para verificar.

– OK, como queiras.

Gislingham franze a testa:

– Estás bem? Pareces um bocado em baixo.

Faz-se silêncio, até que:

– Se queres saber, acho que lixei tudo.

Então é isso, pensa Gislingham. *Não tem nada que ver com a Erica.* Aguarda. Não quer soar demasiado curioso. Ou cusco.

– Aquela *babysitter* dos Gardiner – acaba Quinn por dizer. – A Pippa Walker. Tu conhecestes-a, certo?

Por um terrível momento, Gislingham teme saber o que Quinn está prestes a revelar. Mas não... Nem mesmo ele; não seria capaz...

– Tu não... Diz-me que não a...

– Não, claro que não, não sejas parvo. É outra coisa. Deixei-a ficar em minha casa.

– Como assim, «deixaste-a ficar em tua casa»?

– O Gardiner pô-la na rua. A miúda não tinha onde ficar, por isso... deixei-a ficar.

– No *teu apartamento*? Por amor da santa, Quinn!

– Eu sei, eu sei. Mas ouve, não se passou nada. Juro que...

– A questão não é essa! Tens de a tirar de tua casa e já.

– Ela já saiu. Acabei de lá passar agora e já lá não estava.

– Mas vai na mesma prestar declarações?

– Não sei.

– Como assim, *não sabes*? Tens o número dela, certo? Ligas-lhe e...

– O número que ela me deu não está disponível – confessa Quinn, com um suspiro. – Está desligado.

Gislingham está a ficar realmente chateado:

– Eh, pá, que maravilha... Quer dizer, não fazemos a mínima ideia de onde possa estar, não temos como a contactar e ela é a nossa única testemunha contra o Gardiner.

Quinn respira fundo antes de responder:

– E há outra coisa. Estive a ver o telemóvel dela, mensagens e assim... Apanhei-a no duche e fui ver.

– Porra, pá, quando estás metido num buraco, para de cavar! Sabes bem que precisas de autorização para isso. Podes perder o emprego à conta disto.

– Eu sei, OK? – lança-lhe Quinn. – Estava mesmo ali à mão e não resisti. E agora...

Faz-se silêncio.

– Agora o quê?

– Agora *sei* que o Gardiner mentiu. A Pippa mandava-lhe mensagens pelo menos até uma semana antes de a Hannah desaparecer.

– Sim, mas isso não é nada de especial. Afinal, ela tomava conta do filho deles, seria normal mandar mensagens para...

– Não daquele teor, Gis. Confia em mim.

Confio em ti para nos meteres numa trapalhada destas, isso sim, pensa Gislingham.

– E agora, o que fazemos agora? – pergunta-lhe. – Provavelmente não conseguiremos autorização para aceder aos registos do telemóvel dela, mesmo que tivéssemos o número certo, porque não podemos alegar que ela é suspeita. Mesmo que *tenha andado* a comer o Gardiner, a verdade é que tem um álibi fortíssimo para a manhã em que a Hannah desapareceu. Por outro lado, não podemos divulgar aquilo que sabemos, porque isso te pode meter numa alhada do caraças.

– Ouve lá, vais ajudar-me ou não?

Gislingham suspira bem alto antes de responder:

– Não tenho grande alternativa, pois não?

* * *

Pouco depois das 17h00, encontro-me com o Baxter na empresa de alta tecnologia que nos faz o trabalho forense de reconhecimento de voz. Estamos em frente a uma série de ecrãs de computador – e não faço ideia para que serve esta treta toda. O analista sentado ao nosso lado não parece ter mais de 15 anos.

– OK – diz ele, um momento depois. – Já descarreguei o áudio, vamos lá ouvi-lo.

24/06/2015 6:50:34

Sou eu. Onde estás? Vou ter de sair em breve.

Liga-me, está bem?

Ouve-se um ruído abafado, alguns cliques e a chamada desliga-se. Ela parece exasperada, à beira de um ataque de fúria. O analista anda para trás e ouvimos o áudio várias vezes, e a frustração da Hannah Gardiner surge traçada no ecrã numa sucessão de picos e depressões. Volume, tom, intensidade. Finalmente, o analista recosta-se na cadeira e volta-se para mim.

– O problema aqui é ela dizer tão pouco. Umas escassas 13 palavras e bastante distorcidas. Limpei o áudio o melhor que pude e comparei-o com outro material que sabemos que corresponde à voz da Hannah Gardiner. Diretos e reportagens da BBC, esse tipo de coisas.

Volta-se novamente para o ecrã e exhibe um novo padrão de ondas.

– Reparem, estes três pertencem obviamente à mesma pessoa. É visível até a olho nu, sem ser necessário proceder à analítica. – Arrasta o padrão recolhido no *voicemail*, alinhando-o com as outras amostras. – E aqui está o vosso *voicemail*... Como disse, 13 palavras não é o suficiente para uma correspondência definitiva, mas na minha modesta opinião, é ela.

– Quer dizer que ela estava em Crescent Square às 6h50 dessa manhã, viva e de boa saúde?

Ele assente:

– Tudo indica que sim.

* * *

– Quinn? Sou eu.

Gislingham está praticamente sem fôlego e a voz sai-lhe em arquejos. Quinn ouve o ruído do trânsito em fundo.

– Onde estás?

– Na High. Vinha de regresso de Cowley e acho que acabei de ver a Pippa Walker. Se não era ela, era o diabo por ela.

Quinn crava a mão no telemóvel.

- O quê? Onde? *Onde* a viste?
- Na paragem dos autocarros de Queen's Lane. É onde estou agora, fiz inversão de marcha assim que pude, mas ela já não está aqui.
- Levava alguma mala com ela? Sacos?
- Que eu tenha reparado, não. Só um saco de compras, creio.
- Então, se tivermos sorte ela ainda está em Oxford.
- Vou ver se consigo aceder às imagens de videovigilância. Talvez se consiga perceber que autocarro apanhou.
- Boa, companheiro. Fico a dever-te uma.
- Sim – diz Gislingham, com um suspiro. – Podes crer que ficas.

* * *

Enviado: Sexta-feira 05/05/2017, 18h05

De: AlanChallowCSI@ThamesValley.police.uk

Para: DIAdamFawley@ThamesValley.police.uk,
CID@ThamesValley.police.uk

Assunto: Resultado Análises ADN: Frampton Road, 33

Tenciono ligar-te acerca disto, mas para o caso de não te apanhar, aqui ficam os pontos fundamentais:

Barracão

Procedemos a uma dupla verificação dos resultados do cobertor utilizado para embrulhar o corpo de Hannah Gardiner, e não existe ADN de Donald Walsh nem de William Harper. O único ADN existente, para além do da própria – como anteriormente declarámos –, é o do marido, Robert Gardiner, e o do filho, Toby Gardiner.

Cave

A cama da jovem continha ADN de dois indivíduos masculinos: saliva de Donald Walsh e tanto saliva como sémen de William Harper.

Criança

Procedemos a uma análise de ADN nas amostras obtidas em colaboração com os Serviços Sociais e comparámo-las com os pequenos vestígios de sangue encontrados nos lençóis da cama de criança. O rapaz encontrado na cave é filho de William Harper.

* * *

Assim que entro na Ala Pediátrica do John Rad, recebo uma chamada do Challow – o que me merece um olhar reprovador por parte da enfermeira.

– Já sabe que aqui dentro tem de desligar o telemóvel, Inspetor.

– Eu sei, e peço desculpa, mas isto é importante.

E é mesmo.

– Diz, rápido... – Respiro fundo. – OK, estou no hospital. Vou falar com ela e tentar que me confirme isso.

A enfermeira olha-me com manifesta impaciência.

– Podemos seguir?

– Sim, claro.

Passaram menos de 48 horas desde a última vez que a vi, mas a Vicky parece-me bastante melhor. Ajudaram-na a lavar o cabelo, veste calças de ganga e uma *sweatshirt* e está sentada numa cadeira junto à janela. Tem uma revista no colo e parece subitamente conectada ao mundo. Uma rapariga normal. Tiro mentalmente o chapéu a quem conseguiu esta proeza, e quando apanho o olhar da enfermeira, pelo seu sorriso percebo que foi ela.

– Penso que a Vicky hoje já se sente bastante melhor. Até conseguimos convencê-la a comer alguma coisa.

Aponto para a cadeira junto à cama:

– Posso sentar-me para falarmos um pouco, Vicky?

Ela olha-me por uns segundos antes de assentir. Aproximo ligeiramente a cadeira da janela e sento-me.

– E então? Já conseguiste escrever alguma coisa?

Ela cora levemente e afasta o olhar.

– A Vicky ainda não consegue falar – esclarece a enfermeira. – E achamos preferível não a pressionar. Deixar que as coisas fluam naturalmente.

– Acho uma excelente ideia – digo, esforçando-me por soar animador. – Mas acabei de receber uma chamada do nosso laboratório de polícia científica e, se achares bem, gostava de te fazer uma ou duas perguntas. O que me dizes?

Ela olha para mim e nada diz.

– Há uma coisa que precisamos mesmo de saber: se foi apenas uma pessoa que te atacou ou se foram duas. Não conseguimos determinar isso com os resultados de ADN que obtivemos, e tenho a certeza de que tu percebes como é importante para nós sabermos isso. Portanto... podes dizer-me, Vicky? Foi apenas um homem? Mais ninguém?

Ela continua a fitar-me sem nada dizer. Fica novamente com as faces coradas. Por fim, limita-se a assentir.

Saco do telemóvel, procuro a foto e mostro-lha:

– Foi este homem?

Ela olha para mim, depois para a foto e de seguida abana a cabeça.

Procuro outra foto.

– Este?

Ela arqueja ligeiramente e leva uma mão à boca. Os olhos dela enchem-se de lágrimas.

– Sim... – sussurra, numa voz rouca por há tanto tempo estar silenciada. –

Sim...

* * *

Quinn, estive a ver imagens de videovigilância da paragem autocarros.

A Pippa apanhou o 5 para Blackbird Leys. Fiquei com n.º registo por isso deves conseguir identificar o motorista.

Talvez ele s lembre dela

Fantástico, Gis. É como te disse, fico a dever-te uma

Ocorreu-me q o 5 passa no parque empresarial.

Achas q terá ido ter c o Gardiner?

Mt possível. Vê com ele. Obrigado companheiro

* * *

– Diga-me lá em que pé estamos, Adam.

Gabinete do Diretor. Sábado de manhã. Ocorrem-me umas quantas razões para alguém ser chamado aqui num fim de semana, mas numa escala de humilhação de um a dez, estarei a rondar os cinco. E a verdade é que o Harisson precisa mesmo de saber.

– A Vicky identificou o Harper como o seu sequestrador, senhor Diretor. E os resultados forenses confirmam-no.

– Então, e o ADN do Walsh nos lençóis da cama da rapariga?

– Ele disse-nos que passou a noite lá em casa uma ou duas vezes, e o Challow diz que é possível que tenha passado saliva para a roupa de cama, se

foi a mesma usada na dele. Não é impossível.

– Então, foi tudo obra do Harper, que agiu sozinho. Sem qualquer conivência por parte do Walsh?

– Tudo indica que não. A Vicky não o reconheceu.

– Seja como for, trata-se de um homem sem qualquer historial anterior de violência. Acha que a demência pode ter sido um fator? Que foi de algum modo provocada pela infeliz semelhança da jovem com a mulher dele?

Respiro fundo. Eu próprio estava plenamente convencido de que tinha sido o Harper, mas depois o diário convenceu-me do contrário. E desde então passei a ver o Harper como um mero velhote solitário e infeliz, explorado pelo Donald Walsh para os seus próprios intentos perversos. Mas não é. Não pode ser.

– Na verdade, senhor Diretor, temo que seja muito mais complicado do que isso. O Harper pode evidenciar alguns sinais de demência *agora*, mas há três anos as coisas eram substancialmente diferentes. Se reparar, não há nada no diário da Vicky que indique que o homem que a sequestrou estaria num estado mental debilitado. Creio que ele sabia muito bem o que estava a fazer.

E, sim, é verdade que as parecenças da Vicky com a Priscilla podem ter influenciado, mas não enquanto fator de confusão. Antes como vingança. Como um qualquer ato perverso de retaliação

– Mas ele não disse que tinha medo de ir à cave? Que ouvia barulhos estranhos vindos de lá?

– Creio que isso poderá ser atribuído à demência, que tem vindo a piorar bastante nos últimos tempos. Ele pode até ter-se esquecido de que a rapariga lá estava. Isso também explicaria o facto de a comida e água terem começado a escassear.

O Harrison recosta-se na cadeira:

– Continuo com sérias dúvidas em relação a tudo isto. A verdade é que o Walsh surge como o suspeito mais provável.

- Sim, eu próprio também pensei isso.
- Mas o ADN não mente. O rapazinho é filho do Harper.
- Sim, é um facto.
- Por falar em ADN, como estão as coisas relativamente ao Gardiner?
- Voltámos a inquiri-lo recentemente. Temos a impressão digital parcial na fita adesiva e alguns vestígios de ADN no cobertor usado para embrulhar o corpo, mas é tudo circunstancial. Nada seria aceite como válido em tribunal. Ainda que tudo indique que ele possa ter sido violento com a *babysitter*. Estamos a tentar estabelecer um padrão.
- *Possa ter sido?* Não falaram com ela acerca disso?
- Ainda não, senhor Diretor. Tem sido extremamente difícil localizá-la. Vejo-o franzir a testa e só me apetece estrangular o Quinn.
- Mas não excluíram completamente o Harper da lista de potenciais suspeitos, não? Continua a ser possível que ele tenha cometido os dois crimes: o da jovem na cave e o da Hannah Gardiner?
- Sim, senhor. Continua a ser possível.
- E é expectável que o Ministério Público concretize a acusação contra ele, dado o seu estado de saúde?
- Não sei. Ainda não chegámos a essa fase.
- Mas ele encontra-se em instalações adequadas, até lá?
- Assinto com a cabeça.
- Com certeza. Está numa unidade especializada em demência, perto de Banbury. Seja o que for que aconteça, ele já não volta para Frampton Road. Provavelmente, a casa acabará por ser vendida.
- Bom, assim sendo, a Polícia de Thames Valley ficará pelo menos com um cliente satisfeito.
- Desculpe?
- Aquele tipo que comprou a casa ao lado.

Começo a achar que o Quinn me anda a evitar, e quando o encontro no parque de estacionamento, sentado no seu Audi a comer uma sanduíche, apercebo-me de que tenho razão.

Bato no vidro.

– Quinn?

Ele baixa o vidro, apressando-se a engolir o que tem na boca.

– Sim, chefe? O que se passa?

– O que fazes aqui?

– Bom... estou a almoçar.

Lanço-lhe um olhar tipo «pois é isso mesmo», e ele tem a decência de parecer encabulado.

– Já trouxeste a Pippa Walker para prestar declarações?

– Ah, pois... Estamos com um problema em relação a isso, chefe.

Então é isso.

– Que tipo de problema?

– Não conseguimos localizá-la.

Fico a olhar para ele até o ver parar de mastigar e enfiar o resto da sanduíche no pacote.

– Ouvi dizer que há uma coisa chamada telemóvel...

Ele cora.

– Sim, eu sei, mas... não temos o número dela. O que ela me deu está desligado. Lamento muito, senhor inspetor.

Não é frequente ouvir um «senhor inspetor» da boca do Quinn, a não ser que tenha feito asneira. Continuo a fixá-lo intensamente. Quando ele não se descose, insisto:

– Ela não prestou declarações em 2015? Há de ter dado alguma morada nessa altura.

Ele assente.

– Deu, sim. Arundel Street.

– Então, começa por aí. Faz sentido ela ter ido para casa de alguém conhecido.

– Certo – diz ele, ligando a ignição. – Não se preocupe, a trapalhada foi minha, eu resolvo.

* * *

– Agente Somer? Fala Dorothy Simmons, da Holman Insurance. Falámos há tempos sobre a coleção do Dr. Harper?

– Ah, sim, obrigada por me devolver a chamada. Ainda para mais num fim de semana.

– Não tem de quê. Bom, estive a ver as fotografias que me enviou e comparei-as com as que temos no processo do Dr. Harper. Tinha razão, são as mesmas peças.

– E são valiosas?

– Sim, bastante. Em 2008, quando o Dr. Harper mandou avaliar a coleção, já valiam cerca de 65 mil libras. Aliás, tenho andado a tentar que ele atualize os valores, temo que esteja com uma cobertura demasiado baixa. Mas ele não tem respondido aos nossos contactos.

– Muito obrigada, *Miss Simmons*. Essa informação é extremamente útil.

– Só mais uma coisa. Não sei se será importante, mas o Sr. Walsh tem apenas parte dos *netsuke*. Há outros que parecem estar em falta.

– Algum deles particularmente valioso?

– Um deles, sim. Mas os restantes serão provavelmente os menos valiosos da coleção. Não sei se isto será relevante...

Muito provavelmente, pensa Somer. Se o Quinn tiver razão quando sugere que o Walsh só estava interessado em deitar a mão aos mais valiosos. Lá se vai o «valor sentimental» e o «legado de família»... Seja como for, levanta uma questão interessante.

O que é feito das outras peças?

* * *

Depois de uma verdadeira caça aos gambozinos por Arundel Street, o dia de Quinn não dá mostras de melhorar tão cedo. Quando regressa à sede, já depois das 15h00, a primeira pessoa que ele encontra no corredor é Gislingham.

– E então? Localizaste o motorista do autocarro?

Gislingham olha para ele com uma expressão que traduz: foste tu que fizeste porcaria, trata de a limpar. Mas controla-se, respondendo antes:

– Não. Tenho outras coisas para resolver. Coisas *minhas*.

Quinn passa a mão pelo cabelo. Tem muito orgulho nele e dedica-lhe muitas horas de cuidados. O que deixa Gislingham ainda mais irritado, mesmo sabendo que não deve. Talvez porque tem vindo a descobrir a cada manhã que a careca da nuca está a aumentar.

– Está certo – solta Quinn. – Desculpa, mas é que tenho o Fawley à perna.

Sim, mas não tanto quanto terias se ele descobrisse o que fizeste, pensa Gislingham.

Volta-se para a máquina de café e finge estar a decidir-se entre o *latte* e o *cappuccino*. Acaba por escolher o que escolhe sempre – ainda que tudo tenha o mesmo sabor. Por fim, volta-se para o seu superior.

– Ouve, eu ajudo-te, mas quando tiver tempo, pode ser?

Quinn olha para Gislingham; metade dele quer dar-lhe uma bronca, mas a outra metade lembra-o de que está em dívida para com o colega. E é essa que ganha.

– Claro... Obrigado.

* * *

– Mas acha que me consegue enviar isso até segunda-feira, antes da hora do fecho?

Alex Fawley passa o telemóvel para a outra mão. Trata-se de um dos colegas a pedir-lhe apoio em algo que devia ter ficado tratado até sexta-feira à tarde, para um dos seus clientes mais importantes. Alex tem tentado evitar passar o caso para o assistente, mas não tem sido nada fácil, dado o excesso de trabalho e o ter de tratar de uma criança pequena. Já não era pera doce com o Jake, quanto mais agora.

– Alex?

– Desculpa, estava a consultar a minha agenda. Sim, acho que consigo.

Mas deve ter soado meio alheada, já que ele repete a pergunta. Aliás, a dúvida dele é perceptível.

– De certeza? Nós podemos sempre dizer-lhes que...

– Não, não. A sério, está tudo bem.

Ouve-se um estrondo, vindo de outra divisão. E um choro que evolui para um guincho prolongado.

– Meu Deus, Alex, o que foi isso?

– Nada... nada. Estou com remodelações em casa. Devem ter deixado cair alguma coisa. Ouve, Jonathan, desculpa, mas tenho mesmo de desligar. Eu mando-te os documentos a tempo, garanto-te. Fica descansado.

* * *

Na Sala de Entrevista Dois, Donald Walsh acaba de ser formalmente acusado. Está absolutamente furioso, ainda que se esforce por disfarçar. A tarefa inglória coube à inspetora Everett, mas a verdade é que ela foi ganhando uma espessa carapaça contra a ironia e o sarcasmo. Ossos do ofício.

– Sr. Walsh, o senhor está a ser formalmente acusado do roubo de

artefactos pertencentes ao Dr. William Harper, roubo esse perpetrado na casa de Frampton Road, Oxford. Creio que o seu advogado já o terá informado dos seus direitos e dos trâmites que se seguem a partir de agora. Compreende?

– Dado o facto de ele ter usado palavras de apenas uma sílaba, creio que consegui compreender, sim – responde o professor, carregado de sarcasmo.

– Foi-lhe transmitida uma data para comparecer no tribunal de primeira instância. Correto?

– Sim, sim, não precisa de repetir essa ladainha toda, senhora inspetora. Não sou *retardado*.

Imperturbável, Everett acaba de preencher o formulário e passa-o a Walsh, que praticamente lho arranca da mão – fazendo questão de mostrar que o assina sem ler uma palavra que seja.

– Ainda não percebi que raio de trapalhada é esta – diz ele num tom irritado.

– Limitei-me a salvaguardar a coleção, a cuidar dela. Qualquer pessoa minimamente razoável veria logo que o Bill não tinha condições mentais para isso. Da última vez que lá estive, uma das peças mais valiosas já tinha desaparecido. Até pode ter sido ele a deixá-la cair na sanita e puxar o autoclismo, sabe-se lá. Além disso, quando ele morrer, a coleção ficará para mim, pois não tem filhos ou qualquer outro familiar. Se quer que lhe diga, é um milagre que não tenham sido roubadas mais peças ao longo destes últimos anos... Qualquer um pode ter entrado naquela casa, não há a menor segurança.

– Pois olhe que os meus colegas tiveram de arrombar a porta para conseguirem lá entrar.

– Sim, mas se tivessem usado o *cérebro*, em vez da força, teriam ido às traseiras e veriam que a estufa nem sequer está trancada. Metade das janelas têm o vidro partido e até o raio do gato costumava lá entrar, aquele siamês da

vizinha que por lá andava. Não admira que faltem peças. Facto que, aliás, eu faço questão que vocês investiguem, já agora.

O que é muita desfaçatez, pensa Everett, mas tem demasiado bom senso e acaba por não verbalizar.

Walsh empurra o formulário na direção de Everett com um gesto brusco. A folha desliza pela mesa e cai no chão.

– Ora bem, *presumo* que já posso ir para casa, certo? Se não for demasiado incómodo para si...

* * *

Já passa das 16h30 e Alex ainda nem começou a trabalhar. Está a chover imenso e ela instalou-se na mesa da cozinha, com a criança aos seus pés. A construção deste anexo representou um verdadeiro pesadelo, mas conseguiu mudar a casa toda. Deu-lhe imenso espaço de manobra.

E luz. Muito mais luz, conseguida sobretudo graças à claraboia do telhado. Alex levanta-se da cadeira e senta-se no chão, junto à criança.

– Vamos fazer uma brincadeira?

O menino olha-a com expressão desconfiada. Segura o ursinho junto ao peito, o peluche preferido do Jake. Aquele que Adam lhe comprou antes sequer de ele ter nascido.

– É fácil – diz ela. – Repara.

Deita-se de costas no chão e olha para cima, para o céu. A chuva cai sob a forma de agulhas douradas que captam a luz antes de explodirem em minúsculas estrelas sobre o vidro da claraboia.

– Vês? Conseguimos ver a chuva a cair. Como se fosse magia.

O rapazinho olha para cima, esticando o pescoço. Depois ergue as mãozinhas para a luz, soltando aquelas risadas tão típicas das crianças felizes.

* * *

Entrevista telefónica com Terry Hurst, motorista de autocarro da Oxford Bus Company

6 de maio de 2017, às 17h21

Conduzida pelo Inspetor-Coordenador G. Quinn

CG: Sr. Hurst, estamos a tentar localizar uma jovem que entrou no seu autocarro ontem às 16h35, na paragem de Queen's Lane.

TH: Ah, sim, estou a ver. Mas qual é a razão?

CG: Trata-se de uma investigação policial, Sr. Hurst. É tudo o que o senhor precisa de saber.

TH: Certo. E como é a rapariga em questão?

CG: Tem cerca de um 1,72 m, cabelo louro comprido, olhos verdes. Vestia calções de ganga, um top em croché e sandálias. E tinha óculos escuros.

TH: Ah, sim, lembro-me bem dessa miúda.

CG: E lembra-se onde é que ela saiu? Estamos em crer que terá sido no parque empresarial.

TH: Não, não foi aí. Ela ia em pé, porque o autocarro ia cheio, lembro-me de ter olhado para trás para me certificar de que saíam todos em segurança. E ela já tinha saído antes.

CG: Não têm sistema de videovigilância no autocarro, pois não?

TH: Não. Neste, não.

CG: Então, não faz mesmo ideia de onde ela poderá ter saído?

TH: Eu não disse isso. Por acaso acho que foi em Cowley Road, na paragem ao lado do supermercado. Serve?

CG: Sim, suponho que será um ponto de partida. Se não se recorda de mais nada...

TH: Pois... não. Sempre ao dispor.

[*murmura*]

Otário...

* * *

Devem ser 2h00 ou 3h00 quando acordo. O céu tem aquele tom de início de verão, azul muito escuro que-não-chega-a-negro.

As cortinas estão ligeiramente abertas, deixando entrar uma brisa fresca.

Ergo-me sobre os cotovelos, piscando os olhos na escuridão. Entro no quarto dele e vejo-o de pé, na caminha de grades. Em total silêncio, de dedo na boca, os olhos a captar um feixe de luz que surge da janela. Na outra mão, o ursinho do Jake.

– O que foi? Tiveste um sonho mau?

Ele prende o olhar no meu, balançando-se ligeiramente, e abana a cabeça.

– Queres um copo de leite?

Desta vez assente.

Aproximo-me dele.

– Deixas-me pegar-te ao colo?

Ele ergue o olhar para mim e de seguida levanta os braços. Baixo-me e pego-lhe ao colo. É a primeira vez que o faço desde que ele chegou, e porque está escuro e tenho os sentidos mais apurados, ganho consciência dele – da sua presença física – de uma forma mais intensa do que nunca. Sei que tenho tentado mantê-lo à distância, mental e emocionalmente, e sei que isso também me tem mantido fisicamente distante. Mas agora, e pela primeira vez, sinto a sua pele na minha, o cheiro dele nas minhas narinas. A espuma de banho, leite, chichi e aquele cheirinho doce a bolacha que os bebés têm

sempre. Encosta-se ao meu peito e eu sinto-lhe o peso passar-me para os braços. A Alex sempre disse que existe uma razão para as mulheres que não têm filhos terem gatos. Algo quente e vivo e com o peso de um bebé – que se pode pegar e aninhar no colo, como se faria com uma criança; existe um profundo prazer psicológico nisso, que vai para lá do amor consciente. E eu, aqui de pé e a segurar este menino contra mim, sinto precisamente o mesmo.

De manhã, sou o primeiro a levantar-me, e quando a Alex desce, encontra-nos aos dois na cozinha. O menino está na cadeirinha de refeições, com um prato de banana esmagada à frente dele, e eu junto à máquina da louça. Sei que deixo a Alex doida com a minha mania de tirar a louça suja da máquina e voltar a colocá-la ao meu jeito, por isso esforço-me por acabar a tarefa antes que ela desça. O rádio está ligado e eu canto baixinho. Mas só me apercebo disso quando a Alex aparece. Surge de calças de ganga claras, *t-shirt* branca e cabelo solto. Curiosamente, sem maquilhagem parece ainda mais nova. Ou talvez eu esteja demasiado habituado a vê-la em modo advogada.

– Mas que alegre cantarolar – comenta ela com um sorriso.

Claro que está de olhos fixos na máquina da louça – e naquilo que eu estou a fazer –, mas decide não dizer nada; está determinada a não estragar o meu estado de ânimo.

– É sol de pouca dura. Cheira –me que vou ter um dia péssimo.

Ela aproxima-se do menino e acaricia-lhe docemente o cabelo.

– Vais trabalhar o fim de semana todo? – O tom dela é ligeiro; bem mais ligeiro do que o habitual nestas circunstâncias.

– Lamento, querida, mas já sabes como é.

Ela pega no pacote do sumo de laranja e agita-o.

– Que pena. Estava a contar fazermos qualquer coisa. Ir a algum lado...

Cala-se, mas ouço as palavras na mesma. *Em família.*

Volto-me de novo para a máquina de lavar e trato de a reorganizar, tirando e pondo copos e pratos, voltando os talheres para cima.

Mecanismo de deslocamento em todos os sentidos do termo.

– Ouve, há uma coisa que deves saber.

Ela serve-se de uma caneca de café. Cuidadosamente, com uma calma exagerada.

– Ai, sim?

– Já temos os resultados do ADN. O pai do rapaz... Não é o Donald Walsh.

Ela dá um gole no café, recostando-se na bancada.

– Estou a ver. Quer dizer que é mesmo o William Harper?

– Sim. A Vicky identificou-o.

O seu único sinal de surpresa é um ligeiro abrir de olhos.

– Ela já fala?

– Pouco, muito pouco. Duas, três palavras. E não podemos pressioná-la, claro.

– Não – concorda ela rapidamente. – Claro que não. Isso poderia causar danos irreparáveis.

Endireito-me, sentindo a dor nos joelhos.

– Ouve, Alex...

– Sei o que vais dizer, Adam. Que serão só dois ou três dias, que não sou mãe dele...

Aproximo-me dela e ponho-lhe a mão no braço:

– Só não quero que sofras. Não quero que te prendas demasiado a ele ou que ele se prenda demasiado a ti, vai dar ao mesmo. Não seria justo. Nem bom.

Os lábios tremem-lhe ligeiramente:

– Para ele? Ou para mim?

E ao ver os olhos dela encherem-se de lágrimas, puxo-a para mim e

abraço-a, beijando-lhe o cabelo. O menino fixa-nos, os olhos enormes trancados nos meus.

* * *

São 7h15 e Gislingham já está a pé há quase três horas. Desistiu de se deixar ficar na cama a tentar dormir e levantou-se sem incomodar Janet – estava de tal maneira adormecida que nem sequer acordou com o choro de Billy. E agora tem o filho no porta-bebés, aninhado junto ao peito, e anda alegremente pela cozinha em múltiplas tarefas: aquecer leite, arrumar a louça, limpar as bancadas. Tudo isto enquanto cantar uma música de Johnny Cash.

– Quem disse que os homens não são capazes de desempenhar várias tarefas ao mesmo tempo, hã, Billy? – diz ele, sorrindo ao filho. – Mas é um segredo só nosso, OK? Porque se a mamã descobre, ainda nos dá uma lista de tarefas do tamanho do teu braço. Na verdade, do tamanho do *meu* braço. – Billy dá-lhe um suave pontapé na barriga: – Eh, lá – solta ele, pegando no pezinho rechonchudo e levando-o aos lábios. – Que grande chuto, rapaz! O melhor é inscrever-te já em Stamford Bridge.

– Nem penses nisso! – avisa Janet, entrando na cozinha, descalça e de camisa de noite. – Só por cima do meu cadáver.

Senta-se pesadamente numa das cadeiras da cozinha.

– Pareces estafada, querida. Porque não vais descansar mais um bocadinho?

Ela abana a cabeça, desconsolada.

– Imenso que fazer...

Gislingham olha em volta.

– Já tratei de tudo. Fiz uma máquina de roupa, lavei a louça e dei de comer ao Billy.

Ela suspira e levanta-se pesadamente. Vai tirar o filho do porta-bebés,

mas a criança desata a espedaçar e a chorar, o rosto vermelho de raiva.

– Ele estava lindamente – observa Gislingham, desalentado. – A sério.

– Precisa de mudar a fralda – diz ela, por cima do ombro.

Baixa-se para tirar um pacote de fraldas do saco de supermercado que Gislingham trouxera na véspera e sai da cozinha com Billy, ainda irrequieto e a chorar.

– Bom, *eu* não achei que ele precisasse... – diz Gislingham, mais para si próprio.

Tira o porta-bebés do peito, apanha o saco do chão e dobra-o cuidadosamente. Por fim, senta-se à mesa e pega no telemóvel.

Lembrei-me de uma coisa. O saco q a Pippa trazia, acho q era da Fridays Chil. N se via mt bem nas imagens de videovigilância mas deu p ver o logo. É daquela loja em Cornmarket.

Clica em «enviar» e levanta-se para pôr de novo a chaleira ao lume. Lá em cima, Billy continua com a sua birra. Põe um saquinho de chá numa caneca e ouve o telemóvel apitar.

Isso só ajuda se ela tiver pagado c cartão.

Gislingham revira os olhos e suspira. *Será que tenho de fazer tudo sozinho?*

Comprei lá o presente de anos da J. Têm uma lista no balcão p recebermos ofertas e promoções. Temos d deixar nome e contacto. Era uma sorte do caraças; vale a pena tentar.

Desta vez, a resposta é quase imediata.

És um génio, companheiro. Depois digo-te
o que consegui. Devo-te uma cerveja.

Com um novo revirar de olhos, Gislingham larga o telemóvel em cima da mesa e levanta-se para fazer um chá.

* * *

– O nome é Walker. Pippa Walker. Tem a certeza de que não está aí?

A rapariga ao balcão revira os olhos:

– Já *verifiquei* duas vezes.

O cartaz na fachada diz FRIDAY'S CHILD – AMABILIDADE E DEDICAÇÃO!, mas a jovem no balcão não parece seguir o lema, pelo menos no que respeita a dar informações. Mastiga pastilha elástica com a boca entreaberta e tem um *piercing* no nariz e outro no lábio superior – o que condiz com o visual cor-de-rosa brilhante e os acessórios dourados. Quinn respira fundo. Normalmente sai-se muito bem a lidar com mulheres, mas esta parece totalmente imune ao charme dele. *É lésbica*, pensa. *Olha o meu azar...*

– Mas pode verificar de novo? Ou melhor, deixe-me ser eu a verificar.

Ela olha-o com expressão desconfiada:

– Não é suposto haver leis sobre isso... uma lei de proteção de dados ou algo do género?

Ele sorri-lhe:

– Eu *sou* inspetor da polícia.

O que, sendo verdade, não parece surtir grande efeito.

O que realmente surte efeito, pelo menos como manobra de diversão, é um grupinho de estudantes japonesas muito entusiasmadas, que fazem tombar um expositor com malinhas de lantejoulas e bandoletes com flores, obrigando a atenciosa rapariga dos *piercings* a deslocar-se para tentar pôr

alguma ordem naquilo.

Vendo-se sozinho ao balcão, Quinn volta a lista para si. Percorre-a com o dedo e descobre o nome «Walker», só que a inicial parece mais um T do que um P. Mas o contacto chama-lhe a atenção: é muito semelhante ao que ela lhe deu, mas com dois dígitos trocados. Um lapso muito comum. Saca do telemóvel e marca o número. Vai direto para o *voicemail*, mas é a voz dela. Satisfeito, aguarda pelo *bip*:

– Sou eu, Gareth. Recordas-te do depoimento que ficaste de prestar? Podes vir ter comigo a St. Aldate? – E depois de uma pausa: – Ouve, se queres saber, estou metido numa grande alhada por causa disto tudo. Por isso, agradecia-te muito, OK?

* * *

Gislingham está em frente ao computador – com uma gigantesca dor de cabeça e a garganta irritada – a percorrer as páginas do *Oxford Mail* de junho de 2015, em busca de alguma pista sobre o que terá levado Hannah a Cowley Road. A resposta é simples: tudo e nada. Festas de escolas, jogos de futebol de equipas de sub-10, a divulgação de um novo plano de tráfego. Tudo lindo e maravilhoso, mas de pouco interesse. Desiste depois de 20 minutos e tenta uma abordagem diferente. Pesquisa *Hannah Gardiner* e *Cowley Road* no Google, e descobre uma série de reportagens que ela fez para a BBC e umas quantas fotos. Uma delas é uma história sobre uma controversa concessão de construção, e outra é de 2014, postada no Facebook, onde ela aparece no desfile de carnaval de Cowley Road. Veem-se bailarinos em trajes de plumas coloridas, um dragão chinês, um homem em cima de andas. E em primeiro plano, a família: Rob, Hannah e Toby.

Imprime a foto e leva-a até à Sala de Situação, onde Erica Somer se encontra em frente ao quadro branco. Tem um marcador vermelho na mão e

desenha círculos em torno de algumas das imagens dos *netsuke*.

– O que têm esses de especial? – pergunta-lhe Gislingham, espreitando mais de perto.

Ela volta-se para ele, esboçando um ligeiro sorriso.

– Sobretudo o facto de se encontrarem em falta. Mas, pelos vistos, há um que é particularmente raro... este: *Netsuke de marfim em forma de concha de nautilus* – diz, lendo de um documento impresso –, *da autoria de Masanao, um dos grandes mestres do período Kyoto. Altura cinco centímetros, comprimento, seis centímetros. Valor, 20 mil libras.*

O inspetor assobia de espanto:

– Quem havia de dizer...

– Pois é – concorda Somer, afastando-se do quadro. – Já temos agentes a fazer circular estas fotos junto de antiquários e negociadores de arte. Quem sabe se alguém não os reconhece? E tu? O que conseguiste? – acrescenta, olhando para a folha que ele traz na mão.

– Isto? É uma foto que a Hannah Gardiner postou na sua página do Facebook, em agosto de 2014. Está com o marido e o filho no carnaval de Cowley Road. Andava à procura de qualquer ligação que ela tivesse com essa zona e encontrei isto.

Há um toque na porta e Everett surge na soleira. Está com ar cansado.

– Banbury Road está em pára-arranca até Summertown –desabafa ela com um suspiro. – Num *domingo*, acham normal? – Olha para eles e a foto que Gislingham tem na mão chama-lhe a atenção.

– O que é isso?

– Uma foto da Hannah – replica ele. – Vê...

Everett aproxima-se deles.

– Ainda estou a tentar decidir se ela era mesmo tão feliz quanto parecia ou se era só para as fotografias – observa Somer, virando-se para a colega. – O que achas?

Mas Everett está atenta a outra coisa.
Ou melhor, a outra *pessoa*.

* * *

Quando Quinn chega à receção, depara-se com a rapariga junto à janela, a olhar para a rua. Ao vê-lo, dirige-se para ele com um sorriso caloroso, mas é rapidamente levada pelo braço de volta para a janela, longe dos ouvidos do agente de serviço.

– Por onde raio tens andado?

– Recebi uma mensagem de uma amiga a dizer que podia dormir no sofá dela por dois ou três dias. – Dirige-lhe um olhar sedutor, catrapiscando os olhos azuis: – Trouxeste as minhas cuecas?

Nervoso, Quinn olha por cima do ombro. O agente sentado à secretária está a olhar para eles, claramente intrigado.

– Cala-te, não podes dizer essas coisas – lança-lhe ele num silvo. – Pelo menos aqui. Ainda fazes com que eu seja despedido.

Ela limita-se a encolher os ombros.

– OK, então vou andando.

Ele agarra-a pelo braço.

– Não, não faças isso. Precisamos do teu depoimento. *Eu* preciso que testemunhes.

Ela observa-o, a cabeça ligeiramente de lado. Por fim, acede:

– OK.

– Outra coisa. Também preciso que fales sobre o que se passou no dia em que a Hannah desapareceu. E antes disso, também. É importante que digas a verdade, OK?

Ela franze ligeiramente a testa ao responder:

– Hmm... OK.

– Falo a sério, Pippa. *Toda* a verdade. E há outra coisa. – Engole em seco e acrescenta: – E dá a morada dessa amiga onde estás a ficar. Não menciones que ficaste no meu apartamento.

Ela olha-o durante um longo momento, percebendo-lhe uma ansiedade crescente que ele não consegue disfarçar. Por fim, sorri:

– Claro. Tu estavas só a fazer-me um favor, certo? Não aconteceu... *nada*.

– Não – diz ele rapidamente. – Claro que não.

* * *

Estou no gabinete ao lado da Sala de Entrevista Dois, a assistir pelo vídeo à entrevista que o Quinn está a fazer à Pippa Walker. A jovem parece imperturbável perante o que a rodeia, insensível ao calor abrasador. Já o Quinn transpira profusamente debaixo da sua camisa cor-de-rosa Thomas Pink.

– Vamos lá recapitular de novo, sim? – diz-lhe, esforçando-se por soar profissional. – Quando eu falei consigo no apartamento do Sr. Gardiner, disse-me que tinham tido uma discussão e que ele era o responsável pelo vergão que tinha no pulso, correto?

– Sim, mas penso que não fez de propósito. Não da maneira como o *inspetor* está a querer fazer parecer.

O polícia mexe-se na cadeira, claramente nervoso:

– Ainda assim, trata-se de agressão, *Miss Walker*.

– Se assim o diz – comenta ela, encolhendo os ombros.

– E vocês tinham um relacionamento, certo?

Ela recosta-se e cruza as pernas.

– Sim. Durante algum tempo.

– Desde que a Sra. Gardiner desapareceu?

Ela parece apanhada de surpresa.

– Não. Quer dizer... ele tinha um fraquinho por mim, mas não *aconteceu* nada.

Olha fixamente para o Quinn, um sorrisinho a brincar-lhe nos lábios, e ele disfarça, afastando o olhar e ajeitando os papéis – sem qualquer necessidade.

– Tem a certeza absoluta – diz, sem olhar para ela – de que *nada* se passou entre vocês antes de a Hannah desaparecer?

– Não. Acabei de lhe dizer – responde, com expressão vazia.

Ele volta a ajeitar os papéis.

– A Hannah ligou-lhe no dia em que desapareceu. Logo de manhã.

– Sim, mas só ouvi a mensagem mais tarde. Ouça, já contei tudo isto à polícia.

Mas o Quinn não pretende desistir assim tão facilmente:

– Sim, mas quando *a ouviu*, não lhe soou estranho?

Novo encolher de ombros.

– A Hannah parece irritada – insiste ele. – Sabe porquê?

Ela revira os olhos, como se ele fosse estúpido.

– Eu não apareci, OK? Não parava de vomitar. Por isso, ela teve de levar o Toby com ela à entrevista que tinha marcado. Ela detestava fazer isso, achava «pouco profissional».

– E o Sr. Gardiner não podia tê-lo levado com ele?

– Na *bicicleta*? *Creio* que não.

– E mais tarde, quando ficou a saber que a Hannah estava desaparecida, nada naquela chamada lhe despertou a atenção?

– Mas isso só aconteceu mais tarde. Naquela manhã ela estava bem, não estava?

O Quinn deixa-se ficar sentado mais uns segundos, até que reúne os papéis e sai da sala. A rapariga tira o telemóvel da carteira.

A porta abre-se e o Quinn entra, deixando o casaco numa cadeira. Lanço-

lhe um olhar.

– O que foi aquilo? – pergunto-lhe.

Ele alivia o nó da gravata.

– Não há maneira de atinarem com a porcaria do ar condicionado?

– Quinn, o que eu quero saber é o que se passa entre ti e aquela miúda.

Ele pousa os papéis na mesa.

– Nada, chefe. Não se passa nada, juro. Acho que ela não está a contar a verdade toda, só isso. Está a esconder alguma coisa.

– Por acaso, acho que ele tem razão, chefe.

É o Gislingham, que está à porta.

– Precisam os dois de ver isto.

Pousa uma fotografia na mesa, voltada para nós.

– Andava a pesquisar qualquer coisa que pudesse relacionar a Hannah com Cowley Road e apareceu-me isto. É ela e o Rob, no carnaval de 2014.

Na foto, a Hannah surge sorridente, o telemóvel apontado para a *selfie*. O Toby está encostado a ela e o Rob atrás deles, a olhar em frente, envolvendo a mulher com o braço. Parece amor, mas – e sei do que estou a falar – há fotos que não precisam de passar pelo *photoshop* para serem uma ilusão. Controlo pode muito bem passar por apreço.

– Reparem – diz o Gislingham, apontando para a foto. – Ao fundo à esquerda.

– A jovem loura?

– Não está completamente nítida, mas creio que é ela. *Quase podia apostar que se trata da Pippa Walker.*

O Quinn solta um assobio.

– Porra, és capaz de ter razão.

– E o Rob Gardiner está a olhar fixamente para ela.

Olho mais atentamente para a foto, depois para o Gislingham.

– Ela disse-nos que conheceu os Gardiner quando?

– Aí é que está – replica o Gislingham, com ar triunfante. – Estive a verificar o primeiro depoimento dela. Diz que foi em outubro de 2014. Ou seja, dois meses *depois* de esta fotografia ter sido tirada.

– OK – diz o Quinn, levantando-se para sair, mas eu retenho-o com um gesto. No ecrã, vê-se a rapariga a olhar-se num pequeno espelho de maquilhagem.

– Desta vez, quero que uma mulher vá contigo.

– O quê? – interroga ele. – Porquê?

– Chama a Everett. E se ela não estiver, a Somer.

Lança-me um olhar irritado, mas nada diz. Quanto ao Gislingham, podia jogar póquer com aquela cara.

– Entendido, Quinn?

– Sim, chefe.

* * *

– Mas eu preciso de ti aqui!

– Lamento – diz Everett. Ouve-se mal, dá para perceber que ela está no carro.

– Tenho uma lista de antiquários a visitar. Vamos ver se apanhamos o rasto daqueles *netsuke* desaparecidos.

Quinn mal consegue esconder a irritação.

– Mas isso é trabalho para um agente de uniforme, trata-se de um simples caso de furto.

– Não, desculpa. O Fawley quer que seja eu a...

– Sim, sim, eu sei.

– Mas qual é o teu problema? O Gislingham anda por aí e o Baxter...

– Esquece. Tudo bem.

Tudo bem é que as coisas não estão, mas Everett não sabe disso e desliga-

lhe o telefone na cara. Quinn começa a ver a vida a andar para trás. A Somer também não está na secretária dela, mas um colega sugere-lhe que a procure no refeitório. Isto com um sorrisinho sarcástico que Quinn prefere não valorizar.

Felizmente, encontra-a numa mesa de canto, com um café e um livro à frente – um daqueles clássicos da Penguin. Por vezes, ele esquece-se de que Somer já foi professora de Inglês. Ao aproximar-se dela, o corpo faz sombra por cima do livro, e a agente ergue os olhos. Consegue esboçar um sorriso; pequeno e artificial, mas um sorriso.

– É sobre uma jovem sequestrada, mantida em cativeiro e violada – revela Somer, apontando para o livro. – Imagina tu que foi publicado em 1747... Há coisas que nunca mudam, não é?

Quinn enfia as mãos nos bolsos, evitando contacto visual:

– Vou interrogar novamente a Pippa Walker e o Fawley quer que tu assistas.

– Eu? Porque não levas o...

– Ele quer uma mulher. E a Everett saiu.

Então, a ideia foi do Fawley, não tua. Este pensamento é visível na expressão, mas ela não quer saber.

– E então? Estás disponível, ou não?

– Claro – responde ela, fechando o livro e levantando-se. – Sempre às suas ordens, Inspetor.

Ele lança-lhe um olhar que diz «atenção aos sarcasmos», mas ela olha-o com uma expressão quase angelical.

– Queres dez minutos para passares uma vista de olhos pelas notas do primeiro depoimento?

– Já o li. Gosto de me manter atualizada, mesmo não passando de uma «simples agente».

Ela fica à espera de ouvir um qualquer comentário sobre aproveitar-se da

investigação para subir na carreira, mas ele não o faz. Saem do refeitório e ela segue-o escadas abaixo, até à Sala de Entrevista Dois. Através do painel de vidro, veem a jovem entretida a jogar no telemóvel. Não olha para eles quando os sente entrar, nem sequer quando se sentam. Suspira de impaciência quando Quinn lhe pede para guardar o telemóvel, e olha para Somer com expressão desconfiada.

– Quem é ela?

– A agente Somer. Vai assistir à nossa entrevista.

Pippa suspira de novo e recosta-se na cadeira.

– Quanto tempo *mais* vou ficar aqui, afinal? – diz ela, naquele tom afetado de classe média-alta que abunda por esta cidade.

– Temos apenas mais algumas perguntas a fazer-lhe.

– Mas eu já lhes contei tudo o que sabia! – Chega-se novamente à frente.

– Eu fui *extremamente* útil, não é verdade? – Olha intensamente para Quinn:

– Não foi o que me disse?

– E foi – concorda o inspetor, corando levemente. – Mas temos de saber exatamente o que se passou. Por isso, vamos lá voltar ao início mais uma vez.

A jovem revira os olhos.

– Ao que julgo saber, conheceu a Hannah Gardiner em outubro de 2014, num desfile na North Parade.

Ela estranha.

– E o que tem isso que ver com seja o que for?

Ele empurra a foto do carnaval de Cowley Road na direção dela.

– Quando esta foto foi tirada, em agosto de 2014, disse-me que ainda não conhecia o Rob Gardiner nem a mulher dele.

Ela olha para a fotografia, recosta-se e encolhe os ombros.

– E daí? Deviam lá estar centenas de pessoas. Milhares.

– Então, trata-se apenas de uma coincidência?

Ela lança-lhe um sorriso radioso.

– Sim. Completamente.

– E o facto de ele estar a olhar diretamente para si, também é uma coincidência?

Ela põe a cabeça de lado e enrola uma madeixa loura no dedo.

– Há muitos tipos que olham para mim. O *inspetor*, por exemplo.

Quinn volta a corar, desta vez de modo visível.

– Então... por altura desta foto, a Pippa e o Rob Gardiner não se conheciam?

– Não, nós...

– Não estavam a ter um caso?

Ela sorri-lhe de novo.

– Não. Não estávamos a ter *um caso*. – Lança-lhe um olhar sugestivo: – Se bem que, por acaso, eu até gosto de homens mais velhos...

Se calhar foi por isto que o Fawley quis uma mulher presente, pensa Somer. Porque a mim ela não me leva com cantigas destas.

Pega na pasta que Quinn trouxe e tira de lá uma folha:

– Acabou de afirmar que já nos contou tudo o que sabia, mas nunca nos disse que estava grávida. Quem é o pai? Sim, porque não é o Rob Gardiner, pois não?

Pippa fulmina-a com o olhar:

– Quem lhe contou isso? Não é da sua conta.

– Não sabia que ele não podia ter filhos?

Pippa revira os olhos uma vez mais, mas não responde.

– E esses vergões que tem no pulso? Foi ele, quando descobriu? Agrediu-a, tal como costumava fazer à mulher?

Pippa baixa as mangas da camisola.

– Não vou voltar a falar nisso. – Mas o tom mudou. A bravata foi-se.

– Por acaso tem noção – continua Somer, num tom frio – de que pode acabar em tribunal se resolver mentir à Polícia?

Pippa olha para Quinn, os olhos abertos de espanto.

– De que é que ela está a falar?

– Bom... – replica ele, mas Somer corta-lhe a palavra.

– Neste preciso momento, estamos a investigar o Rob Gardiner como presumível suspeito na morte da mulher. Isto implica passarmos a pente fino cada segundo da vida dele. Os registos telefónicos, as mensagens. Onde esteve, quando e sobretudo *com quem*. Compreende o que lhe digo?

Pippa assente. Tem as faces vermelhas.

– E se virmos a descobrir que nos mentiu, pode vir a ser acusada da prática de um crime.

Quinn está a olhar para ela, mas Somer não se interessa. Ele sabe que ela está a ir longe de mais, mas a rapariga não.

Pippa fica subitamente pálida. Volta-se para Quinn:

– Tu... você... disse que eu devia pensar em apresentar queixa *dele*.

Não disse nada sobre acusarem-me seja do que for!

Erica ignora-a, insistindo:

– Quer mesmo arriscar ter o seu filho na prisão? Ou melhor, arriscar-se a nunca chegar a ver o seu filho? Sim, porque os Serviços Sociais certamente decidirão dar a criança para adoção. Perturbar o normal funcionamento da justiça dá pena de prisão, sabia?

– Não... – responde a rapariga, já paralisada de medo. – Por favor, não me mandem para a prisão!

– Assim sendo – declara Somer, recostando-se na cadeira e cruzando os braços –, talvez seja mais sensato começar a falar. E desta vez queremos ouvir a verdade.

Por amor de Deus, não digas nada, ordena mentalmente a Quinn. *Obriga-a a confrontar-se – força-a a decidir.*

– OK – diz finalmente Pippa. – Eu conto-lhes. Mas só se me arranjam proteção. Se me protegerem *dele*... Daquilo que ele me pode fazer quando

descobrir.

Uma hora depois, já no corredor, Quinn confronta finalmente a colega:

– Porra, quando queres, consegues ser uma cabra fria como o gelo.

Ela ergue o sobrolho:

– Os fins justificam os meios. O importante é enfiar aquele sacana atrás das grades. Não foi isso que disseste?

E afasta-se, mas Quinn interpela-a:

– Era suposto ser um elogio. Lamento que não o tenhas sentido como tal.

Ela olha-o com curiosidade; a habitual gabarolice parece estranhamente esvaziada. Na verdade, esteve calado praticamente o tempo todo que durou o depoimento.

– Para ser franca, estou-me nas tintas para o que quiseste dizer.

Mas ao percorrer o corredor, permite-se esboçar um pequeno sorriso triunfante.

* * *

DEPOIMENTO DE PIPPA WALKER

7 de maio de 2017

Data de nascimento: 3 de fevereiro, 1995

Morada: Belford Street, 98, Apt. 3, Oxford

Este depoimento, que consiste em duas páginas assinadas por mim, é verdadeiro, tanto quanto, em consciência, é do meu conhecimento. Declaro igualmente que fui previamente informada de que, a ser provada a falsidade das minhas declarações, incorrerei num crime de perjúrio ou falsidade de depoimento, punível com pena de prisão, caso tenha intencionalmente afirmado como verdadeiro algo que sei ser falso ou que acredito ser falso.

Comecei a trabalhar para o casal Gardiner em outubro de 2014. Não os conhecia antes disso. A fotografia tirada no carnaval é mesmo uma coincidência.

Eu via muito o Rob. A mulher passava muito tempo fora, por isso acabávamos por passar bastante tempo juntos. Era óbvio que ele se sentia atraído por mim, por isso foi só uma questão de tempo, na verdade. Disse-me que não era feliz com a mulher e que queria deixá-la e ficar comigo. Disse que lhe ia contar, mas estava sempre a adiar.

O que se passou a 23 de junho de 2015 foi que a Hannah nos apanhou na cama. Ela tinha dito ao Rob que chegava tarde, mas chegou pouco depois das 18h00. Passou-se completamente, desatou aos berros com ele, disse palavrões e rasgou as minhas roupas. O Rob disse-lhe que o Toby estava no quarto ao lado e que podia ouvi-la, mas ela nem quis saber. Arrastou o Rob para fora da cama e começou a bater-lhe. Ele tentou impedi-la, mas ela estava completamente passada, a gritar comigo e a ofender-me, disse que eu era uma vadia ordinária e uma galdéria e que nunca devia ter confiado em mim. Ele pediu-me para pegar nas minhas coisas e sair, que estava tudo bem e que resolvia o assunto. E assim fiz. A última vez que os vi, estavam na cozinha. Fiquei à espera que o Rob me ligasse mais tarde, mas ele não ligou, e quando lhe mandei uma SMS, ele não respondeu. Por isso, por volta da meia-noite voltei lá a casa. Assim que ele me abriu a porta, percebi que se tinha passado alguma coisa de grave. Ele estava com um comportamento estranho, e não quis que eu entrasse.

Ele disse que estava tudo bem, que tinham resolvido as coisas e que eu devia ir para casa. Quando acordei na

manhã seguinte, estava muito maldisposta, como já disse. Por isso é que só ouvi a mensagem de voz da Hannah muito mais tarde, já ao fim do dia, e nessa altura já estava a dar nas notícias que ela tinha desaparecido. Não fez nenhum sentido para mim que ela continuasse a querer que eu ficasse com o Toby nesse dia, depois das coisas que me tinha dito na véspera. Mas sabia que era ela, que era a voz dela no voicemail, ainda que me soasse um pouco estranha. Uma voz baixinha, fraquinha, diferente de todas as outras vezes em que falávamos ao telefone.

A minha colega de apartamento disse que eu devia ir à polícia, mas eu estava com muito medo. Não estava a ver como é que o Rob a podia ter matado, mas... e se achassem que tinha sido eu? E se ele lhes tivesse dito que tinha sido eu? O meu ADN estava no apartamento deles, e como ele era cientista, podia ser mais esperto do que a polícia e falsificar as coisas. Por isso é que eu nunca contei à polícia que ele e eu tínhamos um caso. Tive medo que achassem que tinha sido eu. Que achassem que isso me daria um motivo. E entre ele e eu, em quem é que as pessoas iriam acreditar? Além disso, eu amava-o. Conseguia sempre que eu fizesse tudo o que ele queria. Sei que ele nunca me quis magoar. E ficava sempre muito arrependido depois.

Pippa Walker

Recolhi este depoimento nas instalações de St. Aldate, tendo tido início às 17h15 e terminado às 18h06. Também esteve presente a Agente Erica Somer. Quando terminei, li-o à *Miss Pippa Walker* que depois o leu pessoalmente e o assinou na minha presença.

Inspetor-Coordenador Gareth Quinn

* * *

Na Sala de Situação, Quinn recebe uma ovação geral por parte dos colegas, mas está longe de parecer o ufano general de parada que eu esperava ver. Aliás, chega mesmo a dizer, ainda que algo desconfortável, que o mérito foi todo da Somer. Algo de muito estranho se passa com ele.

Uns momentos depois, acabo definitivamente com a algazarra:

– Muito bem, malta, atenção. Vamos lá analisar as coisas em perspetiva. O depoimento da Pippa é um enorme passo em frente, mas só por si não é suficiente. Não prova que o Rob Gardiner matou a mulher, mas *prova* que ele mentiu e *dá-lhe* um motivo. E até agora não tínhamos nada disto, é um facto. No entanto, continuamos com uma linha de tempo que não faz sentido. Se a Hannah Gardiner morreu na noite de 23 de junho, como é que faz uma chamada às 6h50 da manhã seguinte?

O Baxter levanta a mão:

– Por acaso, eu tenho uma teoria acerca disso. Deixe comigo, chefe.

– OK. – Olho em volta para a minha equipa. Já andamos nisto há seis dias seguidos e parece que estamos todos num beco sem saída. – Retomamos os trabalhos amanhã cedo, o Rob Gardiner não vai a lado nenhum. Vão para casa e descansem. Sobretudo tu, Gislingham. Pareces derreado.

O Gislingham suspira e esfrega a nuca.

– Pois... bebés. Sabe como é, chefe.

Uma hora depois, estaciono à porta de casa e deixo-me ficar no carro por uns momentos, a olhar para a fachada. Lá em cima, as janelas estão abertas, as cortinas a dançar suavemente ao ritmo da brisa. O sol está a pôr-se, o que dá um brilho especial à casa em frente à nossa, com um lindíssimo céu azul

em fundo. Chamam-lhe a Hora Dourada de Oxford. Aquela breve fatia de tempo em que o sol poente ilumina a pedra, deixando-a como se estivesse acesa por dentro.

Desligo o motor e dou por mim a recordar. Como costumava ser. Antes. A Alex a cozinhar. Um copo de vinho branco gelado. O Jake a brincar no chão da cozinha ou a jogar à bola no jardim. Paz. Quietude. Uma hora dourada.

Assim que ponho a chave à porta, ouço um pranto. Nada de cozinhados no fogão. Aliás, a cozinha parece mais uma zona de guerra.

– Está tudo bem? – chamo, largando a pasta no *hall*.

– Sim, ele não quer tomar banho, mais nada – grita-me a Alex.

Quando entro na casa de banho, percebo logo o que ela quer dizer. O menino está deitado de costas no chão, com uma birra monumental. Há água por todo o lado, grande parte dela em cima da Alex. Ela ergue os olhos para mim, afogueada, as faces coradas:

– Desculpa, parece que lhe perdi o jeito, deve ser isso. Ele tem-se portado tão bem... Mas tive de meter o peluche dele na máquina de lavar e ainda não se calou desde então.

– Queres que eu tente?

– Não estás cansado?

– Acho que consigo lidar com um miúdo pequeno.

– Está bem – diz, levantando-se, claramente aliviada. – Sempre vou adiantando o jantar.

Assim que fecha a porta, o menino cala-se e vira-se de barriga para cima. Olha para mim, as faces vermelhas manchadas de lágrimas.

– Olá, amiguinho, o que se passa?

Uma hora depois, a Alex sai da cozinha e encontra-me no jardim a fumar um cigarro. Há uma brisa fresca, a relva permanece húmida, mas ainda está

um brilho apazível. Ela vai para acender a luz, mas eu detenho-a com um gesto. É mais fácil dizer certas coisas na penumbra.

Ela estende-me um copo de vinho e senta-se ao meu lado.

– Adormeceu. Finalmente. – Observa o jardim em frente. – Olha para a lavanda que plantámos o ano passado... Tem estado cheia de abelhas. Tenho de o trazer aqui para ele as ver.

Dou uma passa, prolongando o mais possível o silêncio.

– Dia difícil? – pergunta-me a minha mulher, num tom ligeiro, deixando-me decidir se quero ou não falar nisso.

– Quando penso que tenho este caso resolvido, acontece sempre mais alguma coisa. Geralmente, mais horrível do que a anterior.

– Como é possível piorar ainda mais? Aquela pobre miúda sequestrada e violada. A Hannah Gardiner espancada até à morte...

– Vamos prender o marido amanhã logo pela manhã. A *babysitter* fez um depoimento que o incrimina.

A Alex leva uma mão à boca:

– Oh meu Deus... – E depois, olhando-me mais intensamente: – Há aí mais qualquer coisa, certo?

Apago o cigarro.

– Há. Mas não tem que ver com o caso. É sobre nós. O miúdo.

– Então?

– Há pouco, na casa de banho, quando o tinha ao colo... ele começou a fazer uns barulhos... e a roçar-se em mim... como se... bom...

A cara dela diz tudo. Sabe exatamente do que estou a falar.

– Tu... sabias?

Ela assente:

– Sim. Aquela enfermeira simpática... Ela avisou-me. Disse que ele fazia isso de vez em quando, mas que eu não me devia alarmar. Ele deve ter sido exposto a toda o tipo de coisas horríveis naquela cave, e é muito novinho para

perceber. Ver a mãe a ser... enfim, tu sabes. – Faz uma pausa, antes de acrescentar: – Ela sugeriu-me um livro da Emma Donoghue, *O Quarto de Jack*. Já o tinha no meu *kindle* há anos, mas só agora comecei a ler.

– E tem ajudado?

Ela volta-se para mim na penumbra

– Tem-me feito chorar sem parar.

Manhã de segunda-feira. A Alex passa o pequeno-almoço a pôr-me a par de tudo aquilo que planeia fazer com o menino. Dar pão aos patos, andar de baloiço, passear ao longo do rio. É como se ela tivesse uma lista mental, com todas as coisas que costumávamos fazer com o Jake. Eu não consigo. Ainda está tudo muito fresco. Além disso, não deixo de me perguntar se será justo para esta criança ver-se empurrada para um espaço que foi pensado para outra? Ou talvez seja eu a querer arranjar desculpas. Não que precise de desculpas. Não neste momento.

Quando entro na Sala de Situação, o analista de reconhecimento de voz já cá está, assim como praticamente toda a gente. E as notícias já se devem ter espalhado, uma vez que sinto a sala a fervilhar de expectativa.

– E então? O que temos?

O analista ajusta os óculos no nariz. Vê-se bem que não está habituado a uma audiência tão grande.

– Bom – começa ele, aclarando a garganta –, estive a analisar o que o inspetor Baxter sugeriu, e, sim, é possível. Não o posso *provar*, mas o padrão de interferência espectral pode efetivamente indicar que...

Ouve-se um protesto vindo do fundo da sala.

– Desculpe lá! Numa língua que se entenda, por favor.

O jovem analista cora.

– O ruído de fundo, a qualidade do som, é possível que a voz naquela chamada seja de uma gravação.

Acaba-se de vez o burburinho. Quase se consegue ouvir toda a gente a reter o fôlego.

– Portanto – digo, voltando-me para o analista –, está a dizer que acha possível que o Gardiner tenha gravado para o *voicemail* uma mensagem de voz antiga da Hannah, uma que ele tivesse na sua própria caixa de voz?

O jovem assente.

– Não há garantias absolutas, mas, sim, é possível. E isso justificaria a característica levemente oca do som.

– E lembrem-se – intervém rapidamente o Baxter, desejoso de marcar pontos – de que a Hannah não disse qualquer nome naquela chamada nem referiu um dia. Não havia nada que a relacionasse com aquele dia em particular.

Volto-me para a linha de tempo afixada no quadro branco.

– OK, vamos assumir que foi isso que aconteceu. O Gardiner mata a Hannah na noite anterior, depois de ela o apanhar na cama com a Pippa Walker. Enterra o corpo no barracão do Harper e quando a Pippa lhe bate à porta, à meia-noite, ele não a deixa entrar porque provavelmente estará a limpar a casa de vestígios. Na manhã seguinte, às 6h50, falsifica uma chamada para a Pippa, de maneira a fazer parecer que a mulher está viva e de boa saúde... Só que continuamos com uma ponta solta. – Olho para a minha equipa por uns segundos, antes de prosseguir: – Essa chamada foi feita da rede fixa de Crescent Square às 6h50, o que significa que o Rob Gardiner *tinha de estar* em Crescent Square a essa hora. De início descartámo-lo como suspeito porque ele não tinha tempo de ir a Wittenham e voltar a tempo de apanhar o comboio das 7h57. E esta realidade mantém-se, por isso continuamos num impasse.

– Há uma probabilidade, senhor Inspetor.

A voz é da Erica Somer, sentada lá atrás. Levanta-se e aproxima-se.

– E se ele não foi nesse comboio?

O Baxter estranha, franzindo a testa.

– Sabemos que foi. Temos imagens que o mostram a chegar à estação de Reading.

Mas ela abana a cabeça e insiste.

– Sabemos onde ele saiu. Mas não onde *entrou*.

Olha para o Gislingham, que concorda:

– Tens razão. O sistema de videovigilância da estação de Oxford estava em baixo nesse dia.

Ela aproxima-se do mapa e aponta: Wittenham, Oxford, Reading.

– E se ele entrou... aqui?

Estação de Didcot Parkway. A meio caminho de Reading, e apenas a oito quilómetros de Wittenham, por estrada.

O Gislingham está a ver qualquer coisa no telemóvel.

– O comboio das 7h57 vindo de Oxford para na estação de Didcot às 8h15.

– Certo – digo, pegando num marcador e tratando de escrever uma segunda fita de tempo ao lado da anterior. – Vamos lá fazer contas... Se ele saiu de Oxford poucos minutos antes das 7h00, logo depois de forjar aquela mensagem de voz, terá chegado a Wittenham... a que horas?

O Gislingham considera a questão.

– De carro e a essa hora da manhã... creio que levaria apenas meia hora.

– O que o deixaria em Wittenham às 7h30, ou mesmo às 7h25. E teria de sair de Wittenham por volta das 7h50 para apanhar o comboio em Didcot às 8h15. A questão aqui é: teria tido tempo para tudo? Largar o carro, deixar o carrinho de bebé no topo da colina, abandonar o filho e ir embora, tudo isto em menos de meia hora?

– Creio que sim – diz a Somer. – Seria apertado, mas possível. Pode perfeitamente ter conseguido.

O Gislingham está a assentir com a cabeça. E o Baxter também. Há

apenas uma pessoa que ainda não abriu a boca.

O Quinn.

* * *

Já no corredor, Gislingham puxa Quinn por um braço e leva-o para uma sala vazia mesmo ao lado.

– Mas que porra se passa contigo? Não falas, não reages? Vi o Fawley a olhar para ti com ar desconfiado, queres que ele descubra o que tu andaste a fazer?

Quinn está de costas para ele, mas volta-se lentamente. Gislingham nunca o tinha visto tão abalado.

– O que se passa? Aconteceu alguma coisa, não foi?

Quinn senta-se pesadamente numa cadeira.

– Ela mentiu... A Pippa, no depoimento que fez. Talvez só em algumas partes, mas eu sei que ela mentiu.

Gislingham puxa por uma cadeira e senta-se ao lado dele.

– É a mensagem, não é?

– Ela disse que mandou uma SMS ao Gardiner nessa noite, mas eu sei que não o fez. Li as mensagens todas que ela lhe mandou e não havia nenhuma nessa noite.

– Talvez a tenha apagado?

– Ela tem um telemóvel igual ao meu. Se apagas umas, apagas todas as outras. *Não havia* qualquer SMS nesse dia.

Põe a cabeça entre as mãos:

– Isto parece um maldito pesadelo. Quanto mais tento resolver as coisas, pior ficam. O Fawley vai prender o Gardiner com base no depoimento de uma testemunha que *eu sei* que não é fiável, e não posso dizer nada, ou arrisco-me a meter-me numa enorme alhada.

– OK – diz calmamente Gislingham, entrando em modo *eu resolvo*. – Vamos ter de arranjar uma ordem judicial para aceder aos registos telefónicos dela, certo? Desse modo, ficas safo. Mesmo que nada disto tivesse acontecido, teríamos sempre de verificar o depoimento, não é?

– Sim, mas o juiz vai querer saber porque é que não nos limitámos a pedir-lhe o telemóvel para verificarmos as coisas. Por que raio precisamos de uma ordem judicial se ela não passa de uma mera testemunha.

– Certo. E vais ter de arranjar uma resposta para essa pergunta, não é verdade.

– Mas tu sabes o que vai acontecer assim que começarmos a pressionar a Pippa, não sabes? Ela vai contar. Vai dizer que esteve no meu apartamento, que nós... Enfim, tu sabes.

– Bom, e vocês...

– Não. Eu *disse-te*.

Mas Quinn transpira como se realmente o tivessem feito.

– Ouve – aconselha Gislingham –, se ela resolver contar, vais ter de te chegar à frente. Dizes ao Fawley que foste um idiota chapado e rezas para que ele deixe as coisas como estão. Entretanto, vê se acordas, se te dedicas a qualquer coisa de útil. Por exemplo, conseguires a porra da ordem judicial.

– Certo – concorda Quinn, a voz ligeiramente mais animada.

– E já agora, vê se consegues agir e reagir como o gabarola irritante que sempre foste, OK? A malta já começou a estranhar.

Essa tua nova postura de dar-crédito-aos outros-e-não-a-mim já me anda a mexer com os nervos.

Quinn esboça um sorriso divertido:

Vou tentar, prometo.

Entrevista com Rob Gardiner, realizada

nas instalações de St. Aldate, Oxford

8 de maio de 2017, às 11h03

Conduzida pelo Inspetor-Chefe A. Fawley.

Também presentes: Inspetora V. Everett,

P. Rose (advogado)

PR: Antes de mais, Inspetor, quero deixar bem claro que isto está a aproximar-se perigosamente de uma situação de assédio. Os senhores têm algum fundamento legítimo para deter o meu cliente? Pelo *homicídio da esposa*? Confesso que não vejo como os *novos indícios* de que fala possam justificar uma medida destas. Além de ser extremamente inconveniente, visto que ele, atualmente, não tem nenhuma *babysitter* com quem contar.

AF: Ontem à tarde, os meus inspetores interrogaram a Miss Pippa Walker. Imagino que o Sr. Gardiner estivesse convencido de que ela tinha deixado a cidade. Ou melhor, que ansiasse por isso.

RG: [*silêncio*]

AF: Mas ela continua por cá.

RG: [*silêncio*]

AF: Prestou declarações sobre o desaparecimento da sua mulher.

RG: Isso é ridículo. Ela não vos pode ter contado seja o que for, porque *não sabe nada*.

VE: Também pedimos ao nosso médico que observasse o *vergão* que ela tem no pulso. Uma marca causada por si.

RG: Ouça, as coisas não se passaram assim. Já lhes expliquei anteriormente. Eu percebi que ela estava a tentar responsabilizar-me por um filho que não é meu, que andava

enfiada na cama com outros e...

VE: E isso dá-lhe legitimidade para a agredir?

RG: Eu não a *agredi*, já lhes *disse*! Agarrei-a pelo pulso, talvez com demasiada força, sim, mas na altura nem sequer me apercebi. Se ela vos contou uma versão diferente, então está a mentir.

AF: [*silêncio*]

Creio que isso não iria cair lá muito bem, pois não?

RG: De que está a falar?

AF: Perante os seus empregadores. Não creio que ficassem muito satisfeitos se soubessem que um dos seus gestores foi acusado de violência doméstica

RG: Quantas vezes mais vou ter de repetir? Não foi *violência doméstica*, foi uma simples *discussão*. O que é muito diferente.

AF: Não me cabe a mim aconselhá-lo, claro, mas se fosse a si, não me fiava nessa linha de defesa.

PR: Ouça, Inspetor...

AF: Mas, enfim, adiante. Quando é que começou precisamente a sua relação com a *Miss Walker*?

RG: Desculpe?

AF: É uma pergunta muito simples, Sr. Gardiner.

RG: Que importância é que isso pode ter?

AF: Se pudesse responder, agradecia-lhe.

RG: Não havia *relação* nenhuma, já vos disse. Dormimos juntos duas ou três vezes, e só *depois* de a Hannah desaparecer. Meses depois.

VE: Não nos disse que foi apenas um caso de uma noite?

RG: Uma, duas, três vezes, que diferença faz? Não tínhamos

uma relação, era apenas sexo, mais nada.

AF: Estou a ver. Quer dizer que qualquer sugestão de que os dois já tinham um caso muito antes da morte da sua mulher é completamente falsa? Segundo o senhor.

RG: Claro que é! É isso que ela anda para aí a dizer?

AF: Mas então, quando é que ela se mudou para sua casa? Exatamente.

RG: Bom, ela ia ficando, entrava e saía... Ouça, eu estava completamente de rastos devido ao desaparecimento da Hannah. Não comia, não conseguia fazer as lides domésticas e tinha o Toby para cuidar. Um belo dia, a Pippa apareceu-me à porta a dizer que estava preocupada comigo e com o miúdo, e ofereceu-me ajuda. Eu já estava de saída para o trabalho, e quando voltei, a casa estava toda limpa, o frigorífico cheio e o jantar pronto. Depois disso, ela ficava lá em casa de vez em quando, dormia no sofá, e quando me disse que tinha de sair da residência onde estava, eu deixei-a lá ficar por uns tempos.

VE: E isso aconteceu há quanto tempo?

RG: Não sei... três meses, talvez um pouco mais. Ela não tem conseguido arranjar casa.

VE: Pois... aposto que não.

RG: O que quer dizer com isso?

AF: Sr. Gardiner, é importante que fique a saber que, em resultado do depoimento prestado pela Miss Walker, tivemos de rever completamente a nossa anterior teoria acerca da morte da sua mulher.

RG: *[olha de um inspetor para o outro, mas nada diz]*

AF: Em linhas gerais, a nova teoria resume-se a isto: em

junho de 2015, o senhor e a Pippa já dormiam juntos há pelo menos seis meses. O facto de ela tomar conta do seu filho representava o cenário perfeito para a relação. Mas a 23 de junho, uma terça-feira, a sua mulher chega a casa mais cedo. Sem avisar. E apanha-os, a si e à Miss Walker, em pleno ato sexual.

RG: Foi isso que ela vos disse? Que estávamos a fazer sexo?

AF: Ela alega que se envolveram numa grave discussão, que a sua mulher começou a agredi-lo e que o senhor a mandou embora, dizendo que «tratava do assunto». Pouco depois, ela mandou-lhe uma SMS e não obteve resposta, e quando apareceu lá em casa, várias horas depois, o senhor não a deixou entrar.

RG: O quê?! Não aconteceu rigorosamente *nada* disso...

AF: Estamos em crer que no desenrolar dessa discussão, a sua mulher foi vítima de um golpe violento na cabeça. Quem sabe por acidente ou mesmo em legítima defesa. Seja como for, o senhor viu-se com um sério problema entre mãos. Foi ao carro da sua mulher buscar a manta e embrulhou nela o corpo, atando-o com fita adesiva. De seguida, esperou que ficasse escuro e levou o corpo pelas traseiras do edifício, arrastando-a até ao jardim do William Harper, mais concretamente para a zona onde a vedação estava partida. Um jardim que o senhor sabia que praticamente não era usado, uma vez que conseguia vê-lo perfeitamente da janela do seu apartamento. Procurou alguma coisa para cavar um buraco, arrombando para o efeito a porta do barracão. Aí, reparou que havia um alçapão no chão. Mal acreditando na sua sorte, atirou para lá o corpo, acreditando que ninguém daria conta.

Na manhã seguinte, forjou uma mensagem de voz da Hannah para a Pippa Walker, recorrendo a uma antiga que tinha no seu próprio voicemail. Depois, foi de carro até Wittenham e deixou-o lá, assim como o carrinho de bebé do Toby e o próprio Toby, pensando - erradamente, como se veio a verificar - que alguém o encontraria pouco depois. De seguida, foi de bicicleta até Didcot, onde apanhou o comboio para Reading. Foi praticamente o crime perfeito. Praticamente, mas não efetivamente.

RG: [*silêncio*]

PR: Só um minuto, Inspetor. Não falou agora mesmo em acidente ou legítima defesa?

AF: O golpe inicial pode ter sido, sim, mas não foi esse que a matou, como o seu cliente muito bem sabe. O que aconteceu, Sr. Gardiner? Ela mexeu-se? Gritou de dor? Gemeu? Foi assim que se apercebeu de que não tinha acabado o servicinho? Foi então que a amarrou? E que lhe *esmagou o crânio*?

RG: [*levanta-se e corre para um canto da sala para vomitar*]

PR: Já chega, inspetor! Para que não reste qualquer dúvida, o Sr. Gardiner refuta completa e categoricamente esta nova versão dos acontecimentos. É totalmente fabricada do princípio ao fim, e os senhores não têm o mais ínfimo indício que a comprove, pelo menos que eu tenha conhecimento.

AF: Iremos proceder a uma análise forense *total* ao apartamento do Sr. Gardiner e...

RG: [*avançando para a mesa*]

Pois não vão encontrar rigorosamente nada, podem ter a certeza disso!

PR: [*controlando o Sr. Gardiner*]

Não precisa de dizer mais nada, Rob.

[dirigindo-se a Fawley]

O meu cliente nada teve que ver com a morte da sua mulher, e não mantinha qualquer relacionamento amoroso com a Miss Walker na altura em que a mulher desapareceu. Não me cabe aconselhá-los, como é óbvio, mas permito-me sugerir que essa jovem tem sérias explicações a dar em relação a tudo isto.

AF: Obrigado, Sr. Rose, o seu comentário fica registado.
Entrevista terminada às 11h34.

* * *

BBC News

Segunda-feira, 8 de maio de 2017 | Última atualização às 12h39

Última hora: Marido de Hannah Gardiner detido por suspeita de homicídio da mulher

A BBC soube que Robert Gardiner foi detido hoje por suspeita do homicídio da sua mulher, Hannah, que desapareceu em junho de 2015. A polícia acredita agora que a Sra. Gardiner morreu na noite de 23 junho, depois de uma discussão que teve lugar no apartamento do casal, em Crescent Square, Oxford. O filho do Sr. Gardiner, Toby, encontra-se de momento aos cuidados dos Serviços Sociais.

A Polícia de Thames Valley confirma a detenção de um homem de 32 anos, relacionada com este caso, mas não quis identificá-lo. Insiste também que não há qualquer ligação entre a morte da Sra. Gardiner e a descoberta de uma jovem e de uma criança na cave da mesma casa onde foi encontrado o corpo, afirmando que «as investigações ainda prosseguem».

Esta notícia está em atualização e em breve serão publicados mais pormenores sobre este caso. Faça um refresh da página para obter a versão integral.

* * *

– Fawley? Fala o Challow.

Ouço um eco em fundo, como se ele estivesse enfiado dentro de um cano.

– Onde estás?

– Em Crescent Square. Na casa do Gardiner. Acho melhor dares cá um salto.

Quando chego ao apartamento, a equipa de polícia científica está na cozinha, enquanto a Erica Somer se encontra na sala, a inspecionar gavetas, estantes, a zona atrás dos livros. A cozinha é daquelas encomendadas por catálogo, madeira clara, paredes creme, bancadas em granito e muitos cromados. E limpa. Extremamente limpa.

– E então? O que é que encontraram?

Ele olha-me com expressão sombria:

– É mais um caso de o que é que *não encontramos*.

O CHallow olha para a agente forense, que baixa os estores e apaga as luzes.

– O que é suposto eu estar a ver? – indago.

Challow esboça um trejeito preocupado.

– Aí é que está: não há *nada*. Rigorosamente nada. Já passámos luminol no chão e nas paredes e não há um único vestígio de sangue em lado algum.

– O Gardiner é cientista. Saberá certamente que tipo de lixívia usar.

Mas o Challow não engole esta, e muito francamente, eu também não.

– Este chão é todo em madeira – diz ele. – Mesmo com o químico adequado e todo o tempo do mundo, não se consegue remover tudo dos grãos. Muito menos com a quantidade de sangue que ela terá perdido.

– E o crime pode ter ocorrido noutra divisão qualquer?

Mas esta também não o convence, já que o vejo abanar cabeça.

– O soalho é igual na casa toda, menos nas casas de banho. E até agora não encontrámos nada.

Regresso à sala e dirijo-me a Somer:

– Em que quarto é que a Pippa ficava, Somer?

– Eu mostro-lhe, Inspetor.

É o quarto do Toby. E parece o do Jake. Não o quarto do Jake de antes, mas o quarto do Jake de agora. Cheio de tralha e de vida e de cheiros de rapazinho. Brinquedos pelo chão, roupa nas costas de uma cadeira. E um sofá-cama encostado à parede. Portanto, o Rob Gardiner mantinha a Pippa à distância. Tinha sexo com ela, mas, ao mesmo tempo, transmitia-lhe uma mensagem.

De regresso à sala, encontro a Somer à volta de um cesto de papéis.

– Fotografias – revela, mostrando-mas. – Parece que o Sr. Gardiner tem estado ocupado a apagar todos os vestígios da Pippa Walker.

Vai passando as fotos uma por uma. A Pippa a levantar o Toby no ar; o Toby no colo dela, a brincar com o pendente do colar que tem ao pescoço; o Toby nos braços dela, a bater palmas, muito sorridente.

– O que acha, senhor Inspetor? Tudo isto iliba o Rob Gardiner?

Abano a cabeça.

– Não necessariamente. Lá por ela não ter morrido nesta casa, não significa que ele não a tenha matado. Temos é de descobrir onde.

– Sim, mas seja como for...

Parece hesitante.

– Diga.

– Nada, provavelmente estou enganada...

– Até agora, os seus instintos têm-se revelado absolutamente certos. Por isso, diga lá.

– Se o Rob Gardiner chegou realmente a Wittenham às 7h30 dessa manhã, por que razão só encontraram o Toby três horas depois? Temos tantos

testemunhos, estava tanta gente por lá. Alguém haveria certamente de ver o carrinho de bebé mais cedo, não?

E este facto vem engrossar a lista de outras coisas que me andam a dar cabo da cabeça. O ela estar amarrada, para começar. Continuo sem perceber por que razão ele faria isso. Mesmo que ela ainda se mexesse depois do primeiro golpe, duvido que estivesse em condições para se debater. Além disso, eu próprio estive com o Gardiner no dia em que a Hannah desapareceu, e não lhe vi qualquer marca. Nenhum arranhão, nenhum vergão, nada. Se eles tivessem tido uma discussão violenta, teria certamente deixado marcas visíveis.

O meu telemóvel toca. É da receção da sede.

– Deixaram um recado para si, Inspetor-Chefe.

A Vicky foi transferida para Vine Lodge. Disse que quer falar consigo e que é importante.

– OK, obrigado. Diga-lhes que estou a caminho.

Vine Lodge é um edifício vitoriano de quatro andares – e que valeria tanto quanto a casa do William Harper se ficasse em North Oxford, e não aqui, no final de Botley Road, em plena zona industrial, com vista para um gigantesco salão de exposições de tapetes. Deram à Vicky um quarto individual, certamente pequeno, mas que, graças a Deus, não fica no rés do chão. Os três lanços de escada, tão pouco apelativos, são um doloroso lembrete de que preciso urgentemente de voltar ao ginásio. O diretor da clínica acompanha-me na subida. É um tipo alegre, careca, com brinco e tatuagens no pescoço – provavelmente um visual semelhante a muitos dos seus pacientes daqui.

– Não se preocupe, não dissemos a ninguém quem ela é – revela ele. – E tal como pediu, estamos a esforçar-nos para manter os média longe daqui, se bem que não sei até que ponto conseguiremos ser bem-sucedidos.

– Como é que ela tem estado?

Ele para por uns segundos para considerar a questão.

– Melhor do que eu esperava, na verdade. Muito calada, claro. – Encolhe os ombros: – Creio que não será de espantar, não é verdade? Vai ter de manter o acompanhamento psiquiátrico ainda por uns tempos.

Assinto.

– Ela já falou sobre o rapaz?

Ele abana a cabeça:

– Não. Pelo menos, comigo. Mas quando chegou, a televisão lá de baixo estava ligada, e passou um anúncio com bebés.

Ela nem sequer conseguiu olhar.

Subimos o resto das escadas em silêncio. Ouve-se música vinda de algures, e quando passamos pelas janelas dos patamares vejo alguns jovens lá fora. Dois ou três a fumar. Dois rapazes dão chutos numa bola.

O diretor bate à porta de um dos quartos do último andar e de seguida abre-a. A Vicky está sentada à janela, a olhar para os jovens no jardim. Pergunto-me há quanto tempo ela não confraterniza com malta da sua idade.

– Olá, Vicky. Soube que queres falar comigo.

Ela dirige-me um sorriso frágil. Continua inquietantemente magra. E as roupas largueironas também não ajudam nada.

Aponto para a cadeira e ela concorda com um aceno.

– Tens tudo o que precisas? Ouvi dizer que a comida não é nada má. Enfim, talvez «não tão má como se vê nos filmes» seja uma expressão mais correta.

Consigo arrancar-lhe uma risadinha tímida

Inclino-me para a frente na cadeira.

– Então, diz lá.

Ela parece observar-me, mas mantém-se calada.

– Disseste que era importante? Talvez me queiras dizer o teu nome todo?

Para podermos encontrar a tua família?

Ela torce a bainha da camisola. E quando fala, é a primeira vez que diz algo que não seja um sussurro. A primeira vez que lhe ouço realmente a voz. É mais profunda do que eu esperava. Mais suave.

– Vi as notícias. Na televisão.

Aguardo. Mas vem-me logo uma ideia à cabeça.

Agora vejo-lhe os olhos marejados de lágrimas.

– Quando vi, lembrei-me. Disseram que ele apanhou outra rapariga e que a enterrou no jardim. O velho. Pensei que ele só tinha dito isso para me assustar.

– E disse mais alguma coisa? O nome dela, o que lhe fez?

Um abanar de cabeça.

– Não te lembraste de mais nada?

Outro abanar de cabeça.

Chega. Vai ter de chegar.

Levanto-me e quando paro junto à porta, ela está novamente a olhar pela janela. Como se eu nunca tivesse aqui estado.

* * *

Entrevista telefónica com Rebecca Heath

8 de maio de 2017, às 16h12

Conduzida pelo Inspetor A. Baxter

RH: Falo com o Inspetor Baxter?

AB: O próprio. Em que posso ajudá-la?

RH: O meu nome é Rebecca Heath, creio que terá tentado contactar-me. Sou a ex-mulher do Rob Gardiner.

AB: Ah, sim, Miss Heath, de facto deixei-lhe umas quantas

mensagens.

RH: Não lhe liguei de volta porque... enfim, não me quis envolver. Tenho tentado andar com a minha vida para a frente. Mas hoje vi nas notícias que prenderam o Rob. Pela morte da Hannah.

AB: Fizemos efetivamente uma detenção, mas não poderei revelar os pormenores, lamento.

RH: Bom, mas se estamos a falar do Rob Gardiner, prenderam o homem errado. Eu passei por lá nessa noite, dia 23.

AB: Falou com o Sr. e a Sra. Gardiner na véspera de ela desaparecer?

RH: Não, não exatamente. A minha mãe estava gravemente doente e eu pensei que o Rob quisesse vê-la. Eram muito próximos, sempre foram.

AB: No seu testemunho inicial, a senhora disse que estava em Manchester no dia em que a Hannah desapareceu, o que, creio, até foi verificado.

RH: E estava. É onde vive a minha mãe. No dia 24 de junho, apanhei o primeiro comboio para Manchester Piccadilly. Era muito cedo, 6h30 ou coisa assim. Mas na véspera à noite ainda estava em Oxford.

AB: Em Crescent Square?

RH: Não quis telefonar e arriscar-me a que fosse a Hannah a atender, por isso fui até lá. Esperava conseguir apanhar o Rob sozinho, mas ela estava a chegar precisamente no momento em que entrei na rua deles.

AB: Que horas eram?

RH: Pouco antes das 20h00. O Rob apareceu para a ajudar com uns sacos de supermercado. Ela deve ter estacionado longe

dali, porque não vi o carro dela.

AB: E como é que eles estavam? Como lhe pareceram?

RH: Felizes. Ele abraçou-a, e ela estava a sorrir. Tudo muito delico-doce, como dois pombinhos apaixonados, enfim.

AB: E o que fez?

RH: Deixei-me ficar ali por um momento. Sentei-me num banco. Eles tinham as cortinas abertas, por isso eu via-os perfeitamente. Foram cozinhar, acho eu. A certa altura, lembro-me de ver o Rob com o Toby às cavalitas.

AB: Mas não bateu à porta?

RH: Não. Fui-me embora... cerca de um quarto de hora depois.

AB: Porque é que não contou isso à polícia, na altura?

RH: Nunca me perguntaram. Além disso, estava toda a gente a dizer que a tinham visto em Wittenham no dia seguinte. Não me pareceu importante onde é que ela tinha estado na noite anterior.

AB: Não viu a *babysitter* deles, por acaso?

RH: Bom, uma coisa posso garantir. Ela não estava no apartamento deles nessa noite.

AB: Como é que tem tanta certeza?

RH: Porque a vi em Banbury Road, quando me fui embora. Eu conhecia-a, já a tinha visto com o Toby duas ou três vezes. Estava sentada num muro, acompanhada de dois rapazes. Provavelmente estudantes. Fiquei com a ideia de que estavam todos bêbedos.

AB: Muito obrigado, Miss Heath. Acha que poderia dar cá um salto e prestar um depoimento formal?

RH: Se tiver mesmo de ser... Eu não suportava a Hannah, mas garanto-lhe que não foi o Rob quem a matou. Disso tenho a

certeza.

* * *

De regresso ao carro, faço uma chamada.

– Quinn? É o Fawley.

– Onde está? Já tentei ligar-lhe.

– Vim à Vine Lodge. A Vicky pediu para falar comigo.

– Ouça, a ex-mulher do Gardiner ligou-nos, finalmente. Parece que viu o Rob e a Pippa naquela noite. E se for verdade o que ela diz, não estou a ver como é que ele pode ter matado a Hannah.

– Sim, eu sei. A Vicky lembrou-se de uma coisa. Disse que o Harper se gabou do que fez a outra rapariga. Que a matou e a enterrou no jardim. Só podia ser a Hannah. Ou seja, a Hannah morreu em Frampton Road e foi o William Harper que a matou. Estes dois casos estiveram sempre ligados, e o elo de ligação é o William Harper. Só precisamos de encontrar uma forma de o provar.

– OK, mas...

Eu interrompo-o:

– Quinn, ouve-me, tens de apertar novamente com a Pippa Walker. Começa a parecer que ela inventou aquela história toda da discussão entre o Rob e a mulher, e eu não vou deixar que isso passe em claro.

Há uma ligeira pausa.

– Tem a certeza? – acaba ele por dizer. – Quer dizer, ela não passa de uma miúda, certo? E a verdade é que nunca chegou a *acusá-lo*. Provavelmente queria apenas safar-se de responsabilidades e...

A lei de Fawley. Três mentiras e estás fora. Ou, neste caso, és apanhado.

– Olha lá, Quinn, desde quando é que ficaste tão brando? Ela *mentiu* num depoimento oficial. Leva-a para aí o mais depressa possível e deduz uma

acusação.

Quase consigo ouvir a ansiedade dele.

– Com que fundamento?

– Flagrante estupidez, para começar.

E fico com a sensação de que não é apenas ela que é culpada disso.

Hora e meia depois, estou sentado no carro à porta de minha casa. Perdido em pensamentos. Até que vejo uma cortina mexer-se e apercebo-me de que estou aqui há demasiado tempo. Ela já estará preocupada. Saio do carro e assim que chego à porta, ela abre-a, recebendo-me sob um halo de luz amarelo pálido. A minha descalça e lindíssima mulher.

Serve-me um copo de vinho e volta-se para mim, subitamente consciente de que o meu silêncio não é sinal de serenidade.

– Estás bem?

– Estive com a Vicky. Disse-me que o Harper lhe contou que tinha matado alguém. Que sequestrou outra rapariga, matou-a e enterrou-a no jardim.

Sinto-a desalentada.

– A Hannah Gardiner?

Assinto.

– Então, não foi o marido?

– Não, não pode ter sido ele.

Dou um gole no vinho e sinto o calor percorrer-me as veias.

– Mas então... porque é que a rapariga mentiu? Aquela que prestou declarações?

– O Gardiner expulsou-a de casa porque descobriu que ela estava grávida de outro tipo qualquer. Deve ter sido por vingança.

Alex olha em frente, para o jardim:

– *Má Sorte Ter Sido Puta.*

– Desculpa?

Ela abana a cabeça.

– Todo este caso está a transformar-se numa verdadeira tragédia jacobiana.

– Ah, referes-te àquela peça que vimos? Em... onde foi mesmo?

– Stratford. E a peça era *Women Beware Women*¹¹, mas todas elas são muito parecidas: vingança, violência, confusão de identidade... E sangue. Montes de sangue.

Lembro-me perfeitamente da peça; saí de lá todo salpicado de sangue. Só que, dessa vez, e por uma vez, não era real.

Mais tarde, quando vou buscar o meu casaco ao carro, apercebo-me de um movimento na janela lá de cima, e vejo o menino a olhar para mim. Uma *criança trocada*¹² a viver no lugar do meu filho.

* * *

Rob Gardiner entra em casa e fecha silenciosamente a porta atrás de si. Traz o filho a dormir nos braços e vai deitá-lo cuidadosamente no sofá, para não o acordar. Toby mexe-se ligeiramente e vira-se de barriga para baixo, com o polegar na boca. Gardiner acaricia o cabelo do filho e depois endireita-se.

A sala está na penumbra, mas ele não acende os candeeiros.

Dirige-se à janela de trás e olha para o jardim. De seguida, corre as cortinas e afunda-se pesadamente no cadeirão. À sua frente, por cima da lareira, as molduras de prata brilham ainda sob uma réstia de luz. Não consegue distinguir as fotografias, mas as imagens não lhe saem da cabeça. O Toby com a Hannah. Os três juntos. A Hannah sozinha. A vida que em tempos teve.

Reprime um soluço, levando a mão à boca, não querendo despertar a criança. E as lágrimas que se seguem são silenciosas, ali sentado no escuro, a recordar.

A recordar.

* * *

A primeira coisa que faço na manhã seguinte é um ponto de situação perante a equipa. Dizer-lhes o que a Vicky me contou, o que a Pippa inventou e o que o Rob Gardiner não fez.

– O que significa – digo, à laia de conclusão – que teremos de regressar à nossa fita de tempo inicial: a Hannah estava viva às 6h50, quando ligou à Pippa, e saiu de casa por volta das 7h30, com destino a Wittenham, levando o Toby com ela. Devemos partir do pressuposto de que ela se cruzou com o Harper na rua poucos minutos depois, certamente quando se dirigia para o carro, e que ele a atraiu para sua casa. Como fez com a Vicky.

Há uma certa desordem na sala, a sensação de estarmos a regressar ao ponto de partida, e nem por isso melhor do que estávamos. Porque continuamos sem provas e porque continuamos sem cena do crime.

– E qual é o passo seguinte? – pergunta o Baxter. Noto-lhe um certo desânimo na voz.

– Quero que voltem a Frampton Road e que façam uma nova revista à casa, juntamente com o Challow e a equipa dele.

– Mas já passámos aquilo tudo a pente fino, os peritos forenses analisaram minuciosamente cada divisão e...

– Não quero saber. Tem de haver alguma coisa que nos falhou.

Quando saio para o corredor, espera-me o agente de serviço à receção.

– Aquele *profiler*, o Bryan Gow, aguarda-o na receção, senhor Inspetor.

– Ai, sim? Pensava que estava em Aberdeen ou lá onde era.
– Pelos vistos, não. Quer que eu lhe peça para voltar cá mais tarde?
– Não. Se não fosse importante, ele não se dava ao trabalho de vir cá. Ele que suba. E peça a alguém que nos traga cafés, pode ser? Cafés decentes, não a mistela da máquina.

A caminho do meu gabinete, sou apanhado no corredor pelo Diretor, por isso o Gow já lá está quando entro. E percebo logo o que veio cá fazer: tem uma cópia do diário da Vicky à sua frente, pousada na secretária. Assim como um copo de café da pastelaria do cimo da rua.

– Onde arranjou isso?

Ele ergue um sobrolho.

– O *latte*?

– O diário.

Ele recosta-se na cadeira e cruza uma perna sobre a outra, o pé levemente a balançar.

– Foi o Alan Challow que mo enviou.

Disse que o iria achar muito interessante. E acertou, claro.

Sento-me na cadeira à frente dele.

– E?

– Já tenho umas reflexões preliminares.

– E importa-se de as partilhar com um simples polícia?

Ele esboça um leve sorriso.

– Com certeza. Mas também gostaria de observar a rapariga. É possível?

– Pedi à Vicky que viesse cá para tentarmos que nos dê um depoimento.

Era para ser amanhã, mas posso ligar a saber se ainda é possível para hoje.

Ele chega-se à frente para pegar no café.

– Perfeito.

Saio para encontrar a Everett e pedir-lhe que contacte a Vine Lodge. Quando regresso, o Gow está compenetrado a folhear o diário.

– O que me faz confusão aqui é a criança – observa. – Ou melhor, a relação da jovem com a criança. Já soube que tentaram juntá-los no hospital e que as coisas não correram nada bem?

– Ela gritou tanto que tiveram de levar o menino para fora dali. Alegaram que forçar as coisas seria pior.

– E depois disso? Tiveram algum contacto?

– Não. Nenhum.

Ele franze a testa.

– Tem a certeza? Quer dizer, não tem forçosamente de estar a par de tudo...

Eu mordo o isco.

– Mas por acaso, estou. O miúdo está atualmente em minha casa. – Sinto o sangue subir-me às faces. – Apenas por uns dias, até lhe arranjam um local adequado.

Cala-te, Fawley. Cala-te.

O Gow observa-me com olhos atentos.

– Bom, esse não é propriamente o protocolo mais comum nestes casos, mas...

– O Harrison autorizou. Antes que pergunte – interrompo-o.

Após uma longa pausa, vejo-o assentir.

– Estou a ver. E a rapariga tem perguntado por ele?

– Não. E soube que ela reagiu mal quando viu um anúncio na televisão com bebés.

Ele recosta-se na cadeira e cruza os dedos:

– Mais alguma coisa?

– O psiquiatra do John Rad pensa que pode ser perturbação de *stress* pós-traumático. Que está a querer bloquear aquilo que lhe aconteceu, e a criança faz parte disso.

Gow assente, ponderando a questão.

– Sim... Se o menino é o produto de uma violação, será sempre um lembrete físico e constante desse ato. Pode ser tão simples quanto isto, o facto de a jovem não ter conseguido criar um elo com ele.

Uma das coisas que eu reconheço no Gow é o facto de ele sempre escolher cuidadosamente as suas palavras.

– Se?

Ele volta a folhear o diário.

– O que temos aqui é uma trajetória psicológica muito clara em relação à criança. Passamos do horror que ela sente pelos abusos do Harper para a rejeição pela criança assim que nasce, até a uma gradual aceitação do filho como seu. Aqui, por exemplo: *«Estou a tentar vê-lo como meu. Só meu e sem ter nada que ver com aquele velho tarado sinistro.»*

– E então?

– A questão aqui é que isto está em total discordância com o modo como a rapariga está a reagir neste momento. A violenta rejeição da criança, o querer negar-lhe a existência. Colide completamente com o que ela escreveu no diário.

– Sim, concedo-lhe isso. Mas esse excerto que acabou de ler é anterior ao período em que a comida e a água começaram a escassear. Talvez os sentimentos dela tenham mudado devido ao trauma que sofreu?

Mas o Gow nega com a cabeça:

– Pelo que me foi dado a conhecer, ela fez questão de dar ao filho todos os suprimentos de que dispunha. Isso mostra que, nessa altura, ela já tinha uma ligação bem mais *forte* com a criança. E não o contrário.

– E então, como explica isso?

– Creio que podemos estar perante uma espécie de conluio. Conluio psicológico, claro. Uma versão da síndrome de Estocolmo. É por isso que eu gostaria de a ver pessoalmente. – Recosta-se na cadeira: – Quando a trouxer cá para a interrogar, fale-lhe na criança – sugere. – Mas utilize termos

neutros, por exemplo *recém-nascido*, em vez de *bebé*. Mantenha a emoção fora da conversa. E vá pressionando aos poucos, muito lentamente. Veremos como ela reage.

* * *

– Como te sentes, Vicky?

– Estou bem.

E de facto parece-me bastante bem, muito melhor do que até agora. Ainda que continue com olheiras profundas. O diretor de Vine Lodge veio com ela, e vejo-a olhar de relance para ele – e receber em troca um sorriso encorajador.

– Antes de mais, gostava de te agradecer por teres concordado em vir aqui, Vicky. Vais ser de uma enorme ajuda.

A Everett e eu sentamo-nos, e eu pouso os meus papéis na mesa.

– Deduzir uma acusação contra o homem que te sequestrou é muito complicado. Para isso, precisamos de reunir muitas provas, e o mais detalhadas possível. Provavelmente, vamos precisar de falar contigo várias vezes ao longo das próximas semanas e, se concordares, essas conversas terão lugar aqui, para as podermos gravar e, se necessário, usá-las em tribunal. – *E também para o Bryan Gow poder assistir a tudo na sala aqui ao lado*. Só que não lhe digo isto, como é óbvio. – Sei que esta sala não é lá muito confortável, mas facilita-nos imenso a vida. Concordas?

Ela olha-me fixamente.

– Sim, tudo bem.

– E o Sr. Wilcox aceitou em ser aquilo a que nós chamamos *adulto responsável*. Quer dizer que vai estar atento a tudo, do teu ponto de vista, e agir no teu melhor interesse.

Ela volta a olhar para o Wilcox, e desta vez sorri-lhe.

– E também te peço que me digas sempre que precisares de fazer uma pausa ou achares que não estás a aguentar.

Abro a minha pasta.

– Podes começar por dizer o teu nome? Para a gravação?

– Vicky. Vicky Neale.

– A tua morada?

– Não tenho. Agora já não.

– E o sítio onde viveste pela última vez?

– Uma residência de estudantes em Oxford. Não gostei lá muito.

– Em que rua?

– Clifton Street. Número 52.

– E como se chamava o senhorio?

Ela encolhe os ombros.

– Não sei. Era asiático. Rajid, ou coisa assim. Só lá estive algumas semanas.

– E antes disso? – pergunta a Everett, erguendo os olhos do seu bloco de notas. Onde era a tua casa?

– Em Harlow. Mas não é a minha *casa*.

– Ajudava-nos muito termos uma morada.

Ela olha para Wilcox, agora claramente hesitante.

– Não queres que a tua mãe e o teu pai saibam onde estás? Estás desaparecida há tanto tempo...

– O meu pai morreu. E a minha mãe não quer saber. Diz que eu sou suficientemente crescida para me orientar e que agora tem uma nova família para cuidar. Por esta altura, já se deve ter mudado, disse-me que estavam a pensar ir para norte. Ela e o novo namorado.

Sei que sou muito chato com a lei de Fawley, mas diz-me a experiência que três respostas a uma única pergunta nunca é bom sinal. No entanto, a dor nos olhos dela é bem real.

– Seja como for, creio que vamos conseguir localizá-la – diz Everett. – Calculo que não te importes que lhe liguemos, no caso de a encontrarmos?

Vicky reage e prepara-se para responder, mas muda de ideias. Após uns segundos, concede:

– Como queiram. Mas, como já vos disse, ela não quer saber.

– Mesmo depois de descobrir o que te aconteceu? Aquilo por que passaste? Qualquer mãe...

– Mas não a minha. Vai dizer que a culpa foi toda minha. Que não devia ter sido tão estúpida.

Pisca os olhos com força, recusando-se a chorar. Fico subitamente com uma imagem nítida de como ela devia ser em criança.

– OK. Então... podes contar-nos o que aconteceu? – pergunto num tom suave. – Como é que o Dr. Harper te sequestrou? Desculpa, sei que é muito duro, mas precisamos mesmo que nos contes tudo, desde o início.

Ela limpa os olhos com as costas da mão.

– Eu ia ver de outra residência onde ficar, mas parti o salto de um sapato. Sentei-me no muro de casa dele e pouco depois ele saiu de casa e disse-me que podia arranjar o sapato. Não parecia esquisito nem maluco. Fez-me lembrar o meu pai. Por isso, entrei com ele em casa.

A Everett ergue os olhos das suas notas.

– E isto foi quando, exatamente?

– Julho de 2014. Dia 5. Lembro-me porque tinha havido foguetes na noite anterior e alguém disse que deviam ser os americanos a festejar.

– E que idade tinhas na altura?

– Tinha 16 anos.

A Everett passa-lhe uma fotografia do Harper.

– Consegues confirmar que é este o homem de que falas, Vicky?

Ela olha a foto e afasta o olhar. Por fim, assente.

– E ele ofereceu-te um chá – digo. – Não foi?

– Sim. Estava imenso calor nesse dia e ele não tinha nada fresco em casa. Deve ter-lhe deitado alguma coisa, porque num minuto eu estava naquela cozinha malcheirosa e no outro estava a acordar naquela cave.

– E ele manteve-te sequestrada lá em baixo? E violou-te?

– Sim – murmura ela.

– Nem consigo imaginar quão horrível deve ter sido.

Ela tem os lábios a tremer e assente levemente.

Viro a página nas minhas notas.

– Podes falar-nos da comida e da água?

Ela franze a testa, confusa:

– Como assim, a comida e a água?

– Desculpa, sei que é difícil, mas o Ministério Público vai ter de explicar este tipo de coisas ao júri.

– Ah, OK, estou a ver... Ele deixava-me garrafas de água e tigelas de comida. Comida de velhos. Pêssegos de conserva. Um guisado nojento... Eu tinha uma colher de plástico. Tinha os pulsos amarrados à frente com aquelas coisas de apertar. Mas conseguia comer. Mal, mas conseguia.

– E escrever – digo-lhe com um sorriso. – Isso é impressionante. Nem toda a gente teria presença de espírito para fazer isso.

Ela responde de queixo erguido.

– Eu queria que toda a gente soubesse o que aconteceu. Se morresse ali em baixo, queria que as pessoas ficassem a saber o que ele me tinha feito.

– O mesmo que fez à outra rapariga.

– Sim. Ele gabou-se disso. De a ter enterrado no jardim... Eu nunca pensei que fosse verdade, achei que ele só me queria assustar. Para eu fazer o que ele queria.

– Ele contou-te como é que a matou? Ou quando isso aconteceu?

Ela abre muito os olhos.

– Eu... não me lembro ao certo, mas sei que já estava naquela cave há

muito tempo.

– Estiveste quase três anos na cave do Dr. Harper?

– Não sabia quanto tempo tinha passado. A não ser quando saí.

Vejo-a reprimir um soluço.

– E ele manteve-te sempre lá, mesmo quando engravidaste?

Outro assentir de cabeça.

– E quando começaram as contrações? De certeza que ele te tirou de lá, não?

Ela baixa a cabeça. Quando a ergue de novo, os olhos que encontram os meus estão cheios de lágrimas.

Batem à porta. É um dos meus inspetores. Levanto-me e vou ter com ele.

– Desculpe, chefe – sussurra ele –, mas precisam de si. Aqui na *sala ao lado* – acrescenta, com um olhar pleno de sentido.

Quando me volto para a Vicky, vejo-a de rosto apoiado no ombro do Wilcox, a chorar silenciosamente.

– Lamento muito, Vicky. Não te quis perturbar. Ficamos por aqui?

– Creio que é melhor, sim – declara o Wilcox. – Já foi mais do que suficiente para um dia.

– Continuamos amanhã? Por volta das 10h00?

Ele assente e ajuda a rapariga a levantar-se.

Fico a vê-los enquanto percorrem o corredor e desaparecem pelas portas de empurrar. A dada altura, o Wilcox pousa levemente a mão no ombro dela.

Entro na sala onde o Gow se encontra e vejo-o a andar para trás nas imagens da entrevista que acabei de fazer.

– Aqui – diz ele sem mais rodeios –, quando lhe pergunta sobre a comida e a água... Ela baixa o olhar antes de responder, e depois olha para a direita. Ora, se acreditarmos na programação neurolinguística, que é o meu caso, este indício representa uma enorme bandeira vermelha para a falsidade. Mas não é

tudo. Quando lhe fez essa pergunta, ela repetiu-a. E não fez o mesmo com qualquer outra. Estava a tentar ganhar tempo. – Chega-se à frente e aponta para a imagem: – E leva a mão à boca ao responder, repare...

– Quer dizer que não estava a dizer a verdade?

– Certamente não disse *toda a verdade e nada mais do que a verdade*. – Recosta-se e volta-se para mim: – Cada vez acredito mais na teoria do conluio. Ela deve ter chegado a qualquer tipo de acordo com o Harper. Algo que ela aceitou na altura por puro desespero, mas que agora considera altamente vergonhoso. A vergonha é um sentimento algo raro nos dias de hoje, já que ouvimos dizer quase diariamente que não temos de nos envergonhar de nada do que fazemos ou pensamos. Mas a vergonha, enquanto reação, continua a existir na psique. Auto repulsa, arrependimento, remorso, repugnância. São emoções imensamente poderosas, e ainda mais quando o assunto se encontra em negação. O que quer que aquela rapariga tenha feito, não quer nem vai jamais admitir. Pelo menos, não a si, e, pelo que me é dado a perceber, nem sequer a ela própria.

Tira os óculos e limpa-os. O que, para mim, representa o seu próprio indício oculto.

– Mas isso certamente não invalida *toda* a versão dela, pois não?

– Claro que não – esclarece ele, voltando a pôr os óculos. – Significa apenas que existe *algum elemento* daquilo que aconteceu naquela casa que continuamos a desconhecer.

– Então, como é que descobrimos a verdade? Não será com certeza perguntando ao Harper. Ele continua a negar, a afirmar que não sabe nada. Isto quando está em estado de dizer alguma coisa, claro.

Ele vê a exasperação estampada no meu rosto. No entanto, olha o relógio e levanta-se:

– O Fawley é que é o inspetor. De certeza que vai arranjar uma maneira.

O meu telemóvel apita. Uma mensagem do Baxter:

Estou em Frampton Road. A Somer acha q pode ter descoberto algo importante.

O Gow, entretanto, parou à porta:

– Pode valer a pena voltar a ler o diário. Não consigo apontar nada de específico, mas há ali qualquer coisa que não me convence.

* * *

Assim que chego a Frampton Road, vejo um agente fardado à porta e ouço claramente pessoas lá dentro. Seja o que for que esteja a acontecer, passa-se lá em cima. A casa de banho cá de baixo tem agora o chão arrancado, com o linóleo antigo enrolado a um canto. No quarto principal, a alcatifa também foi levantada. Sinto aquele leve odor a luminol – que quase não se nota, a não ser a quem esteja mais do que habituado a ele.

Estão todos no último piso: o Baxter e os peritos forenses, a Nina Mukerjee, a Erica Somer e outro agente fardado cujo nome não me recordo.

– Então, o que temos?

O Baxter aponta para a Somer – num gesto que diz: *na minha opinião, isto é só mais uma caça aos gambozinos, por isso, se a coisa correr mal, a responsabilidade é dela, não minha.*

– Por aqui, inspetor – diz ela.

Entro no quarto em frente. Em tempos, terá sido um quarto de empregada, com uma pequena janela de sótão e uma salamandra de ferro forjado. A Erica volta-se para mim, assumindo aquela eterna expressão quase envergonhada.

– Vai certamente achar que é uma ideia maluca, mas...

– Não. Diga. Já esgotámos todas as opções. Tudo o que nos resta são ideias malucas.

Ela cora ligeiramente – o que, devo dizer, lhe dá bastante charme.

– OK. Bom, se assumirmos decididamente que a Hannah morreu nesta casa...

– Eu creio que sim. *Sei* que sim.

– Certo. E ainda assim, os peritos forenses não descobriram rigorosamente nada aqui dentro. Ora, isso não é possível.

– Sim, também acho que não.

– Pois – continua ela, já com uma maior certeza na voz. – E *não é* mesmo. Tem de *haver* algum indício. Nós é que ainda não o descobrimos.

– Tal como o Challow faz questão de estar constantemente a lembrar, foi passado luminol em cada centímetro do chão...

– Exato. Então, e se não for no chão que devemos procurar?

– Não estou a perceber...

Ela volta-se e aponta para cima.

– Veja.

Uma mancha castanha, mais escura no rebordo, curiosamente em forma de coração. O resto do teto também tem traços de humidade e do passar dos anos, mas isto é diferente. Mais intenso. Mais vivo.

– Está seco – diz ela. – Já verifiquei. E sei que é uma ideia louca, quer dizer... como é que ela pode ter morrido ali em cima? Não faz nenhum sentido. Mas lembrei-me daquela cena do filme *Tess*...

Mas já nem a ouço, estou lá fora no patamar. A escotilha do sótão fica precisamente por cima das escadas. A construção vitoriana não é conhecida por dedicar uma tamanha preocupação às normas de Saúde e Segurança.

– Mas ninguém foi lá acima verificar?

O Baxter faz uma careta:

– Era suposto que os agentes fardados o fizessem, mas tudo indica que não foram. Peço desculpa, chefe.

– Certo. Bom, então vamos ter de ser nós a fazer esse trabalho, não?

O Baxter vai buscar uma cadeira ao quarto ao lado e eu ponho-me em

cima dela. A escotilha está perra, e tenho de a forçar para conseguir abri-la. Mas de cima da cadeira não me consigo içar.

– Tens uma lanterna, Baxter?

– Tenho uma no carro, Inspetor. E lembro-me de ter visto um escadote na estufa.

– OK, vai buscar a lanterna, eu trato do escadote.

Quando ele regressa, já eu estou a encostar o escadote à escotilha.

– Eu seguro o escadote, Inspetor – diz rapidamente a Sommer. – Ainda parte o pescoço se cair daí.

Subo, empurro a porta do sótão e ela abre-se e bate com força no chão. Sinto logo uma brisa de ar frio e levo com pó e saibro na cara. Assim que me vejo no último degrau, iço-me até ficar sentado. Nem quero pensar no estado em que vão ficar as minhas calças. A Sommer passa-me a lanterna e eu aponto-a para o espaço em meu redor. Caixotes, tralha acumulada, basicamente o mesmo que encontrámos na cave. Na parede, o suporte com o sistema de fios ligados às campainhas para chamar a criadagem: *Sala de pequenos-almoços. Salão. Escritório. Quarto principal*. Na parede do fundo há um buraco nos ladrilhos do tamanho de um punho.

Ergo-me lentamente, baixo-me sob as vigas do telhado e piso cuidadosamente as tábuas do soalho. A maioria delas não estão fixas e rangem ligeiramente sob o meu peso. De repente, e vindo do nada, sinto um movimento. Uma sombra na penumbra, um esvoaçar, algo a roçar na minha cara...

Lá em baixo, devem ter-me ouvido gritar.

– Chefe! Está tudo bem? – ouço o Baxter a chamar.

Continuo com o coração acelerado.

– Sim... Era só um morcego. Um susto do caraças, mas está tudo bem.

Respiro fundo e trato de me recompor. Localizo a zona onde deverá estar a mancha. E, sim, há aqui qualquer coisa. Algo volumoso e sem forma.

Aponto-lhe a lanterna e peço à Nina que suba. Logo que a vejo a meu lado, aguardo que calce as luvas de borracha. E assim que ela levanta cuidadosamente o objeto, vemos perfeitamente a mancha escura espalhada pelo chão, e há muito ressequida.

* * *

Ainda levam algum tempo a abrir aquilo. O plástico está tão teso e ressequido que vai abrindo fendas sobre a bancada do laboratório. O jovem assistente vai soltando umas piadas secas, na tentativa de desanuviar o ambiente, mas quando percebe que não está a resultar, acaba por se calar. Trabalham em silêncio até finalmente verem aquela coisa toda desdobrada, sob o brilho intenso da lâmpada por cima deles.

Nina Mukerjee pega no telemóvel e liga a Challow.

– E então – diz ele, pouco depois, enquanto veste a bata e se aproxima da mesa. – Trata-se daquilo que pensámos que era?

Nina assente:

– Sim. É mesmo uma cobertura de automóvel. Dos anos 70, talvez, e provavelmente pertencente àquele Cortina estacionado à entrada de casa.

Ficam ali de volta da bancada, a olhar para aquilo. Desta vez, nem é preciso luminol.

– Credo – murmura Nina, claramente impressionada. – Ele nem se deu ao trabalho de lhe dar uma mangueirada.

* * *

Botley Road, 19h00. Em Vine Lodge, os únicos sons provêm da cozinha. Vozes abafadas, risadinhas, o abrir e fechar do frigorífico.

No quarto da rapariga, o silêncio é total. Mas não se trata do silêncio do

sono.

Vicky está sentada na cama, os braços em volta dos joelhos, cabeça baixa, a baloiçar ligeiramente para trás e para a frente. Um barulho no corredor fá-la erguer a cabeça. Corre até à porta e tenta abri-la. Finalmente, ela abre-se, e a jovem fica ali por um breve momento, a respiração pesada, os punhos de tal modo cerrados que as veias azuladas surgem salientes nas costas das mãos.

* * *

Enviado: terça-feira 09/05/2017, 19h35

Importância: Alta

De: AlanChallowCSI@ThamesValley.police.uk

Para: DIAdamFawley@ThamesValley.police.uk

Assunto: Urgente – Frampton Road

Só para dizer que talvez haja uma maneira de testar a tua teoria acerca do diário. E o laboratório já tem o resultado daquelas outras análises que pediste. Não ficaram convencidos com um dos conjuntos, por isso testaram de novo. Mas não restam dúvidas.

Um dos quartos do andar de cima tem vestígios de mecónio no chão. Não precisas que te diga o que isso quer dizer, pois não?

* * *

– Que cheiro é este?

Gislingham volta-se e vê a mulher à porta da cozinha. Ele está em frente ao fogão, de avental, pano de cozinha ao ombro e uma espátula na mão. E parece estar a divertir-se imenso. Billy está à mesa, no topo da sua cadeirinha,

claramente mais interessado no que o pai está a cozinhar do que na mistela esmagada e pouco apetitosa que tem à frente.

– *Brunch* – revela ele. – Hoje entro mais tarde, por isso resolvi aproveitar cada minuto.

Janet Gislingham aproxima-se do fogão e fica a olhar para a frigideira.

– Salsichas?

Gislingham sorri-lhe:

– Um pequeno gesto de apreço por parte de um simples membro da plebe a quem fiz umas perguntas. Que, por acaso, é dono de um talho.

– Cuidado, as autoridades ainda te acusam de receberes subornos.

Gislingham levanta as mãos, falsamente aterrorizado, e assume o sotaque *cockney*:

– Apanhou-me com a mão na massa, senhor agente. Ou melhor, com as mãos nas salsichas.

– Desde que não as apreendam, tudo bem. Estão cá com um cheirinho... – brinca ela.

Gislingham solta uma risada bem-disposta e volta-se para a frigideira. Corta um pedaço de salsicha e dá a Janet a provar.

– Toma...

Janet hesita por uns segundos, mas aquilo cheira bem de mais.

Não resiste e retira o pedaço de salsicha da ponta do garfo.

– Chiça, está quente! – grita, abanando a mão em frente à boca.

– Fabulosas, não?

Ela assente.

– Onde as arranjaste?

– Em Cowley Road. Genuinamente inglesas, da velha guarda.

– Nem me lembro da última vez que fiz salsichas.

Gislingham não se lembra da última vez que a mulher cozinhou seja o que for, mas também não interessa. O importante é o sorriso dela.

– Tens gordura no queixo... – Limpa-lho com o dedo, larga a espátula e abraça carinhosamente a mulher. Billy solta uma gargalhada e Gislingham pisca-lhe o olho de forma cúmplice.

Vai correr bem. Vai tudo correr bem.

* * *

Quinn está no refeitório – a viver o sexto dia do seu pesadelo. Destila uma energia tão negativa que as pessoas evitam sentar-se ao lado dele, mesmo com o refeitório à pinha a esta hora. No caminho para St. Aldate, passou por Belford Street, onde Pippa disse que estava hospedada, mas ninguém lhe abriu a porta. E agora está a tentar ligar-lhe, mas... nada. Pousa o telemóvel com estrondo junto ao prato de ovos com *bacon* que permanece praticamente intocado. Ela já reconhece o número, por isso não atende. Vai ter de pedir a alguém que ligue, e neste momento só pode recorrer a uma pessoa.

Olha em volta, perscrutando cuidadosamente a sala. Onde raio estará Gislingham?

* * *

Pouco antes das 10h00, a Vicky e o diretor de Vine Lodge estão de volta à Sala de Entrevista Um. Eu e o Gow assistimos pelo vídeo na sala ao lado. Há pouco, quando chegaram, chamei o Wilcox à parte e ele confirmou-me que ela ainda não perguntou pelo filho.

O Gow lança uma olhadela furtiva aos papéis que tenho na mão.

– Foi um golpe de génio pedir ao Challow que analisasse o diário – comenta.

– Sim, pensei naquilo que me disse sobre haver algo que não batia certo. Foi um mero palpite.

– É isso que o torna tão bom naquilo que faz. Só que agora tem um novo problema em mãos, certo?

Volto-me para ele com expressão interrogativa.

– Sim – esclarece-me. – Porque agora vai ter de divulgar esses resultados à defesa do Harper.

– Eu sei – consinto, resignado. – E todos sabemos que uso lhe vão dar.

Batem à porta. A Everett.

– Podemos começar, Inspetor-Chefe?

* * *

Assim que Gislingham chega à sede, vai logo à procura de Quinn.

– Então, conseguimos os registos do telemóvel? – quer saber, apoiando-se na secretária do colega.

Algo que ele geralmente odeia. Mas lá está: quando o gato está na casota do cão, os ratos abusam.

Quinn abana a cabeça.

– O juiz disse precisamente aquilo que previste. – Está com pior aspeto do que estava ontem, se é que é possível. – E agora o Fawley quer que eu a traga cá para a acusar de perjúrio. Mas na morada que ela me deu não está ninguém. E não me atende o telemóvel.

– Provavelmente já reconhece o teu número... Deixa-me tentar.

Gislingham marca o número no seu telemóvel e aguarda.

– Nada – acaba por dizer. Até o seu lendário e eterno otimismo está a desvanecer-se.

Ou talvez não. Porque de repente, Quinn acaba de atender uma chamada e começa a fazer gestos desesperados ao colega.

– Tens a certeza? – diz ele, quase a arquejar. – Deu mesmo o nome dela? Pippa Walker? – Faz um gesto vitorioso com o punho. – Woods, meu caro,

acabaste de me salvar a pele.

* * *

– Obrigado por teres voltado, Vicky – digo-lhe, enquanto nos sentamos. – Tenho de novo a inspetora Everett aqui comigo, se não te importares. Para o caso de me escapar alguma coisa.

Ela sorri levemente e assente. Está outra vez a enrolar nervosamente a bainha da camisola.

– Quero começar por te agradecer, Vicky. Depois do que nos contaste sobre a outra rapariga, voltámos a revistar a casa. E finalmente encontrámos uma coisa. Uma cobertura de automóvel.

Ela ergue os olhos para mim. Move os lábios, mas não diz nada.

– Tinha sangue – prossigo. – E acreditamos que pertence àquela outra rapariga, a que desapareceu. Por isso achamos que tens razão. Ele realmente matou outra pessoa.

Ela fecha os olhos por um momento. E baixa a cabeça.

Olho para a Everett, que me incentiva a continuar fazendo um gesto de cabeça.

Respiro fundo.

– E temo dizer-te que não foi só isso que encontrámos, Vicky. No último andar da casa há três quartos vazios. Parecia que ninguém lá entrava há anos, ainda assim resolvemos analisá-los. E num deles, o mais pequeno que fica nas traseiras, descobrimos vestígios de uma substância muito invulgar. São indícios mínimos, mas não é possível remover completamente essas coisas, mesmo que se limpe tudo muito bem. Sobretudo com o tipo de equipamento que usamos hoje em dia. Queres saber que substância era essa?

Ela não está a reagir. Mas eu insisto.

– Chama-se *mecónio*. É aquilo que envolve os intestinos do bebé quando

ele ainda está no útero. É uma substância inconfundível, e está presente apenas por algumas horas após o nascimento. Por isso, só há uma explicação possível, Vicky: esteve um bebé recém-nascido naquele quarto. Na verdade, o mais provável é que tenha *nascido* lá.

Ela volta a olhar-me nos olhos, agora com expressão desafiadora.

– Porque não nos contaste?

– Porque vocês iam logo começar a acusar-me... como estão a fazer agora.

– Acusar-te de quê, Vicky?

– De não ter fugido, de não ter saído de lá.

– E porque não saíste? Porque não tentaste fugir?

– Ouça... – diz ela, com expressão desagradada. – Ele só me deixou sair da cave quando me rebentaram as águas. E nunca me deixou sozinha lá em cima. Nem uma única vez. Não tinha maneira de fugir. Era *impossível*.

A Everett ergue os olhos do *tablet*.

– Quanto tempo ficaste lá em cima, tens ideia?

– Umas horas, talvez. Foi de noite, estive sempre escuro lá fora... Ouçam, estão a acusar-me de alguma coisa? Aquele sacana violou-me, fez-me as coisas mais *horríveis* que possam imaginar e...

– Nós sabemos disso, Vicky – digo-lhe suavemente. – Ninguém te está a acusar.

– Então... porque estão a falar comigo como se fosse eu a criminosa?

– Ouve, Vicky, eu entendo. *Todos nós* entendemos. Estavas apenas a tentar sobreviver. E se isso te obrigou a teres de assumir algum tipo de acordo com o homem que te sequestrou, não há que ter vergonha.

– Não tenho *vergonha* – diz-me, olhando-me nos olhos, as palmas das mãos apoiadas na mesa que está entre nós. – Porque nunca fiz qualquer acordo com aquele velho nojento. Percebeu bem? – Agora está corada e afogueada.

– Certo – apresso-me a reagir. – Olha, vamos falar de outra coisa, OK? – Folheio os meus papéis: – Ontem, disseste-nos que o Dr. Harper te levava tigelas com comida, lembras-te?

Ela revira os olhos.

– Vamos ter de passar por isso tudo *outra vez*?

O Wilcox lança-me um olhar. Um olhar que diz: «Que raio está a fazer? Não vê que ela está perturbada?»

E está. Mas não pelas razões que ele pensa.

– Então, e o teu bebé, Vicky? O Dr. Harper também levava comida para ele? Para o teu menino?

Mesmo não querendo, reage à expressão *o teu menino*:

– Eu dei-lhe de mamar. Não queria, mas o velho obrigou-me. Soltava-me as mãos enquanto eu o amamentava e depois voltava a atá-las.

– Sim, estou a ver... Mas há outra coisa que me faz alguma confusão.

– O quê? – pergunta ela, recostando-se e cruzando os braços.

O Gow passa a vida a falar-me nas *nuances* da linguagem corporal, mas desta vez não preciso de ajuda para interpretar.

– Sabes aquele saco de lixo que estava na cave? Tinha restos de comida de bebé. Por isso, não era apenas amamentação, pois não?

Ela baixa os olhos para as unhas.

– Sim, ele dava comida ao miúdo. Mas só mais recentemente, quando ele já estava mais crescido.

– E sabes onde é que o Dr. Harper arranjava essa comida?

– Não é a *mim* que tem de perguntar – lança-me ela. – Eu não estava *lá* para ver, pois não? Pode ter sido em qualquer lado, há muitas lojas ali perto.

– Por acaso, não. Curiosamente, há muito poucas lojas naquele bairro. Sobretudo a uma distância a pé. O Dr. Harper deixou de poder conduzir há pelo menos um ano. E a artrite que tem não lhe permite andar muito. Há apenas duas lojas às quais ele podia ter ido a pé. E ontem à tarde, a Inspetora

Everett esteve lá e falou com os empregados.

– Sim – intervém a Everett. – E quando lhes mostrei a fotografia do Dr. Harper, reconheceram-no logo. Atenderam-no muitas vezes. Na maior parte delas, ele foi lá comprar cerveja, pelo que soube. Mas nenhum deles se lembra de lhe ter vendido artigos de bebé.

– Como deves calcular – prossigo –, seria no mínimo *estranho* um velhote comprar coisas de bebé. Certamente lembrar-se-iam, não é?

– Ah – apressa-se a Everett a completar, alinhando no meu jogo: – Mas ele também encomendava coisas do supermercado, certo, chefe? Quem sabe não terá sido daí?

Vicky olha para ela. E morde o isco.

– Ah, sim, já me lembro. Ele fazia isso.

Finjo que consulto os meus papéis:

– Pois é, tens razão... Parte do lixo que encontrámos na cave era realmente de coisas que o Dr. Harper encomendou ao supermercado. O problema é que nunca encomendou comida de bebé. Nós confirmámos. Aliás, a lista era feita pelo assistente social e tinha sempre os mesmos produtos.

Ela lança-me um olhar irritado.

– Ouça, eu estava *na cave*. Não faço ideia de onde é que ele arranjava a comida de bebé.

– Também tirámos as impressões digitais desses frasquinhos. Havia algumas tuas, Vicky, assim como outras, mas todas muito esbatidas. Mas *nenhuma* era do Dr. Harper. As tigelas que ele dava ao menino têm as impressões digitais dele, mas nos fraquinhos de papa... nada. Consegues explicar isto, Vicky?

Ela encolhe os ombros.

– Perguntem-lhe a ele, não a mim.

– Vamos perguntar, claro. Mas se queres saber, ele não está nada bem e...

– *Ótimo* – reage ela rapidamente. – Só espero que apodreça no inferno

pelo que me fez. Ouçam, já acabámos? Estou muito cansada e...

– Está quase, prometo. Mas, sabes... em tribunal vão fazer-te muitas perguntas deste género, por isso precisamos de saber o que vais dizer. Acerca do diário, por exemplo.

Ela franze a testa.

– O que tem?

– Pedi ao nosso perito forense que voltasse a analisá-lo. Ele descobriu algo que não tinha visto antes. Uma coisa que nem lhe passou pela cabeça verificar.

Ela mantém-se em silêncio, mas semicerra os olhos. Está nitidamente em alerta.

– Ele serviu-se de um equipamento especial chamado Aparelho de Detecção Eletroestática. É um método já antigo e muito pouco usado.

Tão antigo, aliás, que a máquina em questão passou os últimos 15 anos enfiada no fundo de uma estante. É a primeira vez que agradeço o facto – até agora extremamente irritante – de o Alan Challow nunca deitar nada fora.

– Mas essa máquina tem uma função extremamente útil – continuo. – Dá-nos uma ideia extremamente credível da pressão que foi aplicada no papel. Por outras palavras, a força com que o escritor agarrou na caneta. E se escreveu tudo corrido ou fez pausas enquanto escrevia. Ora, no teu diário, a pressão revelou-se estranhamente constante.

– Sim. E?

– Isso é muito estranho. Sobretudo em algo que foi escrito ao longo de dois anos. É praticamente impossível isso acontecer. Só acontece, aliás, se todas as páginas tiverem sido escritas de uma só vez.

O Wilcox move-se desconfortavelmente na cadeira. Nem imagino o que pode estar a pensar.

– A única folha diferente é a última. Onde dizes que a água está a escassear, quão desesperada estás para que alguém apareça...

Ela bate com as palmas das mãos na mesa, sobressaltando-nos a todos.

– Isso é porque eu achava que ia *morrer*! Não entende?

– Oh, sim, Vicky, claro que entendo.

O Wilcox olha de relance para ela, depois para mim.

– Talvez seja melhor fazermos uma pausa – aconselha ele. – Tudo isto é extremamente stressante.

– OK. Vou mandar trazer café e recomeçamos dentro de meia hora.

A Sala de Situação está à pinha. O próprio Gow está presente. Os únicos ausentes são o Gislingham e o Quinn. Dou por mim a perguntar-me que raio se passará com estes dois. É óbvio que o Gislingham já foi arrastado para isto. Seja lá o que *isto* for.

– Então, o Harper *deixou-a sair*? – exclama o Baxter, assim que nos vê entrar. – Mas... por que diabo não tentou ela fugir?

– Tinha acabado de dar à luz, Baxter.

– Sim, certo, mas isso não significa que estivesse completamente incapacitada, chefe. Certo? Não podia ter partido uma janela, gritado por alguém? *Alguma coisa* podia ter feito, não?

A Everett parece pensativa.

– O que é, Ev?

– Quando o Donald Walsh foi acusado, falou em ter ouvido qualquer coisa lá em cima. Até referiu que achou que era o gato de uma vizinha, um siamês. A minha tia teve um. Estão sempre a choramingar e os miados são inacreditavelmente parecidos com o choro de um bebé.

O Baxter está a olhar fixamente para a colega.

–Onde queres chegar?

A Everett responde com um encolher de ombros.

– Como é que podemos saber que ela esteve no quarto lá de cima apenas para o parto? Talvez a tenha deixado sair mais vezes? Talvez tenha sido *ela*

própria a ir comprar a comida de bebé?

Volto-me para o Gow:

– Acha isto viável? Falou na probabilidade de ter existido uma espécie de acordo entre eles os dois?

Não me responde logo; sempre gostou de pausas teatrais.

– Sim, é possível – acaba por dizer. – Até pode ter sido esse o acordo que ela fez com o Harper. Ele deixava-a sair da cave de vez em quando, em troca de algum tipo de concessão da parte dela.

– Tipo... sexo? – indaga a Everett.

– É o mais provável, sim. Mas um tipo de sexo diferente do das violações. Ela pode ter concordado em fingir um qualquer tipo de relação amorosa com ele. Familiar, mesmo. No diário dela há indícios disso.

– Continuo sem perceber porque é que ela não tentou fugir, se o Harper a deixava sair da cave – insiste o Baxter. – Sobretudo se a deixava ir à rua.

– Nestas situações – replica o Gow, olhando em volta da sala –, é relativamente comum o sequestrador separar a mãe do filho por breves períodos de tempo. Para enfraquecer o elo entre ambos. O Harper pode ter deixado a rapariga sair ocasionalmente, mas mantendo o filho fechado. A criança servia como refém, no fundo. Ela não tinha como escapar sem deixar o filho para trás.

O Baxter abana veementemente a cabeça.

– Não. Não compro essa de maneira nenhuma. Tenho a certeza de que ela largaria o filho sem pensar duas vezes, e *adeus passem bem*.

O Gow esboça um sorriso breve.

– Estou apenas a ampliar o leque das possibilidades, Inspetor Baxter. Nós, *profilers*, não somos máquinas de fazer salsichas, não podemos carregar num botão e esperar que saia a resposta. Cabe ao DIC determinar o que efetivamente *aconteceu*.

Há um toque na porta e entra um agente com um tabuleiro com cafés e

uma lata de Coca-Cola. Olha em volta da sala até me ver.

– A sua mulher acabou de chegar, senhor Inspetor. Diz que é urgente.

– A minha *mulher*?

A Alex nunca cá vem. E quando digo nunca, é mesmo *nunca*. Odeia isto. Diz que cheira a mentiras. A mentiras e a urinol.

O agente parece algo embaraçado:

– Sim, senhor Inspetor. Está na receção.

Encontro a minha mulher sentada numa das cadeiras cinzentas de plástico encostadas à parede. O menino está ao lado dela, de pé em cima da cadeira, a olhar pela janela. A Alex tem uma mão nas costas dele, com medo que ele caia.

Apresso-me a ir ter com ela.

– Não devias estar aqui – sussurro-lhe.

– Desculpa, sei que estás ocupado, mas...

– Não é isso. É que a Vicky está cá. Não é nada aconselhável que ela veja o miúdo.

A criança começa a bater na janela e a Alex agarra-lhe as mãos.

– O que se passa, Alex? Não podias ter telefonado?

– Acabei o livro de que te falei, *O Quarto de Jack*.

Ainda demoro uns segundos a recordar-me.

– Ah, sim. Mas... ouve, preciso mesmo de voltar. Contas-me tudo logo à noite, pode ser?

– Há uma parte, quase no final, depois de a rapariga ser libertada...

O rapazinho, filho dela, tem de se adaptar a um mundo que nunca viu antes.

– Não te estou a seguir.

– Tem de aprender imensas coisas novas. Coisas que nunca fez, já que passou a vida toda enfiado num quarto. Um quarto térreo. *Sem escadas*.

Olho para o rapazinho, que está de novo a bater na janela enquanto solta gritinhos de entusiasmo. Tento lembrar-me, tento vê-lo a...

– Ele não teve qualquer problema – diz-me ela, lendo-me os pensamentos.
– Vi-o fazê-lo várias vezes.

– E foi logo? Sem qualquer hesitação?

Ela assente.

– Não teve problema algum em subir escadas. Porque claramente *já o tinha feito*.

* * *

Quinn estaciona o Audi no quarteirão da antiga penitenciária, agora transformada num requintado hotel, com acesso por uma bonita calçada com bares e restaurantes. Há pessoas nas esplanadas a beber café, a conversar, a apanhar um pouco de sol.

– Pedimos à gerente da loja que a mantenha por lá até chegarmos – diz ele, desligando o carro.

– Tiveste imensa sorte por o Woods ter ouvido o agente a emitir o aviso de furto via rádio – observa Gislingham, algo ressentido, agora que o destino tratou de oferecer a Quinn o cartão *Você Está Livre da Prisão*.

Quinn encolhe os ombros.

– Ele sabia que eu andava à procura dela, por isso o nome ficou-lhe logo no ouvido.

– E trata-se definitivamente da mesma Pippa Walker?

– Tenho quase a certeza. A miúda tinha uma malinha com pompons, uma cena cara, de *designer*. Eu próprio vi essa mala.

– Mas que diabo é uma malinha de pompons? – murmura Gislingham, enquanto segue o colega em direção à *Carfax*.

Sempre teve bastante dificuldade em lidar com multidões, pessoas que

não veem por onde andam, criancinhas que aparecem a correr vindas de todos os ângulos, flausinas às compras, mandriões e vadiagem. A luxuosa loja de moda fica, como seria de esperar, na High. Na montra de vidro laminado, uma série de cubos cromados exibem joias, sapatos, carteiras e óculos de sol.

Quinn empurra a porta da loja e aponta para a montra.

– Ali tens.

– Ah, então isto é uma malinha de pompons. Quem havia de dizer...

A gerente já se encontra junto à porta, claramente à espera deles. Acaba rapidamente a conversa que estava a ter com um casal de velhotes americanos – sobre lenços de padrão leopardo.

– E então? – diz Quinn, olhando em volta. – Onde está ela?

– Consegui retê-la no nosso escritório. Estava a despertar as atenções, a falar um pouco... bom... alto.

Aposto que sim, pensa Gislingham.

– Leve-nos lá – pede Quinn, agora visivelmente nervoso.

Seguem-na até às traseiras da loja, uma zona escura e pejada de mercadoria – algo lúgubre, quando comparado ao espaço branco e luminoso do espaço das vendas. A gerente empurra com o pé um caixote com folhetos promocionais e abre a porta do escritório.

Mas não está lá ninguém. Apenas uma cadeira de plástico, uma mesa com um computador e prateleiras atafalhadas de papéis. Quinn volta-se para a mulher:

– Era suposto manterem-na aqui. *Onde raio está ela?*

A gerente ficou branca como a cal.

– É impossível ela ter saído pela frente, eu tê-la-ia visto. E a Chloe esteve toda a manhã aqui a gerir os *stocks*. Ou pelo menos era suposto ter estado.

Ouve-se o som de um autoclismo, e abre-se outra porta. Sai de lá uma mulher, que cora assim que os vê.

– Chloe! Não era suposto estares de olho na rapariga? – diz-lhe a gerente num tom brusco.

A rapariga leva uma mão ao estômago, parecendo indisposta.

– Ela não está aqui? Mas estava, nem há um minuto! A sério, não demorei mais do que um minuto. Aguentei o mais que consegui, mas quando estamos grávidas...não é fácil

Quinn reage, visivelmente chateado:

– Porra, ela deve ter-nos ouvido, caraças!

– Há mais alguma saída? – pergunta Gislingham.

A gerente aponta:

– Sim, a saída de emergência dá para o mercado, mas apenas nos servimos dela para os contentores e...

Mas os dois homens já desapareceram dali.

Quinn sai disparado pela porta das traseiras que dá para o mercado, verificando cada loja por onde passa: a de sanduíches, o *take away* tailandês, a padaria, a butique. De repente, aquele espaço parece pejado de raparigas de cabelo louro comprido. As mesmas vozes, as mesmas roupas, o mesmo cabelo louro e longo com madeixas caríssimas. Rostos que se voltam para ele, sobressaltadas, irritadas, divertidas.

Uma delas até lhe sorri. Até que, finalmente, se encontra com Gislingham, que vem na direção contrária. E ficam ambos por ali, à procura, a perscrutar todos os becos. A loja de molduras, a das empadas, a pastelaria. Os vasos de plantas à porta da florista, o *placard* com pósteres de concertos, de exposições de arte e de peças de teatro nos jardins da universidade. Avenidas que se estendem em todas as direções. É o mesmo que procurar uma agulha num palheiro.

– Não a vês?

– Não – responde Gislingham, os olhos fixos na multidão. – Sozinhos, não conseguimos cobrir isto tudo. Ela pode estar em qualquer lado.

Quinn está arquejante de cansaço e nervosismo.

– Se te quisesse esconder de alguém, para onde irias?

Gislingham encolhe os ombros.

– Um sítio com escadas para cima?

– Boa ideia. Como se chama aquela cafetaria...

– *Georgina's*. Mas sempre que cá venho nunca dou com ela e...

Mas Quinn já lhe voltou costas, seguindo apressado.

– *Por aqui!*

Vira a esquina para as traseiras e galga os degraus de madeira da cafetaria. Para lá em cima e quase esbarra com uma empregada que segura uma bandeja com cafés. Metade das pessoas presentes voltam-se para olhar para ele, mas nenhuma delas é Pippa Walker.

– Desculpem – murmura ele, e volta a descer, desta vez mais devagar.

Onda raio se meteu o Gis?

Toca o telemóvel.

– Encontrei-a – revela Gislingham, do lado de lá. – Market Street.

Despacha-te.

Assim que Quinn sai para a rua, percebe imediatamente para onde ela foi. E porquê.

– Está lá dentro?

Gislingham assente.

– Entrou há coisa de minutos. E só há esta saída. Basta-nos esperar.

– Que se lixe, vou entrar.

– Não podes, é a casa de banho das senhoras e...

Mas Quinn já está a abrir caminho pela fila de mulheres, exibindo-lhes o seu crachá.

– Polícia. Com licença. Deixem passar, por favor.

Indignadas, as mulheres abrem alas, murmurando impropérios, e Quinn desata a bater nas portas:

– Polícia. Abra.

Uma a uma, as portas vão abrindo: uma mulher asiática de lenço na cabeça e uma criança pela mão, o rosto para baixo, a evitar contacto visual. Segue-se uma velhota, que se move com dificuldade. Depois uma mulher robusta, de saia-casaco, que promete alto e bom som «apresentar queixa aos seus superiores!» Até que a única porta que se mantém fechada é a da ponta. Quinn volta a bater, desta vez com mais força.

– *Miss Walker* – chama. – Precisamos de falar consigo. Por favor, abra a porta ou teremos de a arrombar.

Sente o coração aos pulos, devido a toda a correria. Ou da adrenalina. É difícil perceber.

Após alguns segundos de silêncio, ouve-se o ruído do trinco a abrir.

* * *

Quando eu era miúdo, tinha um particular fascínio pelas gravuras de Escher – sabem, aquelas geométricas, a preto e branco.

Na altura, não havia *websites* glamorosos, tudo o que tínhamos era papel, mas eu adorava ilusões de ótica e, para mim, as de Escher eram as melhores. Tinha uma delas na parede do meu quarto, chamada *Dia e Noite* – de certeza que todos a reconhecem –, em que é impossível afirmar se são pássaros brancos à noite ou pássaros pretos de dia. Ora, é precisamente assim que me sinto quando empurro a porta da Sala de Situação. Não é aquilo para o qual olhamos que determina o que vemos, mas sim o ponto onde nos encontramos.

A equipa ergue os olhos para mim. Todos eles veem a minha cara. Ficam em silêncio.

E depois eu digo-lhes aquilo que a minha mulher me contou.

Há uma longa pausa, à medida que vão absorvendo a informação, e de repente estão todos a olhar para o Gow.

– É possível que o Harper também tenha deixado sair a criança – diz ele por fim, tirando os óculos e sacando um lenço. – Que a rapariga tenha negociado isso também.

– Mas? – Porque há claramente um *mas*. E dos grandes; consigo vê-lo na cara dele.

– Quando ela negou ter vergonha de ter feito qualquer tipo de acordo com o Harper, tudo na linguagem corporal me levou a crer que dizia a verdade. Por isso, seja lá o que for que a esteja a inquietar, não se trata disso. Então, pergunto eu, como é que se explica o facto de esta criança claramente *não ter* passado a vida toda aprisionada naquela cave? – Volta a pôr os óculos e olha diretamente para mim: – Pessoalmente, inclino-me para a explicação mais óbvia.

A navalha de Occam. A resposta mais simples está invariavelmente certa.

Sinto gerar-se uma onda de incredulidade, numa tentativa de tentarem perceber o que o Gow está a dizer.

Não é possível que ela... Ela não pode ter...

Mas eu acho que sim.

– Ela inventou tudo – digo. – O sequestro, o encarceramento... tudo. É tudo mentira.

Ouçoo-s a suster a respiração. O Gow consulta o relógio e levanta-se.

– Desculpem, vou dar uma palestra daqui a 35 minutos. Mas se precisarem de mim, liguem mais logo.

Quando a porta se fecha atrás dele, gera-se uma certa agitação. Subitamente, e depois de vários dias a andarmos às voltas, sentimos que tudo se precipita...

– Para mim, faz todo o sentido – diz o Baxter, enquanto cruza os braços, sentindo-se de algum modo desculpado. – Se *nunca estivemos presos*, não temos necessidade de escapar. A rapariga esteve o tempo todo acampada naquela casa. A viver em casa do Harper. A comer a comida do Harper. Não

admira que o desgraçado do velhote tenha emagrecido tanto.

A Somer vira-se para mim:

– O chefe acredita mesmo que ela viveu lá praticamente *três anos*? Quer dizer, ela andava à procura de um sítio barato onde ficar, mas isso é ridículo. E seja como for, *alguém* haveria de ter reparado, não?

Aponto para a fotografia.

– Olhe que não sei, repare. Há anos que ninguém ia ao andar de cima, a única vizinha era uma velhota que certamente já não ouvia grande coisa e a única pessoa que lá ia de visita não ficava mais do que 15 minutos, e nunca foi lá acima.

– Mas o Walsh foi – interrompe-me o Baxter. – Para roubar os *netsuke*.

– Exato – diz a Everett. – E quando lá ia, ouvia sempre um barulho estranho, que ele julgava ser o gato. Mas quase que aposto que se tratava do bebé da Vicky.

– Então, e o próprio Harper? – sugere um dos inspetores. – Os meus dois filhos, em bebés, deitavam a casa abaixo. O velhote deveria certamente ouvir *alguma coisa*, mesmo estando a ficar senil?

Faz-se silêncio. E é a Everett quem acaba por quebrá-lo:

– Lembram-se daqueles comprimidos para dormir que os peritos forenses encontraram lá em cima? E se a Vicky também deu por eles? Pode perfeitamente ter drogado o velhote para o manter sossegado.

– E não só a ele – acrescenta a Somer. – Ele não era o único que ela queria manter caladinho.

– Vou ligar ao Challow – declara o Baxter, num tom sombrio. – Pedir-lhe que testem as amostras recolhidas ao menino. Se foi isso que ela fez, eles conseguirão provar.

A Somer abana a cabeça.

– Até mesmo uma dose mínima seria perigosíssima para uma criança tão pequena. Ela podia matá-lo.

– E por aquilo que já percebi – diz a Everett, com um encolher de ombros –, não era algo que a preocupasse. *Não* existe o menor laço entre mãe e filho. Há muitos anos que lido com famílias disfuncionais, mas é a primeira vez que me deparo com uma *total inexistência* de relação entre mãe e filho.

– Mas aí é que está o problema – murmura a Somer, mais para si mesma. – Na criança. Não na relação entre eles. O facto de ele sequer existir...

O Baxter volta-se para ela, apercebendo-se finalmente da crua realidade.

– Se não houve sequestro, também não pode ter havido violação. E a única coisa que *realmente* sabemos é que o Harper é o pai daquela criança. Por isso, se ele não violou a jovem, então... em que é que ficamos?

Será que ela *quis mesmo* ter relações sexuais com ele? Isso é... nojento. Quer dizer, porque faria ela isso?

Desta vez, não é na navalha de Occam que penso. É no Gislingham. O Gislingham que ainda nem sequer cá está, diga-se de passagem. O Gislingham que sempre diz que se não é por amor, é por dinheiro.

Volto-me para o quadro. E é lá que encontro a resposta. Tem estado o tempo todo à frente dos nossos olhos – e desde o primeiro dia: o número 33 de Frampton Road. Que vale atualmente, e mesmo numa estimativa conservadora, qualquer coisa como 3 milhões de libras.

– Ela vai querer processar o Harper – digo. – Acusá-lo de sequestro e cárcere privado, exigindo uma indemnização. Aquela criança vai garantir-lhe uma boa parte de tudo o que o Harper tem. Não é vista por ela como um *filho*, afinal, mas como uma máquina de fazer dinheiro.

Olho em volta para a minha equipa. Curiosamente, as mulheres parecem aceitar melhor esta teoria do que os homens. Ainda que, lá atrás, a Somer esteja de testa franzida.

– Mas poderia uma miúda como ela *fazer* isso? – pergunta uma das agentes, voltando-se para a Everett. – Tu conseguias?

Ela encolhe os olhos, pragmática como sempre.

– É muito dinheiro que está em jogo. Ela pode ter pensado que meia dúzia de rapidinhas valeria bem o esforço, tendo em conta essa massa toda. Tipo: *fecha os olhos e pensa no teu príncipe encantado*.

O Baxter solta um assobio de admiração.

– Credo, coitado do velho...

– OK – intervém a Somer, num tom decidido. – Vamos lá recapitular: de uma forma ou de outra, a Vicky descobriu que o Harper vivia sozinho e que recebia apenas uma visita por semana, quando muito. Muda-se para lá e ocupa o andar de cima, tudo isto sem o velhote se aperceber. Consegue engravidar. Algo que, a acreditarmos no que diz o Harper, ele também não se apercebeu. Por fim, acusa-o de sequestro e violação, forja um diário sobre o seu cativo e tranca-se na cave.

Está toda a gente a olhar para ela.

– Só que, efetivamente, não foi ela própria que se trancou, certo? Aquela porta estava trancada *por fora*. – Olha em volta para os colegas: – Então, quem é que o fez?

Dirijo-me ao Baxter:

– Recolheram-se impressões digitais desse trinco?

Ele volta-se para o seu portátil, clica no relatório forense e faz um *scroll* descendente.

– Sim, mas só havia as do Quinn. De quando a resgataram.

Então, alguém o terá limpo.

– Em minha opinião – prossegue o Baxter –, só pode ter sido o Harper. Lembrem-se de que ele afirmou que tinha medo, porque ouvia barulhos lá em baixo. Um dia deve ter descido pé ante pé, apercebeu-se de que estava alguém naquela divisão e fechou o trinco. A Vicky viu-se apanhada no seu próprio esquema. O que, se pensarmos nisso, não deixa de ser irónico.

A Somer assente lentamente com a cabeça.

– Creio que isso é perfeitamente possível, mesmo ele não se lembrando de

o ter feito...

– A verdade é que ele não se *lembra* de quase nada – interrompe-a a Everett. O que não é nada típico dela. Vejo o mesmo pensamento na expressão da Somer, e a Everett cora levemente quando se apercebe.

– Quer se lembre ou não, é uma teoria mais do que plausível – digo eu. – Por isso, vamos ver se a conseguimos confirmar, OK? E para já, mandem a Vicky de volta para Vine Lodge. Preciso de pôr as ideias em ordem antes de falar com ela outra vez.

* * *

Enviado: quarta-feira 10/05/2017, 11h50

Importância: Alta

De: AlanChallowCSIl@ThamesValley.police.uk

Para: DIAdamFawley@ThamesValley.police.uk,
DIC@ThamesValley.police.uk

Assunto: Urgente – Frampton Road

Serve o presente para confirmar que o sangue, cabelo e partículas de massa encefálica encontradas na cobertura de automóvel pertencem inequivocamente a Hannah Gardiner. O autor do crime serviu-se da mesma claramente para impedir o derrame de fluidos corporais para o chão, o que justifica o facto de não termos determinado em nenhuma zona da casa um cenário preciso de homicídio. A vítima terá sido deixada inconsciente, sendo arrastada para o plástico antes do segundo golpe, este fatal. Há vestígios de arranhadelas que corroboram esta teoria. As únicas impressões digitais existentes na cobertura são as de William Harper, facto que, evidentemente, se justifica, uma vez que pertencia ao seu automóvel. Se alguém mais a

manuseou, terá usado luvas.

*Entrevista com Pippa Walker, realizada
nas instalações policiais de St. Aldate, Oxford
10 de maio de 2017, às 12h10
Conduzida pelo Inspetor-Coordenador G. Quinn
Também presente Inspetor C. Gislingham*

GQ: Para efeitos de gravação, esta entrevista foi concedida voluntariamente. A Miss Walker foi informada dos seus direitos, incluindo o que lhe permite a presença de um advogado, tendo-nos informado de que prescinde dele.

PW: Não preciso de ninguém. O culpado aqui é o Rob, não eu. Eu não fiz nada.

GQ: Mas isso não é bem verdade, pois não? A Miss Walker mentiu-nos. Uma mentira bastante grave, aliás. E temos como prová-lo.

PW: Não sei do que está a falar.

GQ: Há precisamente três dias, prestou um depoimento onde afirma que a Hannah Gardiner os apanhou, a si e ao Rob, na cama. E que isso deu origem a uma grave discussão.

PW: E daí?

GQ: Os nossos peritos forenses realizaram uma minuciosa análise ao apartamento de Crescent Square. Não há nada que indique que a Hannah Gardiner morreu lá. Rigorosamente nada. Porque mentiu?

PW: Eu não menti. Isso foi há *dois* anos. Ele já o remodelou duas vezes desde então.

GQ: Isso não faria a menor diferença. Os indícios manter-se-

iam sempre. Seria necessário recorrer a um tipo específico de desinfetante, e mesmo assim...

PW: Sim, mas ele é cientista, não é? Sabia perfeitamente o que fazer.

GQ: A questão aqui, *Miss Walker*, é que agora temos razões para acreditar que a Hannah morreu no número 33 de Frampton Road, onde o corpo dela foi encontrado. Temos indícios forenses que relacionam a morte dela a essa casa.

PW: [*silêncio*]

CG: O que tem a dizer?

PW: E o que tem isso que ver comigo? Nunca sequer lá pus os pés.

[*levantando-se*]

Já me posso ir embora?

GQ: Não. Por favor, sente-se, *Miss Walker*. Ainda não respondeu à minha pergunta: porque mentiu acerca do que se passou no apartamento?

PW: Eu *não* menti!

GQ: Uma testemunha afirmou-nos que a viu na noite de 23 de junho. Estava numa paragem de autocarro de Banbury Road, acompanhada de dois jovens. E, precisamente a essa hora, a Hannah e o Rob Gardiner estavam em casa, a desfrutar de um pacífico serão, sem qualquer altercação.

PW: [*silêncio*]

Eu... tive medo dele... Ele bateu-me...

CG: Está então a admitir que nada se passou no apartamento?

PW: [*silêncio*]

CG: Para a gravação, *Miss Walker*, houve ou não uma violenta discussão no número 81 de Crescent Square, tal como alegou

ter havido no depoimento que prestou no dia 7 de maio de 2017?

PW: [*silêncio*]

Não.

CG: A Hannah Gardiner chegou a casa nessa noite e encontrou-a na cama com o marido?

PW: Não.

GQ: Então mentiu. Pior ainda, tentou incriminar um homem inocente pelo assassinio da mulher.

PW: Ele não é *inocente*, é um sacana que...

GQ: Tem noção da gravidade de tudo isto? Do tipo de sarilhos em que se meteu?

PW: [*voltando-se para o IC Quinn*]

E o inspetor tem noção do tipo de problemas em que se meteu? Quando eu lhes contar o que fez, que me levou para o seu apartamento, fez sexo comigo...

GQ: Sabe perfeitamente que não foi isso que aconteceu.

PW: Será a sua palavra contra a minha.

CG: Creio que qualquer júri estará bastante mais inclinado a acreditar na palavra do Inspetor-Coordenador Quinn, não acha?

PW: [*saca do telemóvel e mostra uma fotografia ao IC Quinn*]

Isto são as minhas cuecas na sua cama. Em quem é que eles vão acreditar quando virem isto?

GQ: Tudo isto não passa de uma encenação sua! Deve tê-las posto lá quando eu saí e...

[*voltando-se para o Insp. Gislingham*]

Ela está a mentir! Tudo isto não...

PW: Quero um advogado. Tenho direito a um, não tenho?

CG: Sim, tal como lhe dissemos no início, tem.

PW: Então, quero um. Agora! E não digo mais nada enquanto ele não chegar.

CG: Pippa Walker, considere-se detida por suspeitas de perjúrio e tentativa de corromper o regular curso da justiça. Não tem de dizer nada, mas poderá prejudicar a sua defesa se optar por não responder, quando questionada, a algo que mais tarde venha a confiar a um tribunal. Tudo o que disser poderá ser apresentado como prova. Será de seguida conduzida a uma cela das nossas instalações, onde aguardará a chegada do seu representante legal. Ser-lhe-á igualmente pedido que entregue o seu telemóvel. Entrevista interrompida às 12h32.

* * *

– Continuo com algumas reservas em relação a isto, Inspetor.

Estou em Frampton Road, à entrada da cozinha, com a advogada do William Harper. A porta da rua está aberta, e consigo ver a médica dele a ajudá-lo a sair do carro-patrulha. Está todo encarquilhado, murcho, diria mesmo. Com olhos arregalados de pavor, fixa dois ou três transeuntes que pararam para observar a cena do outro lado da rua. Fomos nós que lhe fizemos isto. Tenho plena noção. Não tivemos intenção, claro, e foi por uma boa razão, mas a responsabilidade é toda nossa.

Foi a Erica Somer quem conduziu o carro-patrulha, e vejo-a agora a sair e dirigir-se para a porta de trás, juntando-se à Dra. Lynda Pearson para ampararem o pobre velhote no curto percurso até à porta de casa. Ele tropeça no degrau, e inclina-se para a frente com as mãos estendidas – como se já não confiasse nos seus olhos.

Volto-me para a advogada – que entende o que estamos a tentar provar com esta experiência, mas não o porquê de tanta pressa.

– Acredite que tudo isto é no melhor interesse do seu cliente, doutora. Lamento que tenha de ser assim, mas precisamos de evidências físicas. Espero que compreenda.

– Aquilo que eu *compreendo*, Inspetor – diz ela num tom azedo, enquanto a Somer e a Pearson ajudam o Harper a sentar-se numa das cadeiras da cozinha –, é que os senhores podiam ter obtido essas alegadas *evidências físicas* logo no início, poupando um idoso doente e fragilizado a um *stress* terrível e desnecessário, já para não falar no facto de o terem mantido preso. Saiba que tenciono apresentar uma queixa formal contra todo este absurdo.

Vejo a Somer olhar-me de relance, mas já decidi que não vou perder as estribeiras com esta mulher. Ela tem razão. Em parte, pelo menos.

– Está no seu pleno direito, claro – digo-lhe. – Mas sei que entenderá que, na altura, não tivemos alternativa senão deter o Dr. Harper. Caso contrário, seria considerado uma clara derrogação do nosso dever, dadas as evidências disponíveis na altura. E sejam quais forem os resultados desta experiência, ela será absolutamente irrelevante para o estado físico em que o seu cliente estaria há três anos, altura em que se deu o alegado sequestro.

Ela solta um suspiro resignado e tira o telemóvel do bolso do casaco.

– Vamos despachar o assunto de vez, sim?

Volto-me para o Baxter, que está ao meu lado com uma câmara de vídeo; a advogada não vai ser a única a filmar isto.

– Muito bem – digo. – Dr. Harper, está pronto?

Ele olha-me e levanta uma mão trémula para proteger o rosto, como se receasse ser agredido.

– Então, Bill? – diz a médica num tom suave. – Não há que ter medo. Este senhor é inspetor da polícia, não lhe vai fazer mal.

Os olhos húmidos do velhote prendem-se nos meus, sem qualquer sinal de me reconhecer.

A Dra. Pearson baixa-se à frente dele e põe-lhe a mão no braço.

– Vamos ter de ir lá abaixo à cave, só por um minuto.

Ele arregala os olhos, visivelmente em pânico:

– Não! Está... qualquer coisa lá em baixo...

– Está tudo bem, Bill. Já não há nada lá em baixo, prometo – sossega-o a médica. – E eu vou estar consigo o tempo todo, sim? Eu e esta simpática agente da polícia.

Endireita-se e olha de relance para a Somer, que esboça um sorriso compreensivo.

O Baxter dirige-se à porta que dá acesso à cave, destranca-a e entra, acendendo a lâmpada que ilumina as escadas. A Somer ajuda o Harper a levantar-se e, com o apoio da médica, conduzem-no lentamente até ao vão.

– Eu vou à frente – declara a Somer. – Mais vale jogar pelo seguro.

– Mas *ele* tem de descer sem ajuda – sussurro-lhe. – A ideia é mesmo essa.

– Eu sei, senhor Inspetor – diz ela, corando. – Eu só...

Falha-lhe a voz, mas eu sei o que quer dizer.

– Está a gravar – ouço a voz do Baxter atrás de mim.

– Vamos lá, Bill – diz docemente a médica. – Leve o tempo que quiser e, se precisar, apoie-se ao corrimão.

A coisa acaba por levar uns bons 20 minutos – e o Harper só consegue descer de costas, agarrado ao corrimão com ambas as mãos, a tremer e a balbuciar a cada passo. Quase escorrega uma ou duas vezes, mas acabamos por chegar todos lá abaixo, sob o cheiro a mofo e o brilho fraco e bruxuleante da lâmpada.

A advogada volta-se para mim:

– E então? O que é que isto prova, inspetor Fawley?

– Prova que o Dr. Harper é fisicamente capaz de aceder sozinho a esta cave, não obstante o facto de a artrite de que sofre ter claramente piorado nos últimos meses.

Capto o olhar do Baxter e sei logo o que ele está a pensar: o Harper veio cá abaixo e trancou a Vicky lá dentro sem se aperceber, por medo e confusão, condenando uma jovem mulher e uma criança a uma morte prolongada e dolorosa – que apenas uma feliz coincidência conseguiu evitar. Mas não tinha ideia do que estava a fazer. Provavelmente pensou que eram ratazanas. Nem sequer pode ser considerado homicídio na forma tentada, quanto mais assassinato.

– Já podemos levar o Bill para cima, Inspetor? – quer saber a médica. – Ele está claramente perturbado.

Assinto.

– Mas ele terá de subir sozinho, por favor.

– Só um minuto, Inspetor.

É a Somer que entretanto se tinha dirigido para o fundo da cave, parando em frente à porta interior. Olha para o trinco na parte superior da porta e tenta abri-lo.

Finalmente, volta-se para mim:

– Não consigo lá chegar. Teria de me pôr em cima de qualquer coisa.

Ao ouvir isto, a advogada junta-se a ela num ápice.

– Quanto mede, agente Somer?

– 1,68 m.

– Pois... e o meu cliente não terá certamente mais do que 1,70 m, isto completamente direito, e tem uma mobilidade *extremamente* limitada e as mãos completamente deformadas por artroses.

Deformadas será um termo algo histriónico, na minha opinião, mas entendo e respeito o facto de ela estar a querer marcar uma posição.

– Tens aí as fotografias da cena do crime? – pergunto ao Baxter.

– Nesta câmara, não. Mas tenho algumas no telemóvel.

– OK, deixa-me ver.

Ele procura as fotos da cave no telemóvel. O pequeno quarto interior, a

roupa de cama nojenta, o saco de lixo cheio de latas vazias, a sanita repugnante. E, por fim, o espaço onde nos encontramos. Móvel partida, caixotes de cartão, sacos de plástico pretos, uma velha banheira cheia de tralha. Nada que pareça suficientemente robusto para alguém se pôr em cima.

– Então, e aquele escadote? – sugiro. – Lembras-te, o que estava na estufa?

Ele abana a cabeça.

– Impossível. Estava completamente coberto de pó e teias de aranha. Já ninguém lhe mexia há muitos meses. E a Vicky não pode ter estado na cave mais do que três semanas, no máximo.

Ele tem razão. Claro que tem. Seria um milagre se a água e a comida que encontrámos tivesse durado sequer esse tempo todo.

– Podias trazer uma cadeira da cozinha? – pergunto-lhe.

Ele olha de relance para o Harper.

– Bom... *eu*, sim, chefe. Mas duvido que *ele* conseguisse, se é que me entende.

A advogada manifesta-se alto e bom som:

– Creio que não devemos expor o meu cliente a mais humilhações desnecessárias, com estas gravações. Presumindo que não se oponham, tenciono levá-lo de volta à residência de idosos, local a que as vossas ações o condenaram.

Ninguém tem coragem de dizer seja o que for, pelo que nos limitamos a ficar a ver a médica a ajudar o Harper a subir as escadas; depois, ouvimos os passos deles através do corredor e o bater da porta da rua.

– Estou constantemente a dizer a mim mesma que ele acabaria por ir para um lar de idosos, mais tarde ou mais cedo – comenta a Somer, mordendo o lábio. Como eu a percebo.

– Não tendo sido o Harper a trancá-la – recomeça o Baxter –, só me ocorre outra possibilidade: o Walsh. Sabemos que ele não violou a Vicky,

claro, mas pode perfeitamente ter-se apercebido de que ela estava aqui. Ele próprio admitiu ter ouvido barulhos lá em cima, certo? Disse que achou que era um gato, mas podia estar a mentir. E se ele percebeu aquilo que a Vicky estava a tramar e decidiu ver-se livre dela... definitivamente? Ter-se-ia safado disso, sem dúvida, afinal, só foi encontrado ADN do velhote e do menino. Tudo apontaria para o Harper.

– O que acha, agente Somer? – quero saber.

Ela tira um lenço do bolso e limpa as mãos sujas de pó.

– Bom, se o Walsh percebeu o que a Vicky estava a engendrar, seria um excelente motivo para se livrar dela. Dela e do filho. E ele próprio afirmou que ele e a irmã contavam receber o dinheiro do Harper, quando ele morresse. Não o estou a ver a querer partilhá-lo com uma fedelha indigente e vigarista. – Sorri para si mesma: – Que por acaso seria, sem dúvida alguma, a maneira como ele a despreveria.

– E acha que ele seria capaz de os trancar aqui? Sabendo de antemão o que isso poderia acarretar?

– Sim, Inspetor – diz ela, guardando o lenço. – Há qualquer coisa de gélido nele, de insensível mesmo. Até acho que não é por acaso que ele vive sozinho.

O Baxter está visivelmente encantado por ela concordar tão categoricamente com ele.

– E o Walsh é suficientemente insidioso para se lembrar de limpar o trinco logo a seguir.

Também não posso discordar disto.

– Seja como for – prossegue ele –, se não foi o Walsh, quem foi? Não *existe* mais ninguém. Mais ninguém tinha algo de remotamente parecido com um motivo. Muito menos oportunidade.

– OK – digo-lhe, com um suspiro resignado. – Vai a Vine Lodge e detém a Vicky por tentativa de fraude.

O Baxter assente.

– E o Walsh?

– Calma. Sabemos onde a Vicky foi encontrada e sabemos que não pode lá ter estado mais do que três semanas. Resta-nos descobrir onde estava o Walsh nessa altura.

* * *

– Por onde anda o Fawley?

Somer ergue os olhos da secretária, espantada por ouvir Quinn perguntar-lhe isto, tendo tanta gente a quem perguntar.

– Está reunido com o Diretor. E sei que se perguntou várias vezes por onde é que *tu* andavas.

Porque há dois dias que andas desaparecido em combate e estás com um aspeto miserável. Mas isto ela não diz, claro.

– Pois – diz Quinn, esfregando a nuca. – Tu sabes, é um caso lixado.

Woods, o agente de custódia, entra na sala e percorre-a com o olhar, procurando alguém. Ao ver Quinn, faz-lhe um gesto e o inspetor vai ter com ele. Somer fica a vê-los conferenciar, e depois apercebe-se de que Quinn vai rapidamente ter com Gislingham. Pelas caras deles, dá para perceber que algo se passa. Dá por ela a pensar: *seja lá em que porcaria tu te meteste, espero que não arrastes o Gislingham contigo.* Ela gosta de *Gislingham*, e ele não merece pagar pelos erros de Quinn.

Erica levanta-se e dirige-se na direção deles, fingindo procurar qualquer coisa na secretária ao lado. Embora falem baixo, consegue ouvir o que dizem.

– Ela deve ter *alguma* identificação – diz Gislingham. – Cartão de crédito? Passaporte? Carta de condução, certamente. Sabemos que ela conduz.

– O Woods diz que não – garante Quinn. – E ele certamente saberá.

Gislingham volta-se para o seu computador:

– OK, vamos verificar na base de dados das cartas de condução.

Tecla qualquer coisa e fica a olhar para o ecrã, roendo a ponta do lápis.

Franze a testa e tenta outra abordagem.

Finalmente, ergue os olhos para Quinn.

– Porra.

* * *

Depois de ter posto o Harrison a par de tudo, regresso à Sala de Situação.

Encontro-a fervilhante de atividade, com o Baxter a escrever no quadro branco.

DONALD WALSH

VICKY NEALE

HANNAH GARDINER

Motivo

**Dinheiro - bens do
Harper, sexual?**

Motivo

Predador sexual???

Meios

**Robustez suficiente
para cometer crime /
chega ao trinco**

Meios

Acesso a:

**• Cobertura do carro, etc.
• Possíveis armas de crime**

**Robustez suficiente para mover
corpo / Tropa facilmente para
sótão sem ajuda**

Oportunidade

***Visita conhecida da casa
Com acesso à cave***

Oportunidade

***Visita conhecida da casa Com
acesso ao sótão/barracão
Pode ter conhecido Hannah na rua***

Álibi??

Álibi??

– Conseguiram saber o paradeiro dele nas três semanas em questão? –
ouço o Baxter perguntar.

– Estamos a ver as imagens de videovigilância, bem como as do trânsito
no percurso entre Frampton Road e Banbury – diz um dos inspetores mais
novos. – Mas é um trabalho gigantesco, vai levar tempo.

– E no dia 24 de junho de 2015?

– Estou à espera de mais informação – responde a Somer, da secretária
dela.

Os registos da escola colocam-no no interior do recinto a partir das 10h30
dessa manhã, o que tornaria virtualmente impossível ele ir a Wittenham e
voltar. Cheguei a pedir-lhes que verificassem se ele meteu um dia de baixa,
mas quando começámos a focar-nos no Gardiner, deixei essa questão de lado.
Peço desculpa.

– Mas o DIC de Banbury está de olho nele, certo?

– Sim, estão a acompanhar o caso. Sabem que iremos lá assim que
tivermos indícios suficientes para o trazer até aqui.

O Baxter volta-se para a frente e vê-me.

– Tudo bem, chefe?

– O que estão a fazer?

– A verificar o álibi do Walsh no caso Vicky, tal como pediu.

– Sim, pedi que verificassem o álibi dele no caso Vicky. Não referi o caso
Hannah.

A Somer troca um breve olhar com o Baxter, antes de se dirigir a mim.

– Pareceu-me o passo seguinte mais lógico, Inspetor-Chefe. Se o Harper não conseguia trepar para uma cadeira para abrir o trinco da cave, também é impossível que tenha carregado a cobertura do carro até ao sótão, nem mesmo há dois anos. O senhor inspetor é 30 anos mais novo e viu-se aflito, e tivemos de lhe segurar o escadote. – Cora ligeiramente.

– E tal como eu disse – intervém o Baxter –, não existe mais ninguém. O Walsh é a única pessoa com os meios e a oportunidade.

Dirijo-me calmamente para o quadro e leio o que o Baxter escreveu por baixo de *Motivo*. Ele continua a tentar convencer-me:

– Já falámos nisto antes, chefe. Na hipótese de o Walsh se ter servido daquela casa para atrair mulheres. Há que ter em conta aquelas revistas pornográficas todas, certo? Ainda ninguém conseguiu explicar esse facto.

– Ele tem razão, chefe – concorda a Everett. – Se não foi o Harper, só pode ter sido o Walsh.

– O homicídio da Hannah pode bem ter tido motivações sexuais, senhor Inspetor – insiste a Somer. – Não temos como saber quanto tempo ela esteve na casa. Ele pode tê-la mantido lá durante vários dias. E ela *estava* nua e amarrada.

Volto-me para olhar para eles:

– E durante esse tempo todo, a Vicky estava no quarto lá de cima, completamente alheia a tudo?

Parte de mim quer acreditar nisto, mas seria tudo uma coincidência tão espantosa que acho que nem num filme.

Estão todos a olhar uns para os outros, sem saberem muito bem onde tudo isto pode levar.

– Ouçam – digo, por fim –, eu até compro essa de ter sido o Walsh a trancar a Vicky. Faz sentido. E do ponto de vista dele, é o crime perfeito: sem sangue, sem contacto, sem sequer ter de olhar para as vítimas. Só fechar o

trinco e virar costas, sem a mais remota hipótese de vir a ser apanhado. Mas a Hannah... não. Isso é diferente. É brutal e deixa muita sujeira. Já para não dizer que é incrivelmente arriscado.

– Onde quer chegar, então?

Volto-me novamente para o quadro. Os mapas, a fita de tempo, as fotos. Há uma imagem que tenta teimosamente formar-se na minha mente.

– Acho que este crime foi premeditado – digo calmamente. – Planeado até o mais ínfimo pormenor por alguém que a Hannah conhecia. Alguém que a atraiu a um local previamente preparado, com tudo o necessário para se safar de homicídio. A arma, a fita adesiva, o cobertor, a cobertura do carro. Alguém que chegou mesmo a arquitetar onde haveria de esconder a cobertura depois do serviço feito. Por outras palavras, alguém que não só a queria morta, como também *conhecia aquela casa*.

A Somer fica subitamente pálida:

– Mas... Para alguém fazer uma coisa dessas teria de ser...

– Psicopata? Tem razão. Creio que a pessoa que matou a Hannah Gardiner é psicopata.

– Chefe?

É o Quinn. Está à porta. Com o Gislingham.

– Olha, olha, que simpático da vossa parte terem aparecido... – Sim, soou assim tão sarcástico. – Tencionam finalmente chegar-se à frente e contar-nos o que raio se tem passado nestes últimos dias?

O Quinn está claramente envergonhado.

– A responsabilidade é toda minha, chefe. O Gis só tem tentado ajudar-me. Podemos falar em privado?

– Espero *bem* que isto seja bom.

E é. Ainda que não para o Quinn.

Meia hora depois, todos os presentes na sala interrompem o que estão a fazer ao verem-nos regressar.

Volto-me para o Quinn:

– Inspetor-Coordenador...

Vejo-o engolir em seco. Acabou de passar pela maior trapalhada da sua vida, e a merda em que está metido ainda não acabou. Nem de perto nem de longe.

– Bom... Trouxemos a Pippa Walker cá há cerca de duas horas, acusada de perturbação do exercício da justiça. Mas quando o agente de custódia a prendeu, ela não tinha qualquer identificação. Disse que não tinha documentos. O que, obviamente, só podia ser treta, por isso tentámos localizá-la através dos registos de carta de condução. Só que... – inspira profundamente – não existe nenhuma Pippa Walker com a sua data de nascimento.

– Procuraram sob o nome *Philippa*? – pergunta a Everett.

Quinn abana a cabeça.

– Ninguém com esse nome. Pesquisámos por todos os nomes cujo diminutivo pudesse ser remotamente parecido com Pippa: Penelope, Patricia... nada.

Um dos inspetores mais jovens ergue os olhos do telemóvel, esboçando um sorriso maldoso:

– Diz aqui que *Pippa* quer dizer *mamada* em italiano. – E dirigindo-se propositadamente ao Quinn: – Achas que poderá ser relevante?

Ouvem-se fungadelas de riso contido e o Gislingham baixa os olhos para disfarçar um sorriso. O Quinn está vermelho que nem um pimento, como nunca o vi, aliás. Vejo a Somer a olhar para ele, do fundo da sala, num misto de escárnio e preocupação. Espero que ganhe o escárnio; ele não a merece. E, desta vez, o Quinn fez a cama onde se deitou. *Literalmente* falando.

– Nenhuma conta bancária? – quer saber alguém lá atrás, enquanto o

burburinho se vai esbatendo.

– Também já investigámos e nada – responde o Quinn, ainda escarlate.

– Contrato de telemóvel?

O Gislingham abana a cabeça.

– Não, ela tem um cartão recarregável.

– Quer dizer que usa um nome falso? – interroga a Everett, claramente confusa. – Por que raio precisará de o fazer?

E subitamente, sei o que tenho de fazer. Levanto-me e tiro o casaco das costas da cadeira.

– Onde vai? – pergunta-me o Gislingham, ao ver-me sair.

– Descobrir a resposta a essa pergunta.

* * *

– Atenção, próxima pergunta: o que têm em comum Mary Ann Nichols, Elizabeth Stride, Catherine Eddowes e Mary Jane Kelly?

Ouve-se um burburinho excitado geral na sala e dois ou três gritos divertidos: «Jack, o Estripador!»

Bryan Gow está na sua mesa, junto à lareira, e escreve numa folha a resposta da sua equipa. As noites de *quiz* são uma das suas perdições, assim como ver e fotografar comboios e as equações quadráticas. E vocês devem achar que eu estou a gozar. Os outros elementos desta equipa em particular são um ex-técnico de laboratório e um professor reformado de patologia forense. Autointitulam-se *Mentes Criminosas* – algo que até achei ter bastante graça, até a Alex observar, de forma algo azeda, que a série tinha chegado primeiro.

Este bar – que Gow frequenta religiosamente todas as quartas-feiras – foi outrora frequentado pelos estivadores que descarregavam carvão do cais, mas nos últimos dois anos transformou-se num sítio mais glamoroso, com cozinha

chique. Lareiras eternamente acesas no inverno, paredes em tons cinzentos e azul-petróleo, chão em mosaicos pretos e brancos cuidadosamente restaurados. A Alex adora o espaço, e a cerveja continua excelente. Faço um gesto ao Gow, perguntando se quer mais uma. Ele assente, e quando a ronda de perguntas termina e as folhas começam a ser recolhidas, levanta-se, contorna as mesas e vem ter comigo.

– Que fiz eu para merecer isto? – observa amargamente, pegando na caneca de cerveja.

– Fala-me um pouco de psicopatas. Sociopatas e psicopatas.

Ele olha-me de sobrolho erguido, como que a dizer «Ah, é nesse ponto que estás?», e lambe a espuma do lábio superior antes de responder:

– Bom, certos sinais exteriores são impressionantemente semelhantes.

Ambos os tipos são narcisistas e manipuladores, tendem a mentir, são incapazes de assumir responsabilidade pelos seus atos e praticamente não têm empatia. Tudo o que lhes interessa, tudo o que registam, aliás, são as suas próprias necessidades.

– E como é que os conseguimos distinguir?

– Os psicopatas são muito mais organizados e pacientes. Os sociopatas tendem a agir por impulso, o que significa que cometem erros, o que leva a que pessoas como tu os apanhem. E no caso deles, há sempre alguma experiência traumática associada, de infância sobretudo. Abuso, violência, negligência... enfim, os suspeitos do costume.

– E os psicopatas?

Ele franze a testa:

– Os psicopatas nascem assim. Não se tornam. – Observa-me mais atentamente: – Ajudou?

Assinto.

– Sim. Acho que sim.

Pega na caneca e faz menção de se levantar, mas eu detenho-o.

– Só mais uma coisa.

– Não te tinha como fã do *Columbo*, Fawley – diz-me com um sorriso breve.

Mas quando ouve a minha pergunta, a expressão torna-se sombria.

* * *

Quando abre a porta da rua e me vê, entra logo em modo agressivo:

– O que quer? – pergunta-me, sem se dar ao trabalho de esconder a hostilidade. – Veio pedir-me desculpa, espero?

– Posso entrar? É importante.

Hesita, mas acaba por assentir. O Toby está a dormir no sofá em frente aos desenhos animados, com um cãozinho de brincar encostado ao peito.

O Gardiner desliga a televisão

– Deixe-me só ir deitar o Toby, já venho ter consigo.

O apartamento está na mesma, quando comparado com a primeira vez que cá estive. Cheira a cozinhados, e ele deve ter dado uma limpeza geral à casa, já que não há o menor vestígio de cá ter estado a equipa de polícia científica. A única desarrumação é a típica de um menino feliz e brincalhão. Vê-se que o Gardiner está a fazer tudo o que lhe é possível para que a vida do filho volte rapidamente ao normal. Tal como eu faria se estivesse no lugar dele.

Regressa e senta-se no sofá.

– E então?

– Vim para lhe dizer que lamento, sim. Por aquilo que tem passado nestes últimos dias. Ninguém merece.

Ele dedica-me um olhar amargo.

– E de quem é a culpa disso?

– Lamento. Mas não tínhamos alternativa. Tivemos de eliminar todas as

possibilidades. Seguir todos os indícios.

– Sim, está certo, mas a questão não é essa, pois não? Vocês não tinham *indícios* contra mim. Apenas um chorrilho de mentiras mal-intencionadas.

– Essa é outra razão pela qual aqui estou. Quero falar consigo sobre a Pippa Walker.

– O que tem? – diz, visivelmente tenso.

– O depoimento que ela prestou... Sabemos que foi inventado.

– Pode crer que foi, fod... – A voz subiu-lhe de tom, mas corrige-se: – Porra.

Chego-me ligeiramente à frente na cadeira.

– Mas será que foi *tudo* inventado? Acredito em si quando afirma que não houve qualquer discussão naquela noite, mas será que vocês andavam *mesmo* a dormir juntos antes de a sua mulher morrer? Ouça, isto não é uma armadilha. Por isso é que estou a conversar consigo aqui, e não nas nossas instalações. Agora sabemos que ela lhe enviou uma série de SMS cerca de uma semana antes de a Hannah desaparecer. Mensagens explícitas. Certamente saberá do que estou a falar.

Ele passa a mão pelo cabelo, depois respira fundo e olha para mim.

– OK, se tem mesmo de saber, fomos para a cama uma vez. Aquilo que eu disse de fazermos coisas de que nos arrependemos quando estamos lixados ou deprimidos? Pois, foi isso. Ela já andava a mostrar claramente que estava interessada, até que, uma noite, a Hannah não estava em casa e eu bebi de mais e... simplesmente aconteceu.

– E isso foi pouco antes de a sua mulher desaparecer?

– Cerca de 15 dias antes. A Hannah estava em Nuneaton, a pesquisar sobre outros empreendimentos do Malcolm Jarvis.

– E foi depois disso que a Pippa começou a mandar-lhe mensagens?

Rob tem os olhos tristes:

– Não me deixava em paz, parecia achar que *tínhamos* algo de especial,

algum tipo de futuro juntos. Pensava que eu a amava. Foi de loucos. Eu apagava todas as mensagens dela, *nunca* respondi a uma que fosse...

– Eu entendo – digo-lhe.

– Até que lhe disse que começasse a procurar outro emprego, que assim não dava.

– E como é que ela reagiu?

– Pareceu-me bastante madura, se quer que lhe diga. Esteve uns tempos sossegada, chegou a dizer-me que tinha interpretado mal as coisas, mas que podíamos continuar como se nada se tivesse passado. Só que, alguns dias depois, percebi que as coisas não iam mesmo resultar, por isso pedi-lhe que procurasse outro emprego.

– E ela?

– Reagiu bem, disse-me que não me preocupasse e que ia começar a procurar.

– E como é que explicou a situação à Hannah?

– Disse-lhe apenas que talvez fosse altura de mudarmos as coisas, algo no género. E ela concordou imediatamente.

– E quando é que tudo isso se passou, exatamente?

– Poucos dias antes de a Hannah desaparecer. Creio que tive essa conversa com a Pippa na sexta anterior.

E é aqui que começam a soar campainhas na minha cabeça.

– E por que razão não nos contou nada disto antes, Sr. Gardiner?

Ele parece exasperado.

– Porque achei que iria acabar por sobrar para mim. E foi o que aconteceu, não? A partir do momento em que vocês acharam que eu andava a dormir com a Pippa, somaram dois mais dois e pensaram logo que eu tinha assassinado a minha mulher.

– Mesmo assim, devia ter-nos contado – digo-lhe gentilmente. – Teria sido melhor para si a longo prazo. E para nós também.

– Peço desculpa – diz-me, num tom sincero. Inclina-se para a frente e abraça os joelhos. – Eu sei. E lamento.

Ficamos em silêncio por um momento.

– Sabe se a Pippa conhecia alguém em Frampton Road?

Ele abana a cabeça.

– Nunca me falou de ninguém de lá.

– Então, não vê nenhuma razão para ela ter ido ao número 33?

Ele estranha, franzindo a testa.

– Não. E tenho quase a certeza de que não foi, porque quando deu nas notícias aquele caso da rapariga sequestrada na cave, ela até me perguntou qual era a casa. Porquê essa pergunta?

Estou a pensar na melhor maneira de lhe contar. Mas a verdade é que ele é cientista, além de pai e viúvo. Saberá certamente digerir a notícia.

– Nunca lhe passou pela cabeça que a Pippa pudesse estar envolvida no desaparecimento da Hannah?

Ele olha-me fixamente.

– *A Pippa?*

– Nunca lhe ocorreu?

Parece-me genuinamente chocado.

– Claro que não. Pensa que eu a teria deixado viver aqui, cuidar do Toby, se achasse que ela tinha matado a minha *mulher*? Tal como lhe disse, quando a Hannah desapareceu, eu fiquei feito num oito. Precisava de alguém que me ajudasse. E ela era ótima nisso, o Toby adorava-a e... – Falha-lhe a voz e engole em seco. – É verdade que a dada altura se tornou um pouco... intensa, mas tudo não passava de uma paixoneta. Achei que haveria de lhe passar. Sabe como as coisas são nestas idades, num minuto é o fim do mundo e no seguinte já nem se lembram do que aconteceu. Ela era apenas uma adolescente, por amor de Deus, não uma psicopata.

* * *

– Só que ele estava enganado.

Olho em volta da sala. Se eles se perguntaram onde fui e fazer o quê, agora já sabem.

– Creio que é precisamente isso que ela é. Creio que a Pippa Walker matou a Hannah. E intencionalmente.

Mas pelas expressões deles, vejo que não estão lá muito convencidos – ainda não. E eu até os percebo – ela é atraente, agradavelmente classe média e tem apenas 22 anos, isto agora: seria mesmo capaz da carnificina que tudo indica ter acontecido naquela casa há dois anos? Portanto, digo-lhes o que o Gow me contou. Que os psicopatas nascem assim, não se tornam. E como a experiência lhe ensinou que a fêmea dessa espécie é ainda mais narcisista do que o macho, ainda mais egoísta, ainda mais vingativa quando se chateia.

– O Gow usou mesmo a frase *não há no inferno fúria maior...*

– E aposto que também disse de onde vem essa citação... – resmunga o Gislingham.

– A questão é que quem tem esse tipo de personalidade pensa que tudo gira em torno de si próprio. Os outros são meros obstáculos a serem eliminados. Se ela meteu na cabeça que queria o Gardiner, uma coisa sem importância como o facto de ele ser casado, não haveria de a impedir.

Lembro-me de uma cena que vi numa série policial antiga, *Waking the Dead*, uma das poucas a que assisti com gosto. Aquilo que me ficou na cabeça foi o que a *profiler* disse sobre as razões que levam alguém a tornar-se um assassino. Ela disse que os homens matam por raiva ou por dinheiro, ou algo semelhante. Mas as mulheres são diferentes. As mulheres matam porque alguém se meter no caminho delas.

– E ela conseguiu o que queria, certo? – diz a Everett, com expressão sombria. – Acabou por ir viver com ele. E se não tivesse metido a pata na

poça quanto à gravidez, o Gardiner até podia vir a casar com ela.

– Mas... será que uma miúda como ela teria força suficiente para esmagar um crânio? – pergunta o Baxter, eternamente pragmático.

– Aquela, sim – diz o Quinn, com uma careta. Parece que o seu velho eu está a querer regressar. – E lembrem-se de que a Hannah foi agredida por trás. Pode não ter sido necessária assim tanta força.

– E quanto a arrastar o corpo até ao barracão? Teria a Pippa força para isso?

– Acho que sim – insiste o Quinn. – A Hannah não era assim tão pesada. E a Pippa, para além de nova, está bastante em forma...

Vejo um dos inspetores esboçar a expressão «tu lá sabes», nas costas dele.

– ... e acredito que conseguiria, se tivesse tempo para isso.

– E depois disso – sugere o Gislingham –, as coisas desenvolveram-se tal como nós previmos. A Pippa pode perfeitamente ter ido de carro até Wittenham, tê-lo deixado lá e regressado de autocarro. E não se terá ralado muito em relação ao miúdo, se a ideia dela era ficar com o Gardiner só para ela. Lembram-se de eu ter dito que só um psicopata faria uma coisa dessas a uma criança? Pelos vistos, tinha razão.

– E encontraram ADN dela no automóvel – reforça a Everett. – Só que não nos despertou a atenção porque sabíamos que era frequente ela andar nele.

– Quer dizer que a jovem que tantas pessoas afirmaram ter visto com o carrinho de bebé era a Pippa? – interroga a Somer. – A cor do cabelo é que não bate certo, ainda assim. A Pippa é loira, já a Hannah era morena.

O Gislingham encolhe os ombros.

– Hoje em dia, não é difícil arranjar uma cabeleira. Sobretudo se ela planeou tudo com relativa antecendência, como o chefe diz.

– Esperem lá – intervém o Baxter. – Antes que fiquemos todos demasiado entusiasmados. O homicídio ocorreu em Frampton Road, certo?

Ora, nós sabemos que o Walsh tinha acesso a essa casa basicamente sempre queria, mas e a Pippa? Como raio é que ela lá entrou?

Toda a gente precisa de um advogado do diabo, e o Baxter sempre foi algo mefistofélico, na minha opinião.

– Se queres saber – replica o Quinn –, acho que não seria assim tão complicado. Dá perfeitamente para perceber o estado de uma casa, mesmo vista de fora. Ela pode ter andado por lá a bisbilhotar, descobriu que havia janelas sem vidros, um trinco avariado...

– Sem o Harper se aperceber?

– Ele já andava a ficar confuso, bebia, tomava comprimidos para dormir... Na maior parte das vezes, creio que estava mais para lá do que para cá.

– OK – diz a Everett. – Vamos supor que foi isso que aconteceu. Para simplificar. Pergunta seguinte: como é que a Pippa atraiu a *Hannah* para lá?

– Essa é fácil! – exclama o Gislingham. – Nessa manhã, esperou por ela em Frampton Road. Sabia que a Hannah costumava estacionar por ali e bastou-lhe aguardar. E sabia perfeitamente que ela ia para Wittenham, aliás, ela era a única pessoa que *realmente* sabia isso. Esperou que a Hannah aparecesse e atraiu-a para algum lado. Sei lá, dizendo que precisava de ajuda com um gato ferido ou coisa assim. E assim que conseguiu levá-la para um local isolado...

– OK, parece-me plausível – interrompe o Baxter. – Mas nada disso *prova* que ela esteve naquela casa, pois não? É tudo circunstancial, e o ministério público vai querer muito mais do que isso. E se não conseguirmos detê-la pelo homicídio, qualquer advogado que a defesa vai conseguir que o juiz conceda uma caução pela outra acusação, e será a última vez que lhe pomos a vista em cima.

Faz-se silêncio. As fotografias estão todas a olhar para nós. A Hannah. A Pippa. O Toby. O Toby que nunca conseguiu contar-nos nada sobre o homem

mau que fez mal à amã porque nunca existiu um homem mau. Apenas a sua ama querida que o levou a dar um passeio de carro. Já devo ter olhado para estas fotos mais de cem vezes. Só que agora, e pela primeira vez, há qualquer coisa que me está a incomodar. Qualquer coisa com a Pippa.

Volto-me para o Baxter.

– Esta foto tirada no carnaval de Cowley Road... Temos a imagem digital, certo?

– Sim, chefe – replica ele. – Tenho-a aqui.

Vai à secretária dele e abre o portátil. Aproximo-me e debruço-me sobre o ecrã, aguardando que ele abra a fotografia. Até que aponto:

– Este colar. Consegues fazer aproximar a imagem?

Gera-se um certo burburinho na sala, e os agentes e inspetores vão-se juntando à nossa volta. Percebem logo que eu topei algo de importante. E quando o Baxter amplia a imagem e ela se foca, ficam a saber o quê.

Um fio de prata comprido, com um pendente em forma de concha, minuciosamente talhada. Pequena e linda e valiosíssima.

O *netsuke* em falta.

A adrenalina da descoberta, perceber que as peças do *puzzle* subitamente começam a encaixar, gera uma onda de surpresa e inquietação. Em poucos segundos, há apenas uma única pessoa que não está de volta do ecrã. A Somer. Está em frente ao quadro, a olhar atentamente para o que o Baxter escreveu.

Levanto-me e vou ter com ela.

– O que lhe vai na cabeça? – pergunto.

– Lembrei-me do que o chefe disse sobre o Walsh, que ele jamais conseguiria matar a Hannah naquela casa sem que a Vicky soubesse.

Aguardo.

– E?

– Não se aplicará o mesmo em relação à Pippa? Entendo que ela tenha

preparado tudo com extremo cuidado e cautela, mas por mais organizada que fosse, a Vicky teria certamente ouvido *qualquer coisa*, não é? E seria virtualmente *impossível* a Pippa conseguir levar a cobertura do carro até ao sótão sem que a Vicky desse por isso, muito menos estando ela *acampada* no andar de cima.

Volto-me para a equipa e elevo a voz:

– Malta, atenção. Silêncio... Precisam todos de ouvir isto. Vamos, agente Somer, repita o que me disse.

E ela assim faz. Sem conseguir evitar corar, claro.

– E então? – indaga finalmente o Quinn. – Qual é a tua teoria? Que a Vicky ouviu um barulho, veio cá abaixo e deparou-se com um banho de sangue?

– Nem mais – responde ela. – Só que não pode ir à polícia sem se denunciar, a ela e ao esquema que tramou. Depois de tudo por que passou para conseguir aquele dinheiro, ainda se arriscava a perder tudo.

O Quinn franze a testa, mas numa expressão mais pensativa do que depreciativa.

– Queres dizer que elas apagaram os rastos uma da outra? Um caso de destruição mútua assegurada?

A Somer assume claramente a liderança, e eu vejo-lhe os pensamentos a ganharem forma:

– Pensem comigo: a *última coisa* que a Vicky queria era ter a polícia a farejá-la. *Ambas* as raparigas precisavam de fazer tudo ao seu alcance para desviar as atenções da casa de Frampton Road. Para isso, fizeram um acordo: a Pippa acede a ficar caladinha em relação à Vicky, se a Vicky ajudar a encobrir a Pippa. E foi a *Vicky* que ajudou a levar o corpo, a esconder a cobertura do carro, a limpar a porcaria toda...

– Ei, ei, esperem lá! – exclama subitamente o Gislingham, levantando-se de um salto e folheando um monte de papéis. – Porra... Como raio é que não

pensei nisto antes?

Encontra a folha que procura e ergue o olhar para nós, o rosto pálido como um lençol:

– Lembram-se da colega de apartamento que deu um álibi à Pippa em 2015? Aquela que disse que a Pippa passou a manhã toda a vomitar? Chamava-se *Nicki Veale*. – Olha em volta, saboreando cada palavra, cada segundo de atenção. – A Vicky Neale e a colega de apartamento da Pippa são *a mesma pessoa*.

* * *

Uma hora mais tarde, Everett procura um lugar para estacionar perto de Iffley Road. Quando distribuíram as tarefas, conseguiu convencer Quinn a deixá-la fazer um reconhecimento do local onde a Pippa vivia em 2015. Ele achou que era a mais chata das tarefas, e disse-lho, mas Everett tinha um palpite de que talvez fosse a única maneira de ficarem a saber o verdadeiro nome da rapariga. Mas claro que não o disse em público, sobretudo à frente de Fawley. Ou de Somer. Não que tenha inveja de Somer, não é isso, mas a verdade é que ela tem tido demasiado tempo de antena, especialmente para uma simples agente numa investigação do DIC. E tendo em conta o quão gira é, é natural que os restantes se sintam meio ofuscados. Everett tenta não se lembrar da descrição que o pai fazia dela em criança, utilizando precisamente esses termos, e dedica-se a manobrar o Fiat com mestria, num espaço praticamente impossível. Dois anos a viver em Summertown têm as suas vantagens.

Tranca o carro e dirige-se à agência de arrendamentos. Encontra um jovem já a fechar a loja, mas assim que ele vê o crachá, deixa-a entrar – sem esconder o seu desagrado. Veste calças brancas largueironas e uma camisola do Manchester United.

– Estiveram cá na semana passada, certo? – pergunta-lhe ele. – Continuam à procura daquela miúda? Vicky qualquer coisa, não era?

– Não, desta vez trata-se de outra rapariga. Tem os registos de arrendamento do número 27 de Arundel Street, do verão de 2015?

O jovem abre o portátil e procura os registos.

– Sim. O que quer saber?

– Alguma inquilina com o nome Pippa Walker?

Ele procura na lista, até que:

– Sim, temos um Walker, sim. Ficou até outubro.

– Pippa Walker?

– Isso já não sei. Na altura era o meu pai que geria a agência e ele só usava apelidos. Por isso é que também não tivemos grande sorte quando cá estiveram da última vez.

– Mas quando alguém vos arrenda uma casa, dá-lhes um documento de identificação, não?

Ele dedica-lhe um sorriso radioso.

– Com certeza, senhora inspetora. Fazemos tudo segundo a lei.

– Por acaso não terá uma cópia da identificação que ela apresentou, não?

– Desta vez é ela que lhe sorri: – Por um maravilhoso golpe do destino?

– É pouco provável – reconhece ele com expressão pesarosa. – Já passou muito tempo. Posso confirmar, claro, mas ainda vai demorar. O meu pai não era grande adepto das novas tecnologias. Ele e o *scanner* tinham uma relação eternamente beligerante.

Ela sorri-lhe de novo.

– Não tem importância, eu espero.

– Temos máquina de café – sugere ele, apontando.

Everett olha para a máquina e nega com a cabeça.

– Obrigada, estou bem assim.

– Faz bem, se quer que lhe diga – reage ele, com um sorriso cúmplice. –

O café é péssimo.

Enquanto o jovem mergulha de novo nos seus ficheiros, Everett dá uma volta pelo escritório, observando os anúncios de arrendamentos colados na parede, chocando-se com os preços praticados – verdadeiras fortunas pedidas por espaços minúsculos, mesmo nesta zona da cidade. Pedidas e aparentemente conseguidas, já que a maioria dos anúncios exhibe a palavra ARRENDADO a vermelho. Pouco depois, para em frente a um deles, saca do bloco de notas e folheia-o. Quinn está sempre de *tablet* em riste, mas os humildes inspetores *não* coordenadores têm de se safar com o singelo suporte em papel. Uma coisa que deixa o Gislingham verdadeiramente irritado.

– Esta casa aqui – aponta ela subitamente, voltando-se para o jovem. – O 52 de Clifton Street. Também é vossa? – Era aqui que Vicky disse que vivia quando foi sequestrada.

Ele ergue o olhar e assente.

– Sim.

– Importa-se de verificar os registos de arrendamento?

– Também em 2015?

– Não, 2014. Na primavera de 2014. Antes de julho.

– OK – anui ele. E segundos depois: – Aqui está. Qual o nome que lhe interessa?

– Há algum Neale?

O rapaz assente.

– Sim.

Então, a Vicky estava a dizer a verdade, pelo menos quanto a isto.

Até que o rapaz ergue os olhos do ecrã para ela:

– Creio que devia ver isto, senhora inspetora.

Everett rodeia a secretária e vê-o apontar para o ecrã. Para a lista de inquilinos do 52 de Clifton Street, quando Vicky Neale lá vivia.

Anwar, Bailey, Drajewicz, Kowalczyk...

E Walker.

– Esqueça o outro nome – diz rapidamente Everett. – É este que quero que verifique.

* * *

– Pediram-me que viesse.

Em St. Aldate, o agente da receção olha para a mulher de blusão de ganga e calças de ganga justas. Tem cabelo louro com madeixas naturais e uma carteira com um macaquinho cor-de-rosa pendurado na alça. Pelo modo como está vestida, vista de trás não parece ter mais de 20 anos. Mas o rosto mostra que terá pelo menos o dobro.

– E a senhora é...

– Deixaram-me um recado sobre a minha filha. Foi uma inspetora...
Everton, creio.

– Everett.

Ela ergue um sobrolho.

– Ou isso... Posso vê-la? À Vicky, digo. *Presumo* que esteja aqui.

O agente pega no telefone.

– Deixe-me ligar à Sala de Situação e pedir que venha cá alguém buscá-la. Queira sentar-se, Sra. Neale.

– É Moran – emenda ela.

– Sra. Moran... É só aguardar um pouco, não demora nada.

Ela olha-o de alto a baixo:

– Espero bem que não. Porque tive de vir de Chester para cá.

E de seguida volta-se sobre os saltos *kitty*, instala-se na cadeira mais afastada da sala e saca do telemóvel.

* * *

Entrevista com Pippa Walker, realizada nas instalações policiais de St. Aldate, Oxford

10 de maio de 2017, às 18h17

Conduzida pelo Inspetor-Chefe A. Fawley

Também presentes: Inspetor C. Gislingham,

Dra. T. York (advogada)

TY: Pedi que estivesse presente, Inspetor Fawley, para o informar de que a minha cliente apresentará uma queixa formal relacionada com a conduta do Inspetor-Coordenador Gareth Quinn.

AF: É, obviamente, um direito que lhe assiste.

TY: E também lhe devo dizer que ela decidiu não responder a mais nenhuma pergunta a não ser que lhe seja atribuído algum tipo de exoneração de responsabilidade penal. Imunidade, no fundo.

AF: Imunidade em relação a quê, exatamente? Ela já foi acusada de tentativa de corromper o regular curso da justiça. Essa acusação mantém-se.

TY: A minha cliente receia vir a ser falsamente acusada de envolvimento na morte da Sra. Hannah Gardiner.

AF: E o que a leva a pensar isso?

TY: A Miss Walker dispõe de informação pertinente sobre essa investigação, mas não está em condições de a partilhar sem as salvaguardas que já referi. Já a aconselhei quanto a esta tomada de posição, a improbabilidade de essa imunidade lhe ser concedida, mas ela está inflexível.

AF: As investigações relacionadas com a morte da Sra. Gardiner ainda estão em curso. Não nos encontramos ainda em

posição de deduzir uma acusação sobre...

PW: Tretas! Não pensem que caio nessa. Eu...

TY: [*controlando a sua cliente*]

Deduzo que não tenham descoberto impressões digitais da minha cliente na casa de Frampton Road?

AF: [*hesita*]

Não, não encontrámos.

TY: Ou qualquer outro tipo de indício que a associe a esse crime?

AF: [*hesita*]

A análise integral da cena do crime ainda não se encontra concluída e...

TY: Ora aí está.

PW: [*afastando a mão da advogada*]

Querem saber quem é que a matou? Então, concedam-me imunidade. Porque até lá, eu *não abro* a boca

* * *

– Há que admitir que a miúda tem tomates – observa o Quinn, assim que me vê regressar à Sala de Situação. Esteve a assistir à entrevista pelo vídeo. – Reparou, já agora, que não é só o nome que é falso? Aquele sotaque dela de menina fina desapareceu como que por magia.

Tem razão. A máscara caiu-lhe. É a mesma jovem, mas uma pessoa diferente. Pássaros brancos à noite, pássaros pretos de dia.

A porta de molas abre-se atrás dele para deixar entrar o agente de serviço à receção acompanhado de uma mulher. Não a reconheço, no entanto, parece-me estranhamente familiar. Avança para mim e estaca. De seguida, olha para o quadro branco e depois para mim.

– Que raio se passa aqui? Disseram-me que isto era sobre a Vicky.

O agente apressa-se a esclarecer-me:

– É a Sra. Moran, senhor Inspetor. A mãe da Vicky.

Ela olha para ele, depois para mim.

– Isso mesmo – diz, avançando para o quadro e apontando uma unha fúcsia para a fotografia. – A mãe da Vicky. Por isso, alguém me pode explicar por que raio estão todos a olhar para a fotografia da minha Tricia?

* * *

– Tricia – revela o jovem asiático, olhando para Everett. – A inquilina chamava-se Tricia Walker. Aqui tem.

Mostra-lhe uma foto de passaporte ampliada. O rosto, a expressão... É ela, sem dúvida, ainda que com um penteado diferente. E não é apenas o cabelo: a maquilhagem, a expressão, tudo nela é agora mais refinado, mais preciso, mais caro.

– Fui útil? – pergunta o rapaz.

– Muito – replica a inspetora, com um sorriso. – Foi fantástico e maravilhoso. Consegue imprimir isso?

Pega no telemóvel e liga para a Sala de Situação.

– Quinn? Sou eu, a Everett. Ouve, acabei de descobrir o verdadeiro nome da Pippa: *Tricia*. Ela e a Vicky não se conheceram em Frampton Road, como nós pensávamos. Já se conheciam *antes*. Partilharam casa em 2014. E não é só isso, deram ambas a *mesma morada anterior*, quando se registaram na agência de arrendamentos. Cá para mim, essas duas raparigas podem ser...

– Irmãs. Sim, Ev, já sabemos.

* * *

– Não me sinto muito confortável com isto, senhor Inspetor.

O agente de custódia está claramente atrapalhado. Não é comum ver entrar por aqui um Inspetor-Chefe às 20h00.

– Ela devia ter um advogado presente. E a conversa tem de ser gravada.

– Eu sei, e tenciono dizer-lhe isso. E se ela se recusar a falar comigo, eu vou-me embora, fique descansado.

Ele continua pouco convencido, mas acaba por se levantar e pegar nas chaves. Descemos até às celas, ele abre a portinhola, olha lá para dentro e por fim destranca a porta e cede-me passagem.

– Estarei no meu posto – diz-me.

Encontro-a sentada na cama estreita, os joelhos levados ao peito. Parece pálida, sob esta luz impiedosa.

– O que quer? – diz-me, com expressão cautelosa.

– Eu não devia estar aqui.

– Então, porque está?

– Porque queria falar contigo. Mas podes ter o teu advogado aqui, se quiseres.

Fica a olhar para mim durante uns segundos. Não consigo perceber se está intrigada ou apenas demasiado cansada para argumentar.

– Tanto faz.

– Disseram-me que não quiseste ver a tua mãe.

Topo-lhe um levíssimo brilho nos olhos, e aproximo-me um pouco mais.

– Calculo que tenhas ficado espantada por a termos localizado. Ela mudou-se pelo menos duas vezes nos últimos dois anos. Além disso, também se casou.

Um encolher de ombros.

– Eu disse-lhe. Ela só quer saber desse homem, não quer saber de mim para nada. Agora já não.

– Depois de ter falado com ela, tenho de te dar razão, infelizmente.

Agora, sim, uma clara reação. Mas que ela faz rapidamente questão de disfarçar.

– Fiz questão de lhe explicar que tu eras a rapariga de quem todos os jornais falam nas últimas semanas, mas receio que não tenha feito grande diferença. Ela teima em pensar que és tu a grande culpada pela situação.

Vicky pousa o queixo nos joelhos.

– Eu disse.

Mas denoto-lhe um tremor na voz, algo que não lhe tinha percebido antes...

– Também lhe disse que tinha um neto, mas, infelizmente, nem isso pareceu surtir qualquer efeito. Queres saber o que ela me disse?

Silêncio.

– Disse: «Se ela acha que tudo isso vai agora sobrar para mim, está muito bem enganada.»

Continua abraçada aos joelhos, mas vejo-lhe os nós dos dedos brancos.

– A verdade é que ela tem o seu próprio bebé para cuidar. – Vicky ergue o olhar. – Não te disse? É uma menina. Chama-se Megan. Tens uma irmãzinha. Ou meia-irmã, para ser mais exato.

Sento-me aos pés da cama e abro a pasta que trouxe comigo.

– Mas tu já tens uma irmã, certo? Tricia Janine Walker, para ser preciso. Nascida a 8 de janeiro de 1995. Na certidão de nascimento consta o nome do pai, mas a tua mãe e o Howard Walker nunca casaram, pois não? E ao fim de três anos separaram-se, e a tua mãe casou com o Arnold Neale. E tu nasceste...

Deixo que o silêncio se instale, se prolongue. E quando volto a falar, ouço a minha voz ecoar contra as paredes frias da cela.

– Porque não nos falaste na Tricia, Vicky?

Porque é que, ao longo deste tempo todo, nunca nos disseste que tinhas

uma irmã a viver em Oxford?

Ela encolhe os ombros, mas não diz nada.

– Ela podia ter ido visitar-te ao hospital, e tu podias ter ficado com ela, em vez de teres ido para Vine Lodge.

– Eu não sabia que ela estava cá – acaba por dizer.

– Desculpa, mas não acredito em ti, Vicky. Acho que sabias exatamente onde ela estava. Estava no apartamento do Rob Gardiner. Apartamento esse que tu conseguias *ver* perfeitamente da casa do William Harper.

Baixo a cabeça, na tentativa de a fazer olhar para mim.

– Foi daí que ela viu o apartamento pela primeira vez? Do último andar da casa de Frampton Road? Porque estavam ambas lá, não é verdade? Pelo menos, de início.

Semicerra os olhos.

– Não podem provar isso.

– Por acaso, podemos. Porque a Tricia roubou um dos ornamentos da coleção do Dr. Harper. Tem-no ao pescoço numa fotografia tirada em 2014, no carnaval de Cowley Road. Por isso sabemos que ela esteve efetivamente naquela casa por essa altura. Não encontrámos impressões digitais dela em lado nenhum, porque vocês deixaram a casa toda num brinquinho, tiveram mais do que tempo para isso. O problema é que a Tricia não resistiu àquele *netsuke*, pois não? E será que ela o escolheu por mero acaso ou sabia quanto valia? Sabia que podia sacar facilmente 20 mil libras por ele?

Vicky fulmina-me com o olhar.

– Eu acho que sabia, Vicky... Porque ela é esperta, não é? Muito mais esperta do que dá a entender. E certamente mais esperta do que tu. Serve-se do sexo para conseguir o que quer dos homens. Eles, coitados, são demasiado estúpidos para verem que estão a ser usados. Dinheiro, segurança, atenção e controlo... o sexo é apenas um meio para esse fim. E se o sexo não resultar, não é algo que a preocupe, já que tem várias alternativas disponíveis. Eu sei.

Já a vi em ação, e tenho de admitir que ela é boa. Conseguiu enganar o Rob Gardiner, bem como um dos meus melhores inspetores. Até a mim enganou... Mas, acima de tudo, enganou-te, assim como à Hannah.

Mulheres, temam as mulheres.

Tal como a Alex fez notar.

– Planearam tudo juntas, não foi? Mudarem-se para aquela casa, terem a criança, sacarem dinheiro ao Harper. Ela fez parte do esquema desde o primeiro minuto. E estava tudo a correr lindamente, até que, um dia, ela vê o Rob Gardiner e ele torna-se na única coisa que importa. Infelizmente, já estavas grávida de um filho do Harper. Infelizmente, tu, ao contrário dela, estavas presa naquela casa. Como era suposto as coisas evoluírem, Vicky? Contigo acampada na cave por uns dias para dar credibilidade à coisa, para depois subires vertiginosamente escada acima até ao sótão quando sabias que o Derek Ross estava lá em casa? Como é que irias explicar a tua fuga? Inventavas a história de que o velho se distraiu? Que deixou a porta destrancada sem querer?

Vicky endireita-se subitamente e recosta-se contra a parede da cela.

– Não sou *estúpida*, ao contrário do que vocês todos pensam. Tudo isso que estive para aí a dizer são tretas. Não pense que caio nessa.

Não contenho um sorriso.

– Curioso... a tua irmã disse precisamente essa frase. Se há coisa que todos estes anos na polícia me ensinaram é que os laços familiares são *realmente* os mais fortes.

Ouve-se um bater na porta e Woods aparece na soleira.

– Só para verificar se está tudo bem, senhor inspetor.

Olho para a rapariga, mas ela nada diz.

– Estamos ótimos, agente Woods, obrigado. Mas talvez à Vicky lhe apeteça um chá?

Ela assente, e Woods fecha a porta. Ouvimo-lo abrir a portinhola da cela

ao lado, seguido de vozes. A dele. A de uma rapariga. E por fim o tilintar das chaves dele pelo corredor fora.

Vicky ficou subitamente tensa. Reconheceu aquela voz. Tem uma estranha expressão no rosto – a que eu, noutras circunstâncias, chamaria *medo*.

– Ah, não te disse? A Tricia está cá. Mesmo aqui na cela ao lado. Enfrenta uma acusação criminal.

O rosto dela volta a fechar-se. Quer muito perguntar-me de que acusação se trata, mas não me quer dar esse prazer. Seja como for, isso não me rala. Tenciono dizer-lho na mesma.

– Há coisa de três dias, ela veio cá prestar um depoimento. Acerca da morte da Hannah Gardiner. Contou-nos que o Rob Gardiner matou a mulher num acesso de raiva, depois de a Hannah ter descoberto que ele e a tua irmã andavam enrolados.

E finalmente lá surge, nos olhos dela, aquela centelha quase impercetível de dúvida e surpresa – que eu próprio só consigo ver porque a procurei. Não estava nada à espera de me ouvir dizer isto; não foi isto que elas combinaram.

– Só que depois *tu* contaste-nos que foi o William Harper. Que tinha matado e enterrado no jardim outra rapariga, e que o ouviste gabar-se daquilo que tinha feito.

Ela encolhe os ombros. Tanto faz.

– E era mesmo esse o plano inicial da Tricia, não era?

Ela queria ter a certeza de que, assim que o corpo da Hannah fosse encontrado, a polícia assumiria que tinha sido o Harper a matá-la. Afinal, a casa era dele, quem mais haveria a culpar? Com sorte, nós nem sequer nos daríamos ao trabalho de procurar outro suspeito. Mas então, perguntei-me eu, por que razão a Tricia colocaria subitamente todo esse cuidadoso plano em risco, contando-nos algo completamente diferente? Algo que ela certamente saberia que nós provaríamos ser mentira?

Ela olha-me de relance. Não consegue perceber se isto é verdade ou uma armadilha.

Aproximo-me um pouco mais.

– Anteontem à noite, a minha mulher lembrou-me de uma peça que vimos há alguns anos. Era muito mais o género dela do que o meu, ela passa a vida a arrastar-me para cenas que eu, de outro modo, jamais iria.

Olha-me nos olhos. Atenta a onde isto pode levar.

– Chamam a esse género de peça tragédia jacobiana, geralmente movida pela vingança. E eu acho que foi por isso que a Tricia mudou a versão dela. Por vingança. Tentou incriminar o Rob na morte da mulher, porque ele a pôs na rua quando ela lhe contou que estava grávida e...

Vicky reage, olhando para mim, mas disfarça rapidamente. Mas não foi suficientemente rápida para que eu não me aperceba: ela não sabia que a irmã estava grávida.

– Ela não era capaz de perdoar o Rob por tê-la deixado, não é? Tinha de se vingar. Mesmo que isso implicasse acusá-lo de homicídio. E mesmo que isso implicasse pôr em risco o vosso judicioso esquema. Ela traiu-te, Vicky. Tal como fez quando te deixou à mercê de um canalha como o Donald Walsh.

Ela ergue a cabeça.

– Quem é esse?

Ocorre-me – como aliás já devia ter-me ocorrido – que ela pode nunca ter sabido quem é que trancou a porta e a deixou fechada na cave. Provavelmente, terá achado que foi o velhote.

– O sobrinho do William Harper. Pensamos que ele conseguiu descobrir o que vocês estavam a planear. E também foi ele que roubou aqueles *netsukes*. É caso para dizer «só mesmo um trapaceiro para reconhecer outro».

Já está de novo com a cabeça baixa, e acabo por me aperceber de que está a chorar.

– Tu falaste com a Tricia, Vicky? Perguntaste-lhe porque é que ela não voltou lá? Como é que não se apercebeu de que algo tinha corrido muito mal? Aqueles homens das obras terem-te encontrado... foi um espantoso golpe de sorte, tens noção? Sim, porque aquela última página do teu diário... essa era mesmo real. Tu achavas que ias morrer. Ali em baixo, sozinha. No escuro.

– Foi um engano – diz ela – Só pode ter sido. Ela não teria conseguido aquele dinheiro sem mim.

– Achas mesmo? – Retiro outra folha da minha pasta. – Estivemos a passar uma vista de olhos pelos registos de Internet da tua irmã. Aquilo que ela andou a ver no telemóvel...

Passo-lhe a folha e observo-a enquanto a lê. Vejo-lhe o soluço reprimido, a mão levada à boca para o conter e, por fim, a ferocidade no olhar enquanto esmaga o papel dentro do punho.

Ouve-se uma súbita agitação lá fora, e a porta abre-se de rompante. O agente de custódia entra na cela, afogeadíssimo.

– *Por amor de Deus...*

– É melhor vir comigo, senhor inspetor! A outra rapariga... Tricia, Pippa, ou lá o que é... Acho que está a sofrer um aborto.

Levanto-me de um salto.

– Já chamaram uma ambulância?

– Já está a caminho. E a inspetora Everett vai acompanhá-la ao hospital.

– Ficaram com algum contacto da mãe da rapariga?

– Já lhe pedi, mas ela insiste que não quer que a contactemos.

– OK. Ainda assim, precisamos de duas pessoas. Veja se consegue contactar a agente Somer e peça-lhe que vá ter com a Everett ao John Rad.

Já estou à porta quando ouço a Vicky chamar-me.

– Tem a certeza quanto a isto? – diz, mostrando-me o papel amarrotado. – É mesmo verdade?

Assinto com a cabeça.

– Ela até chegou a mandar um *e-mail* a pedir para se consultar com alguém. – Tiro outra folha da pasta e passo-lha. – Ora vê... Lamento, Vicky, mas não há engano possível. Ela pode não ter planeado as coisas assim no início, mas a morte da Hannah mudou tudo. Porque tu eras a única pessoa que sabia o que ela tinha feito. A única a saber do seu segredo.

* * *

A rapariga que está em frente à porta parece hesitar. Ao fim de todos estes meses, agora que aqui está, já não tem tanta certeza. É um espaço tão exíguo. Tão sujo. E cheira tão mal.

– Mudei de ideias. Já não quero fazer isto.

– Oh, Vicky, mas que porra! Para que raio tiveste tu a porcaria daquele puto se não era para seguir o plano?

– A ideia foi toda tua – acusa Vicky, mordendo o lábio.

– Pois foi, e tu sabes porquê. Não vais ver um cêntimo daquele dinheiro se decidires recuar agora. Esperámos demasiado tempo para isto, tu esperaste demasiado tempo.

– E de quem foi a culpa? – lança-lhe Vicky. – Já podíamos ter feito isto há séculos, se não tivesses ido embora e lixado tudo! Estou enfiada na merda desta casa há meses sem fim, enquanto tu andas a cirandar por aí, a fazeres o que queres, a enfiar à socapa aqueles idiotas dos estudantes pelas traseiras. Não fazes ideia, pois não? Que o miúdo viu-te a fazer sexo com... o Danny?

Tricia ri-se:

– Sei, pois. O Dan às tantas levantou a cabeça e viu o puto ali especado. Apanhou um susto do caraças, foi hilariante.

Vicky não diz nada.

– Ouve – diz Tricia, num tom conciliatório –, tenho mesmo pena que não

te tenhas divertido grande coisa ultimamente, a sério, mas agora temos de levar isto para a frente. Tem mesmo de ser. Ouviste aquele assistente social dizer que vai meter o velho num lar, não ouviste?

Leva a mão ao queixo da irmã e obriga-a a olhá-la nos olhos:

– Já arrumei tudo aqui em cima e deixei-te tudo o que precisas. Comida, água, a lanterna. E aquela cena do diário para eles encontrarem. Vá lá, é só por dois ou três dias. Só para fazermos a coisa parecer real.

Volta-se para o rapazinho, que está a dar pontapés num dos sacos de tralha, e pega-lhe ao colo. Sente nos ombros o roçar dos seus caracóis pretos. Tiveram o cuidado de não lhos cortar, até nisso foram perfeitas.

– Isto é uma verdadeira aventura, não é? – diz ela alegremente. O menino estende a mão e toca-lhe na cara. – Vês? Ele também concorda.

Vicky chega-se para lhe tirar o filho do colo, apertando-o de encontro ao peito. Ainda hesita uma vez mais, até que se decide a entrar.

Ouve a porta fechar-se atrás de si. E depois o som de uma cadeira a ser arrastada pelo chão e o ruído do trinco a fechar-se.

Vicky corre para a porta e desata aos murros, o coração bate-lhe descompassado:

– Trícia! O que estás a fazer?

– A fazer a coisa parecer real, sua idiota. O que achas?

– Mas nunca disseste que me ias fechar aqui!

– Porque sabia que não ias alinhar. Mas é a única maneira de conseguirmos convencer as pessoas de que estiveste mesmo trancada aqui, não percebes?

– Por favor, não me faças isto... Abre a porta.

– Ouve, é só por uns dias, OK? Depois, faço uma chamada anónima para a polícia a dizer que ouvi qualquer coisa, e eles aparecem logo para te libertar. E deitamos as mãos ao dinheiro. Pensa só nisso, OK? São 3 milhões, maninha! Valem bem dois ou três dias de sacrifício, não achas?

– Não! Não quero... Não consigo. Por favor...

Mas os passos afastam-se, escada acima, para depois desaparecer a luz por debaixo da porta.

Sente a criança que ela tem ao colo ficar rígida, o corpo a contorcer-se quando desata aos gritos.

** * **

Quando a ambulância para à porta das Urgências, Somer já lá está à espera. Duas enfermeiras apressam-se a ajudar.

– Possível aborto espontâneo – diz um dos paramédicos, abrindo a porta de trás. – Já perdeu bastante sangue.

Enquanto eles colocam a maca no chão, Somer vê a rapariga agarrada à barriga, inquietantemente pálida.

– OK, minha linda – diz a enfermeira. – Tricia, não é? Vamos lá levar-te para dentro e cuidar de ti.

** * **

Entrevista com Vicky Neale, realizada nas instalações policiais de St. Aldate, Oxford

10 de maio de 2017, às 21h00

Conduzida pelo Inspetor-Chefe A. Fawley

Também presentes: Inspetor G. Quinn

M. Godden (advogado oficioso)

AF: Para efeitos da gravação, a Miss Neale foi anteriormente detida sob a acusação de falsas declarações, e tem estado sob fiança policial. Foi agora detida no âmbito da morte de

Hannah Gardiner em 2015, e decidiu, de livre vontade, colaborar com a Polícia, através de um depoimento onde esclarece a real extensão do seu envolvimento neste caso. Confirma, Vicky?

VN: [assente]

AF: Muito bem. Conta-nos então exatamente o que se passou, por palavras tuas.

VN: Por onde querem que comece?

AF: Pelo início. Quando vieste para Oxford. Quando foi isso?

VN: Em 2014. Abril de 2014. Eu vim para cá primeiro, e consegui arrendar aquela casa de Clifton Street. E um dia apareceu a Trícia.

AF: A tua irmã, Trícia Walker. A jovem que é hoje mais conhecida por Pippa Walker.

VN: [assente]

AF: Mas isso não foi planeado? Não estavas à espera que ela viesse?

VN: Já não a via há meses. Tivemos uma grande discussão e eu saí de casa.

AF: De casa da vossa mãe?

VN: Sim. Já estava farta de lá viver, na verdade. A Mãe passava a vida em casa do novo namorado, e eu tinha de levar com a Trícia... a dizer-me o que fazer o tempo todo.

AF: E discutiram porquê?

VN: [silêncio]

Eu gostava de um rapaz. Só que ele...

AF: Preferiu a Trícia?

VN: Ela *sacou-mo*. Nem sequer gostava dele. Só o fez para provar que conseguia. Fazia o mesmo com os namorados da nossa

mãe, andava quase nua pela casa quando eles lá estavam. Gostava de os provocar, para eles se meterem com ela.

AF: E alguma vez isso chegou a acontecer?

VN: Uma vez. Com um tipo chamado Tony.

[*silêncio*]

A nossa mãe apanhou-os na cama. E a Trícia disse que a culpa era toda do Tony, que tinha sido ele a «seduzi-la», uma treta dessas. Ele negou tudo, claro, mas a mãe pô-lo na rua na mesma.

AF: O que achas que realmente aconteceu? Acreditaste no Tony?

VN: Oiça, a Trícia *nunca* faz nada que não queira fazer, não é verdade? E ela nem sequer estava interessada no Tony, quis apenas mostrar que, se quisesse, conseguia levá-lo para a cama.

AF: Que idade tinha ela na altura?

VN: Não sei... Aí uns 15.

AF: OK. E o que se passou quando ela veio para Oxford?

VN: Veio viver comigo. O contrato ficou em nome dela, e eu tinha algum dinheiro que o meu pai me tinha deixado quando morreu, mas não era muito. A Trish sempre odiou não ter dinheiro. Foi por isso que planeou o esquema todo. Tudo o que aconteceu... foi ideia dela.

AF: Tudo o quê, exatamente?

VN: Bom... tudo.

AF: Tens de nos dizer, Vicky. Temos de te ouvir dizê-lo.

VN: Ela tinha visto um programa na televisão sobre aquela mulher que apareceu numa cave, na Alemanha. A que teve uma data de filhos. E disse que nós podíamos fazer uma cena dessas e ganhar uma pipa de massa. Só tínhamos de descobrir a

pessoa certa. Um velho que vivesse sozinho, de preferência com Alzheimer, para ela era o ideal.

AF: E não podiam simplesmente arranjar empregos, como toda a gente?

VN: Eu queria, mas a Tricia disse que não ia perder tempo a trabalhar num emprego miserável e a ganhar pouco.

AF: E como é que chegaram ao Dr. Harper?

VN: Toda a gente dizia que North Oxford era a zona dos ricos, com muitos velhotes a viverem em casas enormes, por isso começámos a ir de autocarro até lá. Demos com ele da segunda vez que lá fomos. Estava sozinho no meio da rua, de pijama e com uma cerveja na mão. A Tricia disse que ele era perfeito, por isso seguimo-lo até à casa dele. Depois, esperámos que ficasse escuro e entrámos. Demos com um trinco partido nas traseiras. Ele estava a dormir no quarto da frente, a rressonar. Tinha estado a masturbar-se para uma fotografia de uma mulher com um vestido vermelho... uma cena nojenta.

AF: E perceberam que ele vivia sozinho naquele casarão?

VN: Sim, havia coisas num quarto do primeiro andar, mas a Tricia disse que podíamos instalar-nos no último andar, que ninguém ia reparar. Ficámos de vigia à casa durante uns tempos e percebemos que a única pessoa que lá aparecia era o assistente social, e mesmo assim só ficava por lá uns dez minutos, no máximo. Foi então que eu me mudei para lá.

AF: Só tu, a Tricia não?

VN: Não. Ela ficou no apartamento. Mas ia visitar-me de vez em quando.

AF: E quando é que ela viu o Rob Gardiner pela primeira vez?

VN: Acho que foi só dois meses depois, mais ou menos. Viu-o

no jardim com o filho. Ficou completamente apanhada por ele. Pelo Rob, claro.

AF: Então começou a persegui-lo, certo? No carnaval de Cowley Road, por exemplo.

VN: Não foi nada difícil. Nós sabíamos sempre quando eles saíam, do último andar da casa tínhamos uma vista direta para o apartamento deles. Um dia, chegámos mesmo a vê-los na cama. A Tricia ficou doida com isso. E foi aí que decidiu que ia ser *babysitter* deles.

AF: E como é que ela conseguiu isso?

VN: Arranjou maneira de conhecer a mulher dele no mercado. Assim... como se fosse acidentalmente.

[faz o gesto de aspas com os dedos]

E conseguiu que a mulher dele ficasse a achar que tinha sido uma ideia dela. A Tricia é ótima nessas coisas, consegue que as pessoas façam o que ela quer sem que se apercebam. Como já disse, ela dá a volta à cabeça de qualquer pessoa, sobretudo aos homens.

AF: *[olhando de relance para Quinn]*

E foi então que ela passou a assumir o nome Pippa?

VN: Sim, achou que Pippa tinha mais classe. Disse que esse tipo de cenas era importante para pessoas como os Gardiner. Que eles só se davam com pessoas como eles.

AF: E foi apenas essa a razão?

VN: Não... Quando andávamos na escola, ela espetou um garfo na cara de uma colega. Tudo porque ela se sentou na cadeira que era da Tricia. Era sempre assim, passava-se sempre quando alguém lhe dizia o que devia fazer. Já com a nossa mãe era a mesma coisa, até que deixou de lhe dar ordens. Não valia as

discussões. Bom, mas com essa cena da escola, ela acabou por ser suspensa e teve de fazer sessões de aconselhamento. Teve medo que os Gardiner descobrissem e não a quisessem como ama do filho.

AF: Certo. E quando ela conseguiu esse emprego, tu já estavas grávida, certo? Também foi ideia da Trícia, calculo?

VN: *[mexe-se na cadeira]*

Ela disse que, assim, ainda conseguíamos mais dinheiro. Que o teste de ADN ia provar que o velho me tinha violado.

GQ: E quanto ao diário?

VN: *[pausa]*

Disse que as pessoas iam acreditar mais em mim, se o fizéssemos. Que eu ia fazer melhor figura no tribunal. E disse-me o que eu devia escrever.

AF: Ela ditou-te o diário?

VN: Sim, ela ia inventando e eu escrevia. Depois, entornou água nas folhas para dar um aspeto mais real.

GQ: E isso passou-se tudo enquanto vocês ainda viviam no andar de cima?

VN: *[assente]*

AF: Mas se a ideia do bebé foi da Trícia, porque não foi ela a engravidar? Dessa maneira, seria ela a ficar com o dinheiro.

VN: Dizia que eu seria uma vítima melhor do que ela.

GQ: Ela disse mesmo isso? Que tu serias *uma vítima melhor* do que ela?

VN: Sim, que as pessoas têm tendência a ter mais pena de pessoas como eu. Que jamais acreditariam que ela tivesse sido assim tão estúpida.

AF: Mas que se fosse contigo acreditariam?

VN: *[morde o lábio, mas não responde]*

AF: E quanto ao dinheiro?

VN: Ela obrigou-me a prometer que o dividia com ela.

[algo agitada]

Ela disse que eu estava em dívida para com ela, depois de tudo o que tinha feito por mim.

* * *

– Estás fantástica, porra! Igualzinha a ela.

Tricia dá um passo atrás para admirar a sua obra de arte: o vestido vermelho, o batom, o cabelo. Tudo perfeito.

– O que achas?

Vicky olha-se no espelho. E dá razão à irmã – as semelhanças são arrepiantes. Estremece, impressionada. Não acha lá muita graça a parecer-se tanto com alguém que já morreu.

– Pronta? – diz Tricia, segurando a porta para ela passar. – Da última vez que o vi, estava deitado de costas. Enfrascado em cerveja. Esperemos que ainda consiga pô-lo de pé. Ou que tu consigas.

– Não vou ter sexo com ele, Tricia. Sexo a sério nunca.

Tricia dedica-lhe um revirar de olhos:

– Quantas vezes mais é que tenho de dizer: não precisas. Bates-lhe uma, recolhemos o esperma e enfiamo-lo dentro de ti.

– E se ele se lembrar? E se conta a alguém?

A irmã ri-se:

– Sim, pois, está-se mesmo a ver! Ele é tolinho, Vicky, passa a vida a dizer baboseiras. Ninguém iria acreditar, não achas? Além disso, tudo isto passa precisamente por aí: o velho vai achar que és o raio da mulher dele,

por isso é que esta ideia é tão genial. Mesmo que ele diga alguma coisa, as pessoas vão achar que ele está ainda mais doido do que estava. Quanto pior acharem que ele está, melhor para nós. Lembra-te disso.

Vicky sente um arrepio percorrer-lhe o corpo todo. Porcaria de casa, sempre tão gelada.

Tricia passa-lhe uma garrafa de Smirnoff:

– Toma, comprei-a no minimercado. Vais ver que ajuda.

Vicky sente a vodka queimar-lhe a garganta.

– OK – acaba por dizer.

William Harper está no quarto de baixo, deitado na cama de armar, a ressonar alto. Chegada à porta, Vicky ainda hesita, mas Tricia dá-lhe um empurrão. Fica junto à cama por um momento, até que puxa a colcha para trás. Harper veste apenas um colete. Um colete e meias. Os genitais engelhados pendem sobre a coxa.

– Vá lá – sussurra-lhe Tricia.

– É nojento... Não vou tocar naquilo.

– Anda lá com isso, porra... Vais ver que o gajo se vem em dois segundos.

Vicky estende a mão e pega no pénis de Harper. Ele abre imediatamente os olhos, e ficam ambos paralisados, a olharem-se fixamente. Ele mexe os lábios, mas não se ouve nenhum som.

– Foda-se, Vicky, vá lá! – atira-lhe Tricia num silvo.

Vicky aperta ligeiramente a mão e Harper reage, abrindo muito os olhos.

– Priscilla? – sussurra, retraindo-se, cheio de medo. – Não me faças mal. Eu não fiz nada. Por favor, não me faças mal.

Vicky larga-o.

– Não consigo fazer isto.

Tricia aproxima-se e empurra-a bruscamente para o lado:

– Mas que porra, será que tenho de ser eu a fazer tudo, caramba?!

Vicky recua até à porta, enquanto vê a irmã trepar para a cama e escarranchar as pernas do velhote. Tem um saquinho de plástico numa mão.

– OK – diz, num tom irritado –, mostra-me lá o que vales, meu pedófilo nojento.

Vicky não aguenta e sai para o corredor.

Quando chega ao cimo das escadas, ainda consegue ouvir os gritos do velhote.

* * *

AF: OK, Vicky, avancemos agora para junho de 2015. Estás a viver na casa de Frampton Road, estás grávida e a Tricia já é a *babysitter* do Toby. Fala-nos da Hannah. Como é que a Hannah Gardiner acabou morta.

VN: Não era suposto ter acontecido. Nada do que aconteceu.

GQ: Não nos venhas com a história de que tudo não passou de um acidente, porque ninguém acredita. Havia ainda pedaços do crânio dela naquela cobertura de automóvel...

MG: Creio que isto é desnecessário, inspetor. A minha cliente tem sido extremamente cooperante

VN: Não é história nenhuma, é a verdade.

AF: OK. Então, fala-nos do plano. Sim, porque vocês tinham um plano, não? Tu e a Tricia? A Hannah não foi parar àquela casa vinda do nada.

VN: Uma noite, quando a Hannah estava fora, a Tricia foi para a cama com o Rob. E a partir daí, começou a dizer que ele ficaria com ela se a mulher saísse do caminho, mas que ele era demasiado íntegro para a deixar... Uma cena assim. Eu

fiquei sem saber o que fazer, tive medo de que acontecesse alguma coisa...

AF: Como assim?

VN: Eu conheço-a, sei como ela é. Quando quer uma coisa, não descansa enquanto não consegue. Doa a quem doer.

AF: Ficaste preocupada com a eventualidade de ela fazer mal à Hannah? O suficiente para a avisares. Ou pelo menos tentares.

VN: [assente]

Mas tinha pânico do que a Trícia me podia fazer se viesse a descobrir.

GQ: Espera lá, aquela chamada que a Hannah recebeu na véspera de morrer... Foste *tu*?

VN: [assente]

Eu não disse quem era. Não lhe disse o meu nome.

AF: Então, disseste-lhe o quê?

VN: Não lhe disse nada sobre o Rob. Só que a Pippa não se chamava mesmo Pippa. Conteí-lhe que ela estava a viver em Clifton Street, que havia lá pessoas que sabiam o verdadeiro nome dela e que ela devia lá ir confirmar. Tinha esperança de que ela descobrisse o que a Trícia fez à colega de escola, e que a despedissem.

AF: Então foi por isso que a Hannah foi a Cowley Road nessa tarde. Para sacar informações sobre a «Pippa».

VN: [assente]

Mas acho que não encontrou ninguém com quem falar. Não pode ter falado, senão ficaria a saber a verdade.

AF: E o que aconteceu no dia seguinte? Qual era o vosso plano?

VN: Já vos disse que não havia plano nenhum. Eu não sabia

nada acerca disso. Estava lá em cima, ouvi um barulho, desci e depois... E depois...

* * *

– *Meu Deus, Tricia! O que é que fizeste?*

Tricia está junto a uma das janelas da estufa. Tem um martelo na mão e, no chão a seus pés, está uma jovem deitada de cara para baixo. Tem o cabelo escuro empapado de sangue e solta um gemido sufocado e sinistro. Move as mão e está a tentar levantar-se.

Vicky aproxima-se dela.

– *Oh, meu Deus, é a Hannah!*

– *Eu sei, minha vaca estúpida. Quem haveria de ser?*

– *Mas... o que faz ela aqui? Que raio aconteceu?*

Tricia olha para a irmã com uma expressão cabisbaixa.

– *Eu disse-te, idiota. Lembras-te?*

– *Disseste que querias ficar com o Rob, não que a ias matar.*

– *Pois, mas tu sabes como são os homens. Dizem sempre que vão deixar as mulheres e nunca o fazem. Assim, está despachada, fora do caminho. Fim da história.*

Volta-se para uma prateleira e pega numas luvas de jardinagem. Há um segundo par de luvas, um rolo de fita adesiva larga, um bidão de lixívia industrial e uma cabeleira escura. Ontem, nada disto estava ali.

– *Credo, Tricia, tu planeaste tudo isto?!*

– *Claro que planeei, como é que julgas que nos safávamos?*

– *Nos safávamos?! Como assim? Não tenho nada que ver com isto, não podes obrigar-me a...*

– *Claro que posso. Porque se não me ajudares, conto a toda a gente o teu esquemazinho nojento. Esse fedelho que tens na barriga, como ludibriaste*

um velhinho indefeso... Levas três ou quatro anos de cana, no mínimo.

Vicky tem os olhos marejados de lágrimas.

– Mas foi tudo ideia tua...

– Sim – diz ela num tom sarcástico –, mas eles não sabem disso, pois não? Por isso, para de choramingar e vem ajudar-me.

A mulher no chão começa subitamente a gemer e tenta levantar a cabeça. Tricia baixa-se e ergue-lhe violentamente a cabeça, puxando-a pelos cabelos. Tem sangue a escorrer-lhe da boca e o olhar fixo, estarrecido... em Vicky.

– Pronto – solta Tricia, largando a cabeça da jovem. – Ela agora já te viu, portanto, não tens escolha. Por isso, vê se cresces,?

– O que queres que faça? – murmura Vicky, a voz presa na garganta. Hannah geme baixinho. Murmura o nome do filho.

Tricia pega no outro par de luvas e atira-o à irmã.

– Vai ao carro buscar uma manta que está na mala. E traz o miúdo contigo.

– Ele está lá fora? Sozinho? Mas... e se ele desata a gritar? E se o velho ouve?

Tricia ri-se:

– Esse desgraçado morreu para a vida. Como de costume. Enchi-lhe a cerveja de soporíferos. E o melhor é dar um ao puto, não vá o diabo tecê-las.

– Não podes fazer isso! É uma criança!

– Oh, para lá com essa ladainha, OK? Estou farta de lhe dar comprimidos, é a única maneira de o manter sossegado.

– Mas...

Tricia olha-a fixamente.

– Vais ou quê?

** * **

AF: E também deste um álibi à Trícia, certo? Ligaste ao Rob Gardiner e deixaste mensagem a dizer que ela estava doente. E mais tarde, quando a polícia te ligou a confirmar, identificaste-te como Nicki Veale.

VN: *[morde o lábio]*

A Trícia ficou furiosa por causa disso. Disse que eu devia ter inventado outro nome, algo que não soasse tanto como o meu nome verdadeiro... Que tinha sido a única coisa que eu fiz sozinha e que mesmo assim fiz merda.

AF: Pois aí é que está, Vicky. A Trícia mente muito melhor do que tu. Por isso, o que acontece se ela nos contar a versão dela de como a Hannah morreu e se essa versão se revelar bem mais convincente do que a tua? Como é que ficamos?

VN: *Eu* é que estou a dizer a verdade! Que razões tinha eu para matar a Hannah?

MG: A Vicky está certíssima, inspetor. Ela não tinha razão alguma para matar a Sra. Gardiner. Ao contrário da irmã.

AF: Não estou assim tão certo disso, Sr. Godden. A Trícia é extremamente engenhosa, estou seguro de que irá inventar uma história bastante plausível. Quase a consigo ouvir... Vai dizer que a Hannah apareceu lá em casa nesse dia, a querer bisbilhotar, deve ter visto alguma coisa da janela de casa dela, e quando apareceu para ver o que era, deparou-se com uma jovem, grávida de sete ou oito meses, a viver numa casa onde supostamente viveria um velhote sozinho. Ora, a Hannah era jornalista. Assim que a Vicky viesse a público denunciar a história da cave, a Hannah iria certamente reconhecê-la. E eu diria que esse motivo é mais do que suficiente para a Vicky querer matá-la.

VN: Mas não foi isso que aconteceu!

AF: Mas como é que nós sabemos isso? Não tens como prová-lo. E bastará ao advogado de defesa da tua irmã criar uma situação de dúvida razoável e...

[interrupção - o agente de custódia requer intervenção urgente do IC Fawley]

GQ: Entrevista suspensa às 21h42.

* * *

– Que raio se passa, Woods?

– Peço desculpa, senhor inspetor.

Sigo-o pelo corredor da ala de custódia, com o Quinn nos meus calcanhares. A porta da cela permanece aberta e há sangue na roupa de cama e na sanita.

Volto-me para o agente Woods:

– E então?

Ele aponta para a cama. No meio dos lençóis manchados vê-se uma lamela para dois comprimidos. Vazia.

– Antes que pergunte, posso garantir que *não* trazia isto com ela quando a detivemos – diz o Woods, vermelho que nem um pimento.

– Tem a certeza? Revistou-a?

– Claro que sim. E quem quer que entre com medicação, é o nosso médico que a administra. Conheço os procedimentos, já cá ando há muitos anos.

E eu acredito nele. Mas é impressionante até que ponto as pessoas conseguem ser insidiosas, as coisas que conseguem passar clandestinamente cá para dentro. Dois comprimidos minúsculos terão sido brincadeira de crianças.

O Woods pega na lamela e entrega-ma. Volto-a e leio o nome do medicamento. Respiro fundo:

– Ela só pode ter conseguido isto através da Internet. Nenhum médico consciente lhe daria uma coisa destas.

– O que é, chefe? – pergunta o Quinn.

Volto-me para ele.

– Misoprostol, para induzir o aborto.

– Porra...

O rosto do Woods passa de vermelho a branco, e senta-se pesadamente na cama.

– Liga já à Everett – peço ao Quinn. – Ela que não perca aquela miúda de vista nem por um segundo.

Mas ele já está a tratar do assunto, de telemóvel em riste.

– Ev? É o Quinn. Atenção, a Pippa, ou lá como ela se chama... – Olha para mim, ouvindo a colega do lado de lá, e faz uma careta. – OK, eu digo-lhe. Liga-me assim que souberes alguma coisa.

– Tarde de mais – diz ele, desligando. – Ela fugiu. Estava numa salinha de observação e deve ter saído pelas traseiras, sabe-se lá como.

– Porra, como é que a deixaram sozinha?

– Pelo que percebi, a Somer esteve à porta o tempo todo. Achou que a enfermeira estava lá dentro a examiná-la, mas afinal ainda não tinha chegado. Fez confusão, acontece-nos a todos.

Claro que sim. Aconteceu a ele, isso sem dúvida. E a mim também, mas nunca num caso tão importante.

– Estão a passar revista ao hospital?

– Sim, mas ela leva uns bons dez minutos de avanço. E o chefe sabe como são os hospitais, verdadeiros labirintos.

– No estado em que ela está, de certeza que não terá ido longe.

– Nada do que essa fedelha possa fazer me espantaria.

Provavelmente deve ter planeado tudo, como de costume.
Eu sei. E é isso que me preocupa.

* * *

BBC Midlands Today

Quinta-feira, 11 de maio de 2017 | Última atualização às 17h34

Última hora: Suspeito do sequestro da cave é libertado sem acusação formada

A Polícia de Thames Valley fez uma declaração onde confirma que o proprietário da casa de Frampton Road, em Oxford, suspeito de sequestrar e aprisionar uma jovem, não será presente a tribunal. A polícia ainda não revelou a identidade do suspeito do sequestro, mas fontes locais garantem tratar-se de William Harper, um homem na casa dos 70, professor universitário reformado. Especula-se agora que o Dr. Harper, que padece da doença de Alzheimer, possa ter sido vítima de um embuste particularmente cruel.

O Inspetor-Chefe Adam Fawley recusou-se a comentar os rumores que associam o alegado sequestro ao assassinato de Hannah Gardiner, em 2015, negando-se também a adiantar mais pormenores sobre o caso. “Temos um suspeito”, declarou. “Mas não foi feita ainda qualquer detenção.”

* * *

Everett desliga o noticiário. Tem sido uma loucura o dia todo. Televisão, jornais, *online: FritzlFraude – jovem finge sequestro por dinheiro; o caso de Oxford levanta questões sobre idosos vulneráveis que vivem sozinhos*. Os jornalistas não têm largado a polícia, através de telefonemas ou aparecendo nas instalações, em busca de declarações, exigindo o acesso à casa ou fotos

da Vicky. Fawley recusou todos os pedidos.

Everett olha para o gato que tem aninhado no seu colo.

– Vou ter de te incomodar, *Hector*. Preciso de ir tratar do jantar.

O enorme gato tigrado pisca os olhos para ela, pouco convencido de que isso é uma boa razão para ela lhe perturbar o conforto. Até que tocam à porta.

– Sai lá, *Hector* – diz Everett, pegando nele e colocando-o no lugar ao seu lado no sofá.

Levanta-se e dirige-se à porta.

– Ah... – solta, ao ver quem é.

Erica Somer surge-lhe à frente, sorridente e com uma garrafa de Prosecco na mão. Vem à civil, de calças de ganga claras, *t-shirt* preta e rabo de cavalo.

– Desculpa aparecer-te assim. Apanhei um vizinho teu a sair e aproveitei para subir.

Everett continua a segurar a porta.

– Ouve, eu sei que nós... enfim, tu e eu... não começámos da melhor maneira. – Mostra-lhe a garrafa: – Bebemos um copo?

Everett continua sem dizer nada, até que Somer reage.

– Oh... tens um gato?

Baixa-se e pega no gato ao colo, afagando-o atrás das orelhas. O bichano fecha os olhos e começa logo a ronronar alto.

– Cuidado, se continuas com isso, ele nunca mais te larga – avisa Everett, com um sorriso irónico.

Somer ri-se:

– Eu *adorava* ter um, mas no meu prédio não permitem animais.

– Eu só escolhi esta casa por ter escadas para as traseiras, para ele poder vaguear um pouco. A renda era o dobro das outras, e toda a gente me chamou louca. E agora o sacaninha preguiçoso mal sai de casa.

As duas mulheres entreolham-se durante uns segundos, até que Everett dá um passo atrás e abre a porta.

– Não falaste em beber um copo?

* * *

Três semanas depois.

O jardim.

Os meus pais estão vestidos da forma que consideram mais aceitável para um almoço de domingo com o filho e a nora. Roupas que provavelmente voltarão para o armário assim que eles regressarem a casa. Uma mesa cheia de comida, que eles provavelmente vão apenas debicar. Frango fumado, salada de rúcula, figos, framboesas, queijo Pecorino. A Alex está ao fundo do jardim, com a minha mãe e o rapazinho, a conversar com o gato do vizinho, um ruivito de cauda felpuda, extremamente amigável. De vez em quando, o miúdo estende a mão para lhe puxar a cauda, e a Alex impede-o de forma suave.

O meu pai vem sentar-se à mesa, ocupando um lugar ao meu lado.

– Serves sempre comida ótima.

Sorrio-lhe:

– Foi a Alex, não eu. Deve ter comprado o supermercado inteiro.

Instala-se um silêncio desconfortável. Nenhum de nós sabe realmente o que dizer.

– E então? Sempre encontraram aquela rapariga de quem andavam à procura? Aquela que matou a outra desgraçada?

Abano a cabeça.

– Ainda não. Temos os portos e aeroportos de sobreaviso, mas é possível que ela tenha conseguido sair do país.

– E o miúdo? – quer saber, servindo-se de outra cerveja sem álcool.

– O Toby? Está ótimo. O pai dele faz questão de o proteger de todo o alarido.

– Não, não, refiro-me *àquele* – diz-me, apontando para o fundo do jardim.
– Achas que é mesmo boa ideia tê-lo cá?

– Ouve, Pai...

– Só estou preocupado contigo, mais nada – interrompe-me ele. – Depois de tudo o que se passou com o Jake... Não tem sido nada fácil, pois não? Para a Alex, digo. E para ti, claro – apressa-se a acrescentar.

– Nós estamos bem. A sério.

É o que eu sempre digo.

– E qual será o futuro dele? – pergunta-me. O miúdo começou a choramingar e a Alex pegou-lhe ao colo. Reparo na expressão preocupada da minha mãe.

– Não sei. A Segurança Social é que vai ter de decidir.

A Alex senta-se no banco com o menino ao colo, que continua a chorar. A minha mãe paira por ali, sem saber muito bem o que fazer.

– Vai ser muito duro para ele, a verdade é essa – diz o meu pai, observando os três. – Um dia, alguém vai ter de contar a verdade a esta criança. Quem é. Quem é o pai, e o que a mãe fez. E não vai ser fácil viver com isso.

Penso no William Harper, que sempre desejou um filho. Será que já sabe? Saberá que tem um filho? Quererá conhecê-lo? Ou será que os tormentos das últimas semanas o arrastaram para uma escuridão ainda mais profunda? Na última vez que passei por Frampton Road, havia um cartaz À VENDA cá fora. Gosto de pensar que, de uma forma ou de outra, ele iria sempre acabar num lar, mas seja como for, é um aspeto deste caso que eu jamais conseguirei encarar facilmente.

Forço-me a regressar ao presente.

– Por vezes, é mais fácil não ter de enfrentar uma coisa dessas – digo. – Por vezes, o silêncio é mais caridoso.

Vejo-o olhar para mim, e por um momento – apenas por um momento –

creio que ele vai dizer alguma coisa. Que finalmente chegou a altura de ele me contar a verdade. Acerca de mim. Acerca deles. Acerca de quem eu sou.

Até que vejo a minha mãe chamar-nos, e o meu pai pousa-me gentilmente a mão no ombro e vai ter com ela.

– Creio que tens razão, filho – diz-me.

* * *

Finais de outubro. Chove a cântaros; aquela chuva fininha e gelada que nos entra pelos ossos. Os rios, o canal, o pântano: esta cidade está rodeada de água. No inverno, a pedra absorve a humidade. Ao longo de Frampton Road, algumas das casas têm decorações de Halloween nas janelas – as casas de família, pelo menos. *Ghouls* de olhar maléfico, dráculas, bruxas de cabelos verdes. Nos degraus de alguns dos alpendres, abóboras talhadas em forma de caras.

Mark Sexton está à porta do número 31, debaixo de um guarda-chuva gigante, a olhar para o telhado. Não há a menor hipótese de a obra ficar terminada antes do Natal. Mas a equipa de construção voltou finalmente à obra.... Ou seria suposto. Olha o relógio pela quarta vez. Onde raio andarão?

Como que respondendo a uma deixa, surge uma carrinha de caixa aberta ao fundo da rua, que para à frente do número 31. Saem dois homens, um deles é Trevor Owens, o encarregado da obra. O rapaz mais novo dirige-se à parte de trás e pega numa caixa de ferramentas.

– São só vocês os dois? – pergunta Sexton, mal-humorado. – Não me disse que hoje voltavam todos?

Owens vai ter com ele.

– Não se preocupe, Sr. Sexton, o resto do pessoal já vem a caminho. Passaram na loja para trazer mais material. Eu vim à frente para darmos mais uma olhadela àquelas infiltrações da cave.

– Não me parecerem a porra de umas *infiltraçõezitas* – resmunga o outro, tratando de abrir a porta de casa.

Lá dentro, fede a humidade. Mais uma razão por que ele queria a obra acabada no verão.

Owens dirige-se para a cozinha e abre a porta de acesso à cave. Liga o interruptor, mas não há luz.

– Kenny! – chama ele. – Dá-me luz, companheiro.

O rapaz aparece com uma lanterna amarela de plástico e passa-a ao encarregado. Este aponta-a para o teto. Não há lâmpada.

– OK – diz ele. – Vamos lá ver o que temos aqui.

Começa a descer os degraus, mas subitamente ouve-se um estrondo e um grito, e o som de algo a escaqueirar-se no chão.

– Que raio? – diz Sexton, espreitando do cimo das escadas. – Que porra foi essa?

Vê Owens a meio das escadas, de costas, empoleirado no que resta dos degraus de madeira.

– *Porra!* – diz ele, o peito a arquejar. – *Porra...* Ali em baixo... *Veja.*

A lanterna rebolou até ao fundo das escadas e o feixe de luz aponta para o chão. O brilho de uma dúzia de olhinhos na escuridão, o arranhar de outras tantas patas.

Ratazanas.

Mas não era a isto que Owens se referia.

Ela está deitada no fundo do que outrora foram as escadas. Uma perna dobrada num ângulo arrepiante. Cabelo comprido, agora esverdeado, braços magros, as unhas das mãos pintadas de negro. É jovem. E em tempos bonita, talvez, mas é impossível saber.

Porque deixou de ter rosto.

* * *

Daily Mail

21 de dezembro de 2017

VEREDICTO DO CASO “IRMÃS PERVERSAS”
Vicky Neale condenada por golpe “cruel e invulgar”
Ainda não há acusações no homicídio de Hannah Gardiner

Por: Peter Croxford

Vicky Neale, a “golpista da cave”, foi ontem condenada pelo Tribunal de Oxford a seis anos de prisão, depois de se declarar culpada por tentativa de defraudar o professor reformado William Harper, acusando-o de sequestro e cárcere privado. O tribunal ficou a saber como Neale e a sua irmã mais velha, Tricia Walker, humilharam e torturaram o idoso, queimando-o várias vezes no fogão da casa e plantando material pornográfico para o incriminarem. O juiz Theobald Wotton, Conselheiro da Rainha, pronunciou a sentença, classificando o comportamento da adolescente de 19 anos como “cruel e invulgar” e “uma tentativa desumana e impiedosa de ludibriar um idoso vulnerável e debilitado que nunca lhe fez mal nenhum”.

Em declarações após o veredito, o Superintendente John Harrison, da Polícia de Thames Valley, mostrou-se satisfeito por ter sido feita justiça, e confirmou que a polícia está a compor um novo relatório a ser apresentado ao ministério público, relacionado com o homicídio da jornalista da BBC Hannah Gardiner, em 2015. No entanto, muitos comentadores duvidam que seja agora possível estabelecer a verdadeira extensão do envolvimento de Neale nesse crime, após a descoberta, há cerca de dois meses, do corpo parcialmente decomposto de Tricia Walker na cave da casa contígua à de William Harper. Os macabros restos mortais foram descobertos pelo proprietário da casa devoluta, e a Polícia acredita que Walker se escondeu lá depois de ter conseguido fugir do hospital onde se encontrava sob custódia,

após ter induzido um aborto. Os resultados da autópsia concluíram que ela caiu nas periclitantes escadas da cave e partiu uma perna, depois de sofrer uma hemorragia grave e possível vertigem. A causa da morte foi estabelecida como “acidental, devido a desidratação”. Mas permanece um mistério: o que aconteceu ao artefacto japonês de valor inestimável que Tricia Walker roubou a William Harper e que usava pendurado ao pescoço? O fio de prata foi encontrado partido no chão da cave, mas não há sinais do pendente em questão, não obstante a busca exaustiva realizada pela Unidade de Arte e Antiguidades da Polícia Metropolitana.

Apesar de não ter sido deduzida qualquer acusação no caso do homicídio de Hannah Gardiner, foram surgindo, desde então, pormenores das circunstâncias sórdidas que envolveram a sua morte. Tricia Walker terá alegadamente planeado meticulosamente o homicídio, despindo e amarrando a Sra. Gardiner, de forma a fazer parecer que teria sido tudo obra de um predador sexual. Vicky Neale já negou qualquer envolvimento direto na morte da Sra. Gardiner, insistindo que apenas ajudou Walker a encobrir o crime por se encontrar sob coação e temer pela sua própria vida, caso não colaborasse.

Laurence Finch, psicóloga criminal e consultora da série televisiva de grande êxito, *Crimes que Abalaram os Britânicos*, garante que este é um caso clássico de um crime *folie à deux*, compartilhado por duas pessoas, geralmente da mesma família ou próximas. “Num caso como este, há quase sempre um elemento dominante, mas é mais usual tratar-se de um homem que impõe a sua vontade à parceira feminina, regra geral esposa ou namorada. Lembrem-se dos *Psicopatas do Pântano*¹³, por exemplo. É o facto de este homicídio em particular envolver duas mulheres – e duas irmãs – que o torna tão invulgar.

A Dra. Finch também acredita que Tricia Walker era um exemplo raro de mulher psicopata. «Estamos habituados a que sejam os homens a cometer

este tipo de crimes, mas existem mulheres igualmente capazes, desde que sejam acionados os devidos estímulos. Muitos potenciais psicopatas vivem toda uma vida sem cometer qualquer crime, porque nunca se viram perante uma situação em que não conseguem aquilo que querem. Desde que não se vejam frustrados ou impedidos de alguma forma, estas pessoas parecem-nos perfeitamente normais – por vezes, bastante manipuladoras, mas na maioria dos casos, extremamente encantadoras. Como disse um dia um especialista nestes casos, «um psicopata poderá proporcionar-nos momentos muito agradáveis, mas acabaremos por pagar uma fatura pesada por eles.»

389 comentários

Danielaking07

Na minha opinião, o marido e o filho da Hannah Gardiner são as verdadeiras vítimas destas duas cabras maldosas. Aquele menino vai crescer sem mãe – a isso é que eu chamo uma «fatura pesada».

Zandra_the_sandra

Eu cá tenho pena é do velhote. Quantos mais idosos serão deixados sós, abandonados nas suas próprias casas, até haver dinheiro suficiente para os assistentes sociais poderem fazer o seu trabalho?

GloriousGloria

O que eu gostaria de saber é como é que duas raparigas de uma família perfeitamente decente se podem transformar em monstros destes? Que eu saiba, não foram vítimas de abusos nem nada do género.

Otter_mindy1776

Se queres saber, a grande responsável é a Internet. Aposto que até tiraram *selfies* enquanto agrediam o desgraçado do velhote.

FireSalamander33

Pelo menos, o filho da Vicky vai ter a oportunidade de viver uma vida decente a partir de agora. Ouvi dizer que foi adotado e que os Serviços Sociais o tratam por Brandon, devido ao cabelo negro. Significa «pequeno corvo». Eu acho uma ternura, e vocês?

¹ John Radcliff Hospital, o maior hospital universitário de Oxford, e um dos mais conceituados de Inglaterra. (N. da T.)

² Alusão ao poema *Warning*, de Jenny Joseph, que diz: *When I am an old woman I shall wear purple...* (N. da T.)

³ Considerado por muitos um «navio fantasma», este bergantim mercante norte-americano foi encontrado à deriva e sem tripulação ao largo dos Açores, em 1872. Estava tudo intacto, inclusivamente a mesa posta e rigorosamente tudo no seu lugar, incluindo bens de valor. (N. da T.)

⁴ Personagem da obra de Charles Dickens *Grandes Esperanças*. Uma noiva abandonada no altar que se fecha em casa para não mais sair, fechando cortinados e janelas deixando inclusivamente a mesa posta com o banquete do copo d'água. (N. da T.)

⁵ Ou Role-playing game, também conhecido como RPG (N. da T.)

⁶ Termo pejorativo para o Partido Conservador britânico. (N. da T.)

⁷ Complexo de edifícios comerciais localizado no centro de Londres, que alberga as sedes mundiais ou europeias de grandes bancos e empresas, sendo considerado um dos maiores centros financeiros do Reino Unido. (N. da T.)

⁸ O Shard London Bridge, atualmente o maior arranha-céus da Europa, assemelha-se a uma pirâmide ultramoderna. (N. da T.)

⁹ Electronic Facial Identification Technique (Técnica Eletrónica de Identificação Facial). Um retrato-robô moderno baseado em computador. (N. da T.)

¹⁰ Alegados alinhamentos de locais antigos ou sagrados, tais como monumentos megalíticos, cumes, cordilheiras e cursos de água, círculos de pedra, igrejas, etc (N. da T.)

¹¹ *Mulheres, tenham as mulheres.* (N. da T.)

¹² *Changeling*, no original, figura do folclore e literatura medievais. Trata-se de uma

criança, prole de uma fada, de um elfo ou outra criatura lendária, deixada secretamente no lugar de uma criança humana. (*N. da T.*)

¹³ Ian Brady e Myra Hindley, responsáveis pelo assassinato de cinco adolescentes nos anos 60 do século XX, crime que chocou o Reino Unido. (*N. da T.*)

Epílogo

O casarão é gelado, apesar de estarmos no verão e o sol brilhar lá fora. Tem aquela frieza de um sítio que não é habitado. A humidade que advém da falta de calor corporal, da ausência de um bafo quente. Mas é ilusório, visto que, sentada a um canto, por entre latas de Coca-Cola vazias, um hambúrguer meio comido e um pacote de pensos higiénicos, está uma rapariga. Está sentada, encostada à parede, embrulhada num blusão azul-marinho almofadado como se fosse uma manta.

A porta abre-se lentamente e surge ali alguém, o rosto na sombra a contrastar com um súbito encadeamento do sol por detrás de si.

Trícia tenta levantar-se, mas esboça um esgar de dor. Está claramente em sofrimento.

Vicky olha para ela.

– Disseram que perdeste o bebé.

– Pois. Quanto mais cedo me livrasse dele, melhor. Só engravidei porque queria o Rob. Não queria a porra de *puto* nenhum. Para meu azar, o sacana era estéril.

Vicky mantém-se calada.

– O que lhes disseste? – pergunta-lhe a irmã. – O que contaste à polícia?

– Nada. Não sabem que estou aqui. Fui libertada sob caução.

– Como sabias onde me encontrar?

– Sei como pensas. Conheço-te bem. O teu *verdadeiro* eu. Melhor do que ninguém.

Trícia solta uma expressão desdenhosa.

– Mas toda aquela gente... Eles não *te* conhecem, pois não Vicky? Tu mentiste-lhes.

– Tal como tu. E *mentiste-me*. Quase morri por causa do que tu fizeste. *Podia* ter morrido.

Vicky fecha a porta atrás de si com grande estrondo; as folhas de jornal esvoaçam pelo chão.

– Aquele inspetor... o Fawley. Mostrou-me aquilo que encontraram no teu telemóvel. Aqueles *sites* que andaste a ver. Sobre como sacar dinheiro.

Tricia muda ligeiramente de posição.

– Pois... A verdade é que precisávamos de saber o que íamos fazer, não é?

– Mas a questão é que não éramos *nós*, pois não? – Os lábios de Vicky tremem e tem uma chispa feroz e impiedosa no olhar. – Eras só *tu*. E não andavas só a pesquisar cenas na Internet, também contactaste uma empresa de advogados. Querias saber quanto é que poderias sacar se processasses alguém por *matar a tua irmã*.

Silêncio.

– Não foi equívoco nenhum, pois não, Tricia? Tu querias-me morta. E tencionavas dizer que tinha sido o Harper

Olham fixamente uma para a outra. Hostilidade clara.

– Onde está? – pergunta Vicky, num tom que já não admite brincadeiras.

– O quê? Do que estás a falar?

– Sabes perfeitamente do que eu estou a falar. Passa para cá.

Tricia semicerra os olhos.

– Por que raio haveria de te dar?

– Dá-mo e eu vou-me embora daqui e tu podes ir à tua vida. Ou...

– *Ou?*

A pergunta paira no ar.

Por responder.

Agradecimentos

Há agora todo um grupo de pessoas fantásticas na *Equipa Fawley*, e todas elas me ajudaram a criar, moldar e aprimorar este romance. Acima de tudo, a minha fabulosa, paciente e motivadora agente, Anna Power, e as minhas queridas editoras da Penguin, Katy Loftus e Sarah Stein, ambas tão perspicazes quanto encantadoras. Também quero agradecer às minhas fabulosas equipas de relações públicas, tanto no Reino Unido – Poppy North, Rose Poole e Annia Hollands –, como nos EUA – Ben Petrone e Shannon Kelly.

O meu profundo agradecimento aos meus consultores especializados: Joey Giddings, extraordinário CSI que, entre outras coisas, criou os esboços da cena do crime das páginas 51 e 52; a Nicholas Syfeet, Conselheiro da Rainha, pelas orientações nas questões legais; e ao Inspetor Andy Thomson pelo inestimável apoio relativamente aos procedimentos policiais. E também à Dra. Ann Robinson e a Nikki Ralph. Tentei que a história fosse o mais precisa possível, mas como em todos os trabalhos de ficção, há algumas áreas em que apliquei um certo grau de liberdade artística. Por exemplo, os procedimentos que envolvem os interrogatórios a adultos incapazes são muito complexos, e não posso dizer que consegui captar tudo até ao mais ínfimo detalhe. Escusado será dizer que qualquer erro ou imprecisão serão da minha exclusiva responsabilidade.

Obrigado aos meus *primeiros leitores*: o Simon, o meu marido, e os meus queridos amigos Stephen, Elizabeth, Sarah e Peter. E também à minha fantástica revisora, Karen Whitlock.

E por último, e ainda que pareça estranho agradecer a uma cidade, a verdade é que não teria conseguido escrever este livro sem me valer do *genius loci* de Oxford. É uma cidade eternamente inspiradora e surpreendente, e tenho imensa sorte em cá viver. No entanto, os meus

personagens são inteiramente produto da minha imaginação, e não baseados em quaisquer pessoas reais. Muitos lugares são igualmente invenção minha, ainda que outros não o sejam. Os Wittenham Clumps são reais, assim como Cuckoo Pen, o Money Pitt e a lenda do corvo. Os restos mortais de um homem e de uma criança, bem como partes de uma mulher desmembrada, tudo remontando à Idade do Ferro, foram efetivamente descobertos nos Clumps em anos recentes, e uma das teorias mais prováveis é que a mulher fez parte de um ritual de sacrifício humano. No entanto, e que eu tenha conhecimento, nunca existiu qualquer proposta de construção de uma zona residencial nessa região.